BRANCAGLIONE'S PROJECT

REFLEXÕES 2018
VOL.2

MARCUS BRANCAGLIONE

BRANCAGLIONE'S PROJECT

Reflexões 2018

VOL.2

Marcus Brancaglione

© 2020 Marcus Brancaglione.
Este trabalho e todo *seu conteúdo está licenciado sob a Licença*
ⒶRobinRight.

Para ver uma cópia desta licença, visite
https://www.recivitas.org/licenca-robinright

Autor: Marcus Brancaglione
Organização: Bruna Augusto

1° edição
São Paulo
ReCivitas books
2020

Aos meus filhos

Artigos de Setembro à Junho de 2018

Conexões: da Matemática da Física à Física da Matemática
Do que é necessário para ser um político profissional… de sucesso
Escravidão Moderna: Do mercado internacional da Escravidão aos casamentos forçados (Parte 1)
"Algoritmo do Facebook censurou Declaração de Independência dos EUA"
Para não dizer que não falei de Futebol
Charada: Qual é a diferença entre um acendedor de lampião e um advogado?
Franco Berardi: Renda Básica INCONDICIONAL
BBC Brasil: "A lucrativa indústria da detenção de imigrantes nos EUA"
Berenice Bento-"Necrobiopoder: Quem pode habitar o Estado-nação?"
Josué de Castro:"Geografia da Fome" e Geopolítica da Fome", "Armamentismo"
Achille Mbembe: O devir-negro do mundo e "Necropolítica" e "Ensaio sobre o Governo Privado Indireto" (espanhol)
Frantz Fanon: "Os Condenados da Terra" e a "Pele negra, máscaras brancas"
Comité Invisível: "A Insurreição que vem aí" , " Aos Nossos Amigos: Crise e Insurreição", e "Motim e Destituição (partes)"
Tsedacá: A Igreja, o Trabalho e a Renda Básica
Essa é impagável: FHC pagando de Bezerra da Silva
Do Incêndio do Museu Nacional
Duas notícias, passado e futuro, colônias na terra e no espaço, ligados por uma mente uma busca: Capital.
Der Ubermensch: Supersapiens? Não, superegos mesmos.
"Justiça chilena conclui que Pinochet era corrupto e vai confiscar dinheiro dos herdeiros"
Qual o problema do Brasil? Desigualdade social? Crescimento do PIB? Desenvolvimento humano?
Do porquê não ser socialista, nem muito menos liberal
Informação: Não é uma questão de direito a privacidade é de direito a propriedade privada
Zo d'Axa: "Ele, o eleito" e "Vocês não passam de idiotas"
O "negro malandro", o "índio indolente", e o "branco pestilento". Mitos e verdades da história racista nacional
Renda Básica no programa de governo do Bolsonaro? Sim… mas só que não.

Este livro é um compendio de artigos publicados originalmente na plataforma do blog www.medium.com/@mbrancaglione. Os textos encontram-se brutos, sem edição. Confira os outros volumes para ter acesso a todo o material.

Do Incêndio do Museu Nacional:

A marca indelével do extermínio do patrimônio cultural e natural do passado e futuro pela geração presente

Preparem-se para o show de absurdos: os mesmos canalhas dos dois lados da trincheira, a esquerda e direita sempre alertas para tomar de assalto o poder no Brasil, vão agora vai tentar capitalizar politicamente mais uma tragédia criminosa jogando a culpa uns nos outros, fingindo que nasceram ontem e que nunca esse patrimônio esteve sob suas administrações criminosas. A direita irá acusar a esquerda de aparelhar o Estado até ela não ter recursos sequer para preservar o patrimônio até cair e virar cinzas, só para ficar com o cabide de emprego e a propina. A esquerda irá acusar a direita de sucatear o patrimônio até ele cair ou virar para entregá-lo os restos a preço de banana e ficar com o troco propina e não se engane também o cargo só que no grupo privado que levar.

O modus operandi de cada quadrilha político-partidária isto é a forma como ele prática a sua pilhagem até as cinzas do patrimônio público até ele virar cinzas pode ser distinta, mas o resultado não é só o mesmo, a tragédia criminosa anunciada, mas a alternância de saques desses bandos durante 200 anos compõe a história desse crime de rapinagem continuada, onde tanto o aparelhamento quanto o sucateamento dos quais esses polos em disputa dentro de uma mesma classe política são ambos os culpados.

E não é preciso de museu para lembrar nem esquecer essa história, como um idiota. Basta apenas querer fechar os olhos e gritar feito um fanático da sua respectiva massa de manobra, nome técnico para as milenares manadas de amestrados cultuadores de ídolos e personalidades que podem ir a direita ou esquerda, tudo depende da ordem sebastiana dada pelo padrinho ou coronel.

Um vem e promete honestidade e faz a sua farra:

Reforma do Maracanã custearia o Museu Nacional por 2,4 mil anos

O incêndio do domingo (2) foi o auge de uma crise que se arrasta há anos no Museu Nacional, ligado à UFRJ (Universidade…

noticias.uol.com.br

O "outro" idem, é claro:

Orçamento para lavar carros de deputados é quase três vezes maior que o do Museu Nacional

Um museu relegado ao segundo plano pelo Governo Federal. Desde 2001, a União investe valores ínfimos num dos principais…

brasil.elpais.com

E nisto o terceiro, que se apresenta como a solução de força o retorno da ordem e progresso que nunca existiu. Pelo contrário entregou como herança uma democracia que não passa de um entulho da ditadura, cheia de filhotes bastardos da ditadura. Ex-governadores biônicos que se tornaram sinônimo da corrupção eterna, coronelismo, truculência,

populismo rasteiro e parasitismo do norte ao sul do pais, espíritos de porco do naipe de Maluf e Sarney. Passando por Delfim Netto, mister 10 por cento e pai eterno de todos os consilheire de todos os capos travestidos de presidentes. E não se esqueçam de Lula o eterno pelego traira e quinta coluna do socialismo, e seu "nucleo duro" que dinamitou a ameaça comunista, de dentro como um submarino bolchevique, expurgando, degredando e acabando com os "radicais" que como ele não fizessem as alianças para o qual foi alçado a grande líder fazer. Das oligarquias financistas paulistas aos velhos coronéis do Nordeste; de Renans, a Odebrechts. O falso vendedor da falsa luta de classes para gringo ver, que sempre manteve o gado no curral e entregou as massas populares como moeda de troca do seu poder pessoal para seus patrões. O terceiro que se diz o representante de tudo que antítese disso, mas que foi a fabrica, celeiro de tudo isso, e matadouro e degredo nos porões do seu regime, de toda vida inteligente cultural, cientifica e política. Porque a nova república é filha do período da ditadura. Não houve uma revolução, como tudo no Brasil houve uma transição. E se não era para Sarney ter sido o primeiro presidente, do Brasil mas Tancredo, não se esqueçam que o candidato da oposição dessa eleição indireta era Maluf, e não ele Sarney. Um filme que você o remake recentemente na ascensão do assistente de zumbi Temer.

Temer... esse aí, se não for um completo abajur senil, ou uma barriga ambulante, se tem alguma traço de amor filial pela prole que vai carregar seu sobrenome como maldição, deve se arrepender profundamente do dia que se agarrou ao trono como se a renuncia fosse ou a cadeia fosse o pior legado que pudessem escrever na sua testa. Sem contar o período que eramos colônia e oficialmente súditos e não cidadão de uma republica- de fachada, mas república. São exatos 200 anos de governos corruptos, impotentes, idiotas, entreguistas, subservientes, incompetentes e pode acrescentar tudo o que quiserem de adjetivos pejorativos a seus antessores, que nada muda a marca históricas que esses infeliz fizeram a

ferro e fogo na sua própria carne...200 anos queimados em 2. Poderia ter queimado antes? Sim. Se Dilma tivesse continuado no poder, queimaria? Sim. Mas não queimou. O fato histórico é indelével assim como a perda é irreparável. O nome Temer e a perda de 200 anos de história do Brasil estão para sempre ligadas enquanto houver memória e história da Humanidade.

E não se engane a vergonha não é só dele, mas também é nossa. Porque ele é cafetão do Brasil, que tocou fogo no puteiro, mas os putos que não conseguiram arrancar esse verme de lá somos nozes. A nossa geração. Não foram nossos pais, nossos avós, que perderam esse casa para a incêndio subsequente fomos nós. Se nosso antepassados foram um bando de filhos dessa puta-política egoístas, que comeram todos os recursos e entregam esse barril de pólvora político e econômico, isso não nego. Mas quem resolveu sentar em cima dessa herança maldita do passado fingindo que era um presente e não uma bomba para futuro, não foram eles. Fomos nós que ao contrário de Temer, não podemos renunciar nem a nossas falsas obrigações essa múmias bandidas estatais, nem com as verdadeiras responsabilidades mútuas com a sociedade e as novas gerações.

Não costumo usar do luto nem o meu nem o alheio como púlpito nem palanque. Mas como essa ainda que irreparável não é sobre vidas mas sobre posses, tanto melhor refletir enquanto o sentimento da perda desse legado antes que ele seja apropriado capitalizado e apropriado. Até porque a perda não é só de uma herança valiosíssima, mas de um legado que embora não seja uma vida humana, com uma, não é precificável nem substituível. São registros da memória nacional de uma pais que não tem memória, não consulta, não investiga, não repara e pior capitaliza em cima das tragédias. Mas sejamos sinceros, se não damos valor importância e valor a perda de uma vida de uma criança com uma bala

perdida- ou a vida de qualquer pessoa sem classificação, ou qualificações, sem nenhum tipo de discriminação, seja do soldado seja do bandido, histórias de vida que carregam dentro de si muito mais do que o códigos, genes, ou legado natural e cultural dos seus antepassados, vidas que carregam mais do que passado, do que fomos e porque somos, mas toda a força da potência o espírito do que podemos ou pelo menos poderíamos vir a ser. Se não conseguimos mais dar valor, nem a essas perdas que carregam a esperança de futuro, como é alienados e impotentes dessa monta, cultuadores de mitos, ideologias e personalidades conseguirmos dar qualquer valor a herança do passado que dessa semente é o solo?

O patrimônio brasileiro não queimou. Ele está queimando, ele vem sendo queimando. A diferença é que o museu era um simbolo, e o sua destruição é um marco um sinal, e simbolo igual. O simbolo da vergonha e falência de um regime, a metáfora e prenuncio da sua queda, como o incêndio do MAM de 78. A diferença é que o perda do museu nacional não dá para relativizar, embora os idiotas idiocratizadores, já tenham se prontificado a restaurar o irrecuperável. Tenho uma sugestão, matem esses múmias e empalhem. E até teremos peças substitutas não do mesmo valor ou que contam um momento histórico, mas de outros valores e que contam uma outra história.

Da mesma forma que as comunidades se unem ou reúnem em torno do que consideram sagrado.as ideologias e seus regimes se apropriam ou inventam símbolos e ícones de unidade para arrebanhadores e guiar fiéis em torno dos seus sinais. O terrorismo, ou mais precisamente a propaganda pelo de terror pelo ato faz, atua no mesmo campo mas na direção em contrário: destruindo e desconstruindo os símbolos para quebrar ícones unidades, desintegrando as massas ou comunidades, não importa, dispersando e dividindo para arrebanhar. Estamos aquém, disso. Quem precisa de terroristas quando o Estado é o próprio aparelho

de terror que destrói divide e vulnerabiliza mental, econômica e culturalmente sua para população para ser arrebanhada por qualquer projeto populista , corrupto, traíra ou fascistoide de poder?

Logo se você não decidiu para conseguir efetuar a proeza que é viver nesse ambiente tóxico se acostumar a viver na merda, sabe que o que a perda irreparável do patrimônio material do museu nacional, é mais do que a perda de um símbolo. É um sinal visível, do incêndio de um patrimônio imaterial que está queimando a nossa carne sem que a maioria de nós sequer consiga mais sentir. É o velho Brasil queimando não só o passado o patrimônio do Brasil, é o velho Brasil queimando a herança, o legado e futuro do Brasil, não só como símbolos, mas como gente, como potência, e chances, a vida de mais uma nova geração perdida para velhos malditos que insistem em perverter diabolicamente a ordem natural da vida, e se perpetuar eternamente no poder como Herodes e Neros nem isso implique no sacrifício de crianças e que a polis inteira queime.

Uma forma carregada nas figuras de linguagem para dizer que Educação no Brasil, é amestramento de Massas. Que cultura não é aquisição de ciência, nas perpetuação de mitos e ídolos. E que governo não é projeto de futuro, mas perpetuação dos crimes e classe políticas (e econômicas) criminosos do passado, que deveriam elas arder e virar peças de museus devidamente preservadas. E não o oposto.

Não, nem mesmo o mais ufanista, em coragem de dizer que educação no Brasil, é qualquer coisa além de adestramento de consumidores, trabalhadores e eleitores, para cumprir seus respectivos papeis até morrerem, trabalhar, comprar, pagar suas dívidas, tributos e dízimos e reproduzir sua prole (mas não muito) para obedecer e cultuar as figuras de autoridade, esperando que cuidem bem dela. De fato para manter esse

sistema você não precisa de cultura, precisa apenas de ministério da; para tanto você não precisa de educação, pedagogia nem aprendizado só precisa de ensino, escola e pregação, de preferência tão compulsória e alienada quanto pode ser tudo que é imposto pelo subsidio da força e claro privilégios derivados da rapinagem legalizada.

Esse incêndio para quem acompanha entre os projetos de poder que lutam como parasitas de um lado para aparelhar e se apropriar do outro para sucatear e vender, um patrimônio que não pertence a nenhum desses grupo ou partidos mas ao povo, sabe que isso não foi mais um acidente. A menos que você considere que deixar sabidamente motorista bêbado dirija um ônibus que um pedófilo fique perto ou pior sozinho de crianças, que um psicopata ande armado e comande tropas, ou que mafiosos representem e governem ad eternum os estados e a união.

Isso não é acidente, não é uma tragédia, como o rompimento da barragem de Mariana também não o foi, o incêndio na boate no RGS, a morte das crianças na creche em MG. Isso é o produto de uma cultura. Uma falsa cultura de tolerancia. Toleramos o intolerável, a imcopetência, o ódio, a violência, a autocomplacência, o vitimismo, o ladrão que rouba mas faz, e até o assassino pragmático, e a hipocrisia toleramos tudo que mata, aleija, amputa, mentes, corações e vidas, mas tolerar credos, diferenças, opiniões, formas distintivas de viver, diferentes identidades, culturas isso não.

Não senhores, essa geração maldita que não assume responsabilidade por nada, que só suga e destrói a vida e o patrimônio dos antepassados e das geração futuras, que prolonga sua existência no poder e como poder, não importa as perdas e custos é criminosa, mas nós não somos meras vítimas. Muito de nós podem não ser comparsas ou capatazes, mas de duas alternativas uma ou somos cumplíces por omissão, na medida

daquilo que poderíamos ter feito ou não fizemos, ou somos de fato impotentes fracassados que mesmo fazendo tudo que estava ao nosso alcance, tudo o que vamos entregar é a derrota. Não importa o quanto lutamos, quando a luta é sobre o que importa, o lutar com todas suas forças não consola, porque há perdas que não se reparam.

Esse incêndio é uma marca. Uma marca dessas perdas e derrota. É aquelas perdas que servem como choque de realidade não apenas do fracasso, mas da falsidade ideológica em que se construi esse falso projeto de futuro chamando Brasil.

Dizem que é um macaco amarrado a um piano por um tempo infinito pode compor uma sinfonia. De fato se você der um tempo infinito a ele é altamente provável que saia uma. De fato é possível, embora a probabilidade beiro o impossível, o milagre, que ele simplesmente saia tocando a sinfonia de cara. Mas como bem sabemos e estamos experimentando na pele, o mais provável. É que ele não componha nada, coloque fogo no piano, e ainda jogue bosta na audiência cativa.

Segundo o próprios assistente de macaquices da política, 70 por cento da população brasileira não é capaz, como já era de se desconfiar de ler e interpretar um texto. Isso quer dizer que ao contrário de você leitor, a maior parte da população brasileira é uma analfabeta funcional para entender que o quem é ou melhor quem são os macacos da metáfora. Mas não é analfabeta política para entender seus próprios interesses, mesmo que eles se resumam a puro sentimento de vingança e caos.

Sim vingança. A direita e esquerda, Bolsonaro ou Lula. O que fala no fundo do amago da alma dessas pessoas ainda que não tenham consciência disso é a vontade de ver tudo isso explodir. Ver o circo pegar

fogo, antes que ele coloque fogo em todo o pais. O desejo inconsciente que a candidatura falso-marginal e o discursos fascistoide de Bolsonaro representam não é mais o da esperança, mas o da desesperança. Se um meteoro pudesse ser candidato, um meteoro apocalíptico mágico que caísse milimetricamente apenas na praça dos 3 poderes, levando com eles apenas a podridão desses parasitas e nenhum inocente. Não só brancos e nulos votariam no meteoro, mas até aleijados voltariam a andar no dia da votação só para dar esse grito pelo caos que funda a ordem, revolução.

É por isso que a cada instante o populismo e principalmente o totalitarismo reacionário tanto da velha direita quanto da velha esquerda crescem. E crescem para virar semente de ódio e discórdia e sectarismo na juventude, cresce no vácuo da solidariedade da sociedade que já germinou como pulsão de revolta latente.

Não importa qual será o resultado dessa não-eleição, o vencedor será o caos como ordem, porque a ordem como caos reinante já se tornou insuportável. Já tivemos uma amostra desse tendencia nas revoltas caminhoneiras onde a população permaneceu dispostas a enfrentar privações e provocar danos a si mesma na esperança de que tal poderia provocar danos ainda maiores no câncer político que está matando e desintegrando como povo.

Notem como o poder funciona, o inimigo se divide em falsos frontes, direita e esquerda, arregimentando manadas de fanáticos desesperados e oportunistas, que levam a divisão da sociedade para uma verdadeira guerra. Dividem para conquistar e permanecer no poder como falsos aliados e falsos inimigos. Jogos povos contra povos, povo contra povo, para eles jamais se voltem e revoltem de fato contra o verdadeira raiz do problema: eles. Ou que é a mesma coisa a divisão, discórdia, alienação e divisão da população em manadas de alienados em classes voltadas uma

contra as outras e não unidas para preservar sua vida, liberdade e bens comuns contra esses de monopolizadores da violência, da lei, do governo e justiça. Uma nação sem sociedade civil, não é uma nação, é um arrebanhado de servis impotentemente e clementes, Brasil.

Tolo de quem finge não entender que sentimentos Bolsonaro busca despertar quando fala em fuzilar, bandidos, petistas. Senão tolo mentiroso, mas de toda forma prepotente. A esquerda que qualifica o popular que apoia Bolsonaro de fascista por medo e discurso de terror da insegurança pública, é tão canalha quanto a direita que a qualifica o popular que apoia o Lula de corrupta, por medo e discurso de terror frente a insegurança social. Não é possível discordar, ou concordar, não lúcida e criticamente sem entender. Sem entender as razões, não só as ideológicas, mas as de factuais, que levam um grupo de pessoas a aderir a um determinado grupo.

Para discordar é preciso entender porque alguns empresários do Vale do Silício ao menos num primeiro momento apoiaram Trump.

Para discordar é preciso enteder porque alguns intelectuais honestos apoiaram num primeiro momento a revolução cubana, e tiveram Che como exemplo.

Para discordar é preciso entender porque o discurso de violência a violência de Bolsonaro passou a fazer sentido para tanta gente.

Para discordar é preciso entender o fenômeno da união do liberalismo e conservadorismo, até mais do que a maioria dos que acham liberais e conservadores entendem, ou estudam a história para entender. Entender como o discurso de Bolsonoro não é só meramente um anti-petismo, um

anti-malufismo de esquerda, uma reedição do Janismo contra getulistas e ademaristas. Entender como quanto guardada as devidas proporções e atrasos esse discurso traz os vícios do fascismo europeu, mas o quanto essa união do conservadorismo e neoliberalismo - guardada as devidas proporções e atraso, reedita, a mesmo "casamento" das eleições norte-americanas de 1964, sim 64, com a parceira entre o papa do liberalismo Milton Friedman e do conservadorismo de então Senador Barry Goldwater. incluso como o mesmo aparente (ou melhor superficial) paradoxo ao pensamento liberal-conservador: a proposição de uma renda básica no seu programas de governos.

E cito a renda básica não para marcar uma posição - como em geral de fato o faço. Mas como evidencia ao argumento de que as crises cíclicas e intestinas dos sistemas socieconômicos, trazem a tona todos os problemas empurrados para debaixo do tapete, e com ela novamente as ideologias quanto as ideias e soluções, dadas por mortas; tanto as que apelam belicosas que apelam para o que há de pior ou mais primitivo quanto as sociais e humanitárias que tentam evitar o pior. Os anos 60 e 70 do século foram marcado por essas crises e transformações, assim como a década presente e a vindoura.

E já que a história do Brasil queima, vamos falar de história.

64 é um daquelas anos, que não só no Brasil mas no mundo, os conflitos geopolíticos e guerras e em alguns "teatros" nem tanto, onde as divisões nacionais e internacionais do trabalho entre os polos norte e sul, ao leste e oeste, resultam no acirramento do enfrentamento entre as posições ideologias e seus projetos de poder. Ciclos de crises sistêmica politico-econômica e aumento da tensão que a disputa pela hegemônica que eventualmente pode levar ao escalamento até tensão até o ponto de ruptura, e ponto de ruptura seja no âmbito interno ou externo implica na

solução da via de fato, chamem de revolução ou golpe, regime ou ditadura. O fato é há uma quebra na narrativa histórica, seja para mudar tudo seja para manter tudo como esta. E esse é o ponto. Em ambos os casos a estrutura não sustenta mais nem uma nem outra coisa. E a disputa não é mais sobre o edifício, condenado, abandonado e falido, mas já sobre o novo, que será uma replica do anterior modernizada em fachada, ou de fato uma nova estrutura, uma nova instituição.

Nesse processo de transformação histórica há portanto não apenas duas forças em disputa, a direita e a esquerda, uma terceira força que ocupa as fundações institucionais desse estrutura politico-econômica, que entre sindico saia sindico, nunca abandona a posse nem administração desse condomínio. Eles formam o que nos EUA chamam de stabilisment, o que aqui chamamos de oligarquias, o que em geral chamamos de sistema, são os "punhos de ferro por trás da mão invísivel" como disse o libertário Kevin Carson. São aqueles detentores do capital que não são mais uma classe mas literalmente um sistema, o financeiro, que naturalmente definem pelas leis de mercado, os destinos dos países, e digo naturalmente, porque quem detém as posses de fato detém o poder de fato, logo quanto maior a concentração do capital, maior a concentração de poder, nas mão dessas oligarquias que não são mais nacionais, mas internacionais.

A questão é a que a esquerda e direita se alternam no poder, ora fazendo cartinhas ao mercado e se aliando a essas oligarquias, ora batendo de frente de contra elas. E não se enganem a esquerda e os trabalhadores nunca tiveram o monopólio do levante popular contra essas oligarquias, a burguesia e os militares não raro, especialmente no Brasil protagonizaram sem fazer juízo de valor, os embates históricos mais bem sucedidos do século passado. Antes de Prestes montar se converter ao comunismo e montar sua coluna, os tenentistas se rebelaram sobretudo

contra a corrupção da oligarquias da velha república. E Getúlio amarrou seu cavalo no obelisco no coração da obtusa oligarquia brasileira como um ditador que caminharia pela senda do fascismo, antes de como macunaíma hábil se vender como o pai dos pobres e do trabalhismo.

Lula já tentou atrelar sua imagem a todos os mitos, de Prestes, a Lampião, passando Padre Cicero e Antônio Conselheiro, (até Tiradentes), mas a grande sacada e burrada da inteligência de direita que tomou o Brasil em 64, foi o desmonte da esquerda por uma estratégia distinta da Hooveriana e Marcartista norteamericana. Nos EUA a esquerda bem ao estilo americano foi exterminada sobraram os democratas que são tão esquerdistas quanto um social democrata tucano pode socialista e um FHC revolucionário, quanto um Clinton defensor dos direitos humanos.

No Brasil, a caça as bruxas da ditadura militar combinou o fronte do DOPS, a polícia política criada ditadura Vargas, com a estratégia da cooptação e infração e traição, estratégia universal usada por reis, papas e claro ditaduras bolcheviques. Criou-se o peleguismo, cooptou-se sindicatos e plantou-se pelegos. A ideia central era a mesma socialismo cristão que longe de implantar o marxismo na igreja, o que diga-se de passagem é uma idiota, era desmobilizar o marxismo, plantando um socialismo fabiano e cristão, mais palatável e menos revolucionário e mais messiânico bem ao gostos de bispos e já presente no inconsciente coletivo da nossa cultura herdeira do sebastianismo e servilismo dos países que nunca saíram da esfera de influência ao menos não a cultural do papismo. E que ao invés de se levantar a cabeça para não mostrar o rabo, aprenderam a choramingar e ir reclamar com o bispo- não raro ganhando em contrapartida a fidelidade canina, disciplinamento na forma das mais variadas formas de bolinação.

O ponto fundamental é que direita e esquerda são e sempre foram uma falácia. Ou se você preferir uma analise menos radical, elas sozinhas não compõe a totalidade das forças históricas que disputam o poder no Brasil. Além da direita e esquerda, há um centro de poder que nunca foi derrubado nem por revoluções populares que nunca existiram, nem por ditaduras militares, que podem ter fundado e acado com períodos democráticos e republicanos como suas intervenções, mas em todas elas fracassaram em criar o que pretendiam a seu modo, autoritário, mas inegavelmente pretendiam, um nação soberana.

Em momentos de crise direita e esquerda se radicalizam respectivamente em seus projetos mais conservadores e liberais, mais progressistas e socialistas respectivamente, e não raro de enfrentam até a morte para decidir que terá o privilégio de se apresentar como o verdadeiro adversário das oligarquias, ou falso, seu aliado e o traidor da população. Mas se vão a batalha já coptados e vendidos ou se depois se rendem e captulam e corrompem. O fato é um só. As oligarquias permanecem e prevalecem. Saiam velhas e novas republicas civis, entre ou saiam ditadores ou regimes militares, dos Marechais que proclamaram a República, passando pelos velha republica oligarquica descarada do café com leite, revoltas tenentistas, ditadura e populismo Vargas, Novamente os militares, e enfim a "nova" republica e sua tardios e bota tardio nisso, estado de bem-estar social — que enseja a igualmente retardária de nada menos meio-século critica liberal a esse new deal tupiniquim- o que temos como constante ou fator determinante é um, as oligarquias prevalecem.

Nunca houve comunismo, nunca capitalismo. Nunca houve socialismo, nem liberalismo. Nenhum projeto ideológico nem conservador, nem progressista, nem revolucionário, nem reacionário, nem autoritário, nem libertário, nem projeto popular nem elistista, nem trabalhista nem

burguês, jamais conseguiu ameaçar a hegemonia que esse oligarquia cuja braços nacional não passam de capatazes do capital e internacional que não tem povo, nação nem humanidade, nem valores humanos mas só interesses contábeis e pecuniários e da sua gene (e olhe lá).Nenhum projeto seja de pais nem sequer de poder jamais ameaçou o domínio que faz do Brasil uma colônia e província modernizada, mas não uma nação moderna nem muito menos um livre mercado, quanto mais uma república ou democracia, esteja ela sob o governo de quem quer que seja, incluso se um dia estivesse do seu próprio povo, sem intermediários, via democracia direta.

Daí talvez a difilcudade de entender algo que é tão obvio a nossa sobrevivência como individuo e coletividade. Não se pode privatizar nem socializar irracionalmente, ou o que é a mesma coisa ideologicamente. Eventos como a queima do acerco levam os privatistas não sem argumentos por óbvio a dizer que se o patrimônio estive sob a gestão privada ou se tal acervo não estivesse monopolizado e centralizado num único lugar tal desastre jamais teria ocorrido em tais proporções. Que é melhor se desfazer de tal riqueza do que tê-la queimada por corrupção e imconpetencia. Assim como levam a estatizadores a pedir mais poder e ausência de freios para os gastos e contratações do aparelho estatal, para que ele possa cumprir seu dever. Mas são ambos meias verdades, e portanto meias mentiras, que ensejam falácias que ou são um erro honesto, ou mais um solução desonesta.

Ponto 1. Monopólio e centralização são males distintos

È possivel descentralizar inclusive democratizando o acesso sem precisar se desfazer do patrimônio nacional, construindo redes, ao invés de centros. O monopólio do patrimônio nacional permanece sob a posse de quem é de direito, porém sem o vicio da centralição dos polos econômicos

historicamente privilegiados. A rede de distribuição desse patrimônio, sequer precisa ser estática ela pode ser dinâmica e rotativa.

Ponte 2. Privatizar não é sinônimo vender

É possivel privatizar e profissionalizar gestão incluso da coisa público sem novamente se desfazer do seu patrimônio. Ou em outras palavras, é perfeitamente possível um pais contratar a gestão privada de seus bens e serviços públicos e nacionais, sem precisar vende-las ao gestores. Isso é absolutamente ridículo.

Ponto 3. Estatização não socialização

E só é mais ridículo que isso defender que um governante por não ser um gestor privado tem ele o direito de negociar, vender ou entregar esse patrimônio, como se ele adquirisse direitos de propriedade, e não meramente delegação administrativas e funcionais. É como se um banco pegasse seu dinheiro e usasse como quisessem e quando você quisessem pegar ele de volta ele dissesse "já era, cherei." Para quem não sabe eles fazem isso, já era, eles cheiram, e não vão pagar por isso, você vai.

Logo é perfeitamente possível, tanto privatizar a gestão, quanto ao mesmo tempo socializar o patrimônio, ou em outras palavras, tirar políticos corruptos e colocar empresas que podem ser mandadas embora a qualquer tempo pelos assembleia dos verdeiros sócios proprietários do patrimônio nacional, o povo, não como plebe semi-escrava e pagadora de tributos a fidalgos, mas como sócios e herdeiros do SEU patrimônio natural e histórico, como sociedade e não como alienados e exproprieados impotentes a eleger seus expropriadores estatais e privados inimigos na disputa pelo expoli, aliados e comparsas na espoliação. E qualquer

semelhança do processo socioeconômico com o ideológico-político não é mera coincidência. Isso é o sistema, onde no topo da cadeia alimentar, no topo da hierarquia, estão aquelas poucos clãs que compõe esse poder a que chamamos oligarquia. Uma chama perpétua que consome mas que não se apaga nem se se queima, joga e engole os outros no fogo.

Mas piromanias a parte. O fato é que o passado queima e o Brasil atual está em pé de guerra. E é por isso que os discursos dos generais e capitães tem tanto apelo. Negar isso é fugir de uma realidade que está nos dados e fatos cotidianos. E aí não adianta jogar na conta nos milicos e seus 20 anos de regime militar do 64–88. Essa conta é nossa. Dos civis que fizeram da nova república uma reedição da velha república das velha dentro do entulho da ditadura. Mas pode chamar: a volta dos que não foram: as oligarquias a procriar com os filhotes da ditadura.

E quando digo nossa responsabilidade civil, não me refiro só a esses entes institucionalizados como parasitas profissionais, políticos hereditários, sindicatos pelegos, federações patronais de lobistas, latifundiários grileiros, toda a fauna, monopólios bancários, que povoa os centros de poder, que faz de qualquer candidato que encarne a figura de um meteoro a prometer a explodir metaforicamente os 3 poderes do Planalto Central como o último grito do populismo. E digo populismo, e não popular, porque ele por lógica e definição e função parte desse sistema e não é um meteoro, e logo não vai desintegrar essa fauna e flora de parasitas, mas se integrar a ela ou ser desintegrado.

Quando digo responsabilidade civil não me refiro portanto só aos parasitas que se passam por representantes da sociedade, mas aos membros de fato da sociedades. O nós de verdade enquanto e somente enquanto cidadão sem nenhum poder, privilégio, prerrogativa, cargo ou

cela especial. O nós de verdade. E em especial. Eu, eu sou o homem mais fracassado do mundo.

Não tenho a menor vergonha em admitir a maior derrota. Sem raiva, nem amargura, e sem abandonar o meu fronte, nem meu horizonte, mas eu sou um perdedor e não nos termos dos jogos e valores dos outros. Mas dentro dos meus próprios valores e termos. Mais do que isso. Não sou só um perdedor. Sou um perdedor convicto. Um perdedor que não desisti. Um perdedor convicto na luta de por uma causa perdida e que no enteando não troco de lado nem abandono o campo de batalha, mesmo sabendo que vou tombar sem ver o que sonhei. É fato. E principalmente quem se considera um ativista social e libertário mas não consegue ver a dimensão da derrota quando escuta um Bolsonaro ou Haddad falando enquanto um Temer ainda continua obrando, é porque não tem ideia da responsabilidade que chamou nem como ativista da sociedade nem da liberdade.

Quando um Bolsonaro desafia a sociedade perguntando se uma uma mulher quer no bolso uma arma ou a lei do feminicídio, ou quando Haddad desafia a sociedade se querem se livrar do Lula que acabem então com a miséria, eles esfregam descara e escarnecidamente na cara da sociedade, além é claro quem são, e o produto de quê, o quanto eles sabem quem são e o quanto sabem que são produto oportunista dessa irresponsabilidade e inadimplência da sociedade.

Não adianta negar. Ambos tem razão e na verdade falam e se aproveitam de uma mesma realidade. De fato uma vez consumado o problema social, quando ele atinge o estágio da violência atual, a ação social ela é tem o poder de construir futuros e e até corrigir o passado, mas não desfazer o que está feito e configurado. A ação social, a paz é profilática, se não é feita no antes pelo civil, o militar entra e "resolve" pragmaticamente na

bala o conflito instaurado. Ou seja o pragmatismo e inteligencia que falta para a paz, o dar o pão sem perguntar nada é exatamente a ação que falta para que depois a situação de estupidez e violência do quem atira primeiro e pergunta depois não prevalece, como prevalece e Bolsonaro explora.

O mesmo vale para o discurso do boneco de ventrículo, Haddad. Quando ele desafia a sociedade se juntar ao PT para acabar com miséria, ele tripudia duas vezes. Como se programas sociais visassem libertar as pessoas das condicionalidades político governamentais e garantir propriedade e renda do cidadão tem direito como cidadão e ser humano sem esses cabrestos e grilhões políticos que formam seus exércitos de fanáticos e desesperados. Mas ele sabe disso. E sabe que a sociedade não se importa com isso. Pelo contrário, o problema não é que este povo esteja abestado, a divergência está para onde a manada está sendo levada, para o curral de quem. Tirar do curral e parar de currar, isso não se discute. É como briga entre igrejas, uns pescando no aquário de fieis do outro. Na verdade o capital humano dos 3 é o mesmo. Ou melhor dos 4, - porque pode colocar junto deles aquela parcela do mercado que busca mão de obra semi-escrava- os 4 fazem parte de uma uma mesma industria de desumanização e desumanidade que investe e fabrica condição de privação e alienação para comprar politica e econômica barato gente e vender caro a si mesmo como solução para toda a sociedade.

Um golpe. Mas um golpe que só funciona por uma razão. Porque entre colocar a mão no bolso, e pagar barato para sanar o problema, de uma família e logo criança que não conhecemos, a sociedade prefere pagar pelo risco de levar uma bala e todo o custo social, político e econômico, mas sobretudo humano que as soluções futuras implicam. Uma sociedade estupidamente insolidária. Mas certamente mais estupida do que

insolidária, porque o Brasil não é (ainda não) um pais pobre, mas desigual. Um termo econômico eufemista para dizer que ainda vai morrer muita gente inocente seja de fome ou com bala perdida enquanto bandido com mandato para matar e roubar vai continuar comprando e vendendo o espolio dos mortos, dos vivos e dos que nem sequer nasceram ainda em troca de bugigangas.

E de quebra ainda por cima tripudiam. É o verme que ri. Eles venceram. Enquanto não houver solidariedade social suficiente para tirar mover o brasileiro a tirar pragmaticamente o brasileiro da miséria, os parasitas políticos que vivem e se reproduzem política-economicamente da miséria humana vão continuar se vendendo como profetas da salvação da pátria. E não adianta ficarmos bravinhos e indignados que eles ainda por cima descaradamente tiram sarro da nossa cara. É fato estamos estamos cobertos e rolando em bosta e sangue uns dos outros, e pior chorando para eles limparem a nossa bundinha toda assada. Uma sociedade infantil gigante de 500 anos que não sabe se limpar e alimenta sozinha eternamente presa a fase oral-anal-fálica com salvadores da pátria, sem irmandade e que se acha filha única na América Latina. URSAL... que piada pronta. União de Repúblicas da América Latina com o Brasil junto? Esquece o Socialista, podia ser republica qualquer-bosta, tirando Belchior que brasileiro se acha uma rapaz latino-americano? Ou melhor achava, porque Belchior morreu. Meu amigo, sem fuzil e baioneta nem o Sul, e o Nordeste teriam ficado sob o mesmo Império, que o diga o Caxias ou Garibaldi.

E eis que voltamos a composição genética, genealógica e sobretudo histórica do Brasil e da mentalidade ou psique do brasileiro ou sua brasilidade. O Brasil não tem memória, o brasil tem genealógica. A gene da arvore o lugar em que ela está plantada se mais ao Nordeste ou Sudeste na geografia tupiniquim, ou mais ao Sul ao Norte do Equador, na

terrestre. Ou seja real nenhuma nenhuma fora o preconceito de quem os julga ou absolve como semelhante ou estranho a si e aos "seus".

A esquerda se diz inocente perante a justiça burguesa, mas é criminosa perante o tribunal de ambas o dela e o seu, se de fato um dia tivesse sido revolucionário. Culpada por corrupção. Culpada por traição. No mesmo ato continuo. Praticou corrupção, e o fez não só como troca de favor das piores especies de parasitas do povo brasileiro, mas favorecimento dessas oligarquias e em prejuízo da população, não só enganado, e manobrado, mas usado muitas vezes como moeda de troca nessa negociatas. Não era só contratos e cargos e nacos do patrimônio público que era dados como todos os demais partidos fizeram e ainda fazem, davam em troca o que sindicalistas e representantes de classe dão para patrões, a cabeça dos trabalhadores torpedeando como submarinos as suas reivindicações, a especialidade histórica lulista. Mas não é por isso que ele está na cadeia. E sim porque corre o risco de novamente se eleger. Pela razão simples que elencamos e Haddad ironizou, como se dissesse nós exploramos e colocamos cabresto, vocês nem isso. Nós damos pão e cobramos servidão, vocês nem isso.

Lula, ou melhor seu dublê e Bolsonaro e o clássico dilema entre a cruz e a espada. Falso dilema, aliás, porque o principio e fim são exatamente os mesmos.Um faz o discurso que coloca todo pobre como fosse potencial bandido, ou no minimo já suspeito de vadiagem e culpado por vagabundagem, um bando de malandros e indolentes. O outro pelo contrário faz de todo bandido um pobre coitadinho, incluso o bandido que nem sequer é pobre e nem sequer é um simples cidadão, mas um rei, com ex, com direito que só essa diplomação garante ao privilegiado. Privilegiado não, ungido... e pelo povo, a versão da meritocracia... da burguesia de esquerda. Eis a cruz e a espada, mais gente pobre e inocente sendo sistemática e institucionalmente tratado como se fosse bandido

com direito a enquadro e balaço sem nem saber porquê, ou mais bandido de classe e pedigree sendo tratado como se fosse pobre coitadinho inocente. O que vai dar? Vai dar a merda, isso é certeza. Ou melhor vai continuar dando merda, porque nenhum resultado que sair, vai poder contrariar o esperado. E se sair o resultado errado. Desfaz-se o pleito e faz-se outro, se é que vão perder tempo como em continuar mantendo a fachada do faz de conta. Mas esse não é o ponto. Não interessa as mentiras do circo montado, mas a verdade de como funciona a mentalidade coletiva que determina o comportamento ainda que conscrito (o voto é obrigatório) do brasileiro nesse jogo de cartas marcadas.

Na falta de um meteoro, um de verdade, há quem prefira votar em absolutamente ninguém, Mas ninguém não se elege nem que ele tenha tenha 200 milhões de votos e seu concorrente seja o inimigo público número 1 e tenha portanto apenas um voto, o dele. Não importa que o inimigo público será certamente deposto, na nossa democracia constritiva ele assume, nem que seja para cair. O que provavelmente vai acontecer com um governo que novamente nascerá isolado. Eleito apenas por uma minoria absoluta de no máximo 3 ou 4 brasileiros em 10 que votarão nele. Sendo que deste apenas 1 ou 2 votarão de fato nele por outros 3 ou quatro estão votando é para impedir que outro chegue ao poder, ou seja, estarão pouco se lixando que fim esse governa terá, ou se conseguirá chegar até o final. Por outro lado, ou melhor do outro lado teremos uma maioria composta de mais ou menos metade que odeiam quem entra, ou odeiam quem governa sem distinção; e metade que também não dá a mínima para derrubar nem muito para apoiar. A receita de uma crise pronta não só para continuar, mas se agravar, já que as quadrilhas partidárias não só permaneceram mas fortaleceram suas posições. De modo que quem governa ou cede e entra no esquema, supondo ingenuamente que não esteja dentro del, ou o presidente eleito cai. Há uma terceira, fechar o congresso. Mas essa hipótese é o fim da democracia representativa e

como provavelmente não se dará o inicio de nenhuma revolução nem democracia direta, o que veremos é a ascenção novamente agora declarada de um autocrata.

Vai acontecer isso?

Não sei, mas quem diz que esse não é um dos possíveis cenários possíveis ou é o estrategista cego que não quer ver, ou que conta na cegueira e caos para colher sua forma primitiva e paternalista de ordem e progresso.

Os fatores determinantes para que tal configuração ocorra são os seguintes: a mentalidade da população, os alienados e dos manipulares da massa, os alienistas prepotentes que não raro erram por isso mesmo.

Delfim Netto é um canalha, mas um canalha alquimista que sabe a natureza da sua profissão é pura enganação, um prestidigitação. Sabe que as tomadas de decisão da coletividade da rede que forma a sociedade não só decisões racionais complexas, mas acima de tudo irracionais e altamente imprevisíveis. Ou melhor, até certo ponto previsíveis na sua instabilidade emocional. Assim como isso em mente, voltemos a pergunta quem levará, a eleição: os candidatos do centro, da manutenção do status quo, do establishment, da estabilidade do sistema, ou qualquer um que represente um meteoro?

Muitos analista dos irmãos gêmeos da social-democracia simbionte PT-PSDB acreditam que o pleito no final acabará entre eles. Acreditam que prevalecerá a racionalidade. Que os pobres entre o porrete e o pão ficarão com o pão ainda que com linha e anzol ficará engolirão a isca até porque não tem nada, e que a burguesia, entre a guerra declarada e a paz de fachada, ainda sim prefira fechar os olhos do que encarar uma realidade

de olhos bem abertos, até porque no final das contas ninguém quer mudar nada, mas sim que as coisas voltem a ser como eram. Ninguém se importa por exemplo o quanto a economia da antiga corte sem o dinheiro da crime legalizado, depende da criminalidade marginal, o quanto o pó que abastece a playboizada faz a economia girar, desde que o dinheiro e pó continue girando nas altas rodas, haverá oferta e procura inclusive da alta burguesia não só econômica mas política, paulista e mineira. Oligarquias e fidalgos intocáveis. Pobre Marielle, não sei nem se fazia ideia de que estava lidando apenas com a ponta dos dedos desse monstro que devora o Brasil. Porque as pessoas, as instituições, os governos e até mesmo os regimes passam, mas essa arquia enquanto houver riqueza e vida para devorar fica.

Nestas pseudo-eleições essas forças e seus caciques políticos apostam que depois de todo barulho o gado vai voltar cansado para o cercado. Apostam basicamente na racionalidade da coletividade. E nisto está o erro. As escolhas nem individuais nem coletivas são racionais. Mas movidas por impulsos muitas vezes fáceis de serem manipulados e controlados por meio ou por quem controla os meios de produção da comunicação ou bens de consumo e ou os próprios meios de regulação desses meios de produção, mas por vezes não, especialmente em momento de crise sistema e paradigmática, onde a normalidade derrete, a tendencia é que impulsos não só imprevisíveis e incontroláveis assumam o controle da situação, como impulsos inconscientes, muitos deles não só destrutivos, mas até mesmo autodestrutivos.

O que isso quer dizer? Quer dizer que estão subestimando o fenômeno do trumpismo, o poder simbólico do voto de protesto anti-sistema, escatológico e apocalíptico que Bolsonaro tenta encarnar: o meteoro. O Chê dos direitista a acabar com a classe dos bandidos e corruptos, os inimigos do seu povo, os cidadão de bem ,com a solução clássica dos

justiceiros de uma classe que sente oprimida : el paredon. Pois é. Quem planta subjetividades de deveres como a mão esquerda colhe relativização de direitos com a mão direita. E a mão que planta autoritarismo das sua correção política colhe a censura e privação das suas liberdade com a outra.

Música aos ouvidos de uma população impotente mas não se iluda, ainda sim revoltada por não ter nenhuma justiça nem burguesa, nem popular.

É importante levar em considerando o componente do inconsciente coletivo na mentalidade, comportamento e principalmente na tomada decisões coletivas principalmente quando as pessoas são induzidas ou coagidas a se comportar não como redes gregárias e solidárias mas como massas egregadas desprovidas de autodeterminação consciente. Jornalistas acreditam que estão a sabotar a candidatura de Bolsonaro quando arrancam dele em entrevistas que apenas fortalece o fundamentalismo dos seus apoiadores que já estão comprometidos com a causa antissistema, e ainda converter mais insatisfeitos a retórica apocalíptica do caos; mesmo o ouvinte sabendo que esse caos irá atingi-lo. Isso não é uma eleição isso é uma roleta-russa ou desistimos e ficamos com um status quo insuportável, ou escolhemos um candidato que é como pode ser só um blefe, uma bala vazia no tambor... ou não. Diria que a bala vazia, está para uma em quatro. Deixo para o leitor adivinhar quem é o ou a candidata de espoleta e os que chegando ao poder serão como uma verdadeira bala na agulha apontada para um barril de pólvora. E o pior, é que quando digo isso, muito gente já imagina o circo pegando fogo, e isso não diminui em nada a vontade inconsciente de realmente ver quem tudo queima enfim queimar. Mais do que medo, a retorica dessas fake eleições é a revanche é a vingança.

Porque por mais egoísta ou racionais, (coisas que não são sinônimos) que as pessoas sejam, há no fundo da alma de cada brasileiro nas camadas mais submersas dos seu subconsciente, um profunda angustia com a situação que vivenciamos como coletividade, como brasileiros, não importa a classe social. Essa angustia que hora se manifesta como complexo de inferioridade, hora como sentimento teratológico de competição destrutiva ou mesmo sentimento autodestrutivo, muitas vezes de expressa das únicas formas que as pessoas tem a sua disposição no momento para dizer um basta. Isso evidentemente não racionaliza o voto em Bolsonaro, continua sendo uma decisão estupida. Assim como a de Lula-Haddad isso explica porque as baleias encalham ou gado se joga do precipício. Principalmente quando é assombrada por opções de centro, que significam justamente a continuidade de absolutamente tudo o que o Brasil é de pior, e não consegue ser de bom. Eles estão a fazer o jogo do anti-petismo e anti-fascismo para empurrar todos volta ao curral da normalidade do centro (absolutamente oligárquico e corruptor) de poder. Mas o efeito pode ser justamente oposto, a população votar em absolutamente qualquer um, sem confessar jamais em quem votaram, só para não votar, no votar no candidato da continuidade do sistema. A estratégia Clinton deu errado nos EUA e pode dar errado no Brasil, empurrado para a beira do abismo, o povo pode preferir pular a espera de um milagre (ou messias), pode preferir até mesmo votar até mesmo um demente dublê de Trump, ou um poste dublê de Lula, do que voltar ao curral.

E só para adiantar. Pesquisas de opinião ou urnas honestas ou manipuladas, não vão funcionar para reverter uma sensação falsa ou verdadeira de vitória de fanáticos de nenhum dos lados. Pelo contrário, só vão dar mais munição para dinamitar a já combalida credibilidade da imprensa livre pelo corporativismo das grandes empresas que tomaram as esse quarto poder ao bem prazer dos seus interesses e monopólios. Primeiro porque eles são fanáticos, e suas impressão não mudam com os

dados, mas eles mudam os dados para justificar suas impressões. E segundo, e mais importante, porque monopólios de comunicação ainda existem, mas a centralização do fluxo da informação já era. E se na era da informação não é possível verificar exatamente onde está a falsa narrativa, é possível verificar os buracos deixados pela intransparência que alimentam tanto as dúvidas razoáveis quanto as teorias das conspiração, e que não importa, diluem ainda mais a confiabilidade de um sistema que já em estado de pré-falência institucional tanto a classe dos velhos representantes políticos profissionais quanto da imprensa privada formado de opinião do velho cidadão de bem, vide a não só mais decadente mais recém literalmente pré-falida revista Veja. Decaídos e em guerra não só no Brasil mas no mundo. Vide o manifestos dos jornais contra o aspirante a ditador de republicas bananas Trump.

O circo do Brasil e do mundo pegou fogo, e os donos do espetáculo ainda estão escolhendo as cores do papel de parede e oferendo nas prateleiras mofados do seu supermercado político seus produtos com o prazo de validade vencido, podres, mofados não só mais por dentro, mas até na embalagem. Ou melhor quem dera tivesse sido o circo.

Definitivamente Belchior ainda tem razão. Eles venceram, e nós ainda vivemos como nossos pais. Mas, de boa, não toda eles venceram, não eu. Como eu venci, nem me convenci de coisa nenhuma. Não vivo como nossos pais. Não pertenço, nem faço parte essa egrégora, nem crio filhos para serem tomados por ela. Nem estou pagando para ver no que isso vai dar, mas literalmente pagando para por um fim nela. E mesmo assim não é o bastante.

Sim o prefeito do Rio tem a razão quando disse que "sociedade falhou como um todo"; a começar por não fazer o básico: transformar figuras dessa laia em peças de museu. Não, não basta

por um fim, a esses parasitismo de extinguir essa doença devemos construir um museu. O museu da alienação, com declarações descaradas como essa, para que as futuras gerações jamais esqueçam como nós seus antepassados eramos manadas de idiotas que entregavam a sua liberdade e soberania para tiranossauros dessa espécie. Para que nossos filhos sempre se lembrem do que nos nem aprendemos para nos esquecer: Liberdade, Dignidade e respeito não são dadas elas se tomam e conquistam, especialmente quanto se trata de parasitas prepotentes cuja profissão é justamente essa: roubar direitos e patrimônio e transferir obrigações, como trabalho servil e tributos.

E que eles queimem no inferno, que eles mesmo semeiam e pregam. Até porque se depender do bispo, é mais um futuro prédio para Universal.

Duas notícias, passado e futuro, colônias na terra e no espaço, ligados por uma mente uma busca: Capital.

E a monarquia constitucional do último grão-ducado do Mundo, a minúsculo país Luxemburgo

Tuíte de Trump sobre ‘matança de fazendeiros’ afeta moeda sul-africana

WASHINGTON E PRETÓRIA — O governo da África do Sul deixou claro nesta quinta-feira seu mal-estar com um tuíte do…

oglobo.globo.com

O governo da África do Sul deixou claro nesta quinta-feira seu mal-estar com um tuíte do presidente dos Estados Unidos, Donald Trump, que mandou seu secretário de Estado, Mike Pompeo, investigar as "desapropriações de terras e fazendas de brancos" e o "assassinato de fazendeiros" naquele país. Os tuítes eram uma referência ao projeto de reforma agrária que está sendo discutido no Congresso sul-africano, onde não ocorre nenhuma matança de fazendeiros.

(...)

Com as declarações do presidente americano, a cotação do rand, a moeda sul-africana, caiu 1,5 ponto percentual nas bolsas de valores.

(...) O governo de Pretória logo respondeu, também no Twitter, que a "África do Sul rejeita totalmente esta visão estreita que pretende dividir a nação e nos recorda nosso passado colonial". "A África do Sul vai acelerar o ritmo da reforma de uma maneira prudente e inclusiva, que não divida a nação", completou o governo em seu tuíte.

(...) TEMA ESPINHOSO NO PAÍS[só lá viu?]

O tuíte de Trump lançou mais lenha na fogueira de um tema altamente polêmico para Pretória. Com a aproximação das eleições gerais de 2019, o presidente sul-africano Cyril Ramaphosa prometeu acelerar a reforma agrária, com o objetivo de "reparar a grave injustiça histórica" cometida contra a maioria negra da população do país durante o período colonial e o regime do apartheid, que terminou oficialmente em 1994.

No início deste mês, o partido do governo da África do Sul, o Congresso Nacional Africano (CNA), anunciou que iria prosseguir com os planos de emendar a Constituição do país para permitir a desapropriação de terras sem compensação.

Atualmente, a minoria branca, que representa 9% da população da África do Sul, ainda possui 35% das terras, enquanto os negros, que são 79% da população, possuem 9%, segundo dados oficiais.[grifo meu]

(...)

A questão da terra, muito sensível no país, já havia provocado uma polêmica diplomática em março entre África do Sul e Austrália, cujo governo se ofereceu para receber os agricultores sul-africanos brancos "perseguidos". — ***Tuíte de Trump sobre 'matança de fazendeiros' afeta moeda sul-africana***

> Malcolm X disse certa feita que Democracia é Hipocrisia. Poderia ter acrescentando sem erro a esse provérbio que Capitalismo é Racismo. E que mas as duas marchando juntas sem máscaras nem teatro, são as velhas conhecidas dos povos não escolhidos pelo deus dos brancos: imperialismo e colonialismo, mas pode chamar pelo neologismo que caracteriza a sua nova fase tecno-ideológica a partir do século XX: totalitarismo. Até então velado, enrustido, mas cada dia mais explícito no que nunca deixou de ser a marcha do progresso feita da pilhagem, sacrifício e extermínio de outros povos, raças e nações em favor das únicas que se consideram filhas de seu Senhor e herdeiras legítimas da Terra e do mundo.

O liberal honesto e libertário dirá um dia que esses regimes históricos nunca foram nunca propriamente capitalistas nem democráticos, mas regimes autoritários e estadistas. Assim como o socialista honesto, o libertário, sabe e diz que os regimes comunistas e socialistas históricos nunca foram nem o socialismo nem o comunismo verdadeiro, mas o falsário, estatal e autoritário. Mas ainda que estejam sendo honestos e mesmo sendo verdade, o fato permanece, o capitalismo e socialismo continuam sendo regimes ótimos como utopia de liberdade e monstruosos como prática de poder e autoridade. Mentiras que as pessoas contam para si mesmas, ou para os crédulos para continuar dormindo. São soluções algorítmicas toscas e primitivas para um problemas complexo que exige um algorítimo e um sistema mais dinâmico e que de uma solução mais inteligente para a questão fundamental que o sustenta: a liberdade concreta: a propriedade.

Até porque a propriedade possui dois momentos distintos que nunca mais saem do seu DNA. O momento histórico da sua tomada de posse, a pilhagem e assentamento. E depois o momento histórico da sua distribuição em favor dos protegidos a revelia dos expropriados, que se não forem exterminados no processo ou feitos eles próprios propriedade, ainda sim permanecerão excluídos do direito a ela.

O estatuto da propriedade sempre possui duas dimensões: a de quem se apropria e define suas regras de posse e distribuição, através de títulos e heranças e a continua e reiterada expropriação parcial ou total através do tributos ou trabalho servil. E a destes que recebem uma uma licença precária de subsistir nesse território, seja com algum direito de posse que precisa ser continuamente pago para a mafia monopolizadores da violência se não quiser perder sua proteção, seja sem nenhuma outra posse senão a licença de servir nos empregos aos quais for autorizado, pagando também para isso, ou seja pagando para gastar todo o tempo útil

e produtivo da sua vida que poderia ser usado para adquirir possem com trabalho livre, servindo ao emprego da produção de mais posses para quem já as detém. Não só portanto reproduzindo e mantendo a sua condição de expropriado, como cavando a sua própria cova e a dos seus filhos na exata medida que aumenta a distancia com quem aumenta em relação a quem quer que esteja acumulando os bens que são absolutamente e estrategicamente essenciais a provisão das suas necessidades vitais.

Há portanto duas dimensões da propriedade: a dimensão civil, referente do processo de paz ou pax pela qual ela é instituída e distribuída na fundação de uma sociedade, e ao longo das gerações dessa nação. E a dimensão militar, um processo não só anterior mas permanente presente no social. Um processo pelo qual essa propriedade não só é tomada e estabelecida na exploração, ocupação e tomada do território de outros povos, mas com a qual ela é continuamente mantida ou expandida nessa relação seja com os excluídos fora dos muros que demarcam as fronteiras da jurisdição que compõe um território, ou dos muros que demarcam as mesmos limites da propriedade dentro do próprio território, seja em relação as vizinhos proprietários ou as periferias marginalizadas constituída basicamente dos descendentes dos expropriados das liberdade concretas seja como propriedade dos meios vitais, os expulsos das suas terra, ou como propriedade sobre seu próprio corpo e vida, os ex-escravos. Não é de se espantar portanto que a dimensão militar da garantia da propriedade adquirida continue a permear esse processo de ocupação e expansão e garantia das posses, ao menos enquanto esse processo histórico de expurgo dos expropriados não encontrar seu derradeiro fim, com a perda da utilidade dessas massas como mão-de-obra servil para a manutenção dessa sociedade da qual não participam efetivamente, mas apenas sustentam como sócios, mas sim como empregados, quando não semi-escravos, completamente desprovidos de

meios de fugir desse território e dessa relação de produção sem correr todos os riscos decair e morrer numa vida literalmente marginal.

A dimensão estato-militar com a qual a propriedade ou mais precisamente o estatuto da propriedade é estabelecido como direito, e a posse é garantido de fato é portanto estabelecido pelas vias de fato, pela potência da armas, por aquilo que os militares e estadistas gostam de chamar de capacidade de dissuasão, um eufemismo para a chantagem que pode ser usada pelas ovelhas para espantar os chacais, ou pelos chacais para espantar as ovelhas, tanto faz. É a arma em cima da mesa de negociação que serve tanto para dizer não tente tomar o que é meu, quanto me dê o que é seu, algo que pode variar conforme o caráter, o humor, e os interesses e até mesmo as necessidades de quem quer que sente na falsa cadeira de negociação internacional empunhando uma arma.

A lógica ou o algorítimo que rege a tomada e manutenção das posses de territórios que garantem subsequentemente as posses de recursos com as quais não só se produzem riquezas materiais, mas as quais esses singulares e frágeis seres produtores de conhecimento, tecnologias, e posses matérias se alimentam, respiram, dormem, e descansam, para produzir tudo que é imaterial, as propriedades coletivas, ou bens comuns que os seres humanos carecem para sobreviver, é a grosso modo simplesmente quem tiver a maior arma: leva e fica, ou a mais precisamente a nação ou nações eventualmente aliadas que detiverem a maior potencia armada mandam quem tiver juízo obedece.

É assim que as coisas funcionam. É assim que as propriedades, ou mais precisamente o capital e suas regras e seu sistema é determinado e mantido em primeira e se necessário for em ultima instancia. Mas isso não quer dizer que essa é a única forma possível. Apenas que é a mais

antiga, primitiva simples e fácil de determinam quem leva e fica com as coisas, tanto que você não precisa de muita ciência, cultura, tecnologia, educação, literatura ou capacidade de debate para chegar a isso, outros grandes primatas também forma capazes de desenvolver essa estrategia evolutiva de resolução de conflitos, convivência, demarcação de territórios e organização de seus clãs e tribos, sem precisar desenvolver nada disso. E nisto diga-se de passagem os macacos são bem mais inteligentes, afinal se o negócio é só para mijar para marcar territórios; rachar umas cabeças; e viver da rapinagem (em todos os sentidos da palavra); eles fazem isso com muito mais eficiência e sustentável que os humanos: gastam muito menos tempo e energia e recursos para produzir o mesmo resultado- e sem burocracia e neurose. A não ser que você meça os resultados pela contabilidade pela quantidade de tempo, energia e recursos gastos como um jogo acumular maiores quantidades de tempo, energia e recursos e ainda que o sentido dessa vida não seja mais o usufruto do que se tem e possui, mas ter e poder. A doença mental que se espalhou pelas espécies, raças, povos humanos, e suas nações, territórios e sociedades.

Seria curioso para um biólogo ou naturalistas observar o equivalente desse comportamento da nossa espécie em alguma população de outros animal, por exemplo, o que não deve ser fácil, porque não duraria muito ela nem seu meio ambiente. Não é preciso imaginar sequer nenhum tipo de grande predador, mas qualquer pequeno animal, que ocupe o topo de sua cadeia alimentar que tenha desenvolvido por estratégia evolutivo guardar recursos nas primaveras para utilizá-los no inverno. Agora imagine que por alguma razão, não importa qual um evento natural por exemplo, um longo período de carestia e excessos , capaz de provocar tenha produzido um seleção natural um animal com um estranho e curioso comportamento instintivo que não mais o abandona em nem mesmo em tempos ou lugares de abundância de recursos. Um animalzinho, que não como um castor, derruba árvores e constrói

barragens, ou como uma aranha que é capaz de capturar manter suas presas em casulos para serem guardadas e digeridas lentamente, mas que ao contrário desdes ou dos demais, nunca pará, nunca diminui. Uma espécie de predador que mata a maior quantidade possível de presas, independente se pode carregar ou não apenas para reduzir os riscos de não as tê-las disponíveis no momento imediatamente seguinte. Que acumula quantidades de recursos que não irá usar incluse os perecíveis, apenas para garantir que na sua eventual escassez, nada lhe falte, e que não pare jamais, nem mediante a saciedade de acumular meios, porque simplesmente assim como aranha não consegue deixar de fazer suas teias, ele não consegue parar de buscar e acumular e guardar recursos. Ou seja um castor que não para de construir barragens e mudar o curso da água para obter alimentos e que ao saciar sua fome, pará e usufrui da sua satisfação, mas um castor que a cada barragem construída, precisa imediatamente construir outra porque ele não está lutando contra a carestia e escassez atuais e reais, nem buscando a satisfação dos ganhos e interesses atuais, mas lutando o jogo das ganhos e perdas futuros, vivendo o mundo da projeção de riscos, possibilidades, oportunidades e hipóteses, e não o atual, presente e real.

Um curioso animal caracterizado portanto por esses hábitos e comportamentos instintivos, que o tornam permanentemente insaciável, e constantemente temeroso, uma estranha estratégia de sobrevivência já que inverte o viver e sobreviver. vive para lutar constantemente pela sobrevivência. Ou mais precisamente usa todo seu tempo de vida para acumular meios a sua subsistência, de modo que não prática mais a subsistência para viver, mas vive em função de maximizar o seu subsistir. Aliás, não só uma estratégia de adaptação evolutiva curiosa mas estupidamente fatal, a medida que a seleção natural não elimina esses comportamento dos indivíduos das espécie, em ambientes e circunstâncias de abundância onde tal acumulação é possível, mas elimina toda a especie e o todo o ecossistema afetado junto, quando os

recursos vitais não-renováveis ou mesmo os renováveis que não tiverem tempo nem espaço para se reproduzir e que foram simplesmente transformados em recursos a serem acumulados e consumidos enfim se esgotam. É o paradoxo das estratégias e planejamentos primitivo. O planejador e estrategista buscando evitar uma catástrofe, torna-se o fator determinante que a acelera ou desencadeia. Ou rigorosamente quanto mais ele acelera e amplia seus domínios sua estratégia de acumulação, mais ele diminui suas chances de chances e aumenta a velocidade da sua autodestruição.

Logo é óbvio que esse comportamento não é instintivo nem natural. Não há ecossistema nem tempo infinito capaz de prover o o tempo nem o espaço como recursos necessários para que tal estratégia se firme no código de uma espécie, nem mesmo como catástrofe, onde só os castores e suas manias por ventura tenham sobrevivido ainda sim a transmissão de tal comportamento e hábitos precisaria teriam que ser efetuado por um tempo muito mais longo do que tal cultura é capaz de sustentar sua predação para transformar homens em castores ou toupeiras. Pois não importa quantos meio ambientes essa estratégia de praga possa descobrir e colonizar para consumir até se hospedar e parasitar outro, a longo prazo os riscos aumentam na medida das possibilidades desconhecidas e recursos e oportunidades destruídas e perdidas, de modo que a probabilidade de sucesso vai sempre decaindo ao zero na proporção inversa dos domínios, poder do homem continuar a se comportar como praga de si e do mundo.

É por isso que tanto o ufanismo quanto a paranoia com a tecnologia são temores e esperanças que tem fundamento, mas não são o fator determinante. Não são as máquinas, os instrumentos e as criações mesmo as autônomas o problema do homem, mas o homem e sua mentalidade que cria tanto seus criadores quanto suas criaturas a sua imagem e

semelhante. O que torna nossos temores e esperanças no mínimo esquizofrênicos frente a permanente negação dos traços psicopáticos da nossa pisque coletiva. Traços que repito, não o resultado de instintos, mas o resultado da manipulação e amputação e desarmonia tão artificial quanto nossas realidades muito antes do advento da eletrônica, mecânica ou informática, ou a própria psicologia e propaganda de massas que usa massivamente esses conhecimentos para reproduzir nossa preconcepção do que falso e verdadeiro enquanto percepção do real.

Pedir pelo fim dos robôs assassinos. Como se o problema fossem os robôs,ou o fim do emprego de gente de carne e osso para o assassino legal-estatal, é o equivalente a queimar livros para eliminar o mal uso do conhecimento do conhecimento, quando o problema não está e nunca estará na obra, na liberdade materializada, como ser ou coisa, entidade autônoma ou propriedade sem anima, mas justamente na redução e uso dos seres dotados de anima como propriedade alheia, e das elevação das entidades fictícias sem volição, como deus ou estados, como a provedoras dos códigos e estatuados que regem a vida e liberdade em sua toda sua concretude e potencialidade. Mais do que uso que faz das coisas, o problema está na submissão da vida, liberdade e propriedade natural seres naturalmente autônomos as suas fantasias e criações preconceituais e artificiais. A loucura e idiotia e fantasia de reis e realezas institucionalizada como norma, normalidade tão profundamente na mente que não chamamos a verdade do mundo senão pela raiz da nossa alienação histórica e precondição antes de tudo mental servil, como de subject e plebe do poder real (com ou sem o rei na barriga): a realidade, como ditadura das posses e possibilidades.

Mas não percamos o fio da meada. A liberdade de fato como propriedade.

A liberdade concreta como direito a propriedade como bens privados e riquezas. E a liberdade concreta fundamental, que compreende tanto o controle do seu próprio corpo e movimento quanto dos meios ambientais e recursos vitais para tanto, os bens comuns. Cuja privação portanto leva invariavelmente o excluídos a um estado de guerra de classes ou povos pela liberdade de acesso e uso, ou o que é a mesma coisa a independência (e o risco de uma vida livre ou morte rápida) ou morte lenta e certa por carestia e servidão.

Há portanto duas dimensões da propriedade: uma estabelecida após o contrato social, dentro do estado de direto como o próprio estatuto desse título enquanto direito de posse pacífica ou mais precisamente pacificada dos bens privados e comuns. A propriedade como estatuto e direito de paz. A outra dimensão anterior, e atuante como evento da fundação desse contrato social é a propriedade como produto da força de fato, que não distingue inteligência de violência, um produto fruto senão de um permanente estado de guerra, mas ou senão de guerra, no mínimo um estado belicoso de vigilância e proteção justamente contra a sua instauração.

A dimensão violenta da propriedade mesmo aquela estabelecida por ocupação pacífica, embora ela seja quase sempre um mito dos invasores, antes mesmo da pax de Roma, passando pelas Bretanhas até chegar as Américas. Mesmo quando a ocupação fora pacifica, a preservação da comunidade e sociedade estabelecida, sempre foi belicosa, seja na estratégia agressiva e expansiva resultando no modelo totalitário imperial, seja de forma defensiva ou , dentro do hoje chamamos de legitima defesa e não ingerência das soberania dos povos e sua culturas. Minto, há as que não ofereceram nenhuma resistência. Essas genes, civilizações e culturas foram absorvidas e extintas, a propósito junto com aquelas que mesmo oferendo resistência pacifica ou belicosa foram

exterminadas, e hoje sua propriedade não só da sua cultura mas da sua identidade, pertence aos antropófagos colecionadores de cabeças que incorporaram a si o que interessava, apagaram o que não interessava e empalharam o resto no museu do folclore da sua história.

De fato o estado de paz é uma bolha,ou mais precisamente uma célula onde o ph necessário para o desenvolvimento da vida em paz e liberdade é mantido por uma carioteca uma membrana que o envolve em estado permanente de guerra.

Para sairmos dessa bolha, desse estado de pax precário onde as liberdades e propriedades privadas e comuns não deixam de ser efêmeras, duas fantasias foram sonhadas ao longo da história da humanidade: uma totalitárias, uma outra libertária.

A totalitária, encarnada pelo culto as personalidades e entidades de poder total e absoluto, generais, profetas, messias, cesares e kaisers com suas legiões, a marchar sobre todo o mundo conhecido, até que houvesse uma só credo, um só estado, um só culto um só deus e um só rei, a pax imperial, das ditaduras e conquistadores. O mundo dos todo-poderosos e seus súditos e servos fieis e protegidos. Pacifica no discurso, belicosa na prática.

A outra a libertária, encarnada pela defesa contra essa expansão, pela preservação da liberdade, pela igualdade de direito de co-existência, e autodeterminação e fraternidade entre os povos. Com chances razoáveis de vitória ou no mínimo sobrevivência quando organizadas em federações e confederações. E absolutamente nenhuma chance quando divididas e isoladas, ou pior, quando assumem a versão cultural do totalitarismo militar, a suposição prepotente que podem converter a todos, incluso os

que se recusam a aderir a sua visão de mundo, sem violência, domesticação e extermínio. Ou pior ainda do que isso, se engando ao acreditar que ao utilizar dos mesmos dos impérios não se converteram a eles próprios em totalitários, apenas porque suas ditas finalidades ideológicas são outras. Os ideias são outras, mas as práticas são as mesmas. Logo o estado é o mesmo, o que muda são as fantasias e desculpas.

Na verdade o sonho da dominação total seja pela aculturação, seja pela conversão ideológica ou subjugação cultural, seja pela militar não é o mesmo fantasia megalomania de poder. Mesmo uma educação da paz onde a autoridade constituída faça das populações dos ursos e leões, animais de circo ou ovelhas domesticadas, laranjas mecânicas, narcotizados ou lobotomizados genética, farmacológica ou psicologicamente. Ainda sim o produto dessa sociedade é a alienação e o totalitarismo, a desumanização.

Não é que a liberdade como movimento (ser livre), ou a liberdade como materialidade (ter bens [comuns e particulares]) seja mais importante que a paz. Não é uma questão de valores. É uma questão de ordem. Ou mais precisamente de lei da física, ou da natureza, de causa e consequências. O que vem primeiro a paz ou a liberdade. Simplesmente é impossível manter a paz sem liberdade, porque a paz é por definição a preservação da liberdade tanto como o fenômeno da vida da anima, quanto dos meios necessários para sua preservação. Quando um estado para preservar a segurança corta liberdades ele procede como um cientista maluco que corta pernas, para que a pessoa não corra o risco de cair quebrá-las, tranca pessoas em casas para que elas não corram o risco de se perder, amarra bocas para que elas não corram o risco de ofender, nem serem ofendidas. Aponta armas e ameaça para que elas não corram o risco de apontar armar e se ameaçarem.

Notem portanto que não há muito o que inventar. Não enquanto não habitarmos um mundo espectral, onde nossos vidas e viveres forem invulneráveis e inesgotáveis. A guerras de colonização e resistência, por poder e liberdade continuam, onde houver recursos a serem transformados em capital. Seja onde for que o bicho homem resolva fincar suas cercas embandeiradas, haja vida inteligente a ser suprimida ou não.

O minúsculo país que lidera a 'corrida do ouro' espacial

Muitos executivos do setor da tecnologia têm vendido a ideia de Marte como o próximo destino do homem fora da Terra…

www.bbc.com

A aprovação da lei em Luxemburgo acelerou a nova corrida espacial. Agora, o país é o segundo no mundo — depois dos EUA — a ter uma estrutura legal abrangente de exploração dos recursos fora da Terra.

"Desde fevereiro de 2016, quase 200 empresas entraram em contato", afirma Paul Zenners, representante do Ministério da Economia de Luxemburgo, que coordena a iniciativa do governo SpaceResources.lu.

A estrutura legal espacial de Luxemburgo tem diferenças importantes da dos EUA. Em terras americanas, é exigido que companhias tenham mais de 50% de capital ali. O país europeu não impõe tal limitação e, além de ser um dos locais com o maior PIB per capita, também é visto por alguns como um paraíso fiscal — oferece incentivos e benefícios fiscais, incluindo taxas extremamente baixas para a repatriação de capital.

Americanos interessados

A entrada de Luxemburgo na corrida por recursos especiais atraiu as maiores empresas americanas do ramo, incluindo a Deep Space Industries e a Planetary Resources.

Esta última têm investimentos do empresário Richard Branson, do grupo Virgin, e de um dos fundadores do Google, Larry Page. É ainda uma das mais antigas da indústria espacial e vendeu uma participação para Luxemburgo por US$ 28 milhões (R$ 105 milhões). Não se sabe o quanto isso representa, mas o diretor da empresa admite que o país europeu é um dos principais investidores.

O Ato de Recursos Espaciais de Luxemburgo abriu as portas para os investimentos no setor. Hoje, o Ministério da Economia diz que a indústria espacial representa em torno de 1,8% do PIB nacional, a maior proporção de qualquer país europeu.

Mas apesar de receber altos investimentos, a indústria de mineração espacial ainda lida com as armadilhas de leis ambíguas.

"Não está claro se a lei internacional espacial permite ao país o direito pela propriedade dos recursos naturais extraídos do espaço", apontou um estudo da Allen and Overy, um escritório de advocacia de Luxemburgo.

Depois que os EUA aprovaram a primeira lei de mineração espacial em 2015, a Rússia foi um dos países a levantar objeções.

Para entender a ambiguidade, voltemos ao Tratado do Espaço Exterior de 1967, um acordo do período da Guerra Fria proibindo a apropriação de corpos celestes por países. Nele, o espaço é entendido como uma propriedade coletiva, como a Antártida.

O desenvolvimento militar é bastante limitado no espaço devido ao acordo, assinado por 105 países. Para implementar a Força Espacial recentemente anunciada pelo presidente Donald Trump, Washington teria que sair do tratado, isolando ainda mais os EUA.

Mas o acordo de 1967 não faz qualquer referência à propriedade dos recursos espaciais, para os quais os EUA e Luxemburgo decidiram definir regras. E provavelmente não serão os únicos: os Emirados Árabes Unidos recentemente estabeleceram uma parceria com Luxemburgo para entender a estrutura de sua lei promulgada.

"A lei de Luxemburgo sobre exploração e uso de recursos espaciais aborda isso (a omissão) e traz mais clareza a nível nacional, servindo como um primeiro passo para permitir atividades com recursos espaciais", diz Zenners.

"Não tem o objetivo, propósito ou efeito de abrir caminho para qualquer apropriação de corpos celestes. Apenas a posse dos recursos espaciais é abordada no marco legal, que também estabelece normas para a autorização e supervisão de missões", completa.

Desta forma, Luxemburgo pode ficar na liderança na corrida pelas riquezas do espaço.

"Junto aos EUA, Luxemburgo provou ser um país com visão de futuro, e seu sucesso permitirá que empresas privadas conduzam profundas missões espaciais", diz Bill Miller, CEO da empresa americana Deep Space Industries, que usa Luxemburgo como sua sede europeia. — ***O minúsculo país que lidera a 'corrida do ouro' espacial***

Seja no mar, ou no espaço é fora novamente fora dos velhos continentes que as esperanças do amanhã em todos os sentidos moram. Para os idealistas e pioneiros eis as utopias e seus novos mundos. Para os especuladores, eis a bolha do futuro, onde muita gente vai ficar trilhonaria, e outras tantas vai perder tudo. Para os tarados por poder, e predadores, eis mais um mundo para tomar posse e devorar. Façam suas apostas. Mas lembrem-se. De qualquer forma, as corporações tiranossauricas já eram (só ainda não se deram conta disso).

Bem-vindo ao futuro, onde os últimos podem não ser os primeiros, mas os pequenos são bem rápidos e revolucionários que os velhos, lentos reprodutores da obsolência programada. Ainda que dentro das mais velhos jogos de aparências e teatros para inglês ver.

E quem tiver entendimento que entenda, que eu não vou explicar: feliz é o povo que tem um um paraíso fiscal e social para chamar de seu. Porque se ele não deve, nem pilha nada de ninguém, esse povo é livre, para ser soberano sejam eles muitos ou poucos.

Der Ubermensch: Supersapiens? Não, superegos mesmos.

Superhomens, Superegos, e Superpotências

Conversando com um leitor de **KOYAANISQATSI** : ele fez um comentário literalmente desconcertante: eu estaria propondo no texto o desenvolvimento de uma espécie de "superconsciência". Um novo ser humano. Desconcertante. Não só porque a mim, o que temos já basta, basta deixar o potencial se desenvolver sem obstruções. Mas porque, se ele inferiu tal conclusão, é de se supor que deixei margem nas entre-linhas para esse tipo de interpretação. Trato aqui de corrigir esse erro, preenchendo esse espaço vazio.

Não, não tenho essa ilusão de controle; de que é possível controlar a interpretação do outro, porque esta a ele pertence como seu entendimento. De modo que, para cada linha de código escrito sempre haverá entre as linhas (e os código) o espaço inerentemente produzido pelas mesmas, para o entendimento tomar seu devido lugar: estabelecer as conexões. A interpretação é parte indissociável do processo de compreensão e entendimento dialógico entre as partes. Porém, a outra parte dessa comunicação continua e não pode ser transferida como responsabilidade ao outro. Assim, se não consegui fazer exatamente o que pretendia antes, se não consegui transmitir exatamente o que queria e principalmente o que não queria, ou seja, que o escrito NÃO fosse interpretado, como mais uma dessas apologias aos *ubermensch*, *supersapiens*, super-homens e afins cuja reedição e releitura está na moda. Mas SIM, pelo contrário, que fosse lido justamente como sua contraposição, sem problemas, onde falta talento a gente cobre com teimosia, tento outra vez. Vamos lá.

Antes de tudo tenho que agradecer o meu amigo (sem nome por que ele é imaginário, um mero recurso retórico) por preencher essa lacuna, não como uma correção ou remendo, até porque em geral as ementas são

piores que o soneto, mas por me obrigar a fazer essa espécie de prefácio, onde faço o que não gosto nem costumo fazer: explicar o que queria e onde eu queria chegar com a reflexão que resultou em **KOYAANISQATSI**

Embora eu tenha escolhido um tema aparentemente fortuito para desenvolver a notícia o tema da consciência: "A primeira inteligência artificial psicopata". **KOYAANISQATSI** tem como motivação reflexões anteriores, que estão profundamente ligadas a minha experiência pessoal com o trabalho social que escolhi para me dedicar. E em que consiste esse trabalho? Sem entrar em detalhes, para não perder o foco, meu trabalho consiste em pagar renda básica para as pessoas, um trabalho que superficialmente consiste ao invés de receber dinheiro (é voluntário e não remunerado), em distribuir dinheiro, não só o meu mas o dos outros. Como não sou rico, nem sou ladrão, nem mesmo do tipo robinhood, uma parte importante gasto do meu tempo nesse trabalho era mendigar para quem tivesse um pouco mais sobrando, e que compartilhasse um pouco com quem precisasse de muito mas que não tivesse quase nada. Quem trabalha com ONGs honestas sem fundos, empresas, ou grandes patronos que a sustentem sabe do que estamos falando, metade do trabalho é basicamente mendigar para terceiros para poder fazer a outra metade do trabalho, o social e voluntário. Coisa para gente idealista, maluca, ou esquema para estelionatário fingir que é doido e idealista, tipo pastor de igreja picareta, e partido político para embolsar em cima da solidariedade do povo e da sociedade. E não fazer nada. Ou fazer uma coisa ou outra, e embolsar o grosso, do que arrecada, uma mini-maquina estatal para quem não consegue ou (enquanto não consegue) se enfiar dentro do Big Brother.

Mas não percam o fio da meada. Na prática, o trabalho era mendigar franciscana e institucionalmente. E fazer isso sem nenhuma das

desculpas que as pessoas consideram normais e aceitáveis socialmente. Isso é, fazer isso sendo o braço de instituição religiosa, partidária-política, ou mesmo corporação empresarial que tenta limpar sua imagem perante a sociedade, ou o tentáculo paraestatal do próprio governo. Fazer na prática pela razão social em si que por sinal em tese consta como razão social da associação. E nesse instante tive o primeiro contato imediato de primeiro grau, lúcido é claro , com o fenômeno que é objeto de estudo de K. : a hipocrisia e insanidade da nossa sociedade ou mais precisamente nossa mentalidade dita civilizada.

Supunha até então ingenuamente que tudo que era necessário para colocar um ponto final no odioso problema da carestia, que tudo que faltava era um modelo funcional e uma prova concreta que tal experiência para eliminar esse problema não era perfeitamente solúvel. Supunha que o que faltava era a solução, a cura e não vontade de sanar o problema. Ledo engano. Na minha cabeça era então simplesmente inconcebível outra explicação racional possível para esse paradoxo de tanta miséria e morte em meio a tanta riqueza e tecnologia. Atente que não falei em desigualdade de riquezas como economistas. Desigualdade de riqueza engloba o fútil. Estou falando de miséria, a desigualdade de oportunidade desde o nascimento que implica em sentença de vida e morte. A falta do vital e essencial. O fato concreto é que ao longo de trabalho, tentando mudar essa realidade, me defrontei com algo que só a experiência ou experimentação pode corrigir. Meus pressupostos estavam incorretos, não era só uma questão de vontade de corrigir o problema, o que tanto me preocupava para muitos outros nem sequer incomodava e para outros não só era um mal necessário, mas até certo ponto a prova de sua superioridade e sucesso na vida.

As respostas às questões e problemas que eu trazia não faziam sequer sentido. Era como se tentasse vender um relógio para uma tribo que

desconhece a noção numérica da passagem do tempo. Ou pior, colírio para cegos. Eles não tinham dúvidas, apenas certezas. De modo que as respostas que estava trazendo sequer faziam parte dos seus questionamentos. Me senti numa ilha de daltônicos a falar de cores, sentimentos e percepções, que os demais habitantes não só não sentiam, mas que passavam a me olhar como um louco, como se eu estivesse vendo ou sentido coisas.

Minha hipótese que isso era meramente um engano passível de ser corrigido com argumentos e demostrações honestas e racionais estava completamente errada. No entanto não eram os outros que estavam enganados ou se enganando, era eu quanto a minha pressuposição de que existia um nós, ao menos um senso comum de fraternidade capaz de incluir todo o mundo.

Não havia apenas um muro, havia um abismo infinito a "nos" separar. Não era uma questão de concordância ou discordância na troca de ideias. Simplesmente nenhum objeto de discórdia nem concórdia porque simplesmente não havia nada em questão. O que eu tinha feito, minha ocupação, para eles sequer era objeto de preocupação.

Era como conversa entre surdos e cegos no mínimo curioso:
.-E o que eu ganho como isso?
-Nada.
-O que você leva nisso?
-Nada.
-É caridade?
-Não.
-É igreja?
-Não.

Não fazia sentido. Percebi que para eles ou era um tremendo dum mal mentiroso e péssimo golpista, ou eu e minha esposa éramos simplesmente dois coitados verdadeiramente doidos. Acometido dessa estranha doença para o homem perfeitamente civilizado, a empatia. A

empatia para eles era como o deus do sábio iluminista Voltaire, algo que se não existisse, precisaria ser inventado, mas não para você acreditar como os tolos, e loucos, mas apenas para vestir em público, e cobrir suas vergonhas depois de perder o paraíso. Solidariedade era apenas mais uma das peças dessa rica vestimenta, feita para ser vista e pregada em púlpitos, palanques e comerciais, não para ser prática, por favor.

Até mesmo nos circuitos dos entusiastas e pregadores da renda básica, a mensagem, muitas vezes, era mesma: "Vocês não estão entendendo como se joga o jogo. Não é para fazer, é para falar." E muito embora tenhamos vencido essa etapa. E hoje esse ideal que permaneceu por séculos como utopia para ser degustados em cafés e encontros de intelectuais e acadêmicos, em revolucionários 10 anos desde que a primeira renda básica foi efetivamente paga, não por governantes nem do Primeiro mas por cidadão para cidadão nas periferias dos Últimos Mundos consta até dos programas e promessas de candidatos e governos fascistoides do Brasil à Itália, passando por projetos do MIT aos FundosTec do Vale do Silício. Porém não mais do que isso, como projeto e pregação e protelação a serviço da desmobilização e apropriação e adequação desse movimento aos interesses. Ou o que é a mesma coisa, o contrabando das velhas práticas e mentalidade, sob a fachada do novo. O que, resumindo, quer dizer o seguinte ganhamos a batalha silenciosa para tirar a renda básica do mundo impossível dos utopias, mas continuamos perdendo, e perdendo feio a guerra pela humanidade e humanização das civilizações.

Infelizmente se não mudarmos o curso dos acontecimentos, tudo indica que não só a renda básica como prática será uma onda tão passageira quanto a duração dos experimentos, salvo a exceção que confirma a regra para não durar. E enquanto o "risco" da renda básica se espalhar como uma prática de responsabilidade social e humana cosmopolita se desfaz, cresce na razão inversamente proporcional a estupidez da xenofobia,

racismo e guerras das comerciais, econômicas, as hibridas. De modo que a chances de um novo ethos emergir antes da humanidade bater de novo como a mosca contra o vidro, é remota.

Se considerarmos a quantidade de tempo, dinheiro e trabalho e pessoas envolvidas na realização e até mesmo na divulgação, de cada uma dessas alternativas de futuro, devemos ser sinceros, a aposta na renda básica, ou de qualquer outra proposta concreta de realização de qualquer coisa parecida com a concretização de uma paz e fraternidade universal razoavelmente exequível, segura e estabelecida, se que existem outras, é mais remota que a colonização de Marte, e bem mais remota ainda que conflitos bélicos mundiais. Siga os capitais. Me diga para onde o tempo, o dinheiro, e o trabalho está se dirigindo, ou melhor sendo dirigido, e em que velocidade, e eu te digo onde e quando vamos chegar a esse destino. Talvez, um imprevisto aconteça, e a coisa toda pare ou afunde no meio do caminho. Mas uma coisa é certa imprevistos não teleportam alguém meio caminho ao Norte, instantaneamente para a direção oposta, as praias do Sul. Por mais que a maré mude com tormentas e correntezas, há ainda um longo caminho a ser percorrido.

Mas o que este pano de fundo tem especificamente a ver com a abordagem da questão da consciência em **KOYAANISQATSI**?

Bem, como diz o rapaz do trem, "eu poderia estar roubando, matando, mas estou aqui vendendo balas". Tudo, o caminho a ser percorrido, é abismal. Há uma distancia quase infinita a separar o que para uma pessoa é razão suficiente para agir e mudar o mundo e outro para deter e trancar num hospício o outro como falta dela para manter tudo como está. O que para mim, era tão obvio e natural quanto não cagar na rua ou limpar a minha bunda, para ele era algo que precisa de uma motivação, ou premio ou ganho que justificasse ser feito. A perplexidade era portanto mútua. Eu

pasmo e desconfiado da falta de empatia do outro, ele pasmo e desconfiado da minha.

Quanto mais eles me achavam maluco e me tratavam como um alienígena literalmente um ser não de outra classe, mas de outra espécie por de fato me importar com seres iguais não apenas em discurso, mas eu também desconfiava que era na cabeça ou melhor no coração deles, como diria Pascal, que estava a faltar algum parafuso.

Quando meus filhos nasceram a suspeita virou certeza. Não só faltava um parafuso, como tinha outro no lugar. Era certeza. Já havia visto isto antes no trabalho de campo, como o ambiente familiar, social, tanto o material quanto o psicológico afetava o desenvolvimento das crianças, como era uma luta o seu crescimento frente aos traumas, privações e obstáculos muitas delas desnecessárias, muitas delas sabidamente intransponíveis. Mas o contato com a natureza do ser humano em todo seu potencial desde o nascimento, como tantas capacidades entre elas sentimentos emergiam não como consequência, de causas estabelecidas, ou mera reação as ações sofridas, mas sim como uma força volitiva, na forma de sentimentos e inteligência que lutam para emergir como lutamos para respirar mesmo onde não há mais ar. Sentimentos como a empatia, que cresciam como a própria criança, dia após dia, desde que não a privássemos da sua luz e alimento. Neste momento tive certeza que não havia um parafuso solto que me levava a me importar com as outras pessoas gratuitamente, sem precisar de prêmios, recompensas, ou doutrinações ideológicas, mas um parafuso que insistiu (confesso que não sem sérios efeitos colaterais) em permanecer bem preso, até mesmo depois de velho. Junto com meus amores e ódios, medos e esperanças, egoismo, e tudo o mais que um ser senciente tem direito, empatia, numa solidariedade tímida, precária, tanto tempo envergonhada dela mesma, manca e subnutrida, abandonada e sonada, mas ainda sim viva.

Enterrada, bem funda, nas camadas mais esquecidas da minha subconsciência, mas ainda viva como minha própria alma. Um pálido espelho, uma sombra do ser humano que todo adulto quebrado é frente ao brilho da potencia de uma criança ainda não processada, mas ainda sim lá, como tanto como sentimento quanto razão da perplexidade frente ao absurdo, impedindo de fechar definitivamente o olho da razão, para o mundo e perder minha ligação com a rede vida de onde não só a minha vontade emerge como alma, mas meu corpo como seu veículo nessa terra de cegos loucos e velhos rancorosos e raivosos.

Mais claro e concreto é impossível. Eu estava olhando para essa verdade todos os dias e ela olha de volta para mim, como minha responsabilidade. E pobre de quem já não consegue mais ver isso, nem mesmo olhando para uma criança "sua" ou não. Estamos a amputar e matar as empatias, para manipular e usar uns aos outros como se fossemos coisas destinadas a satisfazer desejos, ambições, felicidades, interesses, causas e ideais não só os que achamos que são bons para nós, mas que julgamos bons para os outros a revelia da vontade alheia. Estamos a substituir nosso instinto gregário, para egrégoras, inconsciências coletivas introjetadas em cada individuo como superegos, como culto a figuras de autoridade por traumas emocionais que permite conseguir que os seres façam coisas contrárias aos seus instintos não só egoístas, mas sobretudo os gregários através de estímulos e comandos que remetam a esses imprints, e produzam desejos e comportamentos como se fossem produto da livre vontade. A industria da domesticação que produz nada menos que a servidão e os servidores ditos voluntários, mas que rigorosamente devem ser chamados de autômatos.

Estávamos (e estamos) portanto a amputar capacidades, sensos e sensibilidades inatas e substituir geração após geração por toneladas de puro lixo, preconceito e ainda chamar esse processo de desnaturação e

desumanização de educação, progresso e civilização. Não era só a mentalidade de um individuo considerado normal que poderia apresentar os chamados "traços" de psicopatia e psicopatia, mas a mentalidade coletiva formada pela sociedade enquanto uma rede de pisque conectas e interação. Uma interação que não se restringia a relação pessoa a pessoa, mas da pessoal com a totalidade dessa mentalidade coletividade através de cada relação pessoal.

Isto implica que a sociedade, ou mais precisamente a mentalidade de uma população não é um campo monolítico, mas um processo simbiótico onde os traços psicopáticos e os psicóticos formavam esse fenômeno manifesto na nossa inconsciência coletiva, que quando interpretado substantivamente como se fosse uma entidade, tomava a a forma desse simbionte psíquico, essa egregora teratológica que parece ter vontade e comportamento próprio, a inconsciência coletiva. Um simbionte parasitário onde o comportamento psicopático, o comportamento amputado de empatia enseja as traumas que produzem as psicoses que alimentam seu impulsos eróticos e tanáticos dentro do seio da própria sociedade, reproduzindo-se como mentalidade cultura e sociedade doente-doentia de geração a geração. Ou a grosso modo a história da civilização de como pessoas que um dia foram crianças cheias de potencial humano se tornaram o espelho daquilo que matou a sua potencia da sua humanidade.

A história da humanidade de como adultos que um dia foram crianças foram amputados se suas sensibilidade empática e instinto gregários, para se tornarem os escravos de suas psicopatias e psicoses e na busca por satisfazer suas manias matam a humanidade da sua própria prole para reproduzem a imagem e semelhança dos homens e mulheres desumanizados que se tornaram, já incapazes de se surpreender com seu feito: como da matéria senão pura e inocente, livre e repleta das infinitas

possibilidades que forma uma nova vida encarnada numa criança, nós criamos esse singular forma de viver, e conviver que não raro há quem prefira a solidão companhia de outros animais para estimar do seus confiar essa estima a seus semelhantes. Passando ainda que não tenhamos consciência disto tanto a odiar a si mesmo como ser humano, quanto o outro como se não fosse, o ser humano que não encontramos nem no espelho do que somos nem do que o outro.

Fico imaginando o dia em que essa mentalidade enfim triunfar de vez, e a tecnologia dessa civilização encontrar não só energia inesgotáveis, mas conseguir satisfazer seu desejo egótico de existência infinita no tempo e espaço descobrindo a "cura" para morte. O dia que esse ser humano completamente envelhecido e desnaturado na alma não sentir nem mais a necessidade egoísta de se reproduzir meramente para perpetuar seu legado, a extensão da projeção imagética materialista de si mesmo. Um mundo onde a o nascimento de crianças se tornará enfim a máximo dos meros caprichos de egos, ou ordem de superegos naturais ou artificiais sem fim. A morte da humanidade de fato como um sono eterno, do qual não teríamos mas nenhuma esperança de despertar, não mais por nossa própria força de vontade como consciência.

KOYAANISQATSI no fundo não passa disso, uma investigação crítica a cerca de como sair dessa problema que já não era simplesmente um problema de trabalho, mas pessoal na medida que essa cultura hegemônica não só despreza o que não entende, ou lhe é estranho, mas faz um ultimato totalitário: submeta-se a ao que lhe foi predestinados, os nós devoraremos você.

E eis que chegamos a cerne da questão: a tal consciência. Que se fosse ou precisa-se ser uma superconsciência não seria mais libertária, mas totalitária. Ou seja o mesmo problema, com um novo nome. Um

superego, um projeto de Ubermach a novamente se apropriar e hospedar orwellianamente na concepção do seu contraditório para se perpetuar como ideia de superpotência tanto na projeção do individual quanto da coletividade. A mesma ideologia que projetar homens, e suas espécies desintegradas e classificadas em raças com base na hierarquia das capacidades e capacitações, inatas ou adquiridas. Se são socialmente ou geneticamente herdadas, alteradas ou planejadas como projeto de raça, nação ou ser humano, isso pouco importa, o que importa a ideia de superpotência é que a desigualdade não apenas de grau mas de gênero seja e esteja instaurada e mantida enquanto discriminação, classificação das pessoas em superiores e inferiores. Porque onde super-homens por lógica também são apenas os homens frente aos sub-homens. De modo que a capacidade de governar pela sua consciência ao invés da subconsciência constitui-se qualquer capacidade extraordinária, teríamos uma versão new age do arianismo.

Nós os seres humanos conscientes e pacíficos e solidários, e eles os primitivos, violentos e egoístas macacos em forma de homem. Um evidente incoerência não só de termos, mas de natureza da suposta consciência. Pois no exato instante em que essa discriminação se processa, tal pensamento não é mais propriamente consciente, como de acordo com os termos pelo qual se defini esse ethos humano, somos nós os pressupostamente mais conscientes, os macacos da nossa "nova" teoria preconceituosa. Não há um inimigo a ser combatido, não há vilões nem heróis. Nem super, nem infra. Nem mesmo o superego, a psicopatia, a insolidariedade, o egoismo e o progresso civilizatório que são objeto de critica são demonizados, nem muito menos o sentimento altruístas e gregários são divinizados ou santificados. Muito pelo contrário o esforço é de compreensão de ambos, não só em seus aspectos aparentemente normais, mas também os teratológicos. Não há portanto nenhuma proposta de superconsciência, porque ela implicaria num super-homem. E tudo que **KOYAANISQATSI** busca justamente o oposto, se livrar

dessa mentalidade prepotente que precisa reduzir outros seres incluso os humanos para projetar seus sonhos e fantasias de supremacia.

Assim, uma das camadas da tese de **KOYAANISQATSI**. é na verdade extremamente simples:

Se a vontade desde dos mais ricos e poderosos até os pobres e vulneráveis pode ser manipulada através do controle dos estímulos que provocam as vontades enquanto desejos e volições. Resta-nos duas alternativas para preservamos nossa capacidade de autodeterminação e sermos de fato soberanos sobre nossos própria vontade. Uma: nos colocamos em ambientes controlados, onde não permitimos que nossa vontade seja pervertida ou manipulada. Ou desenvolvemos uma mentalidade que funcione como um sistema imunológico capaz de preservar nossa autonomia e sanidade em qualquer ambiente. No primeira hipótese, continuamos extremamente vulneráveis e carentes. no segundo mais independentes e autossuficientes, na exata medida que não só nossos instintos gregários mas o equilíbrio natural entre esses e os instintos egoístas estão preservados do parasitismo que faz de um ser meramente o hospedeiro das vontades, e sua existência uma função existência de uma força alheia, incluso a vontade de outro ser.

Ou seja, no primeiro caso, fora toda uma série de problemas colaterais que não nem enumerar, tal solução não produz a proteção e segurança necessária. Porque novamente basta assumir o controle do sistema de estímulos para dominar novamente a mentalidade desse grande organismo. Ou seja basta controlar a produção da inconsciência coletiva para controlar os seres humanos assim egregados. Como aliás temos experimentado ao longo da história da domesticação, alienação e imbecilização do homem pelo homem.

No segundo, não temos mais esse problema, mas outro? Se não somos governados por esses estímulos a condicionar nossas vontades e desejos, o que então governará nossa vontade e desejos? Simplesmente responder a consciência, é uma resposta vazia, se ela mesma não se constituir numa força de fato, numa força de vontade própria suficiente capaz de produzir nossas volições. Como desenvolver essa força de vontade não só conscientemente, mas como a própria força motriz da consciência eis a questão de **KOYAANISQATSI**

Bem se não somos um engenheiro eugenista, nem queremos entregar nossa singular pessoa a tais cientistas. Nem queremos utilizar a primitiva técnica do ameaçar com um bastão ou cenoura nem contra nem contra os outros, a pergunta é: o que temos então a nossa disposição afinal de contas para desenvolver essa consciência? Como fazer para sair da mera ética, isto é das prescrições do que é certo , para entrar no plano do ethos, o "ser de fato capaz de fazer a coisa certa" sem precisar que ninguém nos diga ou force a fazer o que é supostamente certo, não se esquecendo que uma vez alienados nem sempre podemos nem sempre concordar, mas é quase sempre não teremos mais a força de fato para discordar. Ou seja, não raro precisamos ser capazes de tomar decisões absolutamente sozinhos, como temos que ser capazes de fazê-las e mantê-las contra todas as circunstâncias, obstruções e dificuldades contrárias, não só constituindo-a como força de vontade capaz de tanto, mas como força de vontade capaz de resistir até mesmo as ordens e ameaças em contrário. Como constituir uma consciência com força suficiente não só para nos permitir acordar, mas levantar e andar ainda que presos em grilhões, correntes e sob a mira de quem quer nada menos do que o oposto de nós?

Posto desta força parece até que realmente precisamos da intervenção de alguma força sobrenatural, o advento de alguma força artificial, ou até que estejamos falando de uma capacidade supernormal, quando não

passa de atributado comum, a todos humanos, inato e natural e que pode ser fortalecido e desenvolvido exatamente da mesma forma com a qual ele vem sendo degenerado e destruído ao longo do tempo, como o uso, o exercício dessas faculdades e consequentemente a seleção natural, através de hábitos costumes, tanto como práticas de solidariedade que fortalecem a empatia, como de práticas de livre pensamento que fortalecem a razão e raciocínio independente. Não é preciso criar nada de excepcional, extraordinário, nem superior, mas justamente o contrário, deixar que o natural e o comum aflorem sem serem amputados por esses complexos e maniacos pela produção de relação de supremacia e seres superiores e estados supremacistas que antes de tudo são uma mentalidade uma ideação. Uma ideologia onde não só a empatia, mas o próprio egoismo, os dois instintos de preservação estão adulterados e por essa programação ideológica alienista que diz ao ser vivo que a sua vida e liberdade, assim como a vida e liberdade de outrem valem menos que esse Bem Maior, seja qual for a forma material ou transcendental desse bem maior que sua própria vida de alguém, incluso a sua. Consciência num mundo de homens domesticados por outros outros homens é sinônimo portanto de desalienação. E desalienação de libertação do domínio mental alheio dos preconceitos, ou o que é a mesma coisa conscientização, o retomada de posse dos campos de saber e conhecimento para a formulação dos próprio conceitos e entendimentos.

Logo,dependendo do grau de consciência que é sempre inversamente proporcional ao de alienação ou de uma pessoa é fácil para ela perceber, que não deveria matar ou deixar outro ser humano morrer. Da mesma forma que é fácil para uma pessoa treinada adestrada a matar em nome de signo que dê sentido a sua vida destituída de significado fazê-lo sem titubear ou questionar, seja para satisfazer suas taras, seja para satisfazer as taras alheias via esse programação culto-cultural introjetadas nele como componente do sue próprio eu e pensamento inconsciente: o superego. Você não consegue criar um exército de assassino de crentes

fanáticos e fundamentalistas cultuadores de personalidade de um grande líder e suas causas e bandeiras sem muito lavagem cerebral. Já uma criança capaz de solidarizar e sofrer com o sofrimento alheio, ninguém precisa ensiná-la a fazê-lo. Mas pode sim, matar essa capacidade, como pode matar até mesmo a capacidade de enxergar, anulando os estímulos necessários, ou seja trancando-os num quarto escuro emocional desde o nascimento. As formas de expressar a dor essa co- paixão variam são aprendidas e variam conforme os ritos e costumes da criação, mas o instinto gregário não, como a outro polo, junto com o egoismo do instinto de preservação, não. Para que elas não se desenvolvam naturalmente é preciso privá-la de alimento, podá-la, arrancar suas raízes, amarrar suas troncos, até que elas se tornem enfim o ornamento da deformidade e objeto do desejos de quem as "forma".

Ela não precisa ser adestrada, ensinada, amestrada para emular esse sentimento e comportamento instintivo, até porque se não tivesse por seleção natural desenvolvido essa sensibilidade inteligente e percepção heurístico que a liga instantâneo a rede dos outros seres do mundo, jamais teríamos evoluído para nos tornar seres sencientes, quanto mais conscientes. Não seriamos sequer vermes e bactérias que dirá seres com redes neurológicas individuais e sociais complexas que somos, humanos, para dar-nos falta de algo de nossa essência enquanto essência, enquanto alma, falta desse principio elementar da constituição da nossa pisque e comportamento: empatia e solidariedade.

Mas na prática o que é essa consciência que nos falta? Manifesta em comportamento o que seria o sinal da presença desse fenômeno, a consciência?

Vou voltar então a um mito ou história que esta presenta na fundação de 3 grandes cultos patriarcais Civilização Ocidental e Médio Orientais

hegemônicas que predominam no mundo. Para que entendamos a natureza fundamental dessa capacidade humana.

Imagine que você é Abraão e que deus apareça para você e diga para você pegar o seu filho e mata-lo em amor e obediência a Ele? Se você é cético, ateu, ou agnostico, substitua a figura de deus, por qualquer outro conceito de autoridade que superior a seu ego, um você deposite sua confiança, por exemplo a ciência, a lei, ou a até a mesmo a racionalidade. Suponha que o dilema do patriarca, se dê porque a lei exige que você o entregue a serviço da pátria numa guerra que você tem certeza que ele vai voltar num caixão, que ele seja portador de uma doença contagiosa e precisa ser sacrificado, ou mesmo que ele tenha a cura para uma doença que salvaria toda a humanidade. Ou qualquer outro dilema onde sua ação ou inação implique em condená-lo a morte em favor de alguma causa. O importante neste caso é se colocar no lugar do outro, essa causa seja ela um credo racional ou não, não importa você de fato acredita, você por alguma razão ou credo considera que seja seu dever sacrificar seu filho em nome de um Bem maior. De modo que no dilema não está em questão se você está alucinando ao ver ou ouvir falar com deus, não importa se é um esquizofrênico ou tomou muito LSD e esqueceu, o importante é que ter mente que para você deus está lá, você pode vê-lo, tocá-lo e ouvi-lo. Na sua cabeça, ele existe, e é Deus, seu pai, criador, todo-poderoso, fonte da verdade e autoridade máxima. Enfim tudo o que deus significa todas as suas atribuições e atributos em fé e razão para quem acredite nele, exatamente como descrito nesta história. E segundo esta história, você está portanto no lugar do patriarca e deus está falando para você sacrificar seu único filho, cortar a garganta dele. A pergunta que determina o tamanho do grau de consciência é então: qual é o tamanho da força de vontade para objetar a ordem daquilo que de fato você acredita e mandar como todo respeito que tudo sua fé merece seu deus ir tomar naquele lugar, ou pro inferno se você não for um desbocado, mas já aviso, a escolha de palavras não vai adiantar muito, porque não importa

para onde você manda ou fazer o quê, qualquer resposta que dê, é a ordem dada que têm consequências eternas ditadas não por Deus mas por seus atos sua heresia. Ou se preferir livre-arbítrio. Porque se você cortar a garganta dele, não adianta por a culpa em deus, assim como ao desobeceder a ordem a heresia também. Porque HAERESIS, nada mais é do escolha. Escolha até na origem etimológica da palavra.

E esse dilema do patriarca das 3 religiões hegemônicas do mundo ocidental, não é só o dilema dos neuróticos esquizoides por credos transcendentais, mas também dos fanáticos pelos credos mundanos e materiais: renunciar a sua vontade soberana, a sua consciência frente a um poder que se impõe apenas como real ou Rei todo-poderoso, mas como a própria encarnação da impotência da existência frente a toda onipotência do que a pessoa julga real, verdadeiro e absoluto, a encarnação de todas possibilidades. Uma autoridade inescapável, seja como ciência, seja como fé, seja como ideia de poder total, seja como ideia do que lhe é impossível fazer ou escolher, ou assumir a responsabilidade.

Quem já leu alguns textos meus, sabe que se tem uma coisa que não sou fã é de patriarcas, patriarcalismo e pátrio-poder, muito pelo contrário abomino tal como a própria uma das formas mais antigas e primitivas que de dominação do homem pelo homem, ou melhor do homem a mulher a sua própria prole, como objetos de sua posse, caprichos e escravidão. Talvez não anterior ao advento da pilhagem e da guerra como bases de sistemas de produção e estratificação social, mas certamente intrinsecamente e imediatamente ligados a eles Porém, cabe destacar que Abraão não seguiu o costume primitivo não sacrificou seu filho, pratica comum de então. Voltou e contou a seguinte a história: ia fazê-lo, mas como provou sua obediência, deus ficou satisfeito e o impediu deixando-o trocar o filho por um bicho. Bem, há quem creia na história. Mas como disse, que era para imaginarmos na situação de Abraão, como pessoas

conscientes. Temos que também levar em consideração a outra hipótese , que ninguém falou nada para ele. Era Abraão, seu filho, a faca, e um problema, um bando de fanáticos alucinados que caso ele voltasse com seu filho vivo, provavelmente dariam cabo dele e do filho. E como com gente louca principalmente violenta e mais principalmente ainda em manada, você não discorda, podemos aventar a hipótese que Abraão não só fez a escolhe que seu coração ou sua consciência mandava como sabiamente soube dar as razões que melhor faziam sentido para a loucura que era a norma e normalidade vigente a qual ele certamente não tinha como escapar, nem curar. Heresia? Com certeza. Mas essa escolha desse pai, que poderia ser uma mãe, não importa se nossa sociedade patriarcal ou matriarcal, mas que demandasse o sacrifício de vidas humanas frente a qualquer coisa que eles considerassem mais sagrado do que a vida dos seus filhos, seja um deus, a pátria, ou só dinheiro mesmo, é um dilema que permanece, e não muito diferente, porque quando você diz não aos que esperem que você entregue seus filhos ou você mesmo, as suas ordens para que o bem maior seja atingidos, a chance de serem presos, julgados e linchados continua a mesma, embora esse serviço hoje seja terceirizado.

Notem que esse fenômeno de alienação é anterior ao próprio surgimento do estadismo ou religiosidade. E embora seja relevante rastrear quando e porque ele aparece, algo que levantamos como hipótese em **KOYAANISQATSI**, o problema não é que tal perversão tenha surgido, mas que ela permanece. Tomem o exemplo das escolas. Mesmos os mais conservadores de direita e libertários de esquerda que tem sérias reservar contra a prevalência e intervenção de agentes e autoridades externas, de estado em geral, na relação pais e filhos, na família, nem sempre tem clara essa noção que tal liberdade ou soberania da família ou mais profundamente do respeito absoluto a vida e liberdade como responsabilidade, jurisdição e mandato dos seus pais, enquanto a vida e liberdades delas dependem de fato deles não serem alienados e inconsequentes implica nessa absoluta autonomia e liberdade e

capacidade do exercício dessa soberania como consciência. Escravos e alienados, não tem filhos, tem prole, não criam se reproduzem, porque não estão só condenados a entregar seus filhos a ordem de quem consideram a autoridade, ou superior, mas dispostos a fazê-lo, a não raro, como cães, abanando o rabo, em troca de afago, prêmio, ou só promessa de tesouro nesse mundo ou no além de seus mestres.

É curioso, como pessoas que não deixariam seus filhos por exemplo passar um final de semana na companhia de estranhos por desconhecer os riscos, nem hesitam em entregá-los aos cuidados de uma pessoas e instituição contaminadas pelo desejos de micropoder, desde que ela tenha o signo da autoridade de poder, e a licença legal para serem omissos ou obsessarem o filho do alheio. O signos são deles, mas as marcas inscrita a ferro e fogo estão na cabeça são nossas e muito em breve também nas crianças igualmente institucionalizadas: Obedeça.

Tem-se a impressão que vamos nos acostumando como as coisas são apenas por elas se repetirem ritual e cotidianamente. Mas se esquecem o pássaro domesticado não voa mais, ficando sempre do lado do a esperar a ração, por que alguma pedaço dele foi amputado, se não um pedaço da asa, um pedaço ainda mais importante, o da potência de ser o que ele, um pedaço da sua livre vontade enquanto anima.

A banalização, a ilusão de normalidade é o segredo da perpetuação e reprodução da alienação. Mas mesmo assim, nunca deixará de causar perplexidade como mesmo perante o sofrimento físico e mental dos seus filhos, e as vezes, verbalizado, as vezes constado na mudança do própria afetividade e comportamento, ainda sim, os progenitores seguem fazendo o que foram condicionados a fazer como norma e normal, ainda que para isso precisem fecham seus olhos e ouvidos e coração renunciam a seus sentimentos e abdicam da própria consciência, e violentar o sua própria

relação de confiança e reciprocidade com quem lhe dá tudo de graça, para se manterem fiéis e obedientes a "ordem das coisas" que cobra um preço impagável, a alma.

E depois há pais que ainda por cima estranham que seus filhos depois prefiram sofrer calados, ou se abrir com amigos, ou mesmo estranhos. Ou os olhem como se eles fossem estivessem em guerra com eles, na outra trincheira, ou como infiltrados ou carcereiros dessa condição e processo psicológico. É triste. A alienação, é a pobreza da pobreza da pobreza. E como a miséria não conseguem mais perceber, que dessa ordem das coisas eles não são o guardião dos seus filhos, mas o primeiro vigia e carcereiro da sua própria prole a serviço da sua ordenação às normas, não importa que as normas sejam perversas, desnaturadas, ou o quão incompatíveis a natureza sã da criança elas sejam. Não são meros cobaias do **Experimento de Milgram**, mas do **Experimento de Satanford**. Não vivem, interpretam seus papeis na tara e fantasia psicótica que não é nem sua, mas alheia. Space Monkeys.

A doença está disseminada. Assim como trabalho, também, no estudo, na recreação, e até no lazer, nada é feito em função de si mesmo. Não existe arte pela arte, descanso, pelo doença, nem vida pela vida, tudo cada ação, cada ser só existe em função de. Ele não existe senão em função de. Como alguém poderia, existir de forma soberana, mesmo seu próprio filho poderia existir senão em função de algo maior? A alienação mata. Mata amor, mata a vida, mata a liberdade. Mata o significado da existência em si, seu valor e a possibilidade em de significação e valoração próprias. Essa é a doença da mentalidade da nossas culturas e civilizações baseadas desenvolvidas na domesticação de gente por gente, em favor de interesses fantasia e satisfação de taras e vontades, e manias alheias introjetados como nossos, seja como desejos seja como obrigações.

Consciência é o caminho, do desenvolvimento e fortalecimento dessa estranha e esquecida faculdade de pensar, decidir e escolher por conta própria e sobretudo querer, desejar e ser de acordo com a força da sua própria vontades em harmonia com seus instintos naturais de preservação e evolução e não contra eles, de pensar livremente não o si mesmo, mas também o outro, não mais como coisas, mas sujeitos iguais em direito não só de definir seus destinos, mas como direito de propriamente concebê-los e antes disso desenvolver livre e naturalmente sua próprio-concepção. Pensar e existir tanto como identidade individual quanto coletiva não como ditadores ou seguidores, mas como soberanos absolutos da sua vida e liberdade, o logo co-soberanos sobre o bem comum e o mundo.

Pessoas comuns, lutando não só com senso comum mas com toda potencia da consciência que implora para emergir das subcamadas da sociedade e da mente, contra esses super-homens seus super-egos, que nunca se cansam nem se satisfazem como suas fronteiras imaginárias das suas superpotências na terra, no além, a desenhar suas fantasias de poder, do pequeno ao grande, do bedel, passando pelo gerente até as escalas mais altas da hierarquia desse status quo, os cagadores de regras para as manadas de inconscientes egregados na insolidariedade e discórdia na impotência da sua inconsciência coletiva.

Porque o resto é mais do mesmo. É ficção. Sejam elas científicas ou não. E concretizá-las como realidade não é sinônimo de verdade nem muito menos de novidade. Técnicas e Tecnologias para mudar o homem... o que há de novo nisso? Revolucionário será o dia que voltarmos a ser capazes de nos auto-adaptar e evoluir através da força da livre vontade, com toda a inteligencia que desenvolvemos aplicada a isso e não à manipulação dos meios e uns dos outros para ver que realidade há de prevalecer. Seres autômatos não são seres animados. Quem quer que governe o mundo e

todos os seres, mesmo que tivesse o poder de um deus, desprovido da capacidade de governar a si mesmo e a sua própria vontade de poder, continuaria a ser um mero escravo, da força que é verdeiro senhor e governo desse mundo e seus seres, do qual esse todo-poderoso não passa de cavalo. Ou o mais precisamente um líder da manadas, que são muitas.

A liberdade ao contrário do que se prega não é a falta de disciplina. Mas a própria em todos os sentidos que a palavra tem de construção de ordem. É o compromisso com o desenvolvimento da autoridade, só que não a falsa, a alheia, mas com a sua própria. É a responsabilidade e soberania, mas não a que renuncia, delega e transfere, mas a que preserva, mantem desenvolve inclusive como perseverança e resistência. Em seres dotados de grande inteligência simbólica que não perderam suas outras capacidade sencientes e sua pisque para o mundo das idéias, é a consciência.

Sem ela, as comunidades se dispersam, ou pior passam apresentar o comportamento de manada. Com todos os riscos e vulnerabilidades que tal comportamento apresenta e quem ainda não perdeu completamente seu instinto gregário sabe que estamos correndo não só no Brasil, mas no Mundo.

Boi cai de barranco e outros 28 se jogam

Um fato triste e muito curioso ocorreu em Castelo, no Sul do Espírito Santo, nesta quinta-feira (3), no distrito rural…

www.capixabao.com

Uma capacidade que não se desenvolve com pílulas, implantes, programas, agendas ou soluções mágicas, justamente porque a raiz do

problema é justamente esta a dependência e esperança por soluções exóticas e alienígenas predeterminadas que matam a vontade natural e nativa a potência da vontade de autodeterminação e soberania como povo, sociedade e antes de tudo como o átomo desse universo enquanto rede da vida natural e social: a pessoa humana.

A vontade é o átomo, a liberdade é a força, e o desenvolvimento equilibrado e harmônico do egoismo e solidariedade é o logos, a conexão. Um complexo que antes de se materializar e crescer perante nossos olhos como realidade e corpo, existe e precisa pré-existir como código, mentalidade e potencia, como alma, o espírito das coisas.

Como ver isso? Simples. Não furando os olho da mente das crianças. Nascemos capazes de fazer sensível e inteligentemente co-nexões e re-ligações das coisas que são absorvidas de formas distintas pelos diferentes sentidos, integrando não só diferentes percepções, e pontos de vista, mas diferentes vivências incluso aquelas que não se apresentam nem representam a amostra da nossa experiência de vida. Não somos mônadas sem janelas como dizia Leibinz, não vivemos nem somos bolhas. Somos capazes de compreender, e produzir saberes e entendimentos, porque somos dotados de empatias, a capacidade sensível de projetar nossa razão ao outro. Mas mate a empatia e solidariedade no berço e não só a humanidade passará a eternidade dure ela o quanto durar correndo atrás do do seu próprio rabo... como cada formigas-cão dessa colônia humana passará toda sua existência operária correndo atrás do rabo dos outros, seja a seguindo e perseguindo, trabalhando e tomando outros formigueiros sem escolher nem saber porque, precisam disto ou de rainhas.

Precisam?

Tanto quanto ele precisa ou um dia quis ir para Marte.

Great Harappa of south India? How the Koya tribal museum is shattering 'Brahmins are supreme' myth

In the first week of June (3rd to 5th), a revolution was initiated by Telangana's Koya tibals with great futuristic…

www.dailyo.in

When I visited the Kamaram makeshift museum (set up with the help of the local district administration), it reminded me of the Harappa civilisational artifacts, instruments, tank systems and so on. They had a system for rain and drought predictions. The Koya interpreter told us that their Mau flower- and water-based tests and predictions, and bird and animal behaviour-based predictions of rainfall by and large remain accurate.

One of the Koyas said their predictions are more accurate than Brahminic Panchangam predictions. I was really astonished by their scientific and accurate explanations about the cause and effect of nature's ways.

The Koyas' engagement, synthesisation knowledge systems and predictions are basically around human survival, development and community wellbeing. Their engagement with war and violence is almost zero, showing that indigenous forces were against such destructive behaviour.

Their social life is well detailed in the book Indigenous Knowledge of Koyatoor of Kamaram*, based on a study by Birsa Munda Youth Association. In contrast, the Brahminical knowledge system is mainly around war, violence and power. Adivasi knowledge, as it survives in the villages and gudems today, is*

for social collectives and anti-discriminatory in nature. Vedic texts suggest offering sacrifices for destruction.

Fascinating use of soil, earth and water

The museum is 15 kilometres away from Medaram Village, where the biggest "Sammakka Jatara" is held every alternate year. One can easily understand how Sammakka and Sarakka goddesses have evolved over time. The bamboo figurine planted as the goddess on a round-shaped and well decorated mutti (soil) Gadde (pedestal) with white or colourful new clothes attracts observers to their divine placement.

They use turmeric, very red cumcum (they never use saffron) and white stone and rice powders for their spiritual, cultural and civilisational symbols. There is no notion of "sanyasis" among them and they believe all adults should marry and procreate.

The museum is 15 kilometres away from Medaram Village, where the biggest 'Sammakka Jatara' is held every alternate year.

The Koyas' Indigenous Knowledge of Koyatoor of Kamaram *reaffirms my proposition in my book Post-Hindu India that adivasis are the "unpaid teachers" of India, unlike Brahmins.*

The tragedy is that the dakshina they deserved went to the brahmins; in fact it should have gone to Koyas, Gonds, Bhills, Mundas and so on. All castes of India are indebted to the indigenous people.

The museum and visits should have given new direction to the nation. We saw the tribals resolve that their children should study in well-established English-medium schools. The central and state governments must provide them world-class schools with the necessary infrastructure. They also decided they must add INDIGEN (with English spelling) to their names so that all adivasis are identified as "indigenous" people — it will help them gain national as well as international visibility.

Brahmins across India can be easily identified — they share common names like Shastri or Sharma; Banias, on the other hand, have the end name "Gupta". Hence, indigenous people should add the Indianised INDIGEN to their name too.

Once this education and name revolution progresses without violence or atrocity, indigenous forces will be empowered across India. If their children get an English-medium education and learn one regional language till Class 12, their culture will survive — and the INDIGEN can truly become a modern, English-educated national force.

Kamaram has paved an exemplary path for cultural revolution in India.-
Great Harappa of south India? How the Koya tribal museum is shattering 'Brahmins are supreme' myth

> "Justiça chilena conclui que Pinochet era corrupto e vai confiscar dinheiro dos herdeiros"

Justiça chilena conclui que Pinochet era corrupto e vai confiscar dinheiro dos herdeiros

Pinochet De Deutsche Welle Após 14 anos, a Justiça chilena encerrou nesta sexta-feira (24/08) o "Caso Riggs", a…

news.google.com

Título errado. O Chile não vai "confiscar" porra nenhuma de "herdeiros" nenhum, vai devolver, antes tarde do que nunca, o que pertence de direito aos que verdadeiros donos, os legítimos herdeiros, os filhos de uma geração perdida, aliás perdida não literalmente roubada.

Confisco e fisco é arma na mão de quadrilha legalizada. Propriedades legítimas são como liberdade ninguém tem o direito de tirar nem muito menos conceder, só se toca se não for sem o consentimento do legítimo dono, se não for justamente ou melhor por justiça para devolver.

Aí se a moda pega, se gritar pega não fica um (título de propriedade) meu irmão...

Qual o problema do Brasil? Desigualdade social? Crescimento do PIB? Desenvolvimento humano?

Da razão distributiva da riqueza e o desenvolvimento e subdesenvolvimento econômico e humano das Nações

Introdução

O que leva uma nação a ser rica e outra pobre? Mais do que isso o que leva uma nação a ser uma potencia desenvolvida e outra um eterno canteiro de obras (em geral superfaturadas) em desenvolvimento que nunca termina? O que impede esses países de cruzar essa linha imaginária que separa os povos ditos desenvolvidos de nós os ditos sem os eufemismo do nosso tempo países subdesenvolvidos? Essa uma questão que aflige estadistas e economistas não só desenvolvimentistas e nacionalistas de plantão. Mas cujo problema independente da terminologia abordagem transcende dos interesses e (pré)ocupações exclusivas dessas classes dos governantes e tecnocratas. Aliás não só as consequências desses problemas não pertence somente a eles, como as soluções ultrapassam as limitações do seu campo de saber e ação. São problemas de uma sociedade e antes de dela de um povo, que se no plano das divisões de classes requer a ideação e ação integrada tanto no campo do social quanto popular justamente contra as divide e conquista. No plano das compartimentalizações do saber requer igualmente a mesma reintegração dos conhecimento.

Isso quer dizer que a resposta que pretendo dar aqui do problema do Brasil, ela só é resposta e portanto parte da solução como uma ferramenta capaz de ajudar e não parte do problema se e somente se entendermos que o economicismo, a simplificação da complexidade de um problema histórico-cultural-antropológico-sociológico e sobretudo psicológico não for tomada ideologicamente como nova lei, ou desqualificada pelas vigentes, mas simplesmente como mais uma ferramente de calculo, projeção, previsão e construção de realidades futuras que depende portanto qual é esse futuro pré-visionamos e queremos pré-visionar.

Qual o problema do Brasil?

Neste escrito, ao contrário dos anteriores não pretendo ser didático, nem analítico, mas sintético. Até porque o foco não é a descrição do problema

que conhecemos intuitivamente na pele, ou as diferentes visões dele e propostas que cansamos de ouvir. Mas a proposição de uma ferramenta conceitual que seja capaz não só de indicar qual os fatores que devemos observar equacionar e maximizar, mas ao quantificar e mensurar esses resultados verificar se estamos indo ou não no caminho que supostamente pretendemos ir. E qual supostamente seria esse caminho?

O do crescimento da riqueza como dizem os liberais? Ou o da sua melhor sua redistribuição social como dizem os progressistas? Distribuição de renda, ou capacitação para o mercado de trabalho? Essas velhas disputas de poder entre esquerda e direita fazem parecer que o mundo e que as soluções como eles competem entre si pelo trono, ao invés de se integrar e mutuamente cooperar para a formulação da resposta. Levando junto com eles em ondas hora a perdas irreparáveis do capital econômico acumulado, ora do social para financiar suas ideologias respectivas ideologias políticas-econômicas fundamentalistas concorrentes, que na prática tem um mesmo fundamento: eles no poder dos birôs e a população a sustentar seus poder e privilégios.

Então eles estão todos errados, e eu então agora vou apresentar a visão certa do mundo? Na verdade não? Rigorosamente, eles estão particularmente todos certos, e só não conseguiram ver a correção de cada uma das perceptivas e integrá-las numa mesmo modelo econômico justamente porque supondo que somente sua perspetiva é a totalidade determinante do verdadeira, suas respostas ignoram os outros fatores que compõe a realidade e logo respostas cuja válida e aplicação são digamas tão restritas quanto sua visão.

Recentemente o candidato a presidente João Amoedo disse uma verdade que incomoda os redistribucionistas de riquezas tanto os cegos quanto os coercitivos. Reproduzo a fala:

"Deixa eu entender? Qual é o problema da desigualdade? Vamos lá. Você acha que se a gente resolver a desigualdade no Brasil é bom?

Vamos resolver de uma forma mais simples. Vamos pedir para todo mundo que tenha acima de uma determinada quantidade de dinheiro mudar a sua cidadania e ir morar fora do Brasil. Pronto. Resolveu a desigualdade. O Japão é muito mais desigual do que o Afeganistão. É absurdo vocês insistirem na tese da desigualdade(...)

Eles não está conjeturando. Ele está explicando, o que os ultraricos e poderosos e não estou falando só de pessoas físicas, mas jurídicas fazem quando o Estado resolve tributá-los. Eles vazam. E se você ficou horrorizado com a falta de solidariedade social deles, é porque não está levando em consideração o outro método que também produz igualdade social, que não é a fuga dos ricos, mas a eliminação ao invés da pobreza, dos pobres.

Dizem que o problema do Brasil é a desigualdade social. Afinal sendo o Brasil não sendo o Brasil um pais seus problemas derivam da desigualdade social. Se fosse a desigualdade social, esse problema então já estaria resolvido pela razão que se assume que ele é o problema, temos os recursos então porque é que não solucionamos o problema? Porque o problema não é a desigualdade social, mas a estupidez dos dois lados: a estupidez do lado de quem possui a riqueza e não entende que o quanto a sua riqueza depende da própria riqueza da nação e está por sua vez do desenvolvimento humano não só do povo, mas o dele E a estupidez de quem entende o papel fundamental da distribuição de renda, mas não entende a diferença entre roubo e distribuição, ou o que é a mesma coisa a importância do desenvolvimento humano não do povo, mas de quem detém a riqueza para saber fazer o que é melhor para ele também sem ser coagido. Não por uma questão moral, não porque a coerção implique em

custos, mas porque simplesmente ela não funciona, pelo contrário ela institucionaliza burocraticamente tudo o que impede o Brasil de ter a mínima chance de funcionar, ou como definiu culturalmente o outrora Ministro não por acaso da Educação Brasil:

Então o problema do Brasil não é econômico mas cultural. É cultural. Não o problema do Brasil. É que o Tico vive brigando com o Teco. Ou amamos o Tico e odiamos o Teco, ou vice-versa. Ou é a educação, ou é pobreza, ou destruição de renda ou é crescimento. O problema do Brasil é de mentalidade, somos fundamentalistas, ou seja somos binários, ou é branco é preto. O problema é plural e sistêmico e para verificar isso, podemos utilizar a própria teoria econômica para equacionar a complexidade desse problema do desenvolvimento e projetar sem livre dessa droga das ideologias ao invés de projetos de poder, uma projeto de desenvolvimento para o futuro do pais.

Como bom brasileiros, vamos bancar o MacGiver e construir foguetes com canivete e chichete, ou seja pegar o conhecimento disponível e criar uma ferramenta de equacione o desenvolvimento das nações não só comparativamente, mas o seu potencial.

Pobre fazendo pobrice. Pega aí que a receita é fácil. PIB, Indice de Gini, e Indice de Desenvolvimento Humano. É só o que precisamos para equacionar nosso indice de desenvolvimento nacional: a medida da riqueza dos Estados, a desigualdade das sociedades, e o dos desenvolvimento (escola, saúde, tempo de vida) do povo. Estado, sociedade, população. Não importa que essas medidas não sejam corretas e que os conceitos sejam tendenciosos ou imprecisos, porque o que estamos equacionando são as relações dos fenômenos por trás dos conceitos e mensurando a variação entre suas razões.

E qual seria essa razão matemática ou melhor econômica entre desenvolvimento nacional: riqueza, desigualdade social e desenvolvimento humano?

Desenvolvimento nacional é determinado pela somatória de toda a riqueza dividida pela desigualdade da sua distribuição e multiplicada pela capacidade da sua produção. Ou simplesmente :

IDN = (PIB/Gini)*IDH

Onde IDN é obviamente a essência da ferramenta que propomos: o **Índice de Desenvolvimento Nacional.**

Notem , dois aspecto interessantes dessa equação:

1. O Índice de Desenvolvimento Nacional teoricamente tende ao infinito quanto menor maior for a igualdade social, isto é, quanto mais o índice de gini estiver próximo de zero.
2. Quanto mais perfeito for o IDH, menores serão as perdas de Desenvolvimento Nacional. Evidente que nem o potencial é infinito nem o IDH perfeito é possível, essa projeção é o ideal que nortear o desenvolvimento.
3. Mas o mais importante como em qualquer equação mais importante do que inventar um índice, a equação correlaciona as razões entre riqueza, desigualdade e desenvolvimento humano.

Isto permite não só entender a relação entre esses conceitos (não os fenômenos-eventos que os produzem), como justamente por conta disso permite fazer projeções de perdas e ganhos não só em desenvolvimento

nacional se por exemplo, tivéssemos um IDH, ou Gini de países desenvolvidos exatamente no atual estágio de riqueza e crescimento econômico, mas projetar o que dá tesão para estadista e economista e seus patrões os donos do dinheiro e Estados, (os menos pervertidos, é claro) projetar novos graus de desenvolvimento nacional e econômico a partir do crescimento do desenvolvimento humano (IDH) de fato e objetivamente mais igual e não virtualmente e subjetivamente, ou seja o socioeconômico (gini).

Conclusão

Evidente que também é possível fazer tais projeções sem alterar esses outros investir nem atuar produtivamente sobre esses dois fatores desigualdade social, e desenvolvimento humano, apenas levando em consideração como fator determinante o PIB, mas isso é basicamente o calculo que já é feito. Um calculo onde o humano, e social, não estão rigorosamente equacionados na produção nem do desenvolvimento econômico nem na riqueza das Nações.

Também é possível equacionar esses conceitos fundamentais a riqueza da nação, a igualdade-desigualdade da sociedade e o desenvolvimento em da população como indivíduo, pessoa humana, usando outros índices ou mesmo conceitos, mas a razão, a relação lógica e sistêmica interdependente entre os esses fatores determinantes, ou melhor fenomenológica disso que chamamos de nosso terra e seu futuro permanece entre eles permanece: não adianta riqueza, sem produção de riqueza e capacidades, nem produção de riqueza e capacidade sem distribuição.

Se entendermos o desenvolvimento como a capacidade potencial de produzir riqueza, então 3 elementos são fundamentais para a preservação

e crescimento dessas capacidade, o desenvolvimento de um povo ou nação:

1. preservação dessa riqueza, (como capital);

2. distribuição desse capital como rendimento;

3. E capacitação da população tanto para preservar esse capital como para produzir esse rendimento (trabalho mas não o alienado ou expropriador de capitais, e sim o produtivo e conservador).

A desconsideração, desequilíbrio, ou eliminação de qualquer um dos fatores do sistema de produção de riquezas, leva a nação, a desigualdade, pobreza, e enfim a falência ou o que é a mesma coisa a quebra da sua razão e contrato social. Ruptura não só desenvolvimento mas da coesão. Uma questão não mais de desigualdade daqueles que se supõe iguais, mas agora uma questão de disputa entre pessoa que já não se consideram de fato povos diferentes como diferentes direitos sobre as riquezas de um território a quem eventualmente prevalecer e dominar chamará de seu.

Então o problema do Brasil é a falta da correta leitura e formulação integrada dos fatores determinantes do problema? Não, se fosse, a equação que demostre e permita lidar com o problema seria uma fórmula mágica, quando não passa de papel, que na mão de quem está cagando e andando para próximo, que dirá o desconhecido serve no máximo para limpar a bunda, isso se impresso. A ausência e de tal abordagem e o desprezo por desenvolver qualquer solução nesse sentido, não é a doença mas um dos sintomas dessa doença. Contudo estudos como o presente não são mera curiosidade, porque embora o problema seja de natureza moral e ética, de codificação e programação da mentalidade e

comportamento das consciências e inconsciências individuais em redes coletivas, não é necessário apelar para a moral e ética praticamente inexistente como axioma para demonstrar que a garantia tanto de uma menor desigualdade social, quanto um melhor provisão universal de desenvolvimento humano e logo investimento no ser humano, estão direta, empírica e sistentemente relacionados tanto a quantidade de riqueza produzida (e não só extraída) das nações quanto seus níveis de desenvolvimento institucional e infraestrutural da mesma. Não é portanto preciso ter o sentimento de solidariedade universal nem restrita aos concidadãos, que nos dois casos não temos ou o temos precários ou mutilados, basta que não permitamos que essa amputação da sensibilidade, percepção e inteligência gregária, da empatia que visa a nossa alienação e dominação descambe até o nível mais baixo da completa estupidez e idiotia.

A desigualdade social é portanto sim uma dos fatores determinantes, mas não o único, nem o isolado. Logo, tanto o fetiche na produção de riqueza quanto o da distribuição, que levam a ignorar que uma não se produz sem a outra. Ou a renegar o necessário equilíbrio sistêmica entre ambos. levam apenas por vias ideológicas opostas a nação a dar voltas para chegar no mesmo lugar resultado e final, o subdesenvolvimento. Que não, não se manterá eternamente, mas não onde os ufanistas pregam, mas sim em inevitável falência pois quando os recursos que só predamos acabarem de fato não seremos mais um pais rico é desigual, mas enfim pobre, dependente de capital que nos trocamos por bugigangas para promover o que quer que seja, crescimento, desenvolvimento econômico, humano ou até mesmo a igualdade.

Eis desde já uma falha entre outras da equação proposta, falta dimensionar outro importante capital e fator determinante do desenvolvimento o tempo. Porque formulas são fotografias, no máximo

filmes da realidade, uma amostra feita para causar a ilusão de movimento, a realidade enquanto fenômeno pelo contrário é o movimento, por definição indeterminístico e e meramente probabilismo enquanto dado. Desenvolvimento é momento. Uma corrida não meramente por crescimento, mas contra o tempo,o capital que reduz em ultima instância o valor de todas as riquezas acumuladas inevitavelmente ao seu ponto de partida, o zero.

Como disse um problema antes tudo de valores. Onde a falta de fórmulas e métodos processos e claro sistemas de produção desses bens públicos e sociais e humanos é mera (in)consequência.

Do porquê não ser socialista, nem muito menos liberal

Da liberdade à propriedade Parte II

Informação: Não é uma questão de direito a privacidade é de direito a propriedade privada

Da Liberdade à Propriedade Parte I

medium.com

A chave do futuro, se é que haverá um, continua sendo a liberdade concreta, as propriedades. é por isso que não sou nem socialista nem capitalista, não sou um fundamentalistas posses particulares, nem das comuns. Não sou acredito na ideologia da extinção da extinção e comunização da propriedade privada e ditadura nem dos lideres das comunas nem das comunidades, nem muito na extinção e privatização

dos bens comuns, e logo na ditadura das posses privadas e seus donos. Sabemos empiricamente o desastre humano e ambiental de ambas teorias, que pateticamente compete para ver qual é a menos pior e menos insustentável e genocida.

Sobre qual é a solução sobre a propriedade e seu produto do que é extraído dela mediante o trabalho ou simplesmente a mera apropriação, ou herança não há segredo. Ela antes de ser regida pela prepotência do homem, é regida pelas leis da própria natureza tanto do ambiente quanto das necessidades do próprio homem, que não pairá no plano etéreo das suas ideações, ideologias nem muitos menos meros desejos e vontades. Há as necessidades básicas e dela a satisfação e carestia. A satisfação generalizada dessas necessidades permite a fundação das sociedades e estados de paz, a carestia leva a sua dissolução e guerra declarada ou não.

Dentro de um sociedade de paz entre pessoas livres, o patrimônio público são os bens comuns que essa sociedade ao tomar posse do ambiente toma como sua propriedade coletiva porém nem por nem para serem destruídas, vendidas, concedidas, acessadas, controladas, manipuladas, partilhadas, consumida, ou mesmo usufruídas exclusivamente por ninguém em particular a revelia da permissão (expressa) dos demais co-proprietários; seu uso e usufruto é regido pela gestão compartilhada dos detentores do direito de posse, que não é um privilégio, mas uma responsabilidade antes de tudo de preservação enquanto bem que pertence não só aos adultos capazes e presentes, mas as crianças nascidas (e que hão de nascer), as gerações futuras suas herdeiras. O poder e a posse desse bem são portanto mais uma responsabilidade de preservação do que um direito de uso irrestrito e inconsequente e irracional da coletividade, que dirá então de transferência ou apropriação desses meios e recursos vitais. Sejam eles naturais ou artificiais; sejam eles materiais ou imateriais, são eles ou mais precisamente a posse deles que permitem

a produção, reprodução e controle dos mesmos, e logo da vida (e morte) dos seres dentro de um meio ambiente, bens portanto inalienáveis como o água, o ar, a terra e o alimento, a luz e o conhecimento e informação, que se de todo ele fossemos privado poderíamos ser privados daquilo que nos é capital sem sequer saber que estamos sendo destituídos do que é essencial para a longo prazo sobrevivamos. Aliás como exatamente acontece.

A posse da coisa pública é a próprio bem comum, esse conjunto de bens que a todos pertence dado que ninguém poderia viver privado deles, e é em torno desse bem plural, o bem comum, que se celebra o contrato social; que se une e forma a sociedade, em torno, em cima, dentro, deles que se assentada e alimenta a república, as pessoas, suas posses e riquezas. É em torno dessa fraternidade de cooperação e garantia mutuas de igualdade liberdades fundamentais enquanto propriedades públicas que subexiste qualquer possibilidade de justiça e igualdade de competição para a produção, privacidade, segurança e propriedades particulares legítimas; para a produção de fato de riquezas e não poderes político-econômico.

Costuma-se dizer que dinheiro não tem cheiro, não importa se foi ganho licita ou ilicitamente continua sendo dinheiro. Naturalmente não é preciso dizer a quem pertence tal racionalização ideologia da procedência das suas posses. Tudo deixa rastros, não só na rede mundial de computadores, mas no mundo, basta saber ler a história das pegadas deixadas. Logo segundo sua procedência há dois tipos de posses: a auferida lícita e ilicitamente, as legitimais e as criminosas. As criminosas, ainda que os criminosos as lavem sua dinheiro sujo dentro da própria máquina estatal, continuam sendo o que são a luz da jusnatural meramente posses criminosas legalizadas por um maquina estatal igualmente criminosa, mais do que cúmplice, mentora.

Logo aquelas posses adquiridas via o expediente da ameaça, agressão, privação, pilhagem, exploração, enfim aquelas propriedades que deixa um rastros claro, na contabilidade que nada foi produzido no processo, o rastro contábil da mera subtração, o enriquecimento de um lado as custas do empobrecimento do outro, Esse tipo de propriedade que o Proudon proclamou que é um roubo. E não só as privadas, mas também as estatais. Entre governos e governos. E governos e seu próprio povo, de modo que a própria propriedade estatal também pode ser fruto do roubo, quando o bem comum é subtraído da sociedade via os mesmos expedientes. O que também não faz da corporação privada que compra esse bem comum roubado dos cidadãos pelo seu próprio governo nem dona nem vitima ao adquiri-lo, mas a receptadora, de um bem que é por definição público e notório da sociedade e não dos seus governantes e gestores para governar e gestar e não para vender ou conceder. Seja o poder executivo entregar o Petróleo para os fundos gringos, ou a justiça eleitoral banco de dados dos eleitores para empresas de compradores e cobradores de dívidas do Esperian-Serasa, por exemplo.

Quanta a procedência das propriedades lícitas o principio é simples, é o da exclusão toda possa que não produza o prejuízo violação, violência ou privação das necessidades básicas de ninguém é uma propriedade legitima não importa de igual ou desigual. Ou em termos concretos não importa quão bilionário alguém seja, desde que ele não possua o que eu preciso para sobreviver, desde que eu não precise portanto vender o que eu não quero a começar por mim mesmo para poder subsistir, ele pode ser dono de tudo o mais que quiser, porque ele rico, e isso é da conta dela. Agora, se tomou posse do que eu preciso para viver, ele isso não é riqueza, isso é poder e poder sobre o meu viver e morrer, meu ir e vir, ele não se fez rico se fez tirano. E tirania não é questão de comercio e negócios , mas de libertação e abolição. Uma questão de novos contratos sociais, uma questão de direito e justiça que se não existe há de ser por necessidade

criada, uma questão inevitável de evolução e revolução civilizacional por definição.

Logo não é o estatuto da propriedade que a torna legítima ou ilegitima, mas os expedientes criminosos utilizados para se apropriar dela, ou pelo contrário, para legitimamente adquiri-la ou produzi-la. É a assinatura da contabilidade do contrato (incluso o social) que denuncia o roubo. Não há contrato legitimo entre pessoas livres onde uma parte leva tudo e outra sai com nada. Ou melhor, há eles se chamam roubo e escravidão só quem outros nomes de fachada para acobertar tal instituição criminoso.

Toda riqueza implica em desigualdade, mas o roubo e a pilhagem ao contrário da produção e comércio deixam dois rastros claros completamente distintos. Um o do enriquecimento sem produção de riqueza, mas através da produção de pobreza, através do empobrecimento e exploração da massas dos expropriados (e endividados). O outro justamente o contrário se não soma um centavo a riqueza do alheio, mas só a quem trabalha ou produz, não subtrai um centavo do que ele tem direito seja como propriedade particular ou usufruto do bem comum. Uma é portanto o produto de de livre produção de livre negociação outra da imposição e constrição e privação. Uma relação de produção de bens, outra uma relação poder que não produz nada cobra tributos e trabalho servil, ou seja se planta algo é pobreza colher servilidade e entregar como alimento sacrificial ao culto as tiranias. Não produz riquezas, come e dorme e nas costas e as custas não só de quem produz, mas de quem por direito natural a vida, e direito ao usufruto do bem comum como herdeiro dos seus antepassados que legaram sua terra, tem o direito de nascer, crescer e viver, do nascimento a morte livre do estado de terror e chibata da carestia, o direito de viver livre em paz.

Ou sobre qual afinal de contas estariam erguidos os direitos humanos? Ou os os direitos do cidadão e cidadã? Sobre quais direitos (e deveres) iguais está estabelecida as sociedades? Direitos e deveres de quê? De ser gente? Isso a pessoa querendo ou não, ela ou outros ela por natureza já é. E não há decretos-leis dos homens capazes de anular a lei-ordem da natureza. Não sem consequências naturais, não sem a reação correspondente a sua ação causal. Sobre então que direito afinal de contas se erguem os contratos sociais senão o direito de subsistir livre e conviver em paz que aliás dependem um do outro? O que em termos concretos significa e implica garantir justamente a sua parte e participação de cada pessoa é necessário a sua subsistência pacífica, ou seja, o seu direito usufruto do bem comum no que é ele simplesmente precisa primeiro viver e produzir livre e em paz o direito ao mínimo vital.

Esse é a natureza das propriedades públicas. Já quanto a natureza da propriedade particular para começar ela não portanto não é composta por tudo aquilo já o produto das necessidades extraídas desse patrimônio público enquanto bem comum, ou seja o rendimento social, que não é posse nem consessão pública, mas o cumprimento do dever e responsabilidade dessa sociedade para com o direito natural de subsistir de cada ser vivo, que não por lei da natureza pacifico, mas dentro desse estado social de paz, provedor dos meios necessários o seu dever e condição para a existência desse estado. Mas não só a propriedade particular é toda riqueza produzida a partir dessas posses pacificamente adquiridas, seja da herança legada pela família, seja da herança legada pela própria nação. A riqueza produzida a partir dessa capital constituído portanto não do roubo, expropriação e privação reiterada da participação e usufruto no bem comum, mas justamente do trabalho agregado sobre esse patrimônio. O qual uma ínfima parte pertence a quem investe em cada ser humano, como capital e a outra ao individuo como propriedade privada fruto do seu trabalho e obra.

Numa sociedade dois tipos de propriedade a privada e a pública derivada das suas formas de posse natural a particular e a comum. E assim como há dois tipos de propriedade, há duas formas de adquiri-la. A legítima e a criminosa.

Sociedades belicosas e estados de guerra, ainda que disfarçados de paz e civis, consideram que toda propriedade publica ou privada é legitima se quem detiver o poder de fato, o monopólio da violência assim o arrogar como tal. E portanto crime é quem tente subtrair os títulos de posse e poder que eles se outorgaram pela prerrogativa da força de fato convertida com lei. É o direito dos homens.

Sociedades contra-violentas e estados de paz, consideram toda propriedade pública ou privada a posse instituinte pela aquisição, produção, manutenção ou reprodução dos bens sem o uso da agressão, violação ou privação da bem particular ou comum não só dos iguais mas também dos alheios que também tem por necessidade naturais e logo direito a legitima defesa. Ou seja é a riqueza privada ou nacional do que é adquirido via produção e transação com pessoas igualmente livres e não submetidas a condições de ameaça sua ou de terceiros seja de agressão ou privação dos meios ambientais e vitais, as liberdades fundamentais materiais, o bem comum, necessário para as pessoas celebrarem qualquer acordo, contrato, negociação ou viverem livres da tirania ou escravidão, a liberdade como condição material, a propriedade como direito a subsistência, justamente para que nenhum ser humano seja obrigado a trocar a liberdade pela sobrevivência em troca do servidão política, militar, religiosa ou econômica. Trabalho servil em troca de pão.

Trabalho (alienado) e contribuições coercitivas (tributos), a base da continuidade reiterada do roubo de povo, após o assalto a mão armada de sua terra, lar transformada em arcabouço da jurisdição alheio, ou pior do

sequestro da sua pessoa para servir em outras terras cujas fronteiras e limites da sua capacidade de fato de ir e vir constituem todo grilhão necessário, tal e qual a carestia a é sua chibata permanente, nesta singular escravidão por dívidas onde as pessoas e povos, nascem com contas eternas e impagáveis a pagar feitas pelas ladrões com os ladrões para sustentar os ladrões do seu patrimônio.

Isso não é corrupção. Porque corrupção implica que houve um tempo em que as coisas eram puras e inocentes. E esse tempo romanceados por velhos dementes e jovens tolos nunca existiu, não no estadismo. De modo que quando falo de sociedades libertárias e seus estados de paz e todas as suas maravilhas versus as malfadas experiências do capitalismo e socialismo dos estatistas e privatistas, falo de uma Utopia. Um lugar que não existe. Nem nos EUA, nem na Russia, nem nas redes ou embaixadas do Equador. Não existiu nas utopias. O que cientificamente não implica que não possa nem deva ser criada. Implica que carece, "apenas" liberdade para construí-la. E digo apenas porque liberdade de fato se não ficou claro não é ficção negativa e abstrata dos liberais, nem o empecilho a igualdade concreta e autoritária e falsa dos comunistas autoritários.

Há um equilíbrio ecossistemático e inteligente necessário a manutenção do próprio ecossistema social, onde a base cooperativa e igualitária da sociedade sustenta a geração não só da desigualdade mas das diferenças, diversidades, e multiplicidades que competem não pela riqueza disponível, mas pelas geração de riqueza a partir meios e oportunidades disponíveis. Quando um planificador socialista mata essa livre competição e aplica a redistribuição irrestrita dos visando a igualdade de resultados, e não a igualdade de oportunidades, ele arrebenta com a geração de riqueza e se vai até as últimas consequencias em sua ditadura fale não só o Estado, mas a desintegra a própria sociedade. Quando um neoliberal retira toda as garantias sociais, distributivas de bens, serviços

ou rendas equivalentes a participação do bem comum, ele não capitaliza a sociedade, ele descapitaliza em definitivo o cidadão já desprovido de capitais, fragmentando irreversivelmente a sociedade em classes até a sua ruptura em guerra civil em torno da liberdade de trabalho, e direito a subsistência. Ele quebra a própria base pesdo-cooperativa que sustenta sua livre competição. Mata o burro de fome, se não morre com o coice. De qualquer forma, a regra permanece é impossível produzir riqueza sem liberdade produtiva, e é impossível produzir a liberdade de produção sem igualdade de oportunidades.

Sistemas socialistas tentem a reduzir a liberdade produtiva para equalizar oportunidades, o que leva a carestia para suprir as necessidades que se buscava garantir igualmente para todos.

Sistemas liberais tentem a reduzir a igualdade de oportunidades, o que leva uma queda na capacidade da produção, justamente pela falta formação dos oligopólios e perda de competitividade.

Em geral governos vivem se equilibrando e oscilando num meio termo vacilantes e cíclicos entre esses vieses ideológicos. Mas não conseguem quebrar o paradigma e entender que cooperação e competição não são apenas estados diferentes da mesma matéria, ou melhor, os polos magnéticos de imã que precisam do movimento dentro de um circuito para produzir energia. Não são lógicas a produzir sistemas necessariamente excludentes, mas modelos que para serem sustentáveis precisam estar integrados e quanto mais bem sincronizados mais otimizado o sistema. Teoria dos jogos: coopera-se e compartilha-se o básico, o vital, para competir pela produção,e produzir competidamente o excedente, a riqueza, que retroalimenta as bases que sustentam o jogo, o sistema, a garantia ao meios vitais e oportunidades iguais. Quanto mais o sistema socioeconômico, quanto mais a organização social e produtiva for

capaz de entender as sua própria necessidades e finalidades orgânicas, a produção da vida em paz e liberdade não como ideal ou ideologia, mas como uma realidade concreta e condição material, maior será o equilíbrio justo e a paz em sociedade. Ou em outras palavras quanto mais a a liberdade se materializar como propriedades, e as propriedades forem a manifestação concreta dessa liberdade como fundamento e fundação da legitimidade das posses públicas e privadas mais perto estaremos de uma futura republica libertária e distante das velhas tiranias dos pilhadores privados e estatais associados. Mais livre da ditadura dos ladrões e próximo da justiça entre os iguais em solidariedade mutua e respeito universal as liberdades fundamentais como propriedade e direito natural e não ideias e ideologias dos pretensos reis e donos do mundo, fabricantes de codex e códigos de domínios e domesticação de gentes.

Liberdade, essa força constituindo de novos mundos, formas de viver e realidades, está manifesta na natureza em três diferentes fenômenos bem concretos que precisam ser somados como condição para a concretização desse potencial como realidade ecológica:

vontade como força e não como desejo

propriedade como matéria e não posse

Trabalho como energia e não servidão

Porque nenhuma dessas formas de existência, força-energia-matéria se realiza ou sequer existe de fato, mas apenas como potencia, desintegradas. Segregadas não se materializam em nada, ao menos nada de novo, nada criativo, apenas reproduzem mais do mesmo, divididas não produzem se conquistam.

A criação não é um ato dialético, mas transcendente da própria dialética, não é tese, antítese nem muito menos síntese, é o ato de transcendência, nada menos que a transformação do atualmente impossível e nulo, em real e concreto. Vontade que toma corpo como matéria, ou simplesmente Liberdade manifesta como propriedade.

Então que me perdoem, mas a questão da informação não é uma questão só de liberdade de expressão, nem de só privacidade dos particulares ou transparência do que é público, mas de controle e posse da informação devidamente manifesta como direito de fato e concreto a sua propriedade.

Informação: Não é uma questão de direito a privacidade é de direito a propriedade privada

Da Liberdade à Propriedade Parte I

Blockchain pode nos reservar um futuro perturbador, diz Edward Snowden - IDG Now!

Por Carla Matsu Blockchain, a tecnologia que sustenta criptomoedas como o bitcoin, tem sido testada em diferentes…

idgnow.com.br

***Blockchain**, a tecnologia que sustenta criptomoedas como o **bitcoin**, tem sido testada em diferentes indústrias por aquilo que essencialmente a define. Tida como uma espécie de grande livro contábil, a tecnologia permite transacionar valores de um emissor para um destinatário de forma*

descentralizada em uma cadeia de blocos, sendo cada um destes "trancado" por uma chave criptográfica. Seu caráter distribuído assegura que qualquer pessoa possa ter uma cópia desses registros em seu próprio computador, basicamente como funcionam os torrents. A indústria, de forma geral, reage animada com a perspectiva do chamado "protocolo da confiança", mas na visão de ***Edward Snowden****, o ex-analista de sistemas da* ***NSA*** *(Agência de Segurança Nacional dos Estados Unidos), o blockchain pode também nos reservar um futuro sombrio.*

"É uma faca de dois gumes", pondera Snowden durante transmissão ao vivo de Moscou, Rússia, exibida no ***1º Fórum Segurança da Informação*** *promovido pela revista* ***Exame*** *nessa quarta-feira (22), em São Paulo. Snowden concorda que a promessa das aplicações do blockchain é enorme, uma vez que oferece a oportunidade de eliminar uma autoridade centralizadora para assegurar a idoneidade das transações. Porém, ao mesmo tempo, torna tais transações menos privadas e, por isso, em sua visão, arriscado.*

"Quando você aplica o blockchain a uma identidade nacional [como um RG], como já vemos alguns lugares experimentarem, isso é amedrontador. Porque se começa a ter registros sobre você, de tudo o que você faz, a sua vida. Nunca poderá ser esquecido", alerta. "Há algumas coisas na vida que a gente deve ter o direito de esquecer, para poder seguir adiante. Se criarmos um método perfeito para captar essa história, dentro do tipo de transação privada e anônima, pode ser algo fabuloso. Mas também pode criar um sistema de registro da sua vida, como um Facebook, que nunca poderá ser deletado e, para mim, isso não é algo emocionante, é perturbador", completa.

Legado: a privacidade enquanto direito

*Desde que as reportagens do **The Guardian** e do **The Washington Post** baseadas nas revelações de Snowden de que a NSA rastreava dados telefônicos de milhões de norte-americanos, não só a vida de Snowden mudou, mas governos e corporações também tiveram que dar respostas e, em consequência, reformas e novas leis sobre privacidade da informação se ergueram. As revelações podem até ter forçado um exílio que já dura cinco anos para Snowden, mas ele diz que não se arrepende. O trabalho que ele e cinco jornalistas fizeram para levantar a consciência pública sobre o tema da segurança da informação e privacidade fica como legado.*

(...)

*Em maio deste ano, entrou em vigor na União Europeia a Lei de Proteção Geral de Dados (GDPR, na sigla em inglês). **Na última semana, no Brasil**, uma lei semelhante também foi aprovada. Ambas definem regras e direitos no que diz respeito à proteção de dados nos países e mostram um avanço na esfera privada e pessoal. Empresas que não cumprirem as regras responderão a multas que podem chegar a 4% do faturamento.*

Snowden critica a forma como grandes empresas de tecnologia estão lidando com a questão, dizendo que apenas mostrar um pop up sobre os termos de uso antes de se dar "ok" para usar um serviço não é sobre respeitar o espaço individual, mas sim, flexibilizar o consentimento.

"É isso o que as pessoas estão querendo mudar hoje. A estrutura de criar consenso e criar escolha. [...] O espírito da proteção de dados é que você não pode exigir que as pessoas concordem com uma condição que não é necessária para o centro funcional do negócio, do aplicativo", argumenta.

Democracias em perigo

Quando Snowden fala sobre vigilância em massa, ele sabe que também lida com interlocutores que, talvez, não vejam no ato um problema estrutural, intrínseco à dignidade humana, que há sempre alguém que dirá que a vigilância é utilizada por governos para proteger seus cidadãos do terrorismo. Entretanto, Snowden lembra, como visto em suas revelações em 2013, que a espionagem conduzida por governos visava, sobretudo, a exploração e influência econômica e política.

"Se a gente disser que privacidade não importa, porque eu não tenho nada a esconder, é a mesma coisa que dizer que eu não me importo com a liberdade de expressão porque eu não tenho nada a dizer. É ignorar porque nós temos direitos em primeiro lugar. [...] Privacidade e direitos protegem nossas diferenças e hoje elas estão sob ameaça porque o sistema que nós não desenhamos apropriadamente reserva um futuro hostil", diz Snowden.

"Mas agora estamos aqui, essas reformas estão dadas a nós, não tenham medo, estejam prontos. Porque se a minha história pode dizer qualquer coisa, é que você não pode salvar o mundo, mas você pode mudar, uma voz pode mudar tudo. Então olhe ao redor o que está acontecendo e deixe que a próxima voz a ser ouvida seja a sua", finaliza o ex-agente da NSA, exilado há cinco anos na Rússia.

> Não, não é uma questão de direito ao esquecimento ou sigilo, é uma questão de direito de propriedade sobre o mais importante capital dentro da nova fase dos nosso sistema de produção e estados policiais cada vez mais informatizados e automatizados: os dados. Sobretudo os dados privados, que não só abastecem os sistema de vigilância estatal do comportamento dos usuários, mas de rastreamento do comportamento dos consumidores que e não só direciona a produção, mas sustenta os ganhos desses servidores e provedores desse serviço peculiar dos novos mercados da telecomunicações no nosso mundo atual: o roubo e o tráfico

de dados sem nenhum impedimento ou consequência ou sequer consciência fora os lucros inerente a toda pilhagem impune. E não só somos roubados, como ainda por cima pagamos para pela provisão desse serviço, onde eles levam o nosso mais valioso bem desses novos tempos e nós ainda pagamos para que eles façam isso!

Não é portanto uma questão da proteção ao direito de proteção a uma valor subjetivo, a privacidade, mas de garantia e proteção de um bem não só materializado pela tecnologia mas devidamente precificado pela mercado formado por sua industria tecnologia financeira: a informação. Informação que é mais do que o ouro do século XXI, é a nova forma do capital.

A revolução industrial da era da informação, fez dos dados pessoas que já eram um capital livremente pilhado por corporações a revelia dos seus legítimos proprietários as pessoas físicas (vide o tráfico de banco de dados inclusive entre governo e empresas privadas de venda e produtos desde muito antes de inventaram a porra do insuportável telemarking), a principal fonte de lucros das novas gigantes corporativas. Assim como no capitalismo financeiro o intermediário entre o povo e as corporação sejam elas governamentais ou industriais, no capitalismo informatizado, é o atravessador que fica com a maior fatia tanto do poder quanto do dinheiro. E se no passado esse intermediador era física e se chamavam bancos, ou sistema financeiro hoje ele chama a internet, e é tv, correio, imprensa, navegador, buscador, e claro bancos e novamente casa da moeda.

Ingenua imaginava-se a internet como uma uma utopia, uma rede sem donos pairando no espaço etéreo da virtualidade. Mas a natureza das coisas é inexorável e por vezes ainda primitiva, a rede não é feita só de computação em nuvens, um sistema onde não adianta descentralizado

onde não adianta cortar fechar um portal ou sítio que outras tantas se abrem, e de fato assim é a arquitetura do sistema, mas não da provisão do sistema. Esta ainda é precisa de energia, máquinas e até mesmo velhos cabos submarinos. E não se submarinos cortarem alguns destes cabos não existem outros tantos para manter funcionando a rede de informação da qual as sociedades e mercados contemporâneos não podem mais sustentar por muito tempo se eles forem desligados. E aqui já não estamos mais falando portanto só da proteção e segurança de bens e propriedade particulares, mas da segurança e proteção de bens comuns, geralmente entendidos como segurança nacionais e que embora não sejam necessária nem exatamente a mesma coisa, e que por outro lado, quer queira quer não, são, por necessidade e interesse, públicos .

Snodew acerta ao comparar da importância da proteção da informação, com a da liberdade de expressão, mas erra ao supor o seu valor corresponda a tal. O que a industria multibilionária da espionagem tolhe das pessoas não é só liberdade de expressão e manifestação, ela também se presta ao serviço de roubar a materialidade do que essas expressaram e manifestaram, o produto (e a prova) deste crime de invasão e roubo da propriedade: a própria, a propriedade subtraída e traficada nesse mercado , a informação.

Logo o ex-espião (e herói sem ironias) erra em não dimensionar o grau de liberdade que essa tecnologia da informação permitiu materializar, e consequentemente também não dimensionar a extensão da violação desse direito enquanto lucro em cima do roubo dessa liberdade materializada, enquanto propriedade (os dados) tanto de posse privados quanto de posse pública. Porque de propriedade pública não significa, acesso irrestrito a apropriação e grilagem que quem chegar e tomar e usar primeiro leva, fica e usa e expõe ou mesmo destrói o quanto quiser, posse de uma propriedade pública seja ela dados, bens industrializados, ou

reservas naturais, implica no acesso e uso regulado pelos proprietários que se arrogam donos e logo responsáveis por esse bem comum. A mentalidade e ideologia dos ladrões, reflete sua pique e interesses, daí que não seja incomum que eles preguem que o que é de todos, é de ninguém e pode ser tomado por ele quando bem entender. Mas o bem comum, não é de todos, nem dos comuns, mas de cada um daqueles que se consideram iguais no direito de posse de uma parte ou do uso compartilhado e ordenado da propriedade condominial, eis porque chama-se tal comunidade de sociedade, essas não associação, elas não estão apenas juntas, mas unidas em torno da posse de um mesmo bem comum, a propriedade de um território natural e suas riquezas, de onde são estabelecidas, extraídas e produzidas as riquezas e propriedades e riquezas em particular, incluso os códigos o DNA, a informação.

Eis porque a espionagem não é meramente violação de privacidade é essencialmente roubo e não mera apropriação primitiva nem de propriedade de privada nem muito menos pública. O fato de trabalho estar envolvido na industria da produção de dados, não torna esses ladrões donos, como não faz os grileiros proprietários das terras que roubam e falsificam ou os traficantes de órgãos donos dos corações, rins que cirurgicamente extraem, preservam e vendem das suas vítimas.

Fora que ao contrário dos órgãos, ou da terra, a informação é um produto de roubo, cujo valor permanece ligado justamente na possibilidade de aquisição indevida de vantagens não só contra os competidores, mas de efetuar mais expropriação das vítimas com base nas próprias informações. Seu valor, continua ligado as infinitas possibilidades de transação via extorsão, invasão, e expropriação dos roubados e não propriamente ao objeto fruto do roubo, que sem correspondência, simplesmente não vale nada ao ladrão nem ao receptador.

Eis a essência do capital contido na informação. As possibilidades e ganhos da informação em eventuais transações estão sempre naquilo que ela o seu detentor pode usar para extrair mais posses das pessoas que são de fato as proprietária legítimas e inalienáveis desse bem que materializado, valorado e precificado na forma de códigos: a informação.

Quando portanto falamos da proteção de dados, não estamos falando, mais do direito de enquanto exercício dos direitos, as liberdades, mas dos direitos enquanto as condições para o exercício de fato dessas liberdades no mundo como ele é, as propriedades, as naturais sempre, as artificiais conforme a arquitetura dos sistemas operacional político-econômicos cuja bios é a esse caldo sócio-cultural, onde para a desgraça dos expropriados mais uma vez está sendo programado que essa propriedade em particular (a privacidade) de cada pessoa natural e humana e comum a todos enquanto equilíbrio do meio cada vez mais vital (no caso o virtual, a internet) estará cada vez mais moldado a imagem e semelhança do que foi feito com o mundo natural e o sua concepção jusnatural, ou seja também estará a merce da expropriação e eliminação corporativa estato-privada.

Enfim, sem a noção que a liberdade se materializa e há que se materializar necessariamente como propriedade se quisermos de fato ter liberdades que não sejam meramente abstratas ou virtuais seja na realidade natural seja na realidade artificial, a programação dos ladrões de propriedade privada e bens comuns continuará rodando nos dois mundos, na cabeça dos homens e na lógica das suas maquinas de computar e telecomunicar, permitindo que eles detenham e controlem não ambos e usem o controle de um para ferramenta para fortalecer e manter sua posse e poder sobre o outro. Eis porque a industria da informação não é só uma industria, mas uma revolução industrial, senão um novo sistema uma atualização do velho sistema de produção da

produção. Capitalismo de Estado 3.0. Mas pode chamar de invasão, ocupação e colonização de coração, mentes e claros novos mundos, porque pragas, virus e parasitas são o que são, em qualquer ambiente, apenas mais ou menos protegidos por sociedades anonimas e segredos de Estado. O direito a privacidade e sigilo e segredo industrial e estatal.

Snodew mais do que ninguém sabe a informação privilégiada, assim como o privilégio do segredo e sigilo, são a essência no sistemas caracterizados pela assimetria e desigualdade de fato de direitos. Sistemas estabelecidos não só pela privação e posse exclusiva das liberdades materializadas como propriedades, mas de assimetria de posses e privação das liberdades fundamentais necessárias enquanto condições materiais e concretas básicas para constituir essas propriedades como produto e meios da liberdade. Ou seja a liberdade como uma propriedade e a propriedade em liberdade, há de ser e continuar sendo um chave de acesso aos privilegiados, cuja extensão dos privilégios e valor da assimetria do poder do seu capital, no caso a informação está não só mera desigualdade quantitativa, mas na propriedade exclusiva, a privacidade, sigilo, como acesso privilegiado ao que não lhe pertence, e não só é a fonte da sua riqueza, mas do seu poder tanto como acesso, posse e usufruto do que não lhe pertence, mas sobretudo como privação do que pertence ao outro, o direito a propriedade e capital, no caso o direito ao acesso posse e usufruto da informação pelos expropriados, que depende dele como provedor em seus domínios novamente estão submetidos a sua relação de poder e extorsão não só como usuários e consumidores tanto da rede quanto da sua proteção e regulação, mas como os meros objetos traficados nessa rede pessoas reduzidas a dados e metadados ,sua nova forma de capital "humano".

Admirável mundo novo. "Novo"? Onde? Snondew e Assagem denunciaram crimes e tiranos e fugiram de uma prisão, para cair em outra e ter calar se quiserem sobreviver em algum lugar que gente feita de carne e osso possa viver nesse mundo. Só é livre o homem que é verdadeiro dono de onde vive, e como ninguém é capaz de ser dono nem proteger um espaço suficiente para viver em paz, sozinho, só é dono da sua privacidade, e propriedade privada e liberdade individual, o homem capaz que é dono da sua terra, dos seus meios ambientais e vitais em comunhão com outros homens ou melhor mulheres, porque homens, salBecome a member

Zo d'Axa: "Ele, o eleito" e "Vocês não passam de idiotas"

Dois escritos são sobre as eleições da França de 1898, mas não sei porquê parece que falam sobre ontem, ou melhor amanhã...

O primeiro escrito de Zo d'Axa publicado no periódico libertário francês La Feuille em 1900 e narra o que aconteceu quando eles resolveram colocar o seu candidato de protesto (eles inventaram isso) na rua para fazer campanha... o burro Ninguém:

ELE, O ELEITO

Ouçam a história edificante de um belo jumentinho branco, candidato na capital. Não é uma rima da Mamãe Gansa,[1] ou uma estória do Le Petit Journal.[2] É uma história verdadeira para os meninões que ainda votam:

Um burro, filho do país de LaFontaine e Rabelais, um asno tão branco que o senhor Vervoort glutonicamente quase o devorou, aspirante — no jogo eleitoral — a um cargo como legislador. O dia das eleições havia chegado para aquele burro, o tipo perfeito de candidato, respondendo pelo nome de Ninguém, colocou pra fora no último minuto uma estratégia.

Nesta quente manhã de domingo de maio, quando as pessoas partiam para as piscinas dos clubes, o burro branco, o candidato Ninguém, desfilava no carro triunfal, empurrado por seus eleitores, atravessando Paris, sua boa cidade.

Sobre seus cascos, orelhas ao vento, orgulhosamente emergindo de seu veículo gaudilicamente decorado com cartazes eleitorais — um veículo em forma de urna — a cabeça altiva entre o copo de água e o sino presidencial, ele ultrapassou a raiva, os bravos e as zombarias.

O asno foi visto em uma Paris que o encarava.

Paris! A Paris que vota, a multidão, a soberania popular a cada quatro anos… o povo suficientemente tolo para acreditar que soberania consiste em nomear seus próprios mestres.

Como se estivessem parados em frente das prefeituras onde rebanhos de eleitores, os confusos, fetichistas que carregam pequenos cartões através dos quais dizem: Eu abro mão.

Senhor Qualquer-Um irá representá-los. Ele os representará a todos melhor é que nisso ele representa a nenhuma ideia. E tudo ficará bem.

Nós faremos leis, nós equilibraremos o orçamento. As leis irão significar mais cadeiras; o orçamento significará novas taxas...

Lentamente o asno atravessava as ruas.

Ao longo do caminho as paredes haviam sido cobertas com cartazes por membros do seu comitê, enquanto outros distribuíam suas proclamações à multidão:

"Pense com cuidado, queridos cidadãos. Vocês sabem que seus representantes estão enganando vocês, tem enganado vocês, e ainda os enganarão — ainda assim vocês vão votar. Então votem em mim! Elejam o asno!... Eu não sou tão idiota quanto vocês."

Esta franqueza — um pouco brutal — não era para o gosto de todos.

"Estamos sendo insultados," alguém disse entre eles.

"O sufrágio universal está sendo ridicularizado," outros mais acuradamente gritaram.

Alguém furiosamente brandiu seu punho para o asno e disse:

"Maldito Judeu!"

Mas uma gargalhada sonora se irrompeu. O candidato estava sendo aclamado. Corajosamente, os eleitores ridicularizavam a ambos, a eles

próprios e a seus representantes eleitos. Chapéus eram arremessados, bengalas. Mulheres atiravam flores...

O burro passava.

Ele descia por Montmatre ao lado do Quarteirão Latino. Ele cruzou os grandes boulevards, a Croissant na qual sem sal, a coisa era cozinhada e as gazetas se punham a vender. Ele viu os arcos sob os quais os famintos — o Povo Soberano — fuçavam em pilhas de lixo; os portos, onde os eleitores escolhiam a parte de baixo dos piers para servirem-lhes casas...

O coração e a mente! Isso era Paris! Isso era democracia!

Somos todos irmãos, velhos vagabundos! Pobre do burguês! Ele tem a gota... ele é seu irmão, gente sem pão, homem sem trabalho, mãe desnuda que, esta noite, irá pra casa para morrer com seus pequeninos...

Somos todos irmãos, jovens recrutas! É seu irmão, o oficial lá embaixo, com sua garota de corpete e cabeça coberta com barras. A sua Saúde! consertem as baionetas! Em linha! O Código vos espera — o código militar. Doze balas em sua pele para cada aceno. É a taxa republicana.

O asno chegou em frente ao Senado.

Ele foi rolou ao longo do lado de todo o palácio, onde os guardas se acotovelavam para sair. Ele continuou do lado de fora (alas!) dos jardins verdes demais. Então ele alcançou o Boulevard Saint Michel. Dos terraços dos cafés as pessoas aplaudiam. A multidão, aumentando sem parar,

agarrou cópias de suas proclamações. Estudantes se enganchavam no carro. um professor empurrava as rodas...

Então quando soaram as três horas, a polícia apareceu.

Desde às 10 da manhã, na delegacia, o telégrafo e o telefone assinalavam a estranha passagem destes subversivo animal. A ordem para levá-lo para dentro foi emitida: Prendam o burro! Agora os vigilantes da cidade bloqueavam a rota do candidato.

Perto da praça de Saint-Michel o fiel comitê de Ninguém foi evocado pelas forças armadas a levar o candidato até a delegacia mais próxima. Naturalmente, o comitê ignorou essa ordem: bem acima do Seine, onde o vagão logo parou em frente ao Palácio de Justiça.

Mais numerosos, os policiais cercaram o burro paralisado. O candidato foi preso no portão do Palácio de Justiça de onde deputados, golpistas e todos os grandes ladrões saíam como homens livres.

O carro guinou com a movimentação da massa. Os agentes, o brigadeiro na liderança, fechou a passagem e colocando seus homens como barreira. O comitê não insistiu; Eles foram barrados também por policiais.

Foi quando o burro branco foi libertado por seus mais ferventes partidários. Como um político qualquer, o animal foi na direção errada. A polícia renovou com ele seu compromisso, e as autoridades lhe guiaram o rumo... Daquele momento em diante, Ninguém era nada além de um candidato oficial. seus amigos não mais o conheciam. A prefeitura abriu suas portas, e o asno entrou como se aquela fosse sua casa.

...Se falarmos sobre isso hoje que faça o povo saber — o povo de Paris e do interior, trabalhadores, camponeses, burgueses, cidadãos orgulhosos, caros senhores — que o burro branco Ninguém foi eleito.

Ele foi eleito em Paris. Ele foi eleito nas províncias. Juntando os votos brancos e nulos, adicionando as abstenções, as vozes e os silêncios que normalmente se juntam para significarem desgosto ou desdem. Trace algumas estatísticas, se você preferir, e poderá facilmente verificar que em todos os distritos o senhor que fraudulentamente foi proclamado deputado não recebeu um quarto dos votos. Disso decorre a imbecílica locução "maioria relativa". Você também pode bem dizer que a noite é relativamente dia.

E dessa forma o Sufrágio Universal, brutal e incoerente, que é baseado em números — e nunca teve sequer isso — vai perecer no ridículo. Em se falando de eleições na frança as gazetas de todo mundo, sem qualquer malícia, trouxeram juntas dois dos mais notáveis fatos deste dia:

"Na manhã, cerca de 9:00, O senhor Felix Faure[3] foi votar. Na parte da tarde, às 15:00, o burro branco foi preso."

Li essa notícia em trezentos jornais. Recebeu cobertura de muitos periódicos, do Argus ao Entregador da Imprensa. Havia reportagens em inglês, wallaquiano e espanhol... às quais eu jamais compreendi.

Cada vez que eu lia Felix Faure, tinha a impressão de que estavam falando do asno.

Nota do Editor: Durante o período eleitoral o programa no cartaz foi realmente colado nas paredes, e no dia da votação o candidato satírico realmente atravessou Paris, de Montmartreao Quarteirão Latino, passando através da multidão entusiasmada ou escandalizada que ruidosamente se manifestava. No Boulevard du Palais, o asno foi a seu próprio tempo apreendido pela polícia, que o arrastou a pauladas. Conforme os jornais da época reportaram, se não houve uma briga entre os partidários do asno e os representantes da ordem foi graças ao editor do La Feuille que gritou: "Não façam isso; ele é agora um candidato oficial!"

Referências

1 Esteriótipo de Mulher camponesa que inspirou a personagem fictícia, memorável contadora de estórias que tenta entreter seus muitos filhos para que não chorem nem briguem entre si.

2 Jornal ilustrado publicado na capital francesa no final do século XIX, início do século XX que tinha como linha editorial apresentar curiosidades, fofocas sobre a vida das famílias reais da Europa e perseguir os anarquistas sempre que possível, defendendo políticas de repressão mais severas conforme a vontade das elites a qual ele pertencia.

3 Félix François Faure (1841–1899) foi um político francês. grande xenófobo, pedante elitista e vergonhoso antissemita. Foi Presidente da França de 1895 até sua morte. (N. do T.) -Ele é o Eleito

Ele é o Eleito

Zo d'Axa (Original em Francês - Versão em Inglês) O texto abaixo é parte da revista La Feuille; publicada em Paris, no...

pt-br.protopia.wikia.com

O segundo é digamos assim é a propaganda do plano de governo do asno:

Vocês não passam de idiotas

Eleitores

Apresentando-me para os seus votos, lhes dirijo umas poucas palavras. Aí vão elas:

Venho de uma antiga família francesa — ouso dizer — então sou um burro com pedigree, um burro no sentido positivo da palavra: quatro patas e, sobretudo, pêlos.

Meu nome é Ninguém, e também o são meus competidores nesta corrida.

Sou branco, como muitos dos votos que foram para urna, mas não foram contados, mas que irão agora pertencer a mim!

Minha eleição está assegurada.

Vocês entenderão que falo francamente.

Cidadãos

Vocês estão sendo enganados! Foi dito que a Câmara dos deputados, composta por imbecis e ladrões, não representa a maioria dos votantes. Isso é falso!

Pelo contrário, uma Câmara formada por deputados que são idiotas e ladrões representa perfeitamente os eleitores que vocês são. Não protestem; uma nação têm os líderes que merece!

Por que vocês os elegeram?

Entre vocês, não hesitam em dizer que quanto mais as coisas mudam, mais elas permanecem as mesmas; que seus representantes lhes enganam e pensam apenas em seus próprios interesses, de vaidade ou de dinheiro.

Então porque você os elege novamente amanhã?

Vocês sabem muito bem que existem muitos que procuram os legisladores para vender seus votos por um cheque, ou por trabalho, uma funções ou espaço na alta sociedade.

Mas será que a alta sociedade, com suas posições e benefícios não sabe que os Comitês Eleitorais só funcionam se forem pagos?

Os pastores do Comitê são menos ingênuos do que o rebanho. A câmara representa o todo.

Idiotas e diabos cheios de artimanhas são necessários; uma multidão de velhos tolos e Robert Macaires[1] é necessário para incorporar de uma vez e ao mesmo tempo os votantes profissionais e trabalhadores deprimidos.

E é aí que vocês se encontram!

Vocês estão sendo enganados, bons eleitores, vocês estão sendo enganados e bajulados quando lhes dizem que vocês são bonitos, e que leis levam a justiça, que ambas estão ao seu lado. Quando falam sobre a soberania nacional, o povo-soberano, homens livres... aos votos vocês são levados como a uma loja de doces... eles lhes dão doces para que vocês chupem.

Vocês continuam a ser ludibriados. A vocês foi dito que a França ainda é França. Isso não é verdade.

Com o passar de cada dia a França perde seu sentido no mundo, todo o sentido libertário. Não é mais um país sólido, corajoso, divulgador de ideias e esmagador de cultos. É Marianne[2] se ajoelhando frente ao trono dos autocratas. É o corporativismo renascendo mais hipocritamente que na Alemanha: uma tonsura sob o quepe.

Vocês estão sendo enganados, enganados sem parar. Eles lhe falam sobre fraternidade, e nunca a luta pelo pão foi mais evidente ou mais mortal.

Eles lhes falam — para vocês que não têm nada — sobre patriotismo e nosso patrimônio sagrado.

Eles falam pra você sobre integridade, e seus piratas da imprensa, os jornalistas prontos para fazer de tudo, os mestres da enganação e chantagistas que cantam a honra da nação.

Os apoiadores da República, os pequenos burgueses, os pequenos senhores são mais resistentes que os "malandros" que os mestres dos atuais regimes. "Nós vivemos sob os olhos dos supervisores.

Os trabalhadores enfraquecidos — os produtores que nada consomem — contentam-se pacientemente em chupar o osso sem tutano que lhes é atirado, o osso do sufrágio universal. Somente para lhes contar histórias, participação em debates eleitorais, em que movem seus maxilares, mandíbulas que já não sabem mais como morder.

E quando, em ocasiões, em que os filhos do povo se sacodem de seu torpor e passam a se encontrar, como em Fourmies,[3] dão de cara com o nosso bravo exército.... que com o argumento das armas impõem liderança em suas cabeças.

A justiça é a mesma para todos. Os honoráveis ladrões da viagem ao Panamá e seus carregamentos e aqueles que nunca viram um carrinho. As algemas, no entanto, apertam somente os pulsos de velhos trabalhadores trancafiados como se fossem vagabundos.

A ignomínia do momento atual é tal que não há candidato que ouse defender essa sociedade. Do burguês-inclinado à política: os reacionários, os liberais, as máscaras, os narizes falsos, os republicanos, a voz que clama para que você os eleja para que as coisas possam melhorar, para que tudo possa funcionar melhor. Eles que já lhe tomaram tudo voltam para pedir ainda mais!

Lhes deem seus votos, cidadãos!

Os mendigos, os candidatos, os ladrões, os achacadores de votos, todos têm uma maneira especial de fazer e re-fazer o bem público.

Ouça aos bravos trabalhadores, partido de charlatães, eles querem conquistar o poder... para poderem melhor suprimi-lo.

Outros invocam a Revolução, e enganam a si mesmos enquanto tratam de te enganar. Eleitores nunca farão a revolução. O sufrágio universal foi criado precisamente para evitar esta ação viril. Charley gasta um bom tempo votando...

E mesmo se algum incidente levar os homens às ruas, e mesmo que por alguma forte atuação um grupo preferir a ação, o que poderíamos esperar da multidão pululando a respeito, essa multidão covarde e de cabeça vazia?

Que seja! Vão em frente homens da multidão! Vão em frente, eleitores! Às urnas ... e não se queixem. É o suficiente. Não tentem inspirar pena frente ao destino que vocês mesmos se impuseram. Por fim não praguejem contra os Mestres aos quais vocês se deram.

Estes mestres são seus iguais na medida em que eles roubam de vocês. Eles, sem dúvida têm mais valia: eles valem 25 francos por dia, sem contar os seus outros pequenos lucros.

E isso é muito bom.

O eleitor não é nada além de um candidato fracassado.

O povinho — de pequenas poupanças e esperanças miúdas, pequenos comerciantes vorazes, os vagarosos homens do campo — precisam de um parlamento medíocre que irá suprir e sintetizar tudo o que é vil nesta nação.

Então votem, eleitores! Votem! Os parlamentos emanam de vocês. Se algo é, é porque deve ser, porque não pode ser de outra forma. Criar uma Câmara em seu nome. O cachorro voltou ao seu vômito. Voltem para os seus deputados...

Referências

1 .Personagem de um bandido em uma peça teatral popular de Frederic Lemaitre.

2. Marianne é a figura alegórica de uma mulher vestindo o barrete frígio e segurando uma bandeira francesa instigando o povo contra a tirania. Encarna a República Francesa e representa a permanência dos valores de Liberdade, Igualdade e Fraternidade entre as camadas populares. Simultaneamente enérgica, guerreira, pacífica e protetora e maternal, seu nome provém da contração de Marie e de Anne, muito frequentes no século XVIII entre o população da França.

3 Lugar em que no Primeiro de Maio de 1891 houveram grandes manifestações de trabalhadores por direitos e contra a exploração do sistema capitalista, e que acabaram em confrontos sendo os

trabalhadores brutalmente reprimidos pelo aparato repressor estatal. - Vocês não passam de idiotas

Vocês não passam de idiotas

Zo d'Axa (Versão em Inglês - Original em Francês) O texto que se segue foi publicado pela revista La Feuille e faz...

pt-br.protopia.wikia.com

O "negro malandro", o "índio indolente", e o "branco pestilento". Mitos e verdades da história racista nacional

Na mais insana e transparente pseudo-eleição da história recente do Brasil, com direito a cabo falando de URSAL e Iluminatis e capitão falando ressuscitando o velho slogan do integralismo: deus, pátria e família. Chegou a vez do seu candidato a vice-presidente o general mostrar toda a musculada do seu conhecimento de cavalaria e balística no exercício da antropologia e história. Pois, não é que o dito general soltou uma pérola digna dos gênios da raça (ditas puras) sobre o defeito do DNA da miscigenação vira-lata brasileira: ele seria produto da famosa e infame folclore da "indolência do índio", e "malandragem do negro". Nem vale a reprodução da fala. Afinal de original não tem nada. São contos racistas tão antigos quanto a próprio mito da invenção colonial do Brasil e sua miscigenacionalidade. Folclore racista da brasilidade que foi riscado da

falsa história do Brasil junto com a pseudo-ciência eugenista mundial. Porém, infelizmente não antes do mundo assistir as pilhas de corpos que essas ideologias provocaram em suas modernas guerras entre raças, estados e nação, com o holocausto de milhões de seres humanos proscritos por esses desclassificadores de gentes: de judeus, a ciganos até homossexuais. e dissidentes políticos mortos não só pela ditadura totalitárias racistas e nacionalistas do nazi, fascistas e soviéticos. Ditadura não, regime constitucional, ao menos para nazi-positivistas, afinal Hitler não deu um golpe militar foi nomeado chanceler por um governo democraticamente eleito.

Mas, fiquemos em terras dos índios indolentes e negros malandros. Ao que parece o general esqueceu um terceiro ingrediente nesse caldo geno-cultural do folclore racista colonial brasileiro, o principal já que predominante: o branco. E o branco? Quem é o branco e qual é a sua contribuição civilizatória nessa seleção genética nem tão natural para a formação da cultura e sociedade brasileira? Quem foi e é, esse esse ancestral do homem brasileiro, do qual herdamos majoritariamente os hábitos ritos costumes cultos e credos, nossa mentalidade, conceitos e preconceituamentos, e sobretudo a identidade coletiva hegemônica?

Parece que faltou o general dizer, como ele pensa o colonizador branco dentro desse mito racial que habita seu imaginário? Só parece. Por que nas entrelinhas ele disse. A contribuição está perfeitamente presente ainda que implícita não só no próprio discurso do general, mas no sujeito que ele como ator social interpreta o contexto.

A herança geno-cultural do branco nesta mito histórico que habita os devaneios das noites de verão do general, mas não só dele, não sejamos hipócritas, é a civilização. Do ponto de vista do branco, ou de quem se acha ou se pensa branco(ainda que diga o contrário ou para efeito dos

olhos alheios de fato não seja), a herança dos seus antepassados, que se confunde como o próprio legado da sua raça, é a pacificação, educação, a conversão dos bárbaros e selvagens em gente catequizada, trabalhadora, obediente, produtiva e fiel ao rei, a lei e a deus. Não há segredo, está escrito em nossas bandeiras, ordem e progresso. Mais imperial e fiel ao pátrio poder romano que isso, só mesmo Roma, ou melhor a Igreja católica apostólica romana. Um só rei dos reis, uma só lei, um só povo, um só deus.

Já se dependesse da perspectiva do índio e do negro, a historinha para boi dormir, e virar churrasco seria outra. Seria a história da invasão, ocupação, roubo, guerra, extermínio, traição, captura, escravização, domesticação, tortura, estupro, e genocídio e resistência. Mas mortes não tem a palavra e escravos só tem a palavra, depois para falar em púlpito depois de devidamente catequizados. E aí dos que a tomam sem pedir licença sejam eles negros, brancos ou índios.

Basicamente, evidentemente seria outra se os índios, não tivessem perdido. Para entender como a história funciona é fácil. Imagine que os aliados não tivessem ganho a segunda guerra. Para tanto, bastava que Hitler não tivesse aberto a segunda frente de batalha e mantido o armísticio com a Russia. A guerra talvez nem tão fria, não seria então entre o bloco soviéticos-socialistas e liberais entre blocos nazi-fascistas e stalinistas-comunistas. Mas esse é um cenário imaginário, ficção, onde o que importa é o seguinte: o que você aprenderia na Escola se os Nazis tivessem que ser os super-heróis e os Americanos e seus amigos literalmente os vilões da história? Não é preciso grande imaginação. Nem sempre os cowboys , vencem. E nem muito são os heróis que dos filmes, quadrinhos e livros de história.

Assim imagine qual seria então a história do Brasil se as tropas invasoras não portuguesa tivessem perdido para a confederação dos Tamoios liderada pelos Tupinambás. Se os Tamoios não tivessem assinado o armísticio de Iperoig costurado pelo padre Anchieta, o fundador de São Paulo, com os Vicentinos-Tupiniquins. É improvável que talvez a história fosse outra, mas se fosse certamente não seria contada da perceptiva dos invasores genocidas, mas da resistência dos nativos da terra ocupada pelo invasor estrangeiro. E a cruz de Malta e as bandeiras e bandeirantes paulistas seria em terras indígenas o que é a suástica e a SS em casa de judeu. Talvez o leitor diga que então eu estaria aqui a contar como os vencedores tantos invasores já rendidos como prisioneiros viraram banquete na mão dos tupinambás. Mas como você verá até o final desse texto, a fome carne humana desses nativos, jamais precisaria cruzar terras e mares, nem consumir milhões de vidas para (não) saciada seus desejos, prazeres e costumes.

Dizem que o Brasil foi fundado por ladrões degredados. Uma mentira despeitada de um pais que embora tenha se tornado um Golias, nunca conseguiu se livrar das correntes que o pequeno mas extremamente eficiente colonizador Portugal, soube construir para mantê-lo sob seus domínio a mares de distância. Portugal o império que dividiu o mundo pilhado com Espanha veria a perder o controle da sua besta e levar ele próprio arreio nas ventas de Estados-Nações. Mas o Brasil, não se livraria do seu, apenas seria montado por outros. Nisto devemos reconhecer o mérito de quem domesticou essa gigantesca besta, o colonizador português que não mandou para cá ladrões, mas generais, comandantes militares fidalgos treinados na arte da guerra e administração (para a pax), bem como uma ordem religiosa cuja grande inovação foi a aplicação das táticas e estratégias da guerra, no campo da conversão das almas, os missionários jesuítas. Ou seja, não só mandaram simples criminosos comuns, até porque a maioria desses ditos marginais degredados nem eram gente especializada em matar e roubar, sequestrar, mas muitas

vezes perseguidos por heresias, e coisas do gênero. Mandaram criminosos profissionais e legais, landlords, comandantes, mercenários e missionários, gente que Estados-Nações envia quando quer explorar, invadir e ocupar, as riquezas de um território ou estabelecer bases comerciais e militares.

Não o Brasil não embora seja hoje um cleptocracia não foi fundado por com colônia de degredo penal, por ladrões a matar, roubar e estuprar livre e impunemente pelo território, mas por servidores de deus e do rei a fazer tudo isso, mas sob ordem hierárquica e em nome de algo maior daquilo que então significava mais que o progresso, significa o poder total e o própria representação do todo poderoso na terra: a coroa e a igreja.

Nunca foram os bandinhos pé de chinelo, nem muito os ditos menos vagabundos, malandros, nem preguiçosos que nunca acorrentaram, roubaram, nem tiraram a vida, liberdade nem propriedade de um único homem que ditaram os rumos históricos nem as arvores genealógicas que iriam rasgar as terras, e carnes e abrir as veias dos povos e do Brasil, mas a expertise militar política e ideológica dos invasores. Os brancos de raça, os colonizadores. Foram eles que através da estratégia dos cruzamentos inter-raciais (forçados ou não) forjaram as alianças com os tupiniquins. Foram eles que como missionários religiosos conseguiram tratados de paz, que permitiram ataques pelas costas a uma força militarmente superior. E forma eles que como povos escravagistas e mercantilistas exterminaram e caçaram os nativos visando estabelecer o modo de produção clássico dos impérios e colonias que por sinal ainda prevalece no Brasil: a extração de riqueza via extermínio das raças nativas e inimigas do rei e expropriação das terras para a cobrança do quinto dos infernos, o imposto não sobre os vencidos, mas sobre os colonos que venceram. Porque os vencidos, foram dizimados.

Como em todo apocalipse, a colonização foi feita de 4 cavaleiros: a guerra, a fome, a morte, a doença: Ou mais precisamente a pica, a espada (hoje o fuzil), a fome e a peste. Ou em outras palavras estupro, o genocídio, disseminação de doença, como armas de biológicas, e destruição do meio ambiental e vital a ao modo de subsistência do nativo. Técnicas clássicas de extermínio e dominação e domesticação do homem pelo homem por privação, terror, desmoralização, impotência.

Então qual foi então a contribuição do branco então mito miscigenacional brasileiro? Hoje como farsa histórica e discurso é o preconceito e racismo. Como verdade histórica inconveniente é a cultura do estupro, escravagismo, e supremacismo genocida contra os povos marginalizados. Logo uma herança cultural que permitiu ao colonizador branco prevalecer não só em discurso mas na prática como raça predominante através da guerra como estratégica geopolítica de ocupação e genocídio como arma velada de expansão imobiliária higienista e gentrificadora do capitalismo.

Aliás o termo higienismo, é um caso clássico inversão semântica totalitária orwelliana (guerra é paz, paz é guerra). Já que a maior partes dos indígenas mortos nessa guerra tombou por conta da principal arma do homem branco, ou seja ele mesmo, ou mais precisamente a sua imundice e pestilência. Que fazia dele uma verdadeira arma biológica ambulante, imune as doenças, mas mais fatal ao inimigo que uma seta de flecha envenenada.

Assim antes da invenção da desqualificação dos inimigos marginalizados como "malandros e "indolentes", houve a invenção deles como negros e índios. Uma invenção branca para denominar e dominar os povos não-brancos. Uma invenção que permitiu ao colonizador após seu advento de tal discriminação disseminar a prática do extermínio planejado e

> sistematizado entre seus servos fieis sem obstáculos da culpa cristã, ou resquícios de qualquer instinto gregário de empatia pelo semelhante. Inclusive fazendo de sua principal arma biológica uma das mais reputadas características herdadas do homem feudal e colonial, e essa não é mito, a sua imundice, ou mais precisamente a pestilência. Ou mais precisamente a resistência adquirida por seleção natural as doenças por hábitos adquiridos durante a idade média e propagado entre outros vetores pelo igreja, ao proibir por exemplo o "luxo" de muitos banhos, o que entre outros absurdos transformou nossos ancestrais europeus em verdeiras biozards. Perigosos dentro de casas, muito úteis se catapultados inteiros ou em partes para dentro das muradas ou paliçadas das cidades e aldeias inimigas. Como dizia o indígena e coro e antes os mouros dos tempos das cruzadas a praga ou sarna cristã. Um verdadeiro apocalipse zumbi encarnado em corpos e almas e atos em nome dos reinos de deus no céu e na sua capital imperial de então na terra: Roma . E não se engane. Essa guerra não acabou há 500 anos atrás:

Armas biológicas, como os vírus da varíola e do sarampo, foram utilizadas no Brasil no século 19 para exterminar os índios.

Pelo menos três casos documentados mostram que o contato dos índios com as doenças dos brancos também ocorreu de forma proposital, com o objetivo deliberado de dizimar tribos hostis.

O mais "clássico" deles, segundo o antropólogo Mércio Pereira Gomes, aconteceu em Caxias, no sul do Maranhão, por volta de 1816. A vila estava se transformando em um grande centro de criação de gado, e os fazendeiros queriam se livrar dos índios timbira. "O plano era atrair os índios para a vila, então atacada por uma epidemia de bexiga (varíola). Uma vez ali, as bexigas dariam conta deles", descreve o antropólogo Darcy Ribeiro no livro "Os Índios e a Civilização".

Os fazendeiros de Caxias "presentearam" um grupo de 50 índios com roupas de moradores da vila que haviam contraído a doença. De volta a suas aldeias, os índios espalharam o vírus. A epidemia se disseminou rapidamente pelo sertão e atingiu até tribos a 1.800 km de Caxias.

Francisco de Paula Ribeiro, na época comandante militar no sul do Maranhão, relatou com detalhes o massacre dos Timbiras. O texto, escrito em 1819, só foi publicado por volta de 1930, na revista do Instituto Geográfico e Histórico Brasileiro. Ele conta: "Não é certamente fácil fazer-se uma idéia de quantos mil desgraçados se evaporaram por semelhante motivo, e ainda muito mais quando sabemos o método extravagante que se pretendiam curar-se, sepultando-se nos rios para suavizar o calor das febres, ou ainda abreviando-se uns aos outros a vida, logo que conheciam com verdadeiros sintomas daquele mal tão cruel, ao que chamavam Pira de Cupé, sarna dos cristãos."

Os imigrantes alemães se valeram do vírus da varíola na luta contra os índios xokleng e kaiangang, durante a colonização de Santa Catarina e do Paraná, no final do século 19. "Os bugreiros, caçadores de índios contratados pelas companhias de colonização, deixavam nas matas roupas com os vírus da varíola e do sarampo", disse o antropólogo Gomes.

O naturalista francês Auguste de Saint-Hilaire (1779–1853), que viajou pelo Brasil entre 1816 e 1822, fez referências à guerra bacteriológica contra os índios botocudos, no vale do Rio Doce.

Ele denunciou na Europa as atrocidades cometidas por portugueses e brasileiros, que entregavam aos índios roupas contaminadas por varíola. "Em breve, nada mais restará dos antigos povos indígenas que habitavam as terras do Brasil", previu o naturalista, em 1847, no livro "Viagem à Província

*de Goiás". Ele estava certo. Em 1500, a população indígena no Brasil ultrapassava 2 milhões de pessoas. Há estimativas que apontam até 6 milhões de índios. Hoje restam apenas 300 mil. -**Folha de S.Paulo — Brasil usou arma biológica contra índios — 28/10/2001***

Não acabou mesmo, nem o genocídio indígena nem a catequização das criancinhas pelos homens a serviço de deus:

Relatório revela que 300 padres abusaram sexualmente de crianças na Pensilvânia

Décadas de abuso sexual por membros da Igreja Católica do estado norte-americano da Pensilvânia estarão sob escrutínio…

www.publico.pt

Aí que orgulho de meus antepassados... indolentes, malandros, e não sejamos modestos e caipiras, mas orgulhosos da nossa raça: proto-nazis; Anauê nessa porra aí, como diria Plínio Salgado. Afinal não dispunham das técnicas de produção industrial para efetuar o extermínio em massas de seres humanos como nossos irmãos arianos, mas já aplicavam técnicas suficientemente planejadas e sistematizadas para caracterizar o extermínio nas Américas como um proto-holocausto.

Agora só falta o principal o Reichs escravagistas disfarçados de burguesias latinos americanos caírem para que a história seja escrita pela resistência e aliados e não pelas herdeiros oligárquicos das impérios e ditaduras disfarçados de repúblicas e democracias populares.

Graças a deus- ou melhor deus não, ao povo brasileiro, exatamente esse povo que é indolente e malandro- nazi-fascista de fato, mas só projetos

mal acabados, como todos os elefantes brancos brasileiros. Porque, no dia que esse povo perder sua malandragem e indolência e virar um bando de fanáticos obedientes, que já está virando, não importa se católicos, evangélicos ou estato-nacionalistas, (ou uma belo mix de fundamentalistas), no que depender dos que babam de tesão por comandar essas manadas a indolência e malandragem vai ser extirpada pelos que se acham os representantes do da civilização branca civilizada em pogroms de negros e índios selvagens nos grotões que faltam ser desbravados e desmatados e capitalizados desse Brasil.

Ironia a parte. É evidente que a malandragem e a indolência não são um mito, se estamos falando de uma guerra que não é feito de armas convencionais. Mas sobretudo culturais, não existem santos, nem trouxas nesse processo. a preguiça, e a pilantragem são literalmente estratégias irmanadas de resistência e sabotagem dos processos de produção, como qualquer patrão e gerente sabe, assim como qualquer vagabundo e pilantra também o sabe ainda que faça parta dessa estratégia de guerrilha cultural que prima pela dissimulação perante uma força belicosa superior negar, renegar e fingir e se vitimizar, até o túmulo o jogo. Capoeira. Ou na arte da guerra a arte da ludibriar a força adversária de fato em posição de superiores cometa o erro da e se superestimar suas capacidades, ou subestimar a dos em posição estratégica de inferioridade. Um erro fatal, já que inferioridade e superioridade como deve saber um general são questão meramente circunstanciais de número, moral, tecnologia, terreno, acesso, recursos, treinamento, disciplina, inventividade, planejamento, antecipação, tempo de reação, autonomia, dissimulação e também sorte.

Não é a toa que de acordo com o dicionários dos preconceitos brasileiros a malandragem seja "carioca" e o vicio compulsivo pelo trabalho seja "paulista". A locomotiva paulista, a máquina que não era só feita de

burocracia, que se instalou no eixo vicentino-tupiniquim abriu uma das maiores veias da America Latina, rasgando, trilhas, trilhos e estradas por ainda escoa a riqueza e o trabalho escravo e servil para o mar pelos mesmos portos que eles chegaram e depois trouxeram os malandros acorrentados em navios negreiros para servirem de escravos, já que os indolentes índios foram outras margens de campos de Goitacases a Cabo frio, onde a guerra de extermínio liderada pelos tupinambás na confederação dos Tamoios encontrou sua fim ou melhor sua solução final com a fundação de São Sebastião do Rio de Janeiro, ou seja passando "passado tudo a fio de espada" como escreveu o fundador de São Paulo Padre Anchieta, até não restar mais nenhum tamoio (tupinambá), pondo um fim a França Antártica, a aliança entre franceses e tupinambás, e realizando o propósito totalitária da aliança da coroa-igreja um só povo, debaixo de um só império e uma só fé. Mas a cultura de resistência e dos tamoios a esse trabalho servil tupiniquim paulista restou na inconsciência geno-cultural dessa população não só malandragem tipicamente carioca, mas na indolência atribuída a toda população não suficiente urbanizada, ou seja domesticada para trabalhar como lenha a ser queimada por essa locomotiva demente e alucinada , um fiel tupiniquim trabalhador devidamente catequizado, um católico romano paulista pronto para servir nos cafezais e fábricas e escritórios da pauliceia desvariada.

Aliás o paulista tanto o que ainda se presta ao papel de indígena tupiniquim quanto o se alienígena europeu, tem esse preconceito instalado em seu inconsciente contra todos os outras populações brasileiras, que não sejam a imagem e semelhanças deles bandeirantes, brancos colonizadores, do mineiro ao baiano cansados. Para felicidade do resto do Brasil e da América Latina, é aos mineiros de Minas Gerais que resta o mérito de por um fim na SS das bandeiras paulistas, matando quietinho em emboscada quase toda esse tropa de elite de caçadores de cabeças, escravos e riquezas.

Mas estou sendo injusto com o general. Ele jamais seria capaz de perpetrar tal monstruosidade. Afinal como ele mesmo disse. Não é (completamente) branco. Mas descendente de índio. Até se registrou no TSE como tal. Essa fala reproduzo:

"É só olhar para o meu rosto. Eu sou pardo? Eu sou negro? Eu sou asiático? Eram as opções que eu tinha, e a quinta opção era indígena".(...)

*"Não sei a qual etnia deveria pertencer, mas pode ter certeza de uma coisa: Cacique Mourão é a solução".**"Cacique Mourão é a solução" — O Antagonista***

Novamente, nada de novo, afinal temos o Marquês e Almirante Tamandaré patrono da Marinha Imperial e depois Republicana Brasileira, um dos protagonista da guerra do Paraguai, tomou o nome de ninguém menos que o Noé dos "avós" dos Tupis segundo Olavo Bilac em Contos Pátrios:

Tupã para fazer o céu e a terra, começou criando as mães de tudo. O Sol é mãe do dia e da noite: a Lua é mãe das plantas e dos animais.

Os homens nasceram e foram maus. Tupã, para castigar a sua maldade, mandou que as águas crescessem desmedidamente e cobrissem tudo. Então, viram-se os peixes nadando entre as folhagens das árvores e as onças boiando sobre a vastidão das ondas crescidas. E os homens fugiram de monte em monte.

E o céu se abria em relâmpagos e em assombrosas quedas de água.

Mas um varão forte que Tupã amava — um varão de alma grande, que tinha o nome de Tamandaré, salvou a raça, guardando em uma canoa os seus filhos, livrando-os do naufrágio espantoso.

Os filhos desse "noé", são os avós dos Tupis, os tupinambás, que segundo a etimologia tupi-guarani significa avós.

Então a pergunta que fica é se o vice chefe que já se arvora Cacique Mourão, (questão de hierarquia deles), é a seguinte: que tipo de cacique ele acha que é? Tupiniquim a lá índio Tibiriça, pronto a entregar suas filhas como concunbinas para os gringos e ajudar a cortar as cabeça de mulheres e crianças em estacas pelos peabirus, enquanto eles rasgam o que restam a desbravar do Brasil. Ou um o chefe Tupinamba da confederação dos Tamoios Cunhambebe, que segundo o cronista e mercenário alemão cativo sozinho comeu, literalmente, no mínimo uns 60 gringos que invadiram suas terras. Ou em termos menos selvagens e mais estratégicos, vai ser um general tupiniquim traidor e entreguista ou general adepto do antropofagismo, o cultural por favor, no melhor estilo dos modernistas de 22 e devorar a tecnologia e cultura estrangeira ao invés de entregar a nossa cultura e recursos naturais?

Como diria o outro Mourão, em um arroubo de sincericídio há os soldados e as vacas fardadas na melhor tradição tupiniquim dos subgrupo dos descendentes com complexo que vira-lata, os nativos que se travestemm e macaqueiam os costumes gringos para ver se são tratados pelos seus conquistadores como se fossem iguais em pedigree. O primeiro abaixa a cabeça e levanta o rabo pedindo para entrar no clube dos povos que são considerado mais gente que os outros. O outro levanta e olha no olho sem se achar mais ou menos; sabendo que quanto mais nacionalista e racista é a elite mais ela acha que a sua raça não só a mais civilizada do mundo, mas a predestinada a superioridade, enquanto as raças das

periferias do mundo estas estão predestinadas a prover peão de obra, puta e carne de todos tipos de gado, raças não brancas puras como a do brasileiro. Porque não se engane se tem vaca fardada que acha índio é indolente, e preto é vagabundo, pode ter certeza que ainda tem gringo que acha que latino-amerino é macaquito. Só não é tão estupido ou prepotente, (da no mesmo) de revelar sua posição estratégica.

Qual então será a mentalidade do Chefe índio Mourão? A do nacionalista machão de fachada e entreguista na alma para gringo racista e xenófobo ver, comprar e levar em troca de espelho. Ou o nacionalista de um Brasil cosmopolita do futuro que um o alemão espantando com a barbárie da civilização europeu dos anos 30 e 40 do século passado sonhou ao ver a indolência, malandragem desse povo incapaz, ao menos assim parecia até então, de obedecer cegamente ordens de caciques, pastores e estatopatas insanos até as ultimas consequências.

Pois é como diria Bezerra da Silva, Malandro é Malandro e Mané é Mané, com ou sem farda, se achando ou não.

Certa feita o secretário de Estado norte-americano responsável entre outros "feitos" pela operação Condor na América Latina, disse que um povo faz política como joga os seus jogos. Ele está errado, nunca aprendemos a jogar o jogo da política. E o o que aprendemos do futebol estamos desaprendendo. Mas isso não é o problema, o problema é que estamos desaprendendo a ler o jogo como metáfora para vida, e o que aprendemos dos jogos como metáforas para os jogos da vida, não só para a arte da guerra mas para a da guerra com as ideias e seus signos, a política, onde a principal armas não é a porrada mas a palavras que dão ordem as forças armadas adestradas com signos, palavras, e claro, sempre que preciso porrada, a obedecer.

Felizmente, acho que não sou só eu que esse jogo da política não sério. As consequências são seríssimas e gravíssimas, não é isso que estou dizendo. Mas um falta um parafuso na cabeça deles, e agora também na nossa. Um parafuso também soltou da nossa consciência coletiva.

Se a sociedade tem uma mentalidade, (e temos) já passamos do surto histérico faz tempo, estamos entrando em dissonância cognitiva generalizada e completa desconexão com a esquizoide com a realidade. A sociedade está se fragmentando, não em classes, está se fragmento em estados incomunicáveis de compreensão de diferentes realidades e entendimento das suas partes. Quando se diz que a sociedade brasileira está ficando esquizofrênica isto é mais do que metafórico. É um atestado psicanalítico da psique coletiva do nosso Pais.

Quando um candidato que foi assistido e repercutido por milhões mais do que a baleia azul ou o Momo durante um pseudo debate à presidência diz que vai para um montanha porque está sendo ameaçado de morte por Iluminatis e Maçons... e isso é tratado com a naturalidade com que tratamos tudo que não é nem deveria ser normal mas já é tratado como tal, de presidentes acusados de serem integrantes de quadrilhas, a militares nas ruas e civis sendo baleados em escolas e até em hospitais, é porque alguma coisa quebrou. É como ir na casa de um amigo e encontrar merda e sangue espalhada no chão, na parede, na mesa, nos talheres e ele te convidar para tomar um chá. Você não precisa ser formado em psiquiatria para saber que entrou na casa de um maluco, isso é o Brasil. E só não percebemos que isso é casa de maluco, porque somos nós que vivemos, nela acostumados a viver rolando na bosta e sangue. É caso de intervenção, mas não militar, mas psiquiátrica. Até porque se todos malucos do naipe dos presidenciáveis que curtem a paranoia a lá URSAL, se juntassem com os que gostariam que a teoria da conspiração até fosse verdeira para viver isolados voluntariamente numa montanha isso não

seria um problema para o mundo, mas a solução. Um sonho. Isso sim é que é utopia.

Brincadeiras a parte, o Brasil está virando um hospício. E um hospícios não de malucos excêntricos, mas de malucos fanáticos e ignorantes. E a ideia é essa mesma. Uma sociedade esquizofrênica, alienada e ignorante que se não pedir, exigirá a intervenção de estatopatas prontos a ditar e receitar o remédio amargo, que se não curar, vai matar o paciente impotente. Tanto faz. O importante não é o paciente, mas o emprego e a casa da classe sempre pronta e alerta a intervir e ditar estar garantido.

Porém, por isso, mesmo o Brasil não é caso nenhuma hipótese de intervenção, nem psiquiatria, porque nenhum tipo de intervenção resolve, mas só tratamento, tratamento humanitário, que por definição envolve não só a vontade e respeito da vontade do outro, mas verdadeira vontade de que se dispõe a fazer algo. O Brasil não é diferente do mundo, e o mundo precisa como sempre precisou só de gente que se pense como gente e seja capaz de tratar gente como gente. Pode parecer uma obviedade, mas não é, não como prático. Porque ao contrário do parece e aparece no Facebosta, as pessoas fingem que olham umas para as outras como se fossem gente, mas a maioria gosta mais de bicho ou grana que do que do seu vizinho e alguma até mesmo do que dos seus filhos. Ademais não sejamos hipócritas ou tolos, só há duas opções humanas para lidar com quem age feito bicho e não nos trata nem considera gente como ele: fugir para uma montanha ou resistir (se puder resistir) para manter sua humanidade. As demais implicam em se converter replicando o comportamento do bicho-homem: seja se aliando a quem não se pode vencer ou pior lutando e vencendo, para no final se tornar a imagem e semelhança dele, o novo herdeiro e hospedeiro.

Não, senhores, com Cabral não chegou o primeiro ladrão. Chegou o primeiro bando de assassinos em massas. E fez aqui casa, escola e herdeiros. Em 1492 quando Colombo aportou nas Américas foi estimada por baixo 8 milhões, mas há quem estime até 100 milhões de índios. As cabeças cortadas não foram contadas. Só em terras brasileiras, em 100 anos, estima-se que 70% dessa população já havia sido exterminada. Perguntar por quantos? Se foram 1, 10 ou 100 milhões de seres humanos exterminados e em quanto tempo, é importantíssimo para resgatar a memória dos que foram exterminados, mas não muda em nada a natureza dos seus perpetuadores, nem do ato perpetuado. O maior e mais longo processo sistematizado de eliminação de outra(s) raça(s) e fé(s) para que só uma civilização totalitária, aquela que se julgava superior, a única que se via gente e eleita por deus imperasse absoluta nesse terra. Isso tem nome, e não é massacre de guerra, é Holocausto. O holocausto em nome de um só deus, uma só lei e um só valor: o capital. Não somos rápidos eficientes, nem metódicos, como os alemães, mas somos "criativos"e não só improvisamos com o que temos, e com diz a propagando "somos brasileiros e não desistimos nunca". E é por isso, no que depender de nós tupiniquins da taba desses caciques políticos não sobrara nenhum deles, não só os tamoios. Mas não se preocupem sempre haverão os caciques Morão para assumir a identidade e não deixar os índios desaparecem… das estatísticas e propaganda. E escribas dos vencedores para relativizar a história. E fazer dos mortos, marginais, e dos assassinos estatopatas, estadistas.

Os 100 primeiros anos de colonização

Nos cem primeiros anos de colonização o genocídio foi intensivo. Estima-se que neste período aproximadamente 70% da população indígena brasileira tenha sido eliminada. Em 1.560, Men de Sá, governador geral do Brasil, escreveu uma carta ao rei de Portugal contando com orgulho as suas

façanhas na colônia: em uma noite, ele havia destruído e queimado uma aldeia próxima à vila, matado todos os indígenas que resistiram a este ataque e seu trunfo foi ter enfileirado os corpos ao longo de aproximadamente seis quilômetros de praia. E este é apenas mais um exemplo da violência que as pessoas que habitavam esta terra sofreram.

Os invasores travaram guerras contínuas e cruéis contra os indígenas. São Paulo, no séc. XVI, era um pequeno vilarejo e as expedições que se dirigiam ao interior do país eram chamadas de "bandeiras". Os bandeirantes eram pessoas especializadas em caçar e exterminar, ou escravizar os indígenas, ou quaisquer outros obstáculos que se opusessem à conquista do interior das terras brasileiras e suas riquezas. Ao mesmo tempo, as missões jesuíticas iniciaram o confinamento de povos indígenas em aldeamentos. (...)

Formas de exterminar os indígenas

*Algumas das técnicas de extermínio utilizadas pelos europeus consistiam em: doar alimentos contaminados com doenças (varíola, gripe, tuberculose...) contra as quais os indígenas não tinham defesa; estupros; disseminação de bebidas alcoólicas; chacinas; invasão e apropriação dos territórios indígenas; devastação do meio ambiente; confinamento nas missões religiosas; entre outras. (...) — **O holocausto indígena no Brasil***

Com a palavra o colonizador frade dominicano Bartolomeu de Las Casas:

"Certa vez os índios vinham ao nosso encontro para nos receber, à distância de dez léguas de uma grande vila, com víveres e viandas delicadas e toda espécie de outras demonstrações de carinho. E tendo chegado ao lugar, deram-nos grande quantidade de peixes, de pão e de outras viandas, assim quanto tudo quanto puderam dar... Mas eis que os espanhóis passam a fio de

espada, na minha presença e sem causa alguma, mais de três mil pessoas, homens, mulheres, crianças, que estavam sentadas diante de nós. Eu vi ali tão grandes crueldades que nunca nenhum homem vivo poderá ter visto semelhantes... Também na terra firme... na madrugada, estando ainda os índios a dormir com suas mulheres e filhos, os espanhóis se lançaram sobre o lugar, deitando fogo às casas, que eram comumente de palha, de sorte que queimavam todos vivos, homens, mulheres e crianças... Mataram a tantos que não se poderia contar e a outros fizeram morrer cruelmente... e a outros fizeram escravos e marcaram-nos com ferro em brasa..."

> E quem não tiver sangue correndo nas veias destes homens que tem sangue em suas mãos sujas de sangue que atire a primeira pedra. Mas chega de hipocrisia. Isso não é uma divida do passado. Dizem que cada povo tem o governo que merece, nos temos somos governados por quadrilhas que não titubeiam em pilhar, grilhar, roubar e até mesmo matar gente sem chance de defesa, mentirosos contumazes e incapazes de assumir a responsabilidade por seus atos, tudo em nome do fortuna, fama, cargos e vantagens pessoais, e que constantemente colocam a culpa da sua incompetência na própria sociedade que ele está montado nas costas. Onde será que quando crianças eles aprenderam a ser esses monstros com traços de psicopatia? Com certeza foi com esses andando com esses índios indolentes, esses pretos vagabundos, e com essas puta e viado e deve ter algum muçulmano judeu e comunista infiltrado também, só pode.
>
> Anauê.

As sociedades são envoltas por um conjunto de símbolos historicamente construídos pelos homens e introduzidos nas mentes das sucessivas gerações. Para Hannah Arendt, "Os homens são seres condicionados: tudo aquilo com o

qual eles entram em contato torna-se imediatamente uma condição de sua existência. O mundo no qual transcorre a vita ativa *consiste em coisas produzidas pelas atividades humanas ...".3 A natureza e os artefatos são parte de um amplo universo de significações que permeiam todos os setores vida. Clifford Geertz afirma que "o homem é um animal amarrado a teias de significados que ele mesmo teceu, assumo a cultura como sendo essas teias e a sua análise".4 Dentro de um determinado contexto cultural podemos pensar como as várias estruturas de poder (especialmente o poder político) se consolidam e como os distintos signos de uma determinada sociedade vão influenciá-las. Os signos são fatores que estão enraizados nas práticas cotidianas. Todas as formas de poder fazem uso deles na busca de uma legitimação diante das diferentes sociedades que querem dominar, seja para manter o* status quo *seja para alcançar mudanças. Essa ação também pode ser vista como uma* teatralização*, pois o poder precisa de um caráter cênico para que ele possa se consolidar, como mostra Georges Balandier (1982, p.5):*

Por trás de todas as formas de arranjo da sociedade e de organização dos poderes encontra-se, sempre presente, governando dos bastidores, a "teatrocracia". Ela regula a vida cotidiana dos homens em coletividade. É o regime permanente que se impõe aos diversos regimes políticos, revogáveis, sucessivos.5

Vê-se que o poder precisa de instrumentos de representação teatral, não pode viver separado deles. O mesmo autor completa (p.7):

O poder estabelecido unicamente sobre a força ou sobre a violência não controlada teria uma existência constantemente ameaçada; o poder exposto debaixo da iluminação exclusiva da razão teria pouca credibilidade. Ele não consegue manter-se nem pelo domínio brutal e nem pela justificação racional. Ele só se realiza e se conserva pela

transposição, pela produção de imagens, pela manipulação de símbolos e sua organização em um quadro cerimonial. (p.7)

*Portanto, o poder tem que se mostrar como se brotasse do chão do passado, para apontar os caminhos do futuro, como se estivesse predestinado a aparecer em um momento histórico ou a se perpetuar no comando de uma sociedade. Cultura e poder são fatores que possuem uma grande ligação. -**A política como espetáculo: a reinvenção da história brasileira e a consolidação dos discursos e** **consolidação dos discursos e das imagens integralistas na revista** Anauê!*

> **A política como espetáculo: a reinvenção da história brasileira e a consolidação dos discursos e…**
>
> Anauê! (1935-1937), uma publicação mensal de grande circulação nacional, teve como meta a divulgação dos princípios da…
>
> www.scielo.br

Pague para ver esses caras ganhando e contando a história do Brasil e você vai ver não só criancinhas a fazer os sinais deles, mas a colocarem a culpa nos "porcos marranos":

Renda Básica no programa de governo do Bolsonaro? Sim… mas só que não.

Ou do que é necessário para ser um político profissional… de sucesso (parte II)

> Essa piada pronta é a melhor. Definitivamente se ser um mentiroso profissional faz parte da capacitação de um político profissional definitivamente Bolsonaro entre os políticos é o mais honesto ou o que é a mesma coisa mentirosos o pior, um amador entre estelionatários e falsários profissionais.

O candidato do PSL à presidência, Jair Bolsonaro publicou nesta terça-feira o seu programa de governo. O documento de 81 páginas defende, entre outras coisas, a implementação de um programa de renda mínima que atinja todas as famílias brasileiras.

O projeto ainda defende que projetos como Bolsa Família foram inspirados em pensadores liberais como Milton Friedman — que defendia o Imposto de Renda Negativo. Um modelo em que indivíduos de uma determinada faixa de rendimentos recebem pagamentos suplementares do governo ao invés de pagar tributos.

A proposta de Bolsonaro é garantir a cada brasileiro uma renda igual ou superior ao que é atualmente pago pelo Bolsa Família. (...)- ***Em programa de governo, Bolsonaro promete renda mínima para todos***

> Parece até piada, Bolsonaro defendendo renda básica??? Inacreditável não é mesmo? Pois, não é? É. "Inacreditável" é o que o próprio dono do "seu" programo de governo pensa sobre o assunto:

Com 81 páginas, o plano de governo entregue pela equipe do deputado e candidato à Presidência da República ***Jair Bolsonaro*** *(PSL) propõe um programa de renda mínima para a população e aprimoramento do Bolsa Família. Apesar de a proposta estar explicitada na seção de economia do*

programa, o candidato ironizou notícia do jornal O Globo *sobre o assunto, a que chamou de "inacreditável".*

Em sua conta no Twitter, Bolsonaro escreveu "Meu Deus! Kkkkkkkk! É inacreditável!" ao retuitar a postagem do jornal, que afirma que ele defende Bolsa Família para todos os brasileiros. Contudo, a proposta está descrita na página 63 do programa do candidato, entregue ao Tribunal Superior Eleitoral (TSE) e disponível no site *da Corte eleitoral desde ontem (terça, 14).*

*"Acima do valor da Bolsa Família, pretendemos instituir uma renda mínima para todas as famílias brasileiras. Todas essas ideias, inclusive o Bolsa Família, são inspiradas em pensadores liberais, como Milton Friedman, que defendia o Imposto de Renda Negativo. Propomos a modernização e aprimoramento do Programa Bolsa Família e do Abono Salarial, com vantagens para os beneficiários. Vamos deixar claro: nossa meta é garantir, a cada brasileiro, uma renda igual ou superior ao que é atualmente pago pelo Bolsa Família", diz trecho do documento (*veja imagem abaixo, extraída do documento entregue ao TSE*).* -***Em programa de governo, Bolsonaro promete renda mínima para todos***

> De fato não sei o que é mais assustador Bolsonaro, se é a piada óbvia: que Bolsonaro não se dá sequer ao trabalho de ler o seu plano de governo e está obrando e andando para ele desde que tome o poder e ainda tira sarro da sua própria ignorância e preguiça. Ou o improvável, ele digitou alguma coisa errada, e pelo contrário não só apoia e entende porque o mais variado espectro ideológico, de pensadores renomados, desde anarquistas e socialistas até liberais como o citado Milton Friedman defendem uma renda básica como o mais importante sabe ao contrário dos jornalista o que é exatamente uma renda básica, que não é renda mínima, nem bolsa família.

Isso sim seria assustador. Porque neste caso estaria usando os termos com a seriedade e precisão cirúrgica que um plano de governo exige. O que quer dizer que Bolsonaro saberia ao contrário dos jornalistas exatamente as semelhanças e o mais importante as diferenças entre rendas mínimas, imposto de renda negativo e renda básica. E aí que assusta, saberia ainda melhor como usar a condicionalidade inerente as rendas mínimas, mas por definição proibidas nas genuínas rendas básicas como cabresto para abestar a população e para aumentar o seu poder, talvez até de forma ainda mais totalitária e alienista e descarada que o PT instrumentalizou o bolsa-família.

Então só para constar didática e esquematicamente:

Renda básicas não são só rendas mínimas para todos, mas rendas mínimas para todos sem nenhum tipo de condicionalidade, sem nenhum tipo de discriminação entre os potenciais "beneficiários", nem muito menos imposição de nenhuma contrapartida deles para que recebam o direito ao beneficio. Ou seja o público-alvo não pode ser discriminado ou eleito por nenhum critério. Ninguém pode deixar de ser admitido no programa ou ser cortado por ser muito pobre, nem muito, rico, muito branco, ou muito preto, muito jovem, ou velho, ser ou estar muito pouco isso ou aquilo... O única razão para alguém estar fora do programa é uma e tão somente uma: partindo do principio da economicidade, do mais barato para o mais caro não há recursos para o programa chegar ou cobrir o custo de vida naquela daquela localidade e ponto. Ou seja, cobre-se das áreas mais pobre e carentes as áreas mais ricas com maiores custos de vida, não por uma questão de discriminação entre ricos e pobres, mas de garantia do mínimo vital de acordo com a reserva do possível: cumpre-se a lei gradualmente de acordo com os recursos financeiros de fato disponíveis expandindo sua abrangência conforme a segundo o critério da efetividade e não o da arbitrariedade.

A "Renda básica" diferentemente de rendas mínimas em geral como o "bolsa família" por exemplo é um direito popular, do cidadão e obrigação do Estado e não um concessão de benesse legal, estatal ou real. É como a disponibilização de escolas não podem ter precondições nem para admissão nem depois exigências a serem cumpridas para a permanência das crianças. É dever da sociedade delegado ao Estado na forma de impostos que ele disponibilize e atende esse direito de toda criança, dá-se o mesmo como o direito a renda básica enquanto direito de provisão ao mínimo vital, isto é, aquilo que é absoluta necessário para que ninguém morra das privações fisiológicas mais básicas. Essa provisão, por exemplo é o equivalente ao que o Estado provê ou pelo menos deveria fazê-lo com respeito a dignidade humana, até porque já gasta dinheiro para isso, com os presos não em espécie, mas in natura. Presos não recebem renda básica, porque em tese o Estado já gastando o parte do patrimônio publico deles para mantê-los e sustentá-los presos. Já o que como gasta a de quem não está preso, porque esse povo não vê a cor desse dinheiro, isso é uma outra história. Deve ser porque gasta provendo serviços públicos e infraestrutura gratuita de excelente qualidade.

Esse é ponto que exemplifica porque a renda básica diferente dos programas governamentais assistenciais e compensatórios não é um beneficio, mas um direito do cidadão, e não só um direito a vida, mas um direito a propriedade na forma renda, ou mais precisamente dividendo social, uma participação do bem comum correspondente a cobertura mensal das suas necessidades vitais. E é por isso que não cabe a nenhum governo ou servidor dele estabelecer critérios nem muitos exigências de recebimento, elegibilidade, contrapartida, condicionalidade ou se arrogar a prerrogativa tecnocrática de dar ou retirar tal direito como se fosse benesse ou punição, tal renda básica é um propriedade na forma de direito a renda do cidadão. Ao negar a renda de um patrimônio público que pertence ao cidadão o que o Estado faz é roubar o cidadão, e ao fazer exigências para que ele possa receber o que de fato é seu age como um

banco, ou seja obstrui, extorque e chantageia o cidadão para que ele posse obter de volta o que fato de volta o que está de fato detido nas mãos deles mas ainda sim é seu por direito.

Há portanto apenas 3 formas de se conseguir uma coisa sem roubar ou matar, uma é se apropriando de lugares que não tenham ninguém, a segunda é trabalhando, e a terceira é ganhando ou herdando de quem se apropriou pacificamente ou trabalhou par ganhar a sua. Todas as demais são conseguidas com roubo e assassinado geralmente combinados e legalizados ou não. Considerando que lugares sem dono não existem faz tempo, só há um forma de ter uma renda sem ter que trabalhar nascendo herdeiro. Se você nascer herdeiro de fortuna, não vai precisar fazer nada, se não quiser, se nascer herdeiro só de uma renda pelo menos não vai morrer de fome, e vai ter que trabalhar se quiser mais do que só isso na vida, e até algum para poder fazer você vai ter. E o ponto é desconsiderações históricas a parte que não foi exatamente trabalhando com seus próprios braços, nem muito menos como se apropriando de pacificamente de uma terra sem dono que o brasileiro adquiriu a posse dessa terra chamada brasil. Para todos os efeitos, cada cidadão brasileiro é dono desse território e suas riquezas, e não o Estado, do qual sob servos. Não somos uma republica socialista totalitária, mas uma republica capitalista e democracia liberal. Ou seja cada pessoa humana, cada individuo é dono de uma parcela igual dessa porra, e cada de brasileiro um herdeiro dessa riqueza de modo que quando cada ladrão do governo não apenas se apropria dos impostos usando como bem entende, mas vendem, concedem como benesse ou incentivo fiscal para empresas, o que é por definição a fonte geradora do pagamentos dos rendimentos básicos, o capital brasileiro, o patrimônio nacional, o que eles estão praticam não é corrupção é roubo. E depois perguntam de onde vão pagar a renda básica. Como se habitássemos um deserto, e não um dos países mais ricos do mundo que não pará um segundo de ser constantemente loteado e pilhado há mais de 500 anos…

E só para constar mesmo que não tivesse toda esse riqueza na forma de patrimônio nacional. Se toda a riqueza fosse em tese totalmente privada, e o pais absolutamente pobre. Ao contrário do que a matéria disse o plano de governo em questão sim indicou de onde viriam os recursos. Não de forma suficiente explicita, mas isso indicou quando citou com referência o modelo de imposto de renda negativo de Milton Friedman. Um modelo de imposto Robin Hood onde todo mundo recebe uma renda básica de por exemplo 100 reais, mas os mais ricos pagam impostos maiores enquanto os pobres menores, até as faixas de isenção de modo que o modelo de imposto de renda negativo, funciona de fato um programa de redistribuição de renda onde quem ganha mais acaba pagando para quem ganha menos receba uma renda básica.

Mas isso não é socialismo? ao invés de liberalismo? O rico não está sustentando o pobre com o dinheiro dele?

Não, Ao menos não e o tributo cobrado, não for um roubo, o que só o que se a cobrança efetuada não um centavo maior do que justamente o valo contribuição estabelecida sobre a concessão do uso do bem comum da pessoa física ou jurídica no que corresponde ao patrimônio público a composição ou produção dos seus ganhos e bens. Do contrário quem está roubando a sociedade é a pessoa ou empresa que como grileira toma espaço que é publica para usar ou produzir bens e ganhos particulares sem pagar nada pelo uso desse posse que 200 milhões de sócios que de centavos em centavos, deveriam ter a renda básica garantida até mesmo para poder comprar os bens e serviços inclusive sociais que mais prestam e interessam.

Mas não se preocupem com nada disso. Porque como alertou o mentiroso honesto Bolsonaro seu programa de governo não é para acreditar é para rir. Ele é tão liberal quanto o Lula é cândido. E eu sou bonapartista.

Depois da URSAL como é que ainda tem gente levando o único mistério para mim é como é que ainda tem gente levando essa eleição. Não que as consequências não sejam sérias e gravíssimas, não é isso, mas só as consequências, porque o resto, é uma fuga do hospício. E mesmo que não fosse, mesmos que o plano fosse sério. É bom lembrar que a renda básica há mais de 10 anos é lei sem efeito, assinada por sinal por Lula e... Ciro Gomes. Só para não esquecer qual pode ser o tempo e espaço abismal e efêmero que podem separar uma proposta e promessas de campanha eleitoral e sua realização de fato e sem gato entre outras coisas da políticas.

Isso me fez lembra o paradoxo de Zenão, da corrida da lebre e a tartaruga aqui adaptada para a renda básica. A lebre pode correr a uma velocidade infinita e ainda sim nunca vai alcança a tartaruga. A tartaruga nunca desistir da corrida, mas também nunca chega. E nisto a renda básica vai sempre ficando como 171 eleitoral perfeito... a promessa política ideal para se se fazer em campanha e mais perfeita ainda para se descumprir como impossível uma vez no governo. Exceto por um fato... Não só é possível, mas já foi feito, e pode ser replicado e escalado, já tem gringo copiando, mas não conta para ninguém, senão estraga a piada (e o golpe)...

Conexões: Da Matemática da Física à Física da Matemática

Deuses, Loterias e Mercados: A ilusão do Apostador e as esperanças matemáticas

Muito Além do Jardim

PARTE I: O ACASO E OS JOGOS DE AZAR

Coincidências na Mega-Sena

— Os números sorteados no último concurso da Mega-Sena geraram teorias da conspiração em função de uma semelhança entre eles: todos fazem parte de uma mesma dezena, a 50. Foi a primeira vez que isso aconteceu, o que deu margem para teorias a respeito da loteria. Nas redes sociais, algumas pessoas chegaram a classificar o sorteio como fraude, roubo e até viram o fato como sinal de corrupção. [...]

[...] 'Todas as combinações têm a mesma probabilidade', pontua [o matemático] Schutzer, que atribuiu a estranheza de alguns sobre o concurso à falta de conhecimento de algumas pessoas sobre teorias de probabilidade. [...]

[...] "Qualquer um dos 60 números da Mega tem a mesma possibilidade de ser sorteado. O processo não guarda memória do passado. Não adianta pensar que 'esse número saiu mais", diz o ... [professor Fábio Gerad]. [...]

[...] Para o professor de matemática da UFMG Gilcione Nonato Costa, o melhor mesmo é nem chegar perto de uma lotérica. 'Minha dica é cruel: é não

jogar', diz. 'A probabilidade de acertar é quase nula'. [...]". — ***Coincidência inédita na Mega-Sena provoca dúvidas nas redes sociais; matemáticos explicam*****. Nathan Lopes Do UOL, em São Paulo 25.06.2018.**

Boa dica. Mas os matemáticos que me perdoem. Será que não falta a eles também um pouco de senso comum para entender porque tanta gente anda tão desconfiada de tudo?

Falta conhecimento da teoria das probabilidades? Pode apostar que falta –e quem dera fosse só a falta de conhecimento das teorias das probabilidades–. Nisto eles estão certos. Não é preciso nenhuma pesquisa estatística para validar essa hipótese. Todavia que tal os matemáticos se perguntarem qual a razão –fora, é claro, a paranoia esquizoide e imbecilização generalizada– para tanta gente, mesmo com a ciência dizendo o contrário, continuar a supor que o sorteio foi fraudado. A razão lógico-matemática, se é que existe alguma.

Já adianto que este escrito não advoga em defesa de nenhuma teoria conspiratória ou acusação de que o sorteio foi uma fraude. Não acredito que tenha sido fraudado. Melhor, não tomo a mera coincidência desses números como prova nem evidência que exista fraude nas loterias brasileiras. O que não quer dizer que eu credulamente pressuponha honestidade nessa indústria de jogos de azar, só porque ela é monopolizada pelo Estado e não por mafiosos de Las Vegas. Muito pelo contrário.

Se considerarmos as estatísticas e aplicadas aos eventos não aleatórios e a probabilidades condicionadas, isto é, as chances onde gente literalmente intervém ou mete a mão nos resultados, a chance de encontrar gato na

tuba com uma auditoria independente [e quando digo auditoria independente, não é no nome como a do Senado, mas a realizada por instituição completamente desvinculada a auditada] explicaria muito as crendices e superstições populares, bem como sua falta de fé e suspeitas nas bem ditas autoridades ou narrando pela perceptiva inversa, de credibilidade das mal ditas autoridades frente à opinião pública.

Não é, portanto, de surpreender que a ciência acabe comprometida por osmose e tanta gente prefira acreditar nas teorias conspiratórias mais absurdas. Afinal, rigorosamente falando, assim como não há nenhuma razão científica para pressupor que os dados sejam viciados, também não há nenhuma prova de que eles não o sejam. Muito pelo contrário. Há inclusive estatísticas e probabilidade. Vejamos.

Considerando que:

a. a ilusão do apostador só é válida quando os dados não são viciados e a casa não é desonesta;

b. a caixa econômica federal era [e não sei se ainda é ou de quem é] feudo e boca de figuras do naipe de um Eduardo Cunha; e

c. os dados conhecidos testemunham e compõe uma probabilidade bastante desfavorável à suposição de honestidade da *Casa*.

Posso afirmar que a divergência entre o senso comum da população e os matemáticos está nas suas pressuposições, ambas sem provas, de que o sistema é honesto ou viciado. Pois, se do ponto de vista jurídico é

obrigatório a presunção de honestidade, do ponto de vista científico obrigatório é o ceticismo.

O erro ou tolice, portanto, de quem afirma que foi fraude não está em suspeitar da fraude, até porque é sabido, segundo a própria teoria das probabilidades que, quanto maior o número de resultados coincidentes, maior é a probabilidade do sistema estar viciado e, portanto, mais razoável às suspeitas. Se a gente der uma navalhada de Ockham[1] na questão, veremos que o erro ou a tolice está em supor que foi fraude, levando em consideração a coincidência dessa ou daquela combinação sorteada, quando essa suposição é completamente desnecessária, afinal é sabido que, seja para fraudar quanto roubar, eles sequer precisam se dar *tanto* trabalho nem chamar tamanha atenção manipulando resultados. Isto é, a probabilidade em favor da suspeita de fraude e corrupção, seja qual for os resultados da loteria continuam a mesma: alta.

Resumindo, segundo os matemáticos a probabilidade de qualquer dezena é a mesma quando os sistemas são honestos, falta agora aplicar a probabilidade condicionada usando os dados conhecidos e calcular:

a. qual a chance do sistema ser ou não honesto? e

b. qual a chance dessa desonestidade estar manipulando os resultados?

Repito, não duvido que essa combinação seja mera coincidência, mas não me peça para colocar a mão no fogo que essa roleta não é viciada, porque tenho menos certeza ainda da honestidade da gestão do sistema. Ademais, se eles são honestos, até que se prove, juridicamente, o contrário ou se existem outros métodos bem mais simples e fáceis para eles roubarem caso não sejam. O fato é que não uma coisa nem outra

garante, não com certeza, ou pelo menos razoável probabilidade ou credibilidade que os resultados não são manipulados. Pelo contrário, falta. Falta certeza, credibilidade e sobram dados conhecidos para compor histórico e probabilidades que só depõem contra.

De modo que se há uma coisa no Brasil que demanda uma abordagem menos crédula e mais cética é a da gestão das coisas públicas e estatais [e cá para nós, das corporativas privadas também], cujo domínio não é o das provas nem jurídicas quanto mais científicas, mas sim, o império das dúvidas razoáveis onde, portanto, não é de se surpreender tamanha falta e desconfiança generalizada.

Contudo não é esse o assunto desse escrito. No Brasil atual, isso são obviedades. O que realmente me interessa e que gostaria de compartilhar com o leitor, são outras questões cuja análise acho muito mais promissora do que a da fraude e corrupção. Questão como:

Porque esses eventos causam estranheza? Porque nossas noções e impressões são, segundo a matemática, enganosas? O que é a ilusão do apostador? Ainda, o mais importante: Será mesmo que esses apostadores estão realmente tão enganados assim em suas previsões?

Adianto minha conclusão. Não, não estão, não completamente. Logo adianto que esse texto se resume em explicar quando e principalmente porque, os apostadores estão certos ao seguir seus *instintos* que apontam para a alternância e distribuição mais igual das probabilidades dos eventos, mesmo em sistemas de apostas de fato honestos, isto é, onde as chances e possibilidades são verdadeiramente aleatórias.

Também adianto, para quem não gosta de cálculos, que não vou recorrer a fórmulas algébricas para desenvolver os argumentos. Ao contrário, eu vou usar traduções didáticas da linguagem matemática para a gramatical, priorizando neste primeiro momento a comunicação dos conceitos que embasam a lógica dessas teorias. Até porque estando a lógica correta, a linguagem que elas são expressas, dificultam a aplicação e verificação das teorias, mas facilita o entendimento e sem afetar sua correção.

Para anto precisamos falar, antes de tudo, da "*ilusão do apostador* ou da *falácia do apostador de Monte Carlo* que embasa a afirmação do matemático na reportagem:

"O processo não guarda memória do passado. Não adianta pensar que esse número saiu mais"

Embora, a dita 'ilusão do apostador' não trate especificamente do padrão da sequência sorteada [ou da estranheza e eventual sorteio da combinação [1–2–3–4–5–6] que ela ou uma qualquer, mas sim da repetição de padrões e eventos [ou como colocou muito bem o matemático, com a reincidência de número e combinação sorteadas, repetida ou a frequência]. A ilusão do apostador fornece uma explicação matemática geral, porque todas essas noções e impressões são consideras sem fundamento pela teoria das probabilidades.

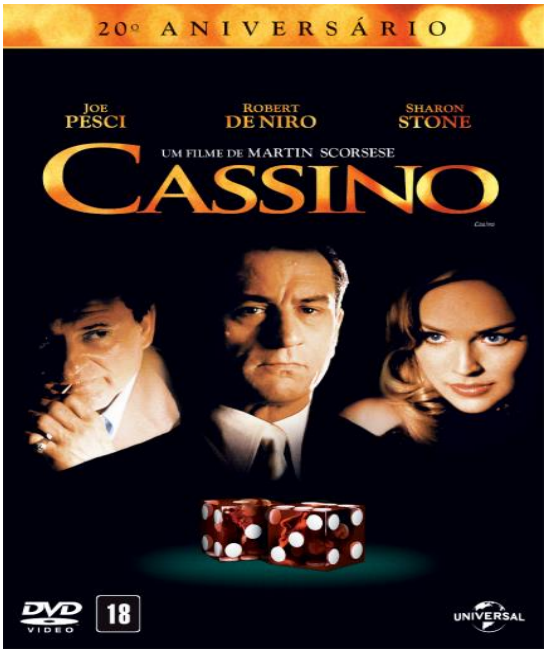
Não explica, portanto, porque acreditamos que *um raio não cai duas vezes no mesmo lugar* [até porque a explicação do porquê de tal impressão *pertence* a outros campos de estudos], mas explica porque isso é considerado um erro ou uma superstição. Mais precisamente porque do ponto de vista da teoria das probabilidades a chance de um raio cair num mesmo lugar ou em outro, ou de uma dezena que já foi sorteada ser novamente sorteada é exatamente a mesma de qualquer outra a cada sorteio.

Sei que parece um assunto que interessa, desde gente que quer achar uma fórmula mágica ou algoritmo para ganhar na loteria, cassinos ou qualquer tipo de jogo de apostas, como bolsa de valores e outras bancas do capitalismo financeiro mundial, e é. Assim como, também o é do pessoal que desenvolve inteligência artificial, aprendizado de máquina, computação em nuvem, biomedicina, genética e outras áreas que não tenho a menor ideia, mas que se usam a inferência Bayesiana[1] e o Teorema de Bayes[2], que estão a trabalhar com as apostas e ilusões que constituem as projeções e previsões de futuro, baseado no conhecimento do passado ou, mais precisamente, na percepção, memória e processamento de dados epistemológicos que compõem a historicidade das coisas concretas como abstrações lógicas e mentais.

Todavia antes de entrar e falar da fórmula de Bayes vamos olhar para as ilusões dos apostadores.

A falácia do apostador

— "[...] O mais famoso exemplo de falácia do apostador ocorreu em um jogo de roleta no Cassino de Monte- -Carlo em 18 de agosto de 1913, quando a bola caiu em uma casa preta 26 vezes em sequência. [...] Apostadores perderam milhões de francos apostando contra o preto, achando incorretamente que a sequência estava causando um desbalanço na aleatoriedade da roda, e que isso implicaria uma sequência de vermelho. [...]"! — ***Falácia do apostador — Wikipédia, a enciclopédia livre***



— "[...] Quando você joga 'cara ou coroa' várias vezes e tira apenas 'cara' seguidamente é mais provável que você tire 'coroa' na próxima vez que jogar a moeda, certo? Errado. A chance de sair 'cara' ou 'coroa' é sempre a mesma, de 50% para cada opção [isso se a moeda não estiver alterada, obviamente]. Você pensa que tirar 'coroa' é mais provável por causa da chamada 'ilusão do apostador'. O cérebro humano tem uma tendência a achar que eventos do passado podem alterar a probabilidade de eventos futuros, apesar de as chances serem sempre as mesmas. Pode parecer meio óbvio quando explicado dessa forma, mas vários apostadores já perderam dinheiro na roleta, no poker e em outros jogos de azar por causa dessa falha do pensamento. [...]". — ***Os 10 problemas mais comuns do pensamento humano*****, por Luciana Galastri — Hypescience. 25.06.2010.**

Mais:

— "Um erro comum entre os apostadores é acreditar que são 'merecedores'. Em outras palavras, ao jogar uma moeda para o alto 10 vezes e todas as vezes der cara, muitos têm a falsa impressão que a probabilidade de na próxima vez dar coroa é bem maior do que novamente aparecer cara.

Contudo, é óbvio que a probabilidade de surgir uma ou outra coisa é de 50%. Cada lance da moeda é completamente independente do anterior. Mas, por mais simples e compreensível que seja, muitos insistem em ignorar esse conceito, conscientemente ou não.

Considere essa ideia em termos de investimento. Se você investe nas ações de uma companhia e elas despencam sem razão aparente, qual é seu primeiro pensamento? Você acha que as ações 'merecem' aumentar? Muitos cometem esse erro e investem ainda mais nesses papéis, na esperança de recuperar o dinheiro perdido. Em geral, quando o preço de uma ação cai, isso é sintoma de um problema estrutural ainda maior. Em vez de injetar dinheiro aí, um investidor experiente examina as condições financeiras da empresa e seus prospectos. Ele reavalia o investimento e continua a tomar decisões inteligentes e disciplinadas com base nas informações agora disponíveis. Apenas porque uma ação caiu durante 10 dias seguidos, isso não significa que ela irá subir no 11º dia. [...]" - ***Filosofia do poker: A Falácia do Apostador*****, por David Apostolico - CardPlayer, Edição 4.**

> Quer dizer, o erro está em pensar que as ocorrências anteriores alteram as probabilidades das ocorrências posteriores em eventos aleatórios, ou seja, pensar que as chances mudam quando elas permanecem exatamente igual a cada rodada. Porém por que, segundo os matemáticos, as chances continuam sempre meio a meio?
>
> Bayes explica. Bayes e Laplace. Sim Laplace, aquele da famosa historinha herege:

— "[...] Disse-lhe Napoleão, à vista da 'Mecânica Celeste' e pensando embaraçá-lo: 'Escrevestes este enorme livro sobre o sistema do mundo sem mencionar uma só vez o autor do universo'. E ouviu a réplica de Laplace:

*'Senhor, não senti necessidade dessa hipótese'. [...]". — **Pierre Simon Laplace**. **UOL Educação**.*

> De fato ele não precisou dessa hipótese, mas sua *mecânica celeste* newtoniana carecia de outra[s] bem menos determinista, mas deixemos as heresias de lado, e vamos a essas teorias e a explicação de o porquê da moeda, do dado, da loteria ou da roleta, se não estiver viciada, ter sempre as mesmas chances: meio a meio.

Teorema de Bayes

O que é o Teorema de Bayes?

— "Em nosso Black Belt, um dos temas que trazemos à tona é probabilidade. E, ao falar em probabilidade, precisamos falar de Bayes. O inglês Thomas Bayes foi um pastor protestante, provavelmente nascido em 1701. Sabe-se pouco a respeito de sua vida, apesar de ele dar nome a todo um campo da estatística e talvez seu mais famoso teorema.

Sua obra mais famosa foi Essay toward Solving a Problem in the Doctrine of Chances [Tentativa de elucidar um problema na doutrina do acaso], publicada somente depois de sua morte. Seu tema tratava de como formular convicções probabilísticas a respeito do mundo quando diante de novos dados.

Na introdução sobre obra, seu amigo Richard Price, toma como exemplo o caso de uma pessoa que surge no mundo [talvez Adão, talvez alguém saído da caverna de Platão] e vê o nascer do sol pela primeira vez. A princípio, ele não sabe se é um fenômeno típico ou algum episódio insólito. Porém, a cada dia

que sobrevive e vê o nascer do sol, aumenta sua confiança de que se trata de uma característica permanente da natureza. Aos poucos, por meio dessa forma de dedução apenas

[1] *Inferência bayseniana, consiste na avaliação de hipóteses pela máxima verossimilhança, uma decorrência imediata da fórmula de Bayes, e é fundamental para métodos computacionais relacionados à inteligência, mineração de dados ou linguística, sejam eles métodos bayesianos de aprendizado de máquina ou não bayesianos. É uma extensão da estatística bayesiana e da inferência estatística para a inteligência computacional, onde é sinônimo de aprendizado bayesiano [ou aprendizado de máquina bayesiano) e encontra aplicações em domínios igualmente genéricos, na biomedicina, computação em nuvem, pesquisa de algoritmos, criatividade computacional. Os resultados, em termos de classificação e regressão, por exemplo, são em muitos casos satisfatórios e até difíceis de serem aprimorados, de propriedades convenientes e bem conhecidas e constituem baselines [linha de base]. Wikipédia. 02.08.2018. N. Editor.*

[2] *Teorema de Bayes — Lei de Bayes ou a regra de Bayes, descreve a probabilidade de um evento, baseado em um conhecimento 'a priori' que pode estar relacionado ao evento. O teorema mostra como alterar as probabilidades 'a priori' tendo em vista novas evidências para obter probabilidades 'a posteriori'. Wikipédia. 02.08.2018. N.. Editor.*

estatística, a probabilidade que ele aplica à previsão de que o sol irá nascer no dia seguinte se aproxima de 100%, embora nunca chegue a esse ponto.

O argumento desenvolvido por Bayes não afirma que o mundo é, de forma intrínseca, probabilístico ou incerto. Bayes acreditava na perfeição divina e defendia a obra de Isaac Newton, que parecia sugerir que a natureza segue

leis regulares e previsíveis. O que Bayes faz é uma afirmação matemático filosófica sobre como aprendemos a respeito do universo: por meio de estimativas, aproximando-nos cada vez mais e mais da verdade à medida que reunimos mais indícios.

O ponto de vista bayesiano considera a racionalidade uma questão probabilística. 'Não culpe a natureza por você ser tolo demais para compreendê-la: se sair de sua concha de ceticismo e fizer algumas previsões sobre o comportamento dela, talvez chegue um pouco mais perto da verdade'.

Mas de onde veio o teorema de Bayes?

O teorema de Bayes foi desenvolvido por um homem brilhante, o matemático e astrônomo francês Pierre-Simon Laplace. Ele, argumentava ser possível prever o universo de forma perfeita, mas para isto deveríamos saber a posição de cada partícula em seu interior e teríamos de ser rápidos o bastante para calcular seus movimentos. Por que, então, Laplace envolveu-se com uma teoria que é conhecida como a base do 'probabilismo'?

Na época, Laplace estava frustrado com suas observações astronômicas que pareciam mostrar anomalias nas órbitas de Júpiter e Saturno, pois previam que Júpiter iria colidir com o Sol, enquanto Saturno ficaria à deriva no espaço. Claro que tais previsões estavam erradas, mas Laplace então dedicou-se a melhorar suas previsões, principalmente no que tocavam suas deduções a partir de probabilidades, ao invés de trabalhar com medidas mais precisas. Para ele, estava claro que entender melhor as questões acerca da probabilidade eram fundamentais para o progresso científico.

A matemática por detrás do teorema de Bayes

Em sua forma mais básica, trata-se apenas de uma expressão algébrica com quatro variáveis –três conhecidas e uma desconhecida–. Porém, apesar de sua simplicidade, ela pode nos conduzir a vastas percepções no âmbito das previsões. O foco do teorema é a probabilidade condicionada. Ou seja, fala da probabilidade de uma teoria ou hipótese ser verdadeira se tiver havido determinado acontecimento. [...]

[...] Quanto mais apurada for a probabilidade prévia, melhor será a sua assertividade na probabilidade posterior. Porém, não quero sugerir que nossas probabilidades prévias sempre prevaleçam sobre indícios novos ou que o teorema de Bayes produz, por si só, resultados que podem ser contrários aos nossos instintos. Às vezes, as novas evidências são tão fortes que ofuscam todo o resto, fazendo com que possamos passar, de forma praticamente instantânea, de uma probabilidade próxima de zero a uma quase certeza.

O teorema de Bayes não é uma formula mágica –em sua forma simples empregada aqui, é álgebra básica–. Precisamos, no entanto, abastecê-lo com informações de qualidade, em particular, nossas estimativas sobre probabilidades prévias, para que ele nos entregue resultados úteis.

A maior lição do teorema de Bayes é que ele nos exige que pensemos de forma probabilística a respeito do mundo, mesmo ao lidarmos com temas que não gostamos de considerar como determinados pelo acaso. Isso não significa que tenhamos de encarar o mundo como algo incerto de forma intrínseca ou metafisica [a lá Montanha Mágica]. Laplace, que acreditava que tudo, das órbitas dos planetas ao comportamento das partículas, era governado por metódicas regras newtonianas, mudou seu entendimento e teve um papel fundamental no desenvolvimento do ***Teorema de Bayes****. Esta é a melhor forma de lidarmos com a incerteza epistemológica, com os limites de nosso*

*conhecimento". — **Teorema de Bayes: o que é e para que serve?** **por Virgilio F. M. dos Santos - FM2S.***

> Para entender o teorema de Bayes precisamos ter em mente duas coisas: as chances dos eventos ocorrerem quando olhamos para eles isoladamente; e como essas chances mudam [ou não] dentro, quando olhamos para uma cadeia de eventos que podem estar relacionados pela similaridade ou verossimilhança dos objetos observados e dos padrões. No primeiro caso temos a ***probabilidade incondicional***, que aqui também vou chamar de absoluta, onde olharmos para o lançamento do cara ou coroa sem considerar os resultados anteriores. No segundo temos a ***probabilidade condicionada*** ou relativa. Porém condicionada ou relativa ao quê? Relativa ou relacionada à observação dos resultados passados. Como por exemplo uma cara e uma coroa que só cai na cara 100 vezes seguidas.

— "[...] Imagine que existe uma doença que atinge apenas 1 em cada 100 pessoas na população. Um novo teste foi desenvolvido para detectar a doença, cuja precisão é de 99%. Ou seja, para as pessoas com a doença, o teste indica corretamente que eles têm a doença em 99% dos casos. Da mesma forma, para aqueles que não têm a possuem, o teste corretamente indica que eles não têm a doença em 99% dos casos.

Se uma pessoa faz o teste e o resultado do teste é positivo, qual é a probabilidade de que ela realmente tem a doença?

Este é um exemplo clássico de como a probabilidade condicional está longe de ser intuitiva. Este tipo de problema também está longe de ser uma curiosidade acadêmica: vários estudos foram efetuados com questões

semelhantes à médicos. E os resultados frequentemente são desanimadores ... as respostas variam muito e muitas vezes estão longe de serem corretas.

Se o teste é 99% exato, é tentador chutar que há uma chance de 99% que a pessoa que testa positivo realmente possua a doença. 99% é, na verdade, um palpite muito ruim. A resposta correta é que há ***uma chance de 50% que a pessoa que testa positivo realmente possua a doença****.*

Para calcular esta resposta, primeiro precisamos calcular a probabilidade incondicional de um teste positivo. Lembre-se que esta é simplesmente a probabilidade de um ***teste positivo*** *ser produzido por alguém* ***com a doença*** *somado à probabilidade de um* ***teste positivo*** *ser produzido por alguém* ***sem a doença****. A razão pela qual a resposta é 50% e não 99% é porque a doença é bastante rara. A maioria das pessoas não tem a doença, por isso mesmo um pequeno número de falsos positivos supera o número de positivos reais. É fácil ver isso em uma matriz. Suponha 10.000 ensaios:*

Se você verificar os números, verá que eles funcionam exatamente como descrito: 1% da população com a doença e 99% de precisão em cada coluna. Porém, o número de resultados de teste positivos é idêntico para as duas populações: 99 em cada. É por isso que a probabilidade de se ter realmente a doença dado um teste positivo é de 50%.

Analisemos de uma outra forma. Quantidade de testes positivos = 99 + 99 = 198 testes. Temos que 99 pessoas realmente têm a doença. Portanto, 99/198 = 0,5. Ou seja, metade dos testes acertaram.

Com efeito, o que temos é que para que um teste de uma doença rara como esta seja significativo, ele deve ser mais preciso que o deste exemplo. No caso

que acabamos de descrever, a precisão de 99% não foi suficientemente precisa. [...]

[...] Imaginemos que você tenha uma moeda que você acredita não ser viciada. Portanto, ao jogá-la, há uma chance de 50% de que dê cara e 50% que dê coroa. Se você jogar a moeda 10 vezes e der cara em todas elas, você suspeitará que a moeda esteja viciada? Dez caras seguidas podem acontecer, mas a probabilidade de ocorrência é de apenas 1 em 1.024. Como você atualiza suas premissas depois de ver 10 caras?

Se você acreditasse que havia uma probabilidade de 90% que a moeda fosse não viciada antes de começar a lançar, depois de ver 10 caras sua opinião de que a premissa está correta deve estar provavelmente entre 0% e 90%. Ou seja, você acredita que é menos provável que a moeda não viciada depois de ver 10 caras [portanto, menos de 90%], mas ainda há alguma probabilidade de que a moeda seja comum [portanto maior que 0%]. [...]" - ***Teorema de Bayes e o Gerenciamento de Riscos em Projetos*****, por Fábio Lessa - Linkedin - 15.03.2017.**

> Quer dizer, as chances de uma *moeda honesta*, que não esteja viciada, são sempre meio a meio ou, em outras palavras, quando observadas de forma isolada do histórico dos seus resultados absolutamente iguais. Contudo as chances de observarmos alguém jogar uma moeda honesta 1 milhão de vezes seguidas só dando cara é praticamente zero, mas nunca zero nem que fosse um trilhão. Seria, portanto, um evento extremamente raro e singular, e matematicamente altamente improvável, mas não impossível nem com uma probabilidade matemática tão próxima do zero quanto o Big Bang[1] ou a criação do tempo, espaço e matéria a partir do nada ou o perfeito caos.

Isto é, não importa se as chances são 2 em 1, 1 em 6, 1 em X milhões ou uma em até mesmo um número infinito de possibilidades, se observamos os eventos isoladamente as chances estarão sempre distribuídas de forma igual entre todas as possibilidades. Porém, se observamos os eventos ao longo da sua história, no caso o histórico dos resultados a chance de observarmos, uma determinada ocorrência rara como por exemplo, a reincidência de uma dezena ou combinação delas por vários sorteios consecutivos diminui. Por isso mesmo chamamos a ela de rara, mesmo sendo uma mera coincidência.

Logo, vem a pergunta, um apostador que faz apostas aleatoriamente, ignorando o histórico dos resultados tem as mesmas chances do que aquele que observa raridades das coincidências e joga contra elas? Suponhamos 4 apostadores de cara e coroa que só entrem no jogo e apostem quando por exemplo ocorre uma sequência de 3 caras ou coroas. Que um jogador aposte na continuidade do padrão: *no que está quente*, o outro aposte justamente o contrário, na alternância: *uma hora tem que mudar*. Um terceiro jogador aposte sempre o mesmo lado da moeda: *uma hora vai sair*. Enfim um quarto que simplesmente escolha aleatoriamente o seu lado da moeda: *qualquer um, tanto faz*. Qual, com mais frequência, irá acertar o resultado?

Não é preciso jogar moedas. Price e Bayes já responderam essa questão, ainda que eles ou matemáticos não tenham se dado conta disso [ou tenham, e seja eu que não sabia]. Voltemos ao exemplo da aposta no novo dia, no renascer do Sol. De longe a melhor ou mais certa [para não dizer sã e sadia], já feita pelo homem: a aposta que haverá um amanhã.

A aposta no nascer de um novo dia, uma aposta que fazemos sem sequer perceber, tamanha é a certeza, melhor, certeza não, a completa ausência de privação de dúvida na possibilidade contrária e isto mesmo quando

sabemos que ela não é absolutamente certa nem verdadeira. Não para todo mundo e certamente não para sempre nem todo mundo estará amanhã vivo para ver o Sol nascer de novo. Um dia o Sol também irá morrer, assim como na ilusão do apostador de Monte-Carlo, após não uma nem 26 zilhões e zilhões de rodadas caindo no mesmo resultado, uma geração de apostadores também vai perder.

Na verdade embora seja improvável, não é impossível que agora, neste exato instante, o Sol já tenha se apagado –algo que só saberemos daqui algum tempo, mais precisamente 8 minutos, o tempo que essa informação, na forma de luz, demora na sua velocidade para chegar até a Terra–. O fato é que o Sol que nasce todos os dias, há zilhões de anos, antes mesmo de haver dias, anos ou o mundo existir para dar voltas, num dado momento vai se apagar e a aposta mais certa e segura da história do tempo vai falhar.

Mesmo sabendo disto, qual é a sua aposta? O mundo vai acabar? Já acabou e você nem sabe ou simplesmente amanhã, bom ou ruim será *apenas* mais um outro dia?

Qual é a resposta correta?

A resposta correta, do ponto de vista lógico-matemático, é rigorosamente: Não existe resposta correta, apenas a resposta com mais chances de estar certa. Aliás resposta não, aposta. No caso do Sol, ao contrário da loteria, bota chance alta de acertar nisso –supondo evidentemente que a aposta é no renascer do Sol–.

Se a probabilidade absoluta do Sol nascer é meio a meio, a probabilidade condicionada [a história observada] do Sol nascer em outra manhã é simplesmente tão alta [bota alta nisso] que simplesmente tomamos o seu

renascer simplesmente certeza e a hipótese contrária como simplesmente impossível –embora um dia esse padrão vai se desfazer e logo essa lógica vai falhar–. Uma previsão baseada na mera pressuposição. Uma aposta. Contudo uma aposta sobre a qual podemos fazer outra aposta em cima, sem parar para pensar, porque também é uma barbada: quem apostar nela vai acertar.

Melhor dizendo, sem cálculos probabilísticos, pesquisas, estatísticas ou conhecimento da teoria das probabilidades, simplesmente sabemos ou, mais precisamente, acreditamos com certeza praticamente absoluta [pressupomos]: O Sol vai nascer de novo e, por sinal, quando generalizo, ao dizer, *[nós] acreditamos*, também estou fazendo uma pressuposição do mesmo tipo: intuitiva ou instintivamente heurística[2].

Todavia não se engane. Essa intuição está longe de ser um chute. Mesmo não estando cientes e jamais conscientes disso, o que estamos fazendo ou o que o nosso cérebro está fazendo, mesmo que não nos damos conta, são cálculos de chances baseadas na memória das nossas observações. Não é porque não expressamos com a precisão das qualidades, quantidades e operações da linguagem matemática [números, funções ...], mas com qualidades e quantidades e o mais simples da linguagem verbal [substantivos, predicados...], que não estamos exprimindo o resultado de um cálculo mental processado inconscientemente.

É por isso que eu sei qual é a aposta e você sabe a aposta. Eu sei e você sabe qual é a resposta. Esse saber e pensar que se sabe, eles são meras pressuposições. São apostas, mas não chutes, apostas intuitivamente calculadas. Probabilística ... instintiva. Cálculos mentais que permitem que junto com o processamento emocional das volições e impressões emocionais façamos nossas predições cotidianas e decidamos se vamos para a direita ou esquerda, se levantamos ou continuamos parados,

instantaneamente. Algo não só muito prático e útil, mas capital em situações mais complexas como, por exemplo, dar de cara com um predador selvagem –ou devidamente domesticado–, mas ainda assim convicto em te atacar.

Claro que, nestes casos, não há decisão certa a ser tomada, mas as chances de sobrevivência de quem fugiu ou até mesmo lutou são sempre maiores do que quem sentou para calcular suas chances e ainda maiores se quem sentou e quem correu estavam. Um experimento mental que me leva a apostar ou, se preferir, propor a hipótese que o desenvolvimento de tal habilidade seja produto da seleção natural. Então bendita seja a paz, porque sem ela não teríamos sábios corajosos, mas temerários e indecisos, porém, suficientemente convictos na sua covardia e ignorância para ter alguma chance de sobreviver.

Contudo deixemos a seleção natural de fora e voltemos para os apostadores dos jogos de azar e suas ilusões. Afinal de contas: O que a aposta no nascer do Sol tem a ver com a ilusão dos apostadores na loteria dos jogos de azar?Mas deixemos a seleção natural de fora. E voltemos para os apostadores dos jogos de azar suas ilusões. Afinal de contas, o que a aposta no nascer do Sol tem haver com a ilusão dos apostadores na loteria dos jogos de azar? Porque física é uma coisa, matemática é outra, e o Sol não é uma loteria. Ou como disse Einstein Deus não joga dados.

Ou joga?

PARTE II — DEUS JOGA OU NÃO JOGA DADOS

Deus joga ou não joga dados?

Nehttps://www.umsabadoqualquer.com/

Segundo os mais pessimistas, e humoristas, não só joga dados, mas o que tiver a mão. E na falta de meteoros vai vacas voadoras mesmo. (Vide os quadrinhos ao lado.)

Pois é. Pobre do cara, (e da vaca). Ganhou na loteria da vida as avessas e sem comprar bilhete. Mas, quais são exatamente as chances disso acontecer?

Bem, sinceramente, taí uma coisa que não faço a menor questão de saber. Mas importante seguinte: se antes de cair, as probabilidades eram imponderáveis, passam a ser mensuráveis a partir do momento que o primeiro coitado que morreu por vaca que caiu do céu foi registrado. E por sinal (dos céus) tal azar tende a aumentar se mais mortes fatais por vacas voadoras forem registrada.

Mas em tempos de neomedievais de terras planas e interpretações estritamente literais, é sempre bom esclarecer aos fanáticos com tochas de plantão, que deus jogando dados (ou vacas) do céu é uma metáfora. Embora isso também seja evidentemente uma ironia. Pois no que refere a as figuras de linguagem o problema nunca é de tolerância, mas de (falta de) entendimento mesmo. E eis aqui a primeira lei do conhecimento: sem senso comum (incluso o senso de humor) não há entendimento. O que qualquer humorista sabe e se não sabe aprende rápido: piada não se explica, especialmente para quem não acha engraçado, não quer achar, e tem raiva de quem acha.

O conhecimento é nesta acepção o produto final de um processo de compreensão onde a sensibilidade, o senso e a predisposição ao entendimento são respectivamente matéria-prima, instrumento e método imprescindíveis a tanto a sua produção quanto comunicação. Entendimento portanto que não implica em concordância, mas necessariamente em compreensão até para se discordar com fundamento, seja do que o outra pessoa esteja dizendo ou fazendo, seja para ler escrever e quem sabe mudar como as coisas são ou para onde vão. Uma questão portanto de pressuposição de lógica, e desenvolvimento da leitura e escrita de códigos que traduzam fenômenos concretos em objetos interpretáveis pela linguagem da mente, ou em outras palavras, ideias. Sejam elas figuras, metáforas, teoremas ou paradoxos. E aqui vamos usar e abusar de todos esses recursos para entender

dialogicamente até onde vão essas afirmações e contradições, sejam elas cheias de graça ou não.

O bate-papo virtual entre Einstein e Hawking

Deus não joga dados". Nem é dono de cassino. As teorias das probabilidades e suas leis não se aplicam a esse outro campo do conhecimento que não é um jogo de azar regido pelo acaso, por coincidências, mas sim pela ordem das causas e consequências, as leis físicas do universo. Bem, isto é o que poderia contra-argumentar um objetor mais sério da proposição que a certeza no nascer do Sol não é uma uma jogo, não é uma brincadeira nem uma aposta praticamente certa, mas uma certeza praticamente absoluta, e não tem graça. Ou melhor graça tem, mas não é engraçado: O Sol não é uma loteria, nem a vida ao menos para a maioria de nós é uma roleta nem de Monte Carlo nem russa. Ou pelo menos não deveria ser.

Entretanto entre o deveria ser e não-ser, e como as coisas são e não-são, não há nenhum relação necessária. E talvez ninguém (recentemente)

tenha procurado objetar com mais afinco a aleatoriedade ou, o que é quase a mesma coisa, encontrar essa ordem necessária que Albert Einstein. Não só com frases de efeito mas buscando anos a fio provar sua tese que ele próprio considerou seu maior erro (e talvez não tenha sido): a "constante cosmológica". Mas sobre essa pedra filosofal da física contemporânea falaremos mais a frente. Por enquanto, vamos ficar só nas frases de efeito.

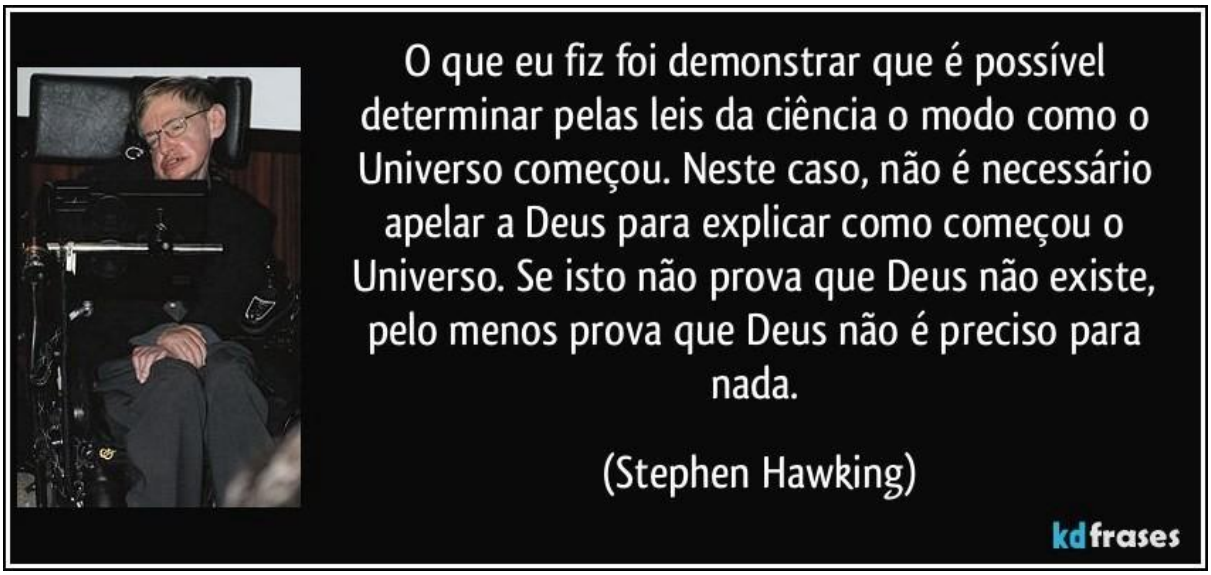
"Nada é por acaso. Deus não joga dados com o mundo. Deus é sútil, mas não é maldoso". Disse Einstein.

Ao que Stephen Hawking objetou (em seu dialogo imaginário): ***" Deus, [não só] de fato, joga dados. [Como] (...) o problema é que muitas vezes ele os lança em lugares que não enxergamos"***

Só faltou completar que ele não existe, mas se existisse pode ser até que não fosse maldoso, mas certamente teria um senso de humor negro infinito... como o deus do cartunista ao lado que definitivamente é brasileiro. Mas é claro que isso seria de novo uma piada, deus brasileiro é um paradoxo, pois capacidade infinita para rir das desgraças, não só dos outros mas as nossas, implica em resignação existencial igualmente sem fim, o que logicamente elimina a possibilidade de se mover para criar qualquer coisa que dirá o mundo... e em 6 dias. Embora pensando bem, se sou um todo-poderoso tipicamente brasileiro e tenho ainda por cima todo o tempo livre do (outro) mundo, para quê então a pressa? Posso pegar alguém, escravizar, amarrar a um piano e esperar que mais hora menos ele componha uma sinfonia para mim, afinal ele vai estar preso lá para sempre; enquanto isso... vou jogando paciência enquanto espero para poder jogar dados, (ou vacas na cabeça dos outros). Sem problemas. Porque afinal, mesmo que meu bom humor não seja infinito, minha resignação é eterna.

E enquanto o brasileiro espera o futuro chegar com esperanças matemáticas ainda menores do que uma vaca cair na sua cabeça, ou um meteoro cair na Praça dos Três Poderes em Brasília. Voltemos para a guerra pop entre os deuses de Einstein e Hawking, mas agora mais atentos para as é figura de linguagens na retórica de cada um.

Não se deixe enganar pelas metáforas: nem Einstein acredita no deus teológico, nem Hawking é um niilista cosmológico. No fundo, o credo de ambos é o mesmo, a ciência, a existência de uma ordem que pode ser conhecida e explicada pela razão. As dúvidas discordâncias não estão sobre a existência de uma ordem natural no Universo, mas no grau de certeza e logo incerteza sobre a possibilidade de conhecimento dela. O que faz de ambos ateus do ponto de vista religioso, mas pessoas de uma fé profunda na ordem do Universo, e no credo da ciência como sua fonte de revelação descobertas quanto das certezas nas pressuposições não demostráveis, os axiomas ou dogmas. E querendo ou não os princípios e finalidades do credo estão mais próximos de Laplace ou no máximo do mártir da ciência o panteísta Giordano Bruno do que dos crente do deus ex machina antes durante ou depois da criação.



Pode soar estranho se referir a ciência como credo, mas tanto o racionalismo do qual o pensamento e método cientifico se assentam num pressuposto de fé. Fé na existência de uma ordem no universo passível de ser conhecida pela pensamento racional e científico. Mas certamente não mais estranho, aos mais puritanos, que essa mistura de deus, ciência e jogos de azar. Probabilística-metafísica-cosmologia: Uma mistura quase psicodélica. Porém, o problema- digo problema para quem não gosta de misturas as coisas- é que essa mistura está presente justamente na origem histórica tanto da física quanto da matemática como as ciências que hoje conhecemos.

Historicamente falando não é correto dizer que os pensadores que fundaram essas ciências misturavam as coisas, mas sim que as coisas a época que as essas obras seminais foram concebidas não eram pensadas de forma tão separadas e compartimentadas. Porém o fato permanece, *misturadas est*. E se a obra seminal da Física Clássica "Principia" de Newton entrega a mistura não só no título mas dentro de toda sua composição. Na probabilística os laços são ainda mais estreitos.

(...)Os alicerces da teoria do cálculo das probabilidades e da análise combinatória foram estabelecidos por Pascal e Fermat, as situações relacionando apostas no jogo de dados levantaram diversas hipóteses envolvendo possíveis resultados, marcando o início da teoria das probabilidades como ciências.- ***História da Probabilidade — Brasil Escola***

A ciência do acaso[14] floresceu em 1654 como resultado de uma pergunta sobre jogos de apostas formulada por um escritor francês chamado Antoine Gombaud. Ele estava intrigado pelo seguinte problema: o que é mais provável, tirar um único 6 em quatro lances de um só dado ou tirar um duplo 6 em 24 lances de dois dados? Gombaud acreditava que os dois eventos ocorriam com igual frequência, mas não era capaz de provar. Então escreveu ao seu amigo matemático Blaise Pascal, perguntando se era realmente isso que ocorria.

Para atacar o problema dos dados, Pascal recrutou o auxílio de Pierre de Fermat, um rico advogado e colega matemático. Juntos, eles avançaram o trabalho anterior de Cardano sobre aleatoriedade, gradualmente estabelecendo as leis básicas da probabilidade. Muitos dos novos conceitos viriam a se tornar centrais para a teoria matemática. Entre outras coisas, Pascal e Fermat definiram o "valor esperado" de um jogo, que mensurava o quanto ele seria lucrativo, em média, se jogado repetidamente. Sua pesquisa mostrou que Gombaud estava errado: a probabilidade de tirar um 6 em quatro lances de um dado[15] é maior do que a probabilidade de tirar um duplo 6 em 24 lances de dois dados. Ainda assim, graças à dúvida de jogo de Gombaud, a matemática ganhara um conjunto de ideias inteiramente novo. Segundo o matemático Richard Epstein, "os apostadores podem reivindicar merecidamente serem os padrinhos da teoria da probabilidade".[16]

A ciência da sorte: A matemática e o mundo das apostas: de loterias e cassinos ao mercado financeiro, **Adam Kucharski**

Pois é. E se tem um culpado desse pecado, definitivamente seu nome é Blaise Pascal. Dos gênios da filosofia e ciência ninguém usou (e "abusou") mais dessa "mistura" que o prodígio precoce Pascal.

Não por acaso além de um dos pais fundadores da matemática probabilística, computação, teoria dos jogos, e precursor também da ciência experimental e estudos do vácuo. Além de diversos escritos religiosos ferozes contra os jesuítas, também geniais em sua literariamente falando. Mas para encurtar a história, morreu jovem e

provavelmente doído- ao menos para os padrões científicos ainda vigentes de sanidade- recusando a se tratar e com trechos da bíblia costurados em suas roupas.

E? E daí? Onde é que eu pretendo chegar com essa viagem? Prometo ao leitor que tiver paciência, que isso não é uma digressão inútil. Que ao final dessa volta a resposta as questão apresentadas farão mais sentido assim como aonde pretendo chegar como esses questionamentos.

Então quando o assunto é o combo: deus, acaso, nada e ainda por cima jogando dados, ninguém que já passou sob a face da terra pode falar com mais razão e sensibilidade do que Pascal. Isso se mortos falassem. Felizmente deixou escritos.

Dentre eles o primeiro que nos interessa é não é propriamente uma hipótese cientificamente verificável, mas uma das mais famosas e hereges apostas : a aposta "matemática" que deus existe, ou simplesmente a aposta de Pascal, considerada a fundação da disciplina da teoria dos jogos.

A Aposta de Pascal e a Esperança Matemática

Consideremos este ponto e digamos o seguinte: "Ou Deus existe ou não existe." Mas qual das alternativas devemos escolher? A razão não pode determinar nada: existe um infinito caos a nos dividir. No ponto extremo desta distância infinita, uma moeda está sendo girada e terminará por cair como cara ou coroa. Em que você aposta? — ***Blaise Pascal****, Pensamentos*

A "Pascalina" a primeira máquina de calcular digital, sim mecânica e digital, inventada em 1642 pelo adolescente Pascal

"Pascal fez uma análise pormenorizada dos prós e dos contras do dever para com Deus como se estivesse a calcular matematicamente a sensatez de uma aposta.

A sua grande inovação foi o método de pesar estes prós e contras, um conceito a que se dá hoje o nome de esperança matemática.

A esperança matemática é um importante conceito, não só nos jogos de azar como na tomada de decisões. Com efeito, a aposta de Pascal é muitas vezes considerada a fundação da disciplina matemática da teoria dos jogos, o estudo quantitativo das estratégias de decisão óptimas nos jogos.

O raciocínio de Pascal era o seguinte. Admitamos que não sabemos se Deus existe ou não, e, por conseguinte, atribuamos uma probabilidade de 50% para cada uma das proposições. Como pesar esta probabilidade na decisão de levar ou não uma vida piedosa? Se vivermos piedosamente e Deus existir, argumentava Pascal, o nosso ganho — a felicidade eterna — é infinito. Se, por

*outro lado, Deus não existir, a nossa perda, ou lucro negativo, é pequena — os sacrifícios da piedade. E, para pesar estes possíveis ganhos e perdas, Pascal propunha que se multiplicasse a probabilidade de cada resultado possível pela sua recompensa e se somasse tudo, formando uma espécie de recompensa média ou esperada. Por outras palavras, a esperança matemática do nosso lucro com a piedade é metade de infinito (o ganho se Deus existir) menos metade de um número pequeno (a nossa perda se Ele não existir). Pascal sabia o suficiente sobre o infinito para saber que a resposta deste cálculo era infinito, pelo que o lucro esperado com a piedade é infinitamente positivo. E assim, concluiu Pascal, qualquer pessoa sensata deve seguir as leis de Deus. Hoje, chama-se a este argumento a aposta de Pascal." -**Explicação matemática da 'aposta de Pascal'***

> Sim, Pascal aplicou cálculos lógicos da teoria do valor que ele desenvolveu para fazer sua aposta, ou mais precisamente para efetuar a sua tomada de decisão racional de acreditar em deus. Parece até que ele era um viciado em jogos de azar e não um crente pio.Mas pouco importa o que os cientista dentro ou fora da curva de normalidade acreditam ou deixam de acreditar, o que interessa aqui, é a coerência lógica do argumento que é perfeitamente válido, inclusive para qualquer deus, A ou B, ou o Grande Melão, desde que você suponha que o Grande Melão é uma cara todo-poderoso legal, e não um fanfarrão filho-da-puta, como o Demiurgo de Platão. O problema da aposta de Pascal é portanto símile aos dos inocentes apostadores de Monte Carlo, os jogadores de loteria, ou mesmo dos matemáticos a analisar suas pobres escolhas, ou dos poupadores de poupança de qualquer caixa econômica. Não só a moeda há que ser por predefinição honesta e justa. A casa e o dono também. O problema da aposta de Pascal não é apostar e deus não existir. Mas ele existir e ser um tremendo canalha. Na verdade ele não precisa sequer ser um canalha ele só precisa estar andando e obrando para Pascal. Ou mais irônico ainda, deus não precisa ser um pai ruim, nem relapso, mas somente um pai que ao invés de perfeitamente justo, seja infinitamente amoroso e piedoso.

Puro amor. De modo que pouco importasse se Pascal fizesse as piores bobagens e monstruosidades ou se permanece puro e fiel e bondoso, ainda seria seu filho, e seria tratado igualmente com o mesmo amor. Ou talvez deus seja apenas um apostador a jogar uma moeda para cima, e o que der deu. Porque não? Quem diabos poderia impedi-lo, se ele é por definição onipotente?

Ou em outras palavras usando as próprias teoria de Pascal. Não temos uma chance em duas. Não importa qual seja nossa aposta nossa chance sempre será de no 1 mínimo contra tantas hipóteses quantas pudermos aventar e no máximo contra infinitas possibilidades considerando a onipotência da casa, o criador, incluso as que não conseguimos sequer aventar. Se aposta no mistério do que é sagrado fosse apenas um jogar de dados era fácil. Ela está mais para a prática Zen-Budista do Arco-e-Fecha de olhos vendados, há apenas um ponto a acertar e todos os demais para errar, mas com um detalhe não só vemos o alvo, não existe nenhum alvo, ao menos não previamente marcado. Que dirá prêmio.

Isso quer dizer que a aposta na prudência de Pascal está incorreta? Não, mas é como levar um guarda chuva para passear... só que ao invés de um parque para dentro de um buraco negro, supondo que ele seja um buraco de minhoca e que você vai sair em outro lugar do universo. Pode ser que chova do outro lado do buraco de minhoca? Pode... se sobrevivermos... se tiver outro lado... se... e "se" é um universo tão infinito de possibilidades incertas que as chances de acerto de quem vai sair ganhando se levar ou não o guarda-chuva são as mesmas: praticamente zero. Esse é o problema de jogar ou apostar com potências infinitas imaginárias ou não, nossas chances e certezas decaem a zero. E se não decaem a nulidade é porque não estamos lidando com potencias infinitas, nem matemática, nem física, nem metafísicas.

E isso só trabalhando com as incertezas da casa. O que para Pascal é o paraíso para um psicopata convicto é o inferno: Não poder sofrer, causar nem assistir o sofrimento alheio por toda eternidade! Num calculo de custo e beneficio todo o sofrimento infinito que ele terá, sempre será recompensado pelo sofrimento igualmente infinito que irá causar. Fora a boa chance de com todo esse potencial um bom emprego gerencial no além e subir na hierarquia burocrática infernal. De modo que trocando os valores e os desejos mas mantendo-se exatamente as mesmas crenças ideológicas a aposta de Pascal pode levar um indivíduo perverso e pervertido, seguindo exatamente a mesma lógica que em si está correta, a aproveitar o seu tempo de vida para fazer currículo como estagiário do capeta. Um jogo sado-masoquista doentio win-win tanto no mundano como no além.

Entretanto metáforas ironia com a mitologia cristã fora, o fato é que a revolucionária técnica de Pascal-Fermat baseada na pressuposição dos "valores esperados" permitia fazer previsões e consequentemente tomar decisões além da mero superstição, mesmo que baseada nas mesmas. Mais do que isso, tal abordagem lógico-matemática da questão abrira todo um campo de saber fértil para a contestação e logo aperfeiçoamento de outros pensadores. De modo que nada, ou quase nada do que disse até aqui, é novidade, ao menos sabidamente desde 1731 quando Nicolas Bernoulli propôs um paradoxo e seu sobrinho Daniel logo depois em 38 a solução (imperfeita mas solução) para o paradoxo aventado por seu primo. O Paradoxo de São Petersburgo. E adivinha se não vamos ter que jogar a moeda de novo para cima e fazer outra aposta.

O paradoxo de São Petersburgo

O problema é o seguinte: suponhamos que Pedro e Paulo concordam em jogar um jogo de cara ou coroa. Se o primeiro lance der cara, Paulo dará duas

moeda a Pedro; se o primeiro lance der coroa e o segundo der cara, Paulo dará a Pedro quatro moedas. Se cara só aparece no terceiro lance, Pedro receberá oito moedas. Em resumo, se só aparecer cara no n-ésimo lance, Pedro receberá 2 elevado a n moedas. Então, quanto deve Pedro pagar a Paulo pelo privilégio de jogar tal jogo?

*O senso comum sugere uma soma finita muito modesta, mas a inacreditável resposta para esta pergunta é que Pedro pode pagar a Paulo qualquer quantia, digamos um milhão de moedas, por cada jogo e ainda esperar sair como vencedor. Em qualquer jogo simples, a probabilidade de Pedro ganhar duas moeda é 1/2, de ganhar 4 moedas é 1/4, de ganhar 8 moedas é 1/8 e assim por diante. Então, o total que Pedro pode esperar ganhar é dado pela série que tem soma infinita. Ou seja, não importa qual quantia (finita) Pedro pague a Paulo por cada jogo, ele sempre ganhará se for realizado um número suficiente de jogos. Para tanto estamos assumindo que o capital de Paulo e o número de jogos que os dois podem jogar são ilimitados. -**Paradoxo de São Petersburgo — Wikipédia, a enciclopédia livre***

> Ou: quanto você pagaria a Paulo para comprar o lugar dele no jogo e levar a bolada certa?

> Como vimos segundo a teoria do valor esperado de Pascal-Fermat você deveria dar tudo o que têm, porque neste caso o prêmio não só é infinito mas as chances de ganhar a aposta é ad aeternum não meio a meio mas 100 por cento. Onde está então o paradoxo? O paradoxo segundo Bernoulli e outros é que nenhuma minimamente sensata pagaria uma grande quantia para entrar nesse jogo. A pergunta é porque?

A solução desse paradoxo foi proposta independentemente por Gabriel Cramer e pelo sobrinho de Nícolas, Daniel Bernoulli. Argumentando que o

ganho de 200 ducados não necessariamente valia duas vezes mais que um ganho de 100 ducados (que passou a ser conhecido como o princípio da utilidade marginal decrescente), eles utilizaram a hipótese da utilidade esperada (baseada no que hoje é conhecida como função de utilidade von-Neumann — Morgenstern) ao invés de usar o valor esperado para avaliar a participação no jogo.

Assim, o jogo seria avaliado com base no que hoje conhecemos como a hipótese da utilidade esperada, que Bernoulli conjecturou ser finito por causa do princípio da utilidade marginal decrescente (Bernoulli originalmente utilizou uma função de utilidade logaritmica do tipo u(x) = lnx). Consequentemente as pessoas estariam apenas dispostas a pagarem um montante finito para participarem deste jogo ainda que o seu valor esperado seja infinito.

> Tradução: Bernoulli usou a ideia precursoramente a ideia que o interesse em comprar algo, o valor que alguém dava e estava disposta a dar ou pagar em alguma coisa dependia da utilidade que isso tinha para ele. E essa utilidade não era só subjetiva como relativa. Dependia tanto dos prazer, interesse ou satisfação que essa coisa poderia lhe proporcionar, como quantidades maiores da cada vez maiores dessa coisa diminuam a satisfação obtida e logo o valor que a pessoa dava e portanto estava disposta a pagar ao objeto. Sim, oferta e procura. Por isso para Bernoulli não importa que o valor esperado do prêmio seja infinito, ninguém em sã consciência entrega os passarinhos na mão, nem por todos do mundo voando. E quanto mais passarinhos na mão o cara menos valor ele dá para os que estão voando.

> Na verdade Bernoulli não foi o primeiro e único. Nem foi a partir do trabalho dele que a lei "pegou".

Esperaríamos que a seqüência da história da teoria da decisão tivesse sido continuada por adeptos da teoria de Bernoulli, já que a teoria representou o estabelecimento de mais um passo importante na tentativa de modelar o comportamento humano. Mas não foi o que de fato ocorreu. A teoria de Bernoulli foi esquecida e o conceito de utilidade foi redescoberto várias vezes durante os séculos XVIII e XIX. Além disso, quando os economistas começaram a utilizar a utilidade em suas análises, já no século XIX, o uso do conceito era restrito ao caso sem incerteza, salvo breves passagens, nas quais a incerteza foi geralmente tratada de maneira informal.

A redescoberta mais influente da utilidade foi efetuada no final do século XVIII por Jeremy Bentham (1748–1832), sob a égide de sua filosofia utilitarista. O utilitarismo se fundamentava no hedonismo dos gregos antigos: os indivíduos agem de maneira a buscar o máximo possível de felicidade. Sua principal obra foi The principles of morals and legislation, publicada em 1789. Segundo Bentham, "Por utilidade se entende aquela propriedade de qualquer objeto pela qual ele tende a produzir benefício, vantagem, prazer, bem ou felicidade (tudo isso, no caso presente, vem dar na mesma coisa), ou (o que também é o mesmo) evitar a ocorrência de dano, sofrimento, mal ou infelicidade para aquele cujo interesse está em consideração." (Bentham apud Jevons, 1871 [1996]).

Em The philosophy of economic science, Bentham redescobriu o conceito de utilidade marginal decrescente. Segundo ele, apesar da riqueza ser uma medida da felicidade, quanto maior o nível de riqueza, menor a felicidade adicional proporcionada pelo seu aumento. A forma que Bentham concebeu a natureza humana influenciou fundamentalmente a teoria econômica na segunda metade do século XIX, através dos chamados economistas marginalistas. Para os marginalistas, os consumidores escolheriam, individualmente, aqueles bens que fornecessem a máxima utilidade possível, dado suas restrições orçamentárias. A utilidade era considerada uma medida

cardinal da intensidade dos desejos, prazer ou felicidade. Ao maximizar utilidade, os indivíduos estariam maximizando o prazer ou a felicidade. Segundo Stanley Jevons, um dos principais marginalistas, "maximizar o prazer é o problema da economia" (Jevons, 1871 [1996], p.69). O julgamento pessoal da utilidade era entendido como a causa das preferências. Os marginalistas concebiam a função utilidade U(x1, x2,..., xn) como uma mensuração do bemestar psicológico dos indivíduos, derivado do consumo das quantidades xi dos bens i=1,2,...,n. Seguindo os ensinamentos de Bentham, os marginalistas consideravam que quanto maior a quantidade de cada bem, maior o nível de utilidade, apesar de que com taxas de crescimento decrescentes. Assim, a utilidade marginal era positiva e decrescente. Através da matemática, construíram uma teoria do valor baseada no 6 conceito de utilidade, que se propunha superar a antiga teoria do valor-trabalho dos economistas clássicos. Francis Edgeworth foi além e, inspirado no importante papel que as medições têm nas ciências naturais, propôs o desenvolvimento de um "utilitômetro", capaz de medir o nível de utilidade dos indivíduos. Mais do que uma "boa proposta", na verdade, o "utilitômetro" foi motivo de embaraço para os marginalistas e para teoria da utilidade. As críticas à teoria da utilidade não foram poucas. Não somente o "utilitômetro", mas a própria fundamentação da teoria, às vezes até considerada "mística", foram alvos constantes de contestações. Estas críticas geralmente eram direcionadas à mensurabilidade da utilidade e à suposição hedonista da teoria.

> E na verdade o paradoxo permanece. O que Bernoulli explicou é porque as pessoas supostamente sensatas (exceto Pascal) não fazem esse tipo de aposta.

Não fazem?

Depende do deus para que você reza. Se as pessoas não fizessem esse tipo de aposta não haveriam loterias, cassinos, igrejas dizimistas, nem sistema bancário e financeiro. Ou melhor haveria, mas a graça ou a desgraça teria que cair do céu.

Notem que o Paradoxo de Petersburgo é uma versão mundana, da aposta de Pascal, já que o prêmio infinto é recebido na terra e na mesma moeda apostador. Qualquer semelhança com a teologia da prosperidade, ou com a busca da felicidade na riqueza do capitalismo, não é mera coincidência, é puro saber lotérico. Paulo é a casa (o cassino) e vende esperança infinita. Pedro é o fiel otário que dá tudo em troca do tesouro prometido, no céu ou na terra. Embora Pedro tenha todas as chances a seu favor para ganhar desde que tempo e dinheiro suficiente para apostar contra a casa. Se Paulo for realmente um bom pescador de trouxas, ele sabe duas coisas: Uma: o custo para comprar as esperanças de alguém muito rico só não tão altas quanto os ricos de perder tudo se tiver que cobrir as perdas certas. Duas: o que pobre não tem sobrando é tempo nem dinheiro para sustentar as apostas que se distribuídas por um número razoável de miseráveis na somatória dão lucro... e muito lucro. Rigorosamente o bom pescador apostando riqueza e promessas contra a pobreza e esperança dos pobres. A terra prometida de todo e qualquer cassino capitalista: chances virtualmente infinitas contra chances reais praticamente nulas. Alguém sempre ganha, vence na vida, mantendo a ilusão e fidelização dos apostadores. Ganha mas não leva. Eis o segredo do golpe. O prêmio é sempre pago em novas promessas, pagas em novas fichas que podem representar uma promessa de riqueza praticamente infinita, em fichas, dinheiro, que nunca será sacado, nem nos bancos, nem nos cassinos. Pernas serão quebradas. Guerras serão feitas. As contabilidades apagadas. E os jogos recomeçados de novo do zero. E que os mortos resgatem seu tesouro no paraíso.

Há portanto um furo gigantesco na teoria da utilidade marginal decrescente tão fundamental para a lei da oferta e procura. E seu nome é Paulo, o pescador de gente pobre. O peixe grande, a devorar o pequeno, o predador perfeitamente adaptado a esse jogo para reinar como tubarão nos mares do capitais.

Não a lei da utilidade não está errada. É ela que Paulo usa para aliciar Pedr. É inegável que tanto para Pedro quanto para Paulo, no deserto a água pode ser vendida e comprada a preço de ouro. Quando os desejos decaem para as necessidades básicas e fisiológicas, eles se "universalizam", porém ao contrário do que supõe a teoria marginalista, a utilidade não decai necessariamente igualmente para todos conforme a satisfação dos desejos, necessidades, interesses, anseios, racionais ou irracionais. E Paulo é a prova viva disso. Seu desejo de acumulação não diminui conforme aumenta cada centavo ganho, nem aumenta, permanece o mesmo infinito, ou simplesmente insaciável. Mas o prazer insaciável do pescador de gente suficientemente carente, desesperada e vulnerável para fazer de otário não é só uma questão de quantidades finitas ou infinitas de coisas computáveis e contabilizáveis por semelhança, mas de coleção de conjunto de elementos não só raros e únicos. Não um, nem dois, elementos únicos mas absolutamente todos. Para Paulo não basta ter mais moedas que Pedro, é preciso ter todas as moedas, de Pedro, José, Ana...Na cabeça de aquário dos tubarões "a mulher do vizinho é sempre mais gostosa". Até porque ela, não é propriamente ela, nem o vizinho é ele, mas meras presas e troféus. Não é só uma questão portanto, de possuir tudo de todos, mas de possuir todos como o absolutamente "tudo seu" para usar ao seu bel prazer, seja ele qual for. E Paulo pode pagar ou gastar fortunas apenas para ter em suas mãos o seu tão desejado objeto de fetiche que pode se tornar sua fixação e compulsão.

Mas Paulo é a exceção a regra, alguém pode objetar. Não. Não é. A utilidade marginal de fato descresse conforme o prazer diminui a cada unidade devorada ou consumida. Mas isso não implica que Paulo está cada vez mais saciado quanto mais acumula riquezas ou mais consome, pelo contrário. A fome permanece e exatamente como um vicio precisa de uma quantidade cada vez maior de bens, (e por vezes de riscos) para lhe proporcionar quantidades de prazer que projetadas a eternidade tendem a zero, exatamente como existência do outro. Felizmente para Paulo e infelizmente para o resto do mundo, seu capital e suas chances aumentam a cada jogada e apostador depenado. Paulo não é um saco sem fundo, é um buraco negro.

Esse jogo não é só um jogo insustentável. É um jogo perdido antes mesmo do lançar dos dados e moedas. Não importa se são honestos ou falsos, se os jogadores não tem capital nem tempo, não tem cacife para bancar suas apostas, não importa que seus ganhos sejam infinitos ou certos. Eles vão morrer depenados antes de verem o tesouro em dinheiro ou terras prometidas, esteja ele guardado no céu ou na bolsa de valores. Não é necessário possuir capitais iguais, mas se o apostador não tiver capital suficiente para bancar suas chances, nem liberdade se livrar das fichas e abandonar o jogo em tempo antes de perder tudo com títulos e promessas vazias não é Pedro, ou quem comprar as chances ou "opções" para usar um termo do mercado de ações, mas sempre Paulo, o dono da casa.

Há ainda outro fator determinante no cálculo instintivo que as pessoas que não ao contrário de Paulo e suas vítimas, isto é aquelas que se comportam de acordo com o previsto com a teoria, temperando sua ambição conforme a aumentam satisfazem seus interesses, não inclui. O tempo. Não constam da equacionamento dessa função de determinação valor, utilidade, prazer para a tomada de decisão esse fator fundamental que não é só psicológico, mas antes disso físico: o tempo. Um capital que

se perde a cada instante passa e que joga contra toda expectativa infinitas de qualquer jogador. De modo que o valor-utilidade das coisas materiais mesmo as imperecíveis (como os diamantes) oferecem não varia apenas pela raridade-abundância de suas posses ou facilidade-dificuldade em sua aquisição, mas igualmente pelo expectativa de tempo (de vida) que o apostador tem em usá-lo para a satisfação seja lá do que for.

O que por sinal contribui para o golpe de Paulo, que pode até mesmo vender terrenos no céu, para gente que sabe ou acha que está as portas da morte ou do fim dos tempos. Afinal entre uma palmo de chão que em breve servirei de adubo e um latifúndio no além, novamente a aposta de Pascal volta a fazer sentido. Pela mesma razão inversamente proporcional quem não está tão vulnerável entende com mais facilidade, ou mais precisamente tem chances materiais melhores literalmente de vida para perceber intuitivamente que um capital gigante ou até mesmo virtualmente infinito seja ele um bilhete de loteria, uma ação na bolsa de valores, ou um tesouro eterno no além, não é equivalente ao usufruto do rendimento garantido aqui e agora, ou melhor ainda, regularmente enquanto ele viver. A natureza do bem que a pessoa atribua o valor não importa; seja essa "riqueza", dinheiro, felicidade, prazer... ou até mesmo a própria promessa de vida eterna, o fato físico e biológico permanece ela não só vai morrer, como está morrendo ,e é em relação não só as incertezas da quantidade de vida que ainda tem nessa e ainda maiores que tem numa outra vida que uma pessoa faz suas escolhas-apostas em cima das das chances que não são escolhas mas dados. De modo que quanto menor forem não só as chances de vida, que não importa quão rica e poderosa a pessoa seja vão decair quanto mais velha vulnerável a doenças a morte ela for, mais as promessas mais improváveis de ganhos infinitos vão se tornar uma aposta mais razoáveis, e prazeres e bens que antes eram tão úteis perderão completamente seu valor para ela.

É a lei da fragilidade e vulnerabilidade onde até os maiores predadores com o tempo viram presas. Mesmo os mais poderosos com complexo de Cronos que tentam eliminar as futuras ameaças e competidores no berço, a lá Herodes, o jogo contra a eternidade é sempre um jogo a longo prazo perdido. E nele o jogador não é depenado ele é desintegrado, vai pro espaço, vira literalmente nada, ou se preferir, o vazio do tabuleiro do universo de outros jogadores.

E novamente muito do que estou contando não é nenhuma novidade. Se é, então está na hora de conhecer o trabalho de outro Daniel, e mais um paradoxo: o de Ellsberg.

Outro Daniel na cova dos Leões

O experimento subversivo

Ellsberg principiou a sua carreira como um cientista da RAND que passava o tempo a estudar a teoria da decisão: modelos matemáticos cujo objectivo é estabelecer as regras das escolhas racionais face à incerteza. O Pentágono preocupava-se com estes modelos pois queria ajuda sobre quando atacar, como atacar preventivamente um inimigo, como planear ataques nucleares, etc. Naquele tempo, alguns dos melhores e mais dotados trabalhavam na RAND ou em torno dela sobre estes modelos matemáticos, com John von Neumann como líder natural do conjunto.

A importância destes modelos não pode ser exagerada. O seu principal artifício era converter matematicamente opções incertas em outras bem definidas. A ideia original (devida primariamente a von Neumann e posteriormente a Leo Savage) era simples: considerar toda opção disponível para o decisor (exemplo: posicionar um submarino nuclear ao largo de

Vladivostok ou reduzir o preço do seu produto para minar seu competidores); calcular os valores esperados de cada opção, uma vez consideradas todas as probabilidades relevantes; escolher então a opção com o maior valor esperado.

Perguntou alguma vez onde os engenheiros financeiros que nos deram os agora famosos derivativos tóxicos obtiveram tanta confiança para calcular números exóticos, como Valor em risco (Value at Risk, VAR), *os quais tranquilizavam os administradores de riscos dos bancos e levava-os à aceitação imbecil dos riscos absurdos (mas supostamente "sem riscos") que os seus rapazes estavam a assumir? A resposta: estes mesmos modelos matemáticos elaborados na RAND e outras entidades tais como as unidades de investigação da Guerra-fria na década de 1950. Todas estas pessoas incrivelmente inteligentes acreditavam piamente que a sua abordagem matemática do valor esperado era o caminho para avançar. Todas excepto uma: Daniel Ellsberg, que logo, desde o princípio e com absoluta honestidade intelectual, revelou a loucura absoluta de toda a abordagem. Para demonstrá-lo, concebeu um experimento brilhante.*

Suponha que uma urna contenha 90 bolas e dizem-lhe (a) que 30 são vermelhas e (b) que as restantes 60 bolas são uma mistura desconhecida de negras e amarelas (Importante: não lhe dizem quantas destas 60 negras ou amarelas são realmente negras ou amarelas. Na verdade, podem ser todas amarelas, todas negras ou qualquer combinação de negras e amarelas). Uma bola é seleccionada aleatoriamente e dão-lhe a seguinte escolha. A Opção I lhe dará US$100 se for retirada uma bola vermelha e nada se for negra ou amarela. A Opção II lhe dará US$100 se for retirada uma bola negra e nada se for uma vermelha ou amarela. Aqui está um resumo das opções:

Qual opção escolheria agora?

O experimento, no qual Ellsberg pediu a centenas de pessoas inteligentes para efectuarem estas escolhas, revelou que a maior parte das pessoas seleccionou as Opções I e IV. Ellsberg destacou então que estes resultados não podiam sem enquadrados com a abordagem matemática (descrita acima) preferida pelos seus colegas da RAND. Por que?

Recordar que os matemáticos da RAND assumiam que, quando apresentados com opções incertas, a pessoa racional assinalaria um valor numérico específico a cada uma e então escolheria a opção com o valor mais alto. Nesta interpretação, quando uma pessoa escolhe a Opção I em detrimento da Opção II, ela está a revelar uma expectativa de que deve haver mais bolas vermelhas na urna do que negras (uma vez que o número de bolas amarelas não tem consequência, uma vez que ela nada ganhará na outra opção se uma amarela for retirada da urna). Contudo, quando a mesma pessoa prefere a Opção IV à Opção III, ela revela exactamente o oposto: que pensa haver mais bolas negras do que vermelhas na urna. (Por que de outro modo daria uma avaliação mais alta à Opção IV do que à Opção III?). Mas isto não pode ser "racional". Não há, na verdade, qualquer meio para que alguém possa racionalizar uma crença de que há mais bolas vermelhas do que negras quando escolhendo entre as Opções I e II e, ao mesmo tempo, pensar que há mais bolas negras do que vermelhas quando escolhendo entre as Opções III e IV. Afinal de contas, trata-se da mesma urna que contem as mesmas bolas.

Então, o que está a acontecer aqui? A explicação simples de Ellsberg é que as pessoas não actuam como os seus colegas da RAND esperavam. Que elas não olham para as suas várias opções de risco, atribuem-lhe diferente valores numéricos esperados e então tratam de escolher a que tem o valor mais alto. As pessoas reais, pensava Ellsberg, interessam-se por algo que os cientistas da RAND desprezam: nós não gostamos de ambiguidade! Para ver o que isto

significa, recorde, ao escolher entre as Opções I e II, a pessoa que opta por I sabe a probabilidade exacta de ganhar US$100: é 1 em 3 (uma vez que lhe foi dito inequivocamente que 30 das noventa bolas na urna são vermelhas). Em contraste, se escolhesse a Opção II, a probabilidade de vencer seria desconhecida para ela (uma vez que a proporção de bolas negras é desconhecida). Agora olhe as Opções III e IV. Mais uma vez, ao escolher a Opção IV, a pessoa sabe a probabilidade exacta de vencer: 2 em 3 (uma vez que 60 das bolas não são vermelhas). Em contraste, a probabilidade de ganhar US$100 ao escolher a Opção III é ambígua (pois a proporção de bolas vermelhas e amarelas é desconhecida). Por outras palavras, as escolhas de I e IV podem ser explicadas pela aversão à ambiguidade *e preferência por opções que venham com informação precisa e objectiva acerca da probabilidade de ganhar ou perder. Esta espécie de preferência viola a lógica dos cientistas da RAND* mas não pode de modo algum ser ignorada.

Este experimento, cujos resultados Ellberg publicou em 1961, ***[1]*** *passou a ser conhecido como o Paradoxo de Ellsberg . A sua importância é que reflecte um problema mais profundo de toda a teoria económica neoliberal: o tipo de teoria que, especialmente após o fim de Bretton Woods, apossou-se não só da academia como também do sector financeiro e da elaboração da política económica nos governos. O seu princípio básico era, e continua a ser, que coisas incertas podem ser tratadas como se fossem seguras, desde que os riscos tenham sido factorados probabilisticamente! Risco sem risco, por outras palavras. Será que isto o recorda de alguma coisa? Como as classificações AAA dos derivativos que explodiram em 2008? —* ***Daniel Ellsberg: Precursor do WikiLeaks e inimigo da teoria económica neoliberal por Yanis Varoufakis***

https://www.mintpressnews.com/212306-2/212306/

(...)A principal falha da teoria da utilidade esperada é ignorar a distinção entre risco e incerteza, dada duas décadas antes pelo economista Frank Knight: podemos falar de risco quando podemos atribuir uma probabilidade

a cada estado do mundo e de incerteza quando não é possível saber qual a probabilidade de obter um resultado de uma dada acção. Quem aposta o seu dinheiro na roleta russa, por exemplo, pode calcular com exactidão a probabilidade de ganhar o primeiro prémio. Mas quem compra um activo sem saber o que está a comprar, assumindo que a classificação dada pela agência de rating está correcta, não tem como calcular a probabilidade de ganhar ou perder dinheiro. Ou seja, a chamada "economia de casino" é instável precisamente porque não funciona como um casino.

Ellsberg foi o primeiro a desenvolver uma experiência que demonstra como esta falha leva-nos a criar modelos irrealistas sobre a forma como a mente humana funciona em contexto de incerteza. (...)

O que o denominado Paradoxo de Ellsberg demonstra é que existe uma aversão à ambiguidade e que as pessoas preferem ganhos certos a ganhos incertos. Às apostas A e D conseguimos associar uma probabilidade de ganhar os 100 dólares (1/3 e 2/3, respectivamente), mas o mesmo não se passa com as apostas B e C.

(...)

Mas Ellsberg foi ainda responsável por revelar um outro paradoxo: o de que as democracias ocidentais não são tão democráticas quanto isso, na medida em que a legitimidade dos governos é frequentemente baseada na supressão de informação e manipulação da opinião pública. A demonstração deste paradoxo da democracia surgiu no momento em que, graças aos seus contactos com o exército dos EUA, o economista conseguiu ter acesso a um conjunto de documentos sobre a guerra no Vietname que mostravam como o seu governo insistia em sacrificar soldados e civis numa guerra que admitia já estar perdida.(...)

A Administração Nixon tudo faz para denegrir a imagem de Ellsberg e para o prender para a vida. Mas a acusação contra ele tinha sido construída com base em provas obtidas ilegalmente e Ellsberg sai em liberdade em 1973. Mais tarde, depois de os seus algozes terem sido sentenciados pelo seu envolvimento no escândalo Watergate, fica-se a saber que estes chegaram a planear o seu assassinato.

Daniel Ellsberg manteve-se até hoje fiel aos seus princípios, tendo sido uma das vozes activas contra a guerra no Iraque. Recentemente, tem sido uma das vozes que nos EUA denuncia a política terrorista do seu governo, que pretende prender quem denunciou os crimes de guerra mas não quem os praticou. É de pessoas assim que a democracia é feita. — ***Os dois paradoxos de Ellsberg***

> Não só a democracia. Mas a ciência. E num sentido mais amplo todas as formas de conhecimento, enquanto busca da verdade, não importa o quão irracional, incerta, subjetiva e até mesmo incognoscível ela seja. Ou melhor é exatamente isso que importa: a natureza da verdade. Mas deixemos a política de fora, até porque a presença dela em qualquer experimento invalida imediatamente a pressuposição de qualquer moeda honesta.
>
> Entre outras coisas, Ellsberg apontou que não é só a **teoria do valor esperado** não era tão universal quanto se acreditava, mas também a **teoria da utilidade esperada** . Mas não só. Ele também indicou que mais do que simplesmente a preferência por ganhos certos ao incertos, a mente humana, em geral, **prefere os riscos certos, aos riscos incertos**, a denominada **Aversão a Ambiguidade ou Incerteza**. Entre outras coisas...

Como por exemplo a idiotia teratológica da **teoria da intimidação** que entre outras pérolas resultou na estratégia de **Destruição mútua assegurada,** uma teoria dos jogos (de guerra), onde supõe-se que o desenvolvimento crescente de armas de destruição em massa cada vez mais poderosas é fundamental para dissuadir que inimigo potenciais e virtuais ataquem com as suas armas, como medo da retaliação. Estratégia "genial" criada pelos amerikanisches da Rand. Provando que vestidas com as formulações teorias e matemáticas mais elegantes as propostas mais estupidas e repugnantes não se tornam apenas palatáveis, mas celebradas peças de propaganda... do cientivismo.

"The character is an amalgamation of RAND Corporation strategist Herman Kahn, mathematician and Manhattan Projectprincipal John von Neumann, rocket scientist Wernher von Braun (a central figure in Nazi Germany's rocket development program recruited to the US after the war), and Edward Teller, the "father of the hydrogen bomb" — **Dr. Strangelove — Wikipedia**

E o pior: uma estratégia virótica que não só sobreviveu latente após a guerra fria como voltou a escalar com toda a carga com Putin e seu *polenzi durak* Trump. As provas nuas e vivas que nem a aversão a aniquilação, quanto mais as incertezas (incluso as existências) não constituem o senso comum de todo mundo, nem povoam as volições mais inconfessáveis das mente dos estatopatas megalomaníacos que fazem do mundo o seu brinquedo de guerra.

Mas deixemos as taras e os tarados por posse-poder de lado, pois eles são os macacos que apertam os botões e não os macacos amarrados (ou não) que compõe as sinfonias. E nos concentremos naqueles que para o bem o mal criam a ciência e tecnologia que será entregue para os apertadores de botões.

Os jogos de azar dos homens tem pouco mistério. Taras, porretes, rapinagem e um medo sem fim da morte, aí talvez o única motivação minimamente interessante, produtiva e nobre capaz de produzir alguma arte e conhecimento, que faça jus a esse nome. Voltemos portanto a produção e produtores do conhecimento, seus medos, desejos e onde eles levaram a filosofia a ciência e a humanidade. Pois o cagaço da morte, o medo da aniquilação, especialmente em sua forma mais transcendental, a aversão a nulidade a falta de existência e sentido, é uma das maiores fontes de motivação da busca pelo conhecimento e criação e descobertas de padrões significativos onde aparentemente simplesmente não havia nada, senão os pressuposto do e vazio, da coincidência e principalmente do impossível.

Oppenheimer, diretor do Projeto Manhattan e considerado o pai da bomba atômica. Viria posteriormente a pregar desarmamento caindo em desgraça durante a caça as bruxas do macartismo.

"Sabíamos que o mundo não seria o mesmo. Alguns de nós riram. Algumas pessoas choravam. Algumas pessoas permaneciam em silêncio. Eu me lembrei de um trecho do livro hundu ***Bhagavad-Gita****. Vishu está tentando convencer o Príncipe, mas eles tem cumprir seu dever. E para impressioná-lo ele toma sua forma com múltiplos braços e diz: "* ***Eu me tornei a Morte, a Destruidora dos Mundos****". Suponho que todos nós pensamos assim, de uma maneira ou de outra". —* ***Oppenheimer logo após o sucesso do projeto Manhattan a explosão da primeira bomba atômica.***

PARTE III- QUEM TEM MEDO DO NADA?

O vácuo: Quem tem medo do Nada?

Da Semântica à Física da Matemática (Parte 3)

Os hemisférios de Magdeburgo: e **O vácuo absoluto e ultra alto vácuo — Astronoo**

O horror ao vácuo

Na essência da polêmica de se nada é por acaso, que praticamente resume a busca do unicórnio da física moderna, a Teoria de Tudo, está a Física do Nada, o estudo do Vazio. E a famosa suposição: A natureza tem horror ao vácuo.

A FÍSICA DO VAZIO -Por Fabio Reynol e Roberto Belisário

No princípio era a matéria. Até que foi concebida a idéia de vazio, de que em algum lugar no espaço haveria o "nada". A partir daí, uma celeuma foi aberta e travada ao longo da história da ciência entre os que defendiam a existência do vácuo e os que acreditavam que haveria sempre alguma coisa permeando tudo. Guardadas as peculiaridades de cada época, podemos dizer que, ao longo dos séculos, vacuístas (adeptos da idéia do vácuo) e plenistas (defensores da matéria onipresente) se revezaram nos fóruns acadêmicos trocando farpas e apresentando argumentos em prol de suas idéias. Não podemos dizer que seus trabalhos deram em nada. Chegamos ao século XXI com a convicção quase unânime da comunidade científica de que a existência do nada absoluto é mais do que improvável, pois até o que chamamos de "vácuo" possui partículas e energia. Mas, para chegar até aqui, muito bate-boca aconteceu, muitas experiências foram realizadas e repetidas e, entre os protagonistas da discussão, estavam personagens tão notáveis e distantes entre si como Aristóteles e Einstein.

A "bola" do vácuo foi levantada por filósofos gregos pré-socráticos chamados "atomistas", a partir do século V a.C. Foram eles que conceberam a idéia de que as coisas eram feitas de minúsculas partículas que não poderiam ser divididas — por isso, as chamaram de "indivisíveis" que, em grego, se diz

"átomo". Parece estranho que os idealizadores dos tijolinhos da matéria também tenham sido os primeiros defensores do vazio de que temos notícia. "Mas, para eles, tão importante quanto a idéia de matéria era a idéia do vácuo", conta Osvaldo Pessoa Júnior, filósofo e historiador da ciência da Universidade de São Paulo (USP). Na verdade, os atomistas valiam-se do vácuo para explicar o movimento dos corpos. O raciocínio era simples: se um corpo vai de um lugar a outro, é necessário que ele se direcione para um espaço vazio, uma vez que dois corpos não se interpenetram. E o vácuo atomista ia além da física: "a ele estava ligada a idéia de não-ser e de onde não poderia surgir nada. Analogamente, a matéria tinha, para eles, a noção de ser", detalha Pessoa. O vazio seria uma espécie de palco, onde a matéria, formada por átomos, atuaria. O maior nome entre os filósofos atomistas era Demócrito, cujas idéias enfrentariam opositores de peso na própria Grécia Antiga, anos depois de sua morte.

Entre os adversários do vácuo na Grécia, já depois dos pré-socráticos, estavam Platão (428–348 a.C.) e Aristóteles (384–322 a.C.), para os quais o universo estava totalmente preenchido de matéria. A questão do movimento para eles era resolvida com a idéia da troca de lugares: um corpo se movia no espaço porque um outro saía trocando de posição com ele. Para Aristóteles, a resistência do meio era algo importante. "Um de seus argumentos era que, se um corpo em movimento não encontrasse resistência alguma do meio, sua velocidade seria infinita", expõe Pessoa. Por isso, seria impossível que existissem lugares totalmente vazios, onde não houvesse um meio material. Aristóteles também dizia que, se não fosse a resistência do ar, objetos de massas diferentes cairiam à mesma velocidade, o que não era observado — mas essa idéia que seria verificada e aperfeiçoada pelas experiências de Galileu Galilei (1564–1642), no século XVI, e comprovada com glamour em agosto de 1971, quando o astronauta norte-americano David Scott deixou cair na Lua um martelo e uma pena mostrando que, sem o ar, ambos atingem simultaneamente o solo. Após Aristóteles, o vácuo seria reabilitado ainda na antiguidade por Heron de Alexandria (século I d.C.) que, embora não

acreditasse na existência de um vazio contínuo, concebeu um mundo onde o vácuo estaria distribuído em minúsculas porções no interior de todas as coisas.

Quem tem medo do vazio?

Aristóteles foi o filósofo mais influente na Idade Média européia. Através dos estudos dos seus escritos, a questão do vazio foi retomada nesse período, quando surgiu a célebre expressão "a natureza tem horror ao vácuo", para dizer que qualquer porção de matéria retirada é logo ocupada por outra — fenômeno observado em alguns experimentos hidráulicos, por exemplo. Já no período da Renascença, os estudiosos do tema eram tão numerosos que não seria possível descrever suas experiências e contribuições em uma única reportagem. Mas alguns episódios marcantes valem ser destacados daquele período, como o caso do sifão de Giovanni Baliani (1582–1666). Esse italiano tentava levar água de um reservatório a um vale mais elevado através de um sifão. O processo tradicional de encher o tubo com água, fechar suas extremidades e abri-las unindo os reservatórios desnivelados não estava dando certo. Baliani levou o problema a Galileu Galilei, que atribuiu à altura entre os reservatórios (cerca de 20 metros) a causa do fracasso da manobra. Para Galileu, o vácuo teria uma força limitada, comprovadamente eficaz até 12 metros de altura. Baliani, por sua vez, enxergou nessa experiência uma maneira eficiente de se produzir vácuo.

Foi de um discípulo de Galileu uma das mais famosas e intrigantes experiências a respeito do vácuo. Evangelista Torricelli (1608–1647), em 1644, encheu um longo tubo de vidro com mercúrio, fechou sua abertura e o emborcou dentro de uma bacia, também com mercúrio. A coluna do líquido dentro do tubo desceu até certo ponto e parou. No topo do tubo, portanto, ficou uma área aparentemente sem nada. O que havia lá? Eis a pergunta que intrigou os observadores. O próprio Torricelli não se arriscou a dizer que a

resposta era o vácuo. Mas supôs que o efeito era devido à pressão do ar sobre o mercúrio da cuba, que "empurrava" o mercúrio no tubo até um certo ponto — que é a explicação atual. Ele também notou que a altura da coluna de mercúrio variava de um dia para outro: era como se "o peso" do ar variasse. Estava esboçada a noção de pressão atmosférica e o princípio de funcionamento do barômetro. A experiência de Torricelli ficou tão famosa que foi repetida por inúmeros outros curiosos por toda a Europa. Em 1646, na cidade de Rouen na França, Pierre Petit refez um experimento similar para o conterrâneo Etiénne. O evento serviu de inspiração para o filho de Etiénne, o jovem Blaise Pascal (1623–1662).

Pascal então desenvolveu uma série de experimentos sobre o vácuo e os registrou em vários escritos. Graças ao seu trabalho, o barômetro foi aperfeiçoado e o conceito de pressão atmosférica foi lapidado. Encontrou oposição em seu contemporâneo René Descartes (1596–1650), o mais ferrenho opositor ao vácuo do século XVII. Defensor do éter, uma "matéria sutil" que tudo permeia, Descartes duvidava que era vácuo o que havia no tubo acima do mercúrio, contrapondo-se a Pascal, que admitiu isso em seu estudo "Novas experiências sobre o vácuo", de 1647. Num capítulo pitoresco da história, Descartes afirmou ter dado a Pascal a idéia de testar o barômetro no alto de uma montanha. A experiência foi feita pelo cunhado de Pascal, o que comprovou a redução da pressão atmosférica com o aumento da altitude. Pascal afirmava que a experiência fora uma iniciativa própria, negando a alegação de Descartes. O debate foi desnecessário, pois ambos entraram para a história por suas contribuições à ciência independentemente de quem teria mandado o barômetro subir à montanha.

Ascenção e queda do éter: o "nada" leva tudo

A idéia do éter, defendida por Descartes, havia sido concebida na antiguidade para explicar fenômenos remotos e Aristóteles já o mencionava. "Ele vem da

idéia de que não há ação à distância, ou seja, uma coisa não pode agir onde ela não está", explica Roberto de Andrade Martins, físico especialista em história da ciência, da Unicamp. São Tomás de Aquino (1227–1274) levou o conceito aristotélico de éter para a teologia, ao dizer que, como Deus age em todos os lugares, Ele está presente em todos os lugares — ou seja, "para São Tomás de Aquino, nem Deus poderia agir à distância", brinca Martins.

O éter seria reincorporado à ciência moderna com a descoberta de que a luz é uma onda eletromagnética, em 1889, por Heinrich Hertz. Ora, a luz das estrelas atravessava o espaço vazio até a Terra. Mas o próprio conceito de onda, uma vibração, supõe a existência de um meio a ser vibrado — ou, nas palavras do físico escocês James Clerk Maxwell: "quem seria o sujeito do verbo 'ondular'?" Conclusão: sai o vácuo e volta o éter para solucionar a questão. Porém, ainda no fim do século XIX, uma forte corrente de filósofos da ciência pregava a rejeição sumária de todo elemento inobservável das teorias científicas. Por sua notória fama, o éter foi um de seus alvos prediletos. A desqualificação dessa idéia espalhou-se e o termo ganhou uma pecha pejorativa para muitos cientistas. Um deles foi Albert Einstein, que chegou a propor a eliminação do éter na física. A teoria da relatividade especial, de 1905, da qual ele foi um dos principais autores, tornou o éter ainda mais fantasmagórico, pois mostrou que era impossível identificar o referencial no qual ele estaria em repouso. Foi o golpe final. O éter foi novamente desbancado do mundo científico, apesar das ondas, e o vácuo voltava a ser reabilitado.

No século XX, o vazio não tem vez

Mas a posição de Einstein não duraria para sempre. Entre 1907 e 1916, ele e, independentemente, o matemático alemão David Hilbert publicaram a teoria da relatividade geral, que substituía a lei da gravitação de Newton, que falha para campos gravitacionais muito fortes ou em regiões muito extensas

(galácticas). Nessa teoria, espaço e tempo — tomados conjuntamente como uma só entidade, o espaço-tempo — se curvam ante a presença de matéria; o efeito dessa curvatura é interpretado como uma força gravitacional que desvia a trajetória dos corpos. Além disso, não só a matéria, mas o próprio o espaço-tempo curvo também é fonte de campo gravitacional. Assim, mesmo o "espaço vazio" poderia conter energia gravitacional e agir fisicamente sobre a matéria! Diante disso, Einstein mudou de posição e passou a defender abertamente que sua teoria da relatividade geral só fazia sentido se o espaço não fosse vazio e o éter existisse.

Mais ataques ao vazio absoluto ainda viriam. A partir de 1928, a relatividade especial foi unificada com a teoria quântica, formando a "teoria quântica do campo". O que emergiu dela foi surpreendente: o vácuo não está vazio, mas cheio de partículas subatômicas que aparecem e desaparecem muito rapidamente, chamadas "partículas virtuais". Isso acontece porque, pela teoria quântica, há um limite na precisão com que se pode determinar os valores de certos pares de grandezas físicas medidas simultaneamente, incluindo o par "energia e intervalo de tempo" (é o "princípio da incerteza" ou "da indeterminação"). O que impediria até mesmo de se dizer que o vácuo tem energia "precisamente" zero — o que se traduz fisicamente na existência de diminutos resquícios de campos (elétricos, magnéticos, nucleares) e dessas partículas virtuais. Apesar de parecerem fantasmagóricas, elas produzem conseqüências mensuráveis, como uma minúscula força de atração entre placas metálicas paralelas, chamada efeito Casimir, prevista em 1948, pelo holandês Hendrik Casimir (1909–2000), e confirmada em 2001.

Em 1998, apareceu uma terceira ameaça fatal ao vácuo absoluto. Descobriu-se que a expansão do universo está se acelerando. Sabe-se, desde os anos 1920, que os grupos de galáxias que formam o cosmo estão afastando-se uns dos outros. Mas esperava-se que essa expansão cósmica estivesse se desacelerando, por causa da ação da gravidade. A aceleração da expansão

indica que há uma força repulsiva agindo, e a fonte dessa força parece ser algo que permeia todo o espaço. Deu-se o nome de "energia escura" a essa fonte desconhecida. E mais: nos anos seguintes, medidas da radiação cósmica de fundo — uma radiação sutil que permeia todo o espaço cósmico e que contém registros do conteúdo médio de matéria e energia do universo conhecido — indicaram que a maior parte desse conteúdo, nada menos que 75%, é de energia escura! Se somarmos isso com a dita matéria escura — que se revela apenas por sua influência gravitacional e é de natureza também desconhecida –, conclui-se que sabemos o que forma apenas 4% do conteúdo do cosmo.

E o "tudo ou nada" continua(...) — A FÍSICA DO VAZIO -Por Fabio Reynol e Roberto Belisário

> Pascal, o maior apostador da história da ciência e teologia, de novo. Definitivamente, se alguém dedicou sua vida com toda sua fé na razão a resolver o problema anciente formulado posteriormente nas palavras de Einstein: "Nada é por acaso, deus não joga dados" esse cara foi Pascal. Fez do nada, do acaso, e até dos seus credo objetos de estudo da sua razão e prática como experimentação.

(...)O jovem cientista tomava contato com o problema que preocupava os estudiosos de seu tempo. Nos anos que se seguiram dedicou-se exclusivamente à questão.

O "horror ao vácuo" não era uma explicação que satisfizesse Pascal. Ele acreditava que a razão deveria estar com os que atribuíam o fenômeno estado por Torricelli à pressão atmosférica. Mas não se contentava com intuições ou afirmações sem fundamento. Queria estabelecer suas objeções aos aristotélicos em bases inatacáveis.

O primeiro passo do cientista foi demonstrar que no alto do tubo de Torricelli não havia ar rarefeito — uma das crenças mais difundidas na ocasião. Repetiu a experiência barométrica usando tubos das mais variadas formas e de diâmetros diferentes. Em todos os casos a altura da coluna de mercúrio perma-necia a mesma. Se houvesse ar rarefeito nos tubos ela deveria variar. Mas isso não acontece e, portanto, a hipótese do ar rarefeito é inexata.

No Tratado do Equilíbrio dos Líquidos, Pascal afirma que "os líquidos pesam conforme a sua altura ", a pressão que exercem na base do recipiente que os contém não depende da forma e do volume deste. Por isso, a pressão feita pelos líquidos dos recipientes ao lado, ou dos vasos comunicantes, acima, são equivalentes, pois, nos dois casos, a altura e a área da base são iguais.

Uma outra hipótese — de Pierius — sustentava que o mercúrio emite vapores que preenchem o alto do tubo. Pas-cal refutou essa tese com uma experiência mais espetacular que a primeira. Usou tubos de cristal de 12 metros de comprimento, presos a um mastro de navio e com um mecanismo de contrapesos que lhe permitia virá-los depois, de cheios. Novamente repetiu a experiência de Torricelli com água num dos tubos e vinho no outro. Como o vinho é mais volátil, teria que equilibrar-se num nível mais baixo que o da água, se a hipótese de Pierius fosse correta. Ocorreu justamente o contrário. Mais uma vez Pascal triunfava. No entanto, evitava confirmar a existência do vácuo. Apenas refutara falsas interpretações. Faltava a prova definitiva.

Enquanto isso, o mundo da ciência se agitava. Diversas experiências — algu-mas até grotescas — eram realizadas para provar que havia vácuo no alto do tubo de Torricelli. O padre Mersenne utilizou pássaros, moscas e outros insetos, tentando demonstrar que não sobreviveriam à falta de ar no interior do tubo. Chegou a sugerir a construção de um barômetro especial, no qual seria colocado um homem munido de um martelo para quebrar o vidro em caso de perigo. As experiências tiveram resultados contraditórios: um

pássaro morreu asfixiado, mas uma mosca aparentemente morta saiu voando ao ser retirada do tubo. Os malogros deviam-se à má qualidade do material empregado e à inexperiência dos cientistas.

Pascal, por sua vez, envolvia-se em polêmica com o padre jesuíta Étienne Noel, que defendia a tese aristotélica sobre a impossibilidade de existir vácuo. Nessa discussão — por meio de cartas — começou a estabelecer as bases do que viria a ser o método experimental na Física, corrigindo e ampliando o sistema cartesiano, excessivamente dogmático. Para Descartes, um raciocínio bem conduzido é suficiente para se chegar ao conhecimento perfeito: a ciência matemática é a chave do Universo. Já Pascal acreditava que a realidade extravasa em todos os senti-dos as possíveis fragilidades da razão: é necessário interrogar sempre a nature-za; a experiência, aliada ao raciocínio, é o que permite chegar à compreensão dos fenômenos físicos. Mais tarde, e em outro contexto, chegaria a estabelecer uma distinção entre o espírito geomé-trico *— que é o da ciência matemática, sustentado pela demonstração racional — e o* espírito de finura (finesse) *— da vida e da arte, mas que é também o espírito que leva à persuasão (onde a demonstração não cabe) e que, por outro lado, comanda a própria aplicação prática dos conhecimentos abstratos.*

Antes de se lançar ao trabalho que demonstraria a existência da pressão atmosférica. Pascal procurou generalizar o problema estudado. Será que o peso do ar — além de manter em equilíbrio a coluna de mercúrio no tubo de Torricelli — não poderia ser a causa de outros fenômenos conhecidos? Com esse objetivo, ele passou a examinar uma série de outros casos até então explicados pelo "horror da natureza ao vácuo". O próprio Pascal descreve algumas dessas observações:

"Um fole com todas as aberturas fechadas é difícil de ser aberto. Se tentarmos fazê-lo, sentiremos uma resistência como se estivesse colado; quando

procuramos retirar o pistão de uma seringa fechada, ele resistirá como se estivesse preso ao fundo".

Pascal sentiu que se encontrava ante uma força até então desconhecida, que não se evidenciava apenas na experiência de Torricelli, mas que aparentava ter efeitos mais gerais. Fiel a seus princípios, o cientista só se pronunciará a respeito após uma comprovação definitiva.

A PROVA DECISIVA

"Eu imaginei uma prova que — se for corretamente executada — por si só será suficiente para esclarecer aquilo que procuramos." É esse o início da carta escrita por Pascal a seu cunhado Florin Perrier, em Clermont Ferrand, pedindo-lhe que organize a experiência numa montanha próxima à cidade, o Puy de Dome. Na carta tudo está explicado, previsto e descrito com uma precisão verdadeiramente genial:

"Trata-se de fazer a já conhecida experiência do vácuo, inúmeras vezes num mesmo dia — usando o mesmo recipiente e o mesmo mercúrio — tanto na planície como no alto de uma montanha, para verificar se a altura do mercúrio em suspensão no tubo é igual ou diferente nas duas situações. Como você pode ver, a experiência é decisiva. Se a altura da coluna de mercúrio for menor no alto da montanha (tenho uma série de razões para acreditar que seja) se concluirá necessariamente que o peso do ar é a única causa do fenômeno e não o horror ao vácuo. E lógico que o peso do ar no pé da montanha é maior do que no alto, a não ser que se diga que a natureza abomina mais o vácuo na planície".

(...) Para surpresa dos incrédulos, as previsões de Pascal foram confirmadas: a diferença entre os níveis indicados, simultaneamente, pelos dois barômetros

de Torricelli — um na planície e outro no alto do Puy de Dôme — passava de 8 centímetros. Desta forma, a existência da pressão atmosférica deixava de ser uma hipótese para tornar-se um fato demonstrado experimentalmente. Em outubro, o próprio Pascal repetiria a prova na torre de Saint Jacques, em Paris.

Apenas quatro ***anos*** *decorreram desde a experiência de Torricelli até a de Pascal. No entanto, nesse curto espaço de tempo, graças ao novo método — o de procurar a explicação para os fenômenos naturais na própria natureza — a Ciência progrediu enormemente.*

Da experiência no Puy de Domê Pascal tirou algumas consequências marcantes. Concluiu, por exemplo, que com o uso do barômetro de mercúrio "é possível saber se dois lugares distam igualmente do centro da Terra, ou qual o mais alto e qual o mais baixo". Pela primeira vez era formulado o princípio da determinação de altitudes por nivelamento barométrico.

Apesar de sua curta existência, este brilhante cientista francês reuniu em sua personalidade duas características aparentemente antagônicas: o espírito geométrico, que o fez importante físico e matemático e o espírito literário uma vez que, sendo grande escritor, é considerado o verdadeiro fundador da prosa literária francesa.- ***Pascal e Torricelli — pressão atmosférica***

Oceanos de Ar

(...) Não parece, mas da mesma forma que somos insensíveis a uma pressão normal, percebemos rapidamente qualquer mudança. Basta subir uma serra e nossos ouvidos avisam que há algo errado.

Essa noção já foi algo incrível e inexplorado, tendo sido definida lindamente por Torricelli, que no Século XVII criou o barômetro de Mercúrio, fundamentou os princípios da ciência atmosférica:

"*Vivemos submersos no fundo de um oceano de ar*"

*Um dos grandes exemplos disso foi demonstrado por Otto Von Guericke, em 8 de maio de 1654, exatos 358[do escrito] anos atrás. Ele montou dois hemisférios de metal com 50 cm de diâmetro, encaixou uma bomba de vácuo (*inventada pelo Torricelli*) e removeu todo o ar dentro da esfera. Sem cola ou fecho, as duas metades se uniram com uma força incrível. 30 cavalos, 15 de cada lado não conseguiram separar os dois hemisférios.*

A atmosfera em volta da esfera exercia uma pressão de 4 toneladas, que não era contrabalançada pela pressão em seu interior. (...)

Organismos vivos são muito sensíveis a variações de pressão, mas apesar de todos os Total Recalls *da vida, exposição ao vácuo é muito "menos pior" do que pressões elevadas. Por isso é incrível não só haver vida complexa no fundo da Fossa das Marianas, a uma pressão de 1.086 atmosferas, como é igualmente incrível termos tecnologia para enviar homens até tão fundo.*

Só para comparar, uma nave espacial precisa resistir a uma pressão entre 0 e 1 atmosferas. O submarino do James Cameron suportou mais de uma tonelada por centímetro quadrado.

Qual o risco?

No melhor, mais fantástico cenário, a morte seria instantânea. Em outros casos, o Universo não é tão misericordioso, e se você não quer ter pesadelos, sugiro que pare de ler agora.

Byford Dolphin

A Byford Dolphin é uma plataforma de sondagem e exploração de petróleo operando no Mar do Norte. É infame por seu acidente em 1983, envolvendo 4 mergulhadores e um técnico.

Voltando de um mergulho de rotina, um sino de mergulho foi acoplado às câmaras de descompressão da plataforma. Dois mergulhadores descansavam na Câmara 1, enquanto os dois que estavam no sino abriram a escotilha e se dirigiram para a Câmara 2, através de uma passagem de conexão.

O procedimento seria fechar a escotilha do sino de mergulho, fechar a escotilha entre o sino e a Câmara de descompressão E a escotilha entre a Câmara e a passagem de conexão.

Em seguida a pressão da passagem seria reduzido até uma atmosfera, uma trava seria solta e o sino seria desconectado.

Tudo estava dentro da rotina até um dos mergulhadores tentar fechar a porta entre a Câmara 1 e a passagem de conexão. A porta emperrou, não fechou, ficou com uma fresta.

Sem esperar confirmação, o técnico do lado de fora acionou a trava que soltaria o sino de mergulho, mas ao invés de se desprender de uma conexão sem diferença de pressão, ele se soltou como uma rolha de champanhe,

matando o técnico no processo. Seu corpo foi atirado longe e levou meia-hora para ser encontrado.

Isso foi só o começo. As duas câmaras estavam pressurizadas a NOVE atmosferas. os mergulhadores haviam se adaptado e todo seu organismo estava naquela pressão. Em uma fração de segundo foram erguidos para apenas UMA atmosfera.

Com 9 vezes mais ar do que o normal, e uma fresta em uma escotilha de 60 cm para sair, a atmosfera interna levou o que tinha pela frente.

O mergulhador próximo da porta literalmente explodiu com a descompressão dos gases internos de seu corpo. Seus órgãos internos, e até mesmo a espinha dorsal e os membros foram cuspidos pela fresta da porta. Fragmentos de seu corpo foram achados a 10 metros de distância.

Os outros três mergulhadores também morreram, com os vasos sanguíneos cheios de gordura, o que sobrou depois que seu sangue entrou em ebulição, repleto de gases que formaram bolhas, atravessando os tecidos enquanto a pressão era equalizada. Os corpos chegaram a apresentar bolhas no tecido dos olhos. (...)

O Universo conhece um monte de formas criativas e cruéis de nos matar, mas nenhuma é tão eficiente e horrenda quando a pressão. Em sua ingenuidade nossos antepassados criaram o conceito do Inferno, onde a punição seria o Fogo, mas a ciência mostrou que a água — e o próprio ar — são capazes de horrores inimagináveis. — ***Hemisférios de Magdeburgo — primeiro passo rumo a uma morte horrível — Meio Bit***

Uma outra leitura desse acidente retorna as vacas voadoras caindo na cabeça das pessoas, e a natureza relativa das probabilidades ordinárias e extraordinárias. Do ponto de vista da ordem estabelecida, isto é de acordo com nossa amostragem espaço-temporal as chances desses eventos ocorrem é ínfima, mas não impossível. Mas considerando o tempo e espaço de toda existência do Universo, e só a conhecida, as probabilidades se invertem, é a vida que se tornam o fenômeno tão altamente improvável e extraordinário que embora não seja impossível, é do ponto do vista das n possibilidades um verdadeiro milagre, ou o desvio padrão efêmero em toda a entropia do sistema. O surpreendente portanto não são as infinitas formas de que como acabar ou como a vida simplesmente não existiria, o extraordinário é justamente como do caos primordial emerge (e se sustem) a ordem altamente rara esse oceano que é um ponto que tende ao zero no meio da imensidão das impossibilidades e vazios capaz de sustentar formas tão complexas e frágeis de vida.

É natural que assim como nos acostumemos com a pressão atmosférica, também percamos a percepção da própria extraordinariedade, efemeridade e vulnerabilidade do fenômeno da existência, mas basta uma mudança de pressão, ou das condições de normalidade, para nos darmos conta que singularidade da vida é uma (im)probabilidade tão mais próxima do zero, do impossível, e da nulidade em relação ao totalidade dos eventos que talvez um buraco negro seja um fenômeno mais frequente e casual no nosso universo. E ainda sim, contra todas as chances, aqui estamos nós, vivendo com toda a nossa certeza cartesiana de que existimos, ao menos enquanto estivermos pensando, na nesse oceano de efemeridade onde tudo flui. Ou expresso em termos atomistas-materialistas d'antes do século XXI: como partículas dentro dessa "termodinâmica dos fluídos".

Panta Rhei: tudo flui

Mas a dinâmica dessa polêmica é muito mais antiga que o próprio advento da ciência. A questão é muito mais antiga que a própria filosofia ou cosmologia ou pelo menos tão antiga quanto sua origem pré-socrática enquanto busca sobre o principio primordial da natureza, a arché da Phisis.

Parmênides, Heráclito, entre outros já versavam, literalmente, sobre a natureza da natureza e suas propriedades. Entre outros estava Tales de Mileto considerado não só o primeiro filósofo, mas o primeiro especulador financeiro do mundo. Provando que ciência e finanças já trocavam idéias muito antes do do nascimento das ciência ou do capitalismo.

Platão e Aristóteles relataram alguns fatos curiosos e engraçados sobre Tales de Mileto (623 a.C — 558 a.C), o primeiro filósofo. Platão, em Teeteto, nos conta que certa vez, observando o céu, Tales tropeçou e caiu em um buraco. Uma escrava da Trácia ficou rindo dele, e ***o primeiro filósofo adquiriu fama de lunático e distraído****. Tales observava o céu e o tempo, pois era também astrônomo e exímio observador da natureza (um filósofo da Physis, como eram chamados os primeiros filósofos).*

Conforme o relato de Aristóteles, na sua obra A Política, ***Tales foi repreendido pelos cidadãos de Mileto por ser pobre, afirmando que a filosofia de nada servia e que ele perdia tempo meditando sobre a natureza****. Contudo, sendo Tales um estudioso dos astros, previu uma grande safra de azeitonas com um ano de antecedência. Assim, arrumou algum capital e alugou por baixo custo todas as prensas de azeite da região. Com a chegada da safra prevista, os produtores foram obrigados a alugar de Tales as prensas a um custo bem mais alto. Com esse negócio Tales angariou grande fortuna e tornou-se um homem rico. P****ode-se dizer até que foi um dos primeiros especuladores financeiros.***

Aristóteles conclui essa história da seguinte forma: **"é fácil aos filósofos enriquecer, se desejarem, mas não é isso o que lhes interessa".*(...)***.

-O tropeço de Tales de Mileto, o primeiro filósofo

Aristóteles e suas falácias. Tales ficou rico usando seu saber, mas ainda sim a escrava continuou tendo razão, continuo sendo um idiota por andar olhando para cima quando poderia adquirir-lo seguramente parado. Mas despeito (e preconceitos) aristotélicos a parte, um idiota genial. Tales não foi genial por ter sido capaz de fazer fortunas com seus conhecimentos, até porque esses pensadores não compartilhavam desse interesse e valor universal utilitarista moderno. para a contrariedade dos marginalistas clássicos. Mas sim, por ter descoberto, ou melhor sido pioneiro na invenção e acumulação de outro valor, o conhecimento. que contrária essas leis utilitaristas, pois como bem observou Sócrates, sua filia não decai quanto mais se acumula, mas pelo contrário só cresce, dado que quanto mais se conhece, mais se sabe que sabe-se menos, e logo, a utilidade e desejo de acumulação desse bem, o saber, não diminui, mas só aumenta quanto dele se tenha. Ou seja, a filosofia.

De quebra, Tales ainda por cima elegeu a água como a arque da Physis. A água que em termo de "mecânica da fluidez" só perde em propriedades para ter a "termodinâmica de outra substâncias cujas propriedades são ainda mais representativas da fluidez, o fogo, como aliás seu discípulo Heráclito, que também preferia jogos de dados do políticos, usou para dar substância a a arqué do seu oceano existencial: Pantha rhei, tudo flui.

TUDO FLUI — Heráclito (535–475 a.C.)

Tudo flui? À primeira vista poderíamos pensar que Heráclito tinha recorrido ao testemunho de Tales de Mileto, que dissera que a água era a essência de todas as coisas. A novidade em Heráclito é que considerava que a água era um elemento dinâmico. Para ele tudo está em constante fluxo. Tudo se transforma, tudo passa, tudo muda. Nada permanece como é.

No entanto, definir Heráclito como um filósofo da água provocaria, em primeiro lugar, a sua cólera, pois considerava que a água era o pior para o homem, uma vez que tudo esconde nas suas profundezas. Para Heráclito a substância originária de todas as coisas era o fogo, já que o fogo se transmuta "no universo e o universo no fogo", tal como se pode ler nos fragmentos de textos da sua autoria que se conservam.

Tal como Tales, Heráclito provinha de uma família abastada. O pai descendia diretamente do fundador da cidade de Éfeso, situada no interior da península da Anatólia, a atual Turquia. Em Éfeso encontra-se o templo de Artemisa, uma das sete maravilhas da Antiguidade. No dia desta deusa, chegaram a propor a Heráclito a coroa real, mas ele recusou-a e cedeu-a ao irmão que lhe era mais próximo. A política e o poder não eram do agrado deste homem, que também não era muito sociável. Além disso, não tinha os seus congêneres em elevada estima e, inclusive, criticava duramente seus próprios colegas filósofos; Hesíodo, Xenófanes e Pitágoras foram vítimas das suas críticas veementes.

Diógenes Laércio conta que, a certa altura, Heráclito estava jogando dados com uns jovens no templo de Artemisa quando uns concidadãos entraram e o criticaram por perder tempo com algo de tão pouca utilidade.

Respondeu que aquela atividade era muito melhor do que governar a cidade com eles.

Para Heráclito, tal como explica Diógenes Laércio, a maldade dos seus concidadãos ficou demonstrada de forma definitiva quando defenestraram Hermador, então governador da cidade e amigo da família de Heráclito, com o argumento de que entre eles "ninguém podia ser o melhor e, caso isso acontecesse, que o fosse noutro lugar e entre outra gente". Heráclito enfureceu-se: "Bem fariam os habitantes de Éfeso se se enforcassem um após o outro." Em seguida, abandonou a cidade e tornou-se eremita.

Na solidão, escreveu um texto que, como a obra principal dos filósofos naturais, foi intitulado Da natureza. *Depositou-a no templo de Artemisa mas nenhuma das pessoas que a leu a compreendeu. As frases soavam como profecias do oráculo, e as imagens ambíguas com as quais Heráclito se expressava valeram-lhe o apelido de Obscuro. Talvez fosse esse o efeito que desejava produzir, quem sabe. Seja qual for o caso, as múltiplas interpretações que suas palavras permitem fazem com que ainda hoje os filósofos o interpretem de forma muito diversa. Dito de outra maneira: as frases de Heráclito permitem que cada um as tome como melhor lhe convenha. De certo modo, a máxima "Tudo flui" também é aplicável à história da recepção do pensamento de Heráclito.*

De que falava Heráclito? Não lhe interessava tanto a fixidez das coisas, mas antes a sua fugacidade, o passado e o devir, por isso via o ser como uma mutação permanente. Para ele, a vida era uma luta constante entre os contrários. Se combinarmos a frase "Tudo flui" com outra das suas célebres máximas, "A guerra é a mãe de todas as coisas", chegaremos ao cerne do seu pensamento. Para Heráclito, os opostos como o pró e o contra, o ser e o nada, fazem avançar o mundo e a vida. Pode-se dizer que em Heráclito aparece pela primeira vez o delineamento de tese e antítese e, com ele, a dialética. Com os sofistas, como por exemplo Protágoras, esse modo de pensar iria ocupar o centro da filosofia e conheceria o seu primeiro florescimento graças a Sócrates.

Com a frase "Tudo flui", Heráclito adotou uma posição contrária à do seu contemporâneo Parmênides, que, à semelhança de muitos dos pensadores do seu tempo, era da opinião de que no ser nada fluía. Para Parmênides, o ser era imóvel e imutável; tudo estivera desde sempre presente e se o ser humano percebe as mudanças trata-se apenas de uma ilusão dos sentidos. Se alguém interroga a razão, deve reconhecer que só existe ser e não ser.

Enquanto Parmênides se baseava no ser e na razão pura, Heráclito preferia acreditar nos sentidos e na sua percepção das mudanças. Assim, Heráclito traçou o contraprojeto do pensamento dominante da sua época.

Temos conhecimento da frase de Heráclito "Tudo flui" por meio de Platão, que, no diálogo Crátilo*, coloca as palavras* pánta rhei *(tudo flui) na boca de Sócrates, que, por sua vez, esclarece ter aprendido essa máxima com Heráclito. Os textos de Heráclito que se conservam (poucos foram os fragmentos que sobreviveram aos tempos) não contêm a citação literal "Tudo flui". No entanto, neles encontramos duas frases (que variam segundo a tradução) que adquiriram realmente certa fama e podem ser consideradas variações ampliadas daquela. A primeira delas diz: "Não podemos banhar-nos duas vezes no mesmo rio." Esta frase significa que, quando mergulhamos pela segunda vez num rio, a água que ele transporta é totalmente nova e que também nós mudamos. Por isso, a segunda vez não é como a primeira. A outra frase que se conservou é uma mera variante da anterior: "No mesmo rio entramos e não entramos, pois somos os mesmos e não o somos." -**Tudo Flui — Heráclito***

> Mas voltemos as profundezas do oceanos de ar de Torricelli-Pascal, a Terra. Coloquemos os pés nos chãos. Mas tão somente por um instante, para poder novamente junto com os lunáticos voltar a historia desses sonhar com o impossível. Sonhar em nadar em oceanos de limonada como o utopistas Charles Fourier, e seus falanstérios, ou como um

Leonardo da Vinci, em nadar nesse oceano chegando as camadas mais altas da sua superfície. Ou seja, a própria metáfora da liberdade e utopia: voar.

Nadando em oceanos de ar

Isso não é uma montagem: **Santos Dumont e o 14 BIS voando em Paris 1906.**

Sim voar. O voo não contrária a lei da gravidade, mas nem tão pouco exatamente por "causa" das leis de newton que um objeto mais pesado que o ar levanta voo, mas mais propriamente "apesar" delas. A mágica para que esse feito não está na força do motor- como prova asas deltas que não só planam mas literalmente velejam usando as correntezas de ar- e sim no desenho das asas. Está na arte de planar, ou mais precisamente ser capaz de boiar nesse oceano de ar. E oceano de ar não é nem de longe uma metáfora, porque não a lei da natureza que explica como os aviões de mantem no ar, através da diferença de pressão que gera uma força embaixo da asa maior que em cima de todo corpo do avião no ar é a principal equação da Mecânica dos Fluídos denominada lei de Bernoulli. E novamente não por acaso descrita, pelo mesmo físico e matemático da teoria dos jogos e decisões Daniel Bernoulli.

Seguindo mais uma vez os passos e linha de estudos experimentais de Pascal com a pressão atmosférica, Bernoulli, traduziu o principio da conservação de energia, a primeira lei da termodinâmica, para as a mecânica dos fluídos através da sua equação. Sua obra *Hidrodinâmica* publicada em 1738 trazia uma das teses com mais maiores aplicações e implicações até hoje na física (e química), mas especialmente na física molecular e termodinâmica:

*Nesse trabalho, Bernoulli posicionou seu argumento, ainda sólido até a atualidade, que os gases consistem em um grande número de moléculas se movendo em todas as direções, onde elas colidem entre si e esse impacto causa uma pressão na superfície de contato que podemos sentir. Como exemplos, podemos citar o que nós sentimos como calor, que corresponde simplesmente a energia cinética do seu movimento. A teoria não foi imediatamente aceita, em parte por causa da conservação de energia que não estava bem estabelecida, e ainda, não era óbvio aos físicos que as colisões entre as moléculas poderiam ser perfeitamente elásticas. -**Teoria cinética dos gases — Wikipédia, a enciclopédia livre***

A Física das Panelas de Pressão

A chave da interpretação das peculiaridades do movimento dos fluidos ideais foi apresentada no Tratado de Hidrodinâmica, *que* ***Daniel Bernoulli*** *publicou em Estrasburgo, em 1738. O tratado principia com uma breve história da Hidráulica, seguida de uma pequena apresentação da Hidrostática. Mas, no decorrer dos treze capítulos, é aos fluidos elásticos — os gases — que Bernoulli dedica a parte mais importante da obra, esboçando uma teoria cinética dos gases. Para ele, esses fluídos são compostos "de minúsculas partículas que se deslocam de cá para lá, numa movimentação rápida". A ideia básica da sua teoria cinética é a de que a pressão de um fluído sobre a parede do recipiente que o contém é devida aos inúmeros choques (contra a parede) das pequenas partículas (moléculas) que compõem o fluído. A parede fica sujeita a uma multiplicidade de forças que, em média, correspondem a uma força constante distribuída por toda a superfície em contacto com o fluído. Todavia, foi só por volta da metade do século XIX, quando o conceito de átomo e de molécula se tornou popular na química, que os pressupostos da teoria cinética dos gases foram realmente desenvolvidos.*

No final do século XIX, o desenvolvimento da termodinâmica levou a uma outra visão sobre o tema da teoria cinética dos gases. Embora os fenómenos térmicos possam ser estudados sob o ponto de vista puramente macroscópico, os físicos começaram a imaginar modelos microscópicos para explicar os fenómenos gasosos e assim em 1850 o alemão ***Rudolf Clausius*** *formula o segundo princípio da termodinâmica e a teoria cinética dos gases. Nessa teoria, a temperatura passa a ser uma indicação da energia cinética média das moléculas do gás e é possível relacionar o calor específico dos gases com a sua composição molecular. Como os gases se difundem lentamente, Clausius concluiu que, embora as moléculas tenham velocidade alta, elas deviam ter um livre caminho médio bastante pequeno entre as colisões.*

James Maxwell *também contribuiu para o desenvolvimento da teoria cinética dos gases, introduzindo a hipótese de que os gases eram compostos por moléculas em constante movimento, colidindo com as paredes do recipiente e umas com as outras. Essa descrição dos gases já tinha sido referida por Bernoulli. Maxwell interessou-se essencialmente pela formulação matemática dos fenómenos físicos deduzindo a distribuição da velocidade das moléculas num gás em equilíbrio, ou seja, a chamada "distribuição de Maxwell".*

A partir de 1860 Maxwell, e também ***Ludwig Botzmann*** *de forma independente, utilizaram métodos estatísticos para analisar as grandes variações de velocidade das moléculas constituintes dos gases, derivando a distribuição de velocidades de Maxwell-Boltzmann. Maxwell também mostrou qual era a dependência dessa distribuição em relação à temperatura, e que o "calor" era armazenado no gás por meio do movimento das suas moléculas. A teoria foi então utilizada para explicar a viscosidade, difusividade e condutividade térmica dos gases. Maxwell, auxiliado pela sua esposa, descobriu experimentalmente que a viscosidade dos gases é independente da pressão e que a mesma é aproximadamente proporcional à*

*temperatura, aumentando com a mesma, o que corresponde ao comportamento inverso dos líquidos. Passou então a considerar que as moléculas não colidiam elasticamente, mas sim repeliam-se com uma força inversamente proporcional à sua distância elevada à quinta potência. Esta conclusão e os trabalhos posteriores de Boltzmann, de 1868, permitiram o completo desenvolvimento da teoria cinética dos gases. -**TEORIA CINÉTICA DOS GASES***

E não só desenvolveram a teoria cinética dos gases, mas a Física Estatística ou Física Matemática. Um campo da ciência que ajuda a explicar e prever o comportamento (leia-se calcular as probabilidades dos eventos) dos mais diversos fenômenos naturais: desde das chuvas passando pelas pressão nas atmosferas até novamente como o sol nasce e também morre, na partícula de deus, o bóson de Higgs e claro nas loterias.

A Bomba H Solar

O Sol é não é bomba atômica, é uma bomba termonuclear explodindo gradualmente. Uma usina termonuclear. Porém não de fissão (divisão de átomos) de urânio, como as primeiras bombas nucleares e usinas atômicas espalhadas pelo mundo a produzir lixo radioativo, mas de fusão nuclear do hidrogênio, a produzir da reação da união entre átomos energia na forma de luz e calor. Uma fonte praticamente certa de destruição imensa se você estiver perto do epicentro dessa explosão, e possivelmente de vida por um longo tempo se estiver a uma distância razoável, como por exemplo a Terra.

E onde entra os modelos moleculares de Bernoulli, **Clausius**, Maxwell, Boltzmann e cia nesta história? Entra nas benditas colisões entre as partículas. Colisões com energia para provocar as reações nucleares. ou seja com quantidade de movimento suficientemente rápidos, ou

simplesmente energia suficiente para quebrar as forças que mantem as coisas (no caso átomos) configurados exatamente como são, ou melhor, estão.

Como Hans Bethe demonstrou em seu artigo *A Produção de Energia nas Estrelas*, de 1939, que as partículas com maior chance de produzir essa reação são aquelas aquelas com máxima energia na distribuição de Maxwell-Boltzmann, isto é, as partículas que probabilisticamente possuem as mais altas velocidades dentro desse grande bola incandescente de gás, o Sol para fundir as partículas de nitrogênio e carbono em hélio, liberando fótons ou literalmente esquentando esquentando a coisa brilhar.

A Física Estatística

Pois é a Física Matemática explica.

Mas o que é a Física Matemática?

Será que a Wikipedia explica? Não, não explica, neste caso, ela complica. Mas é uma injustiça afirmar que a física contemporânea é sem pé nem cabeça ou complicada ou hermética demais é porque não filosofia medieval em especial Guilherme de Ockham. A ciência sofre sim do mesmo mal da comunicação dos economistas e mecânicos de beira de estrada, o tecnicismo, ou a dificuldade para traduzir -quando não são charlatismo é claro — o seu saber para a linguagem comum.

Dizer portanto que a linguagem comum não comporta a complexidade de da Física, ou que a mesma coisa, dizer que a Física não se pode traduzir a esse senso, é tanto subestimar o poder da linguagem e seus paradoxos,

quanto a capacidade de compreensão comum. E o perigo assim proceder, é como Linus Pauli é deixar de ser mecânico da física para virar um piloto da física, apenas conduzindo as teorias e cálculos como se fosse um carro sem ter a menor ideia do que como a geringonça funciona. Nisto é curioso notar como muitos cientistas praticam a engenharia da sua ciência como os estudantes escolares calculam os quadrados das hipotenusas, senos cossenos e força g, como calculadoras humanas, sem ter a menor ideia do que significam. Claro que quase sempre, e assim esperamos, que sabendo onde e como aplicar os resultados obtidos, mas sem a menor ideia de como e qual é a medida epistemológica dessas formulações com os fenômenos naturais correspondentes. Melhor é falar e entender de física como se fosse metafisica do que ela fosse uma "rebinboca da parafuseta", porque se essas ideias contraiam o sendo comum, ou melhor os preceitos e paradigmas vigentes, a forma de ver e pré-ver o mundo isto é problema de outro departamento, uma questão de cultura, educação e psicologia.

Na verdade essa distinção se não for complementar é absurda, pois, os signos matemáticos tanto representativos quanto operacionais perdem o sentido, se tornam ideias vazias sem sua conceituação substantiva. O que a nossa linguagem gramatical (analítica-sintática) não foi desenhada para fazer é computar, contabilizar e calcular, ou seja equacionar quantidades, mas para substantivar, qualificar, para formular conceitos e equacionar ideias ela é a ferramenta lógica não só ideal mas o processo produtor de críticas e antes disto critérios imprescindíveis ao pensamento.

Mas afinal de contas o que é a Física Matemática?

A segunda metade do século XIX foi um período de intensas investigações relacionadas à compatibilidade entre as três grandes áreas da Física da época: a mecânica, a termodinâmica e o eletromagnetismo. Assim, o estudo da radiação de corpo negro estava ligado à compatibilidade entre a

termodinâmica e o eletromagnetismo; a teoria do elétron de Lorentz foi uma tentativa de reconciliar a mecânica e o eletromagnetismo; e a teoria cinética dos gases de Maxwell-Boltzmann investigava as relações entre a mecânica e a termodinâmica.

Ainda que motivadas por problemas específicos[2] tais investigações, situadas no entroncamento de duas ou mais disciplinas, usualmente trazem à tona questionamentos mais gerais, de natureza filosófica. De certa forma isto é natural: por exigir uma análise cuidadosa e profunda dos conceitos e da própria estrutura das teorias físicas, se faz mais premente a necessidade de explicitar e examinar os vários pressupostos, que normalmente permanecem em segundo plano. De todo modo é interessante observar como que, para além da consistência interna das teorias, o requisito de coerência interteórica tende a firmar-se como um critério adicional de validação da Física como uma ciência que atingiu sua maturidade[3].

Esse tipo de questionamento, longe de ser um mero exercício de especulação, revelou-se imensamente frutífero e as soluções dadas àquelas questões ampliaram enormemente o escopo da Física, atestando cabalmente sua profunda unidade (de uma forma, porém, insuspeitada e surpreendente para alguns daqueles pioneiros). Foi o que se verificou na virada do século, nas revoluções quântica e relativística.

Apesar de não ser própriamente um revolucionário, Boltzmann foi um exemplo emblemático de um físico teórico de renome cuja visão filosófica norteou de forma explícita sua pesquisa. Isto é particularmente claro com respeito a sua investigação (que exerceu forte impacto sobre Planck e Einstein) sobre a compatibilidade entre a mecânica e a termodinâmica, em cujo fulcro estava a antiga controvérsia sobre o atomismo [2].

É preciso lembrar que a teoria atômica da matéria, apesar de muito antiga e bastante difundida, não era universalmente aceita na época. Para alguns, os átomos eram apenas uma ferramenta útil na descrição de certos fenômenos, como as reações químicas. Outros, como os físicos da escola dos "energeticistas", negavam a sua existência, afirmando que estava fora do escopo da física lidar com entidades hipotéticas não-observáveis[4].

A controvérsia sobre a realidade dos átomos (problema ontológico por excelência) estava, portanto, ligada a outra, mais profunda, sobre concepções distintas do que é a ciência Física. Cabe ressaltar que o ponto de vista de Boltzmann, segundo o qual ***o progresso na Física se faz postulando entidades "simples" não-diretamente observáveis[5] a fim de explicar o comportamento de sistemas "complexos" é extremamente importante: de fato (e contra a visão positivista) esta é a marca registrada da Ciência moderna, sendo um dos métodos mais comuns de alteração de sua base ontológica[6].****[grifo meu]*

Como se sabe, a questão foi finalmente decidida através do brilhante trabalho experimental de Perrin e pelos métodos de mecânica estatística empregados por Einstein e Smoluchowsky em seus trabalhos sobre o movimento browniano. Este último é, ademais, ponto de partida para um tópico central em Teoria da Probabilidade: a teoria dos Processos Estocásticos. De fato, um dos primeiros trabalhos rigorosos sobre o assunto foi feito por Wiener em 1923 que expressamente pretendia dar sentido às "trajetórias não-diferenciáveis" das partículas Brownianas observadas por Perrin. Assim, se incluirmos a Teoria Ergódica, Boltzmann esteve ligado (ainda que indiretamente) à criação de pelo menos dois novos ramos da Matemática[7]. Em suma, ainda que não exatamente revolucionária a controvérsia sobre o atomismo foi muito importante e influente, sendo um importante passo na clarificação da estrutura (pré-quântica) da matéria.

*Foi em sua tentativa de rebater as profundas críticas dirigidas à teoria cinética e formuladas através dos chamados "paradoxos da irreversibilidade" [3] que Boltzmann lançou mão de argumentos e noções probabilísticas e que ainda hoje são fonte de controvérsia e mal-entendidos (...) -**Probability in classical statistical mechanics***

A chave para responder essa pergunta, para entende o que a Física Matemática está portanto na sua abordagem que constitui o modelo com o qual esses físicos observam e resolvem os problemas. Na Física Matemática ou mais precisamente Física Estatística como o nome já diz o cientista procede seguindo e aperfeiçoa a abordagem de Bernoulli, combinando o reducionismo da física-molecular newtoniana com a matemática determinista da teoria das probabilidades do velho Laplace. A grosso modo, o cientista pega para observar um fenômeno macro (como a pressão de um gás dentro de um recipiente, por exemplo) e o reduz a um modelo micro molecular-atomístico e aí aplica as os cálculos de probabilidades para fazer resolver seus problemas e fazer suas predições, formulando novos conceitos e inevitavelmente mudando visões de mundo. Ou a mais grosso modo ainda, ele literalmente combina a modelo clássico de visão do mundo como bolinhas (partículas) em movimento com diferentes velocidades dentro de uma matriz do tempo e espaço, com as noções e cálculos de probabilidade para determinar o estado desse sistema complexo composto pelo movimento de sabe-se-lá quantas partículas, qual velocidade em que espaço estão e em que tempo. Ou seja literalmente complica para explicar e fazer previsões mais precisas. Existe um mito que a ciência é feita de proposições simples e elegantes. Não é. A ciência é feita de proposições que funcionam. Não há proposição mais simples e elegante e universal do que explicar *God´s will*. Ela só tem um problema não explica nem serve para nada, exceto talvez para continuar a não explicar coisa nenhuma.

Mas o importante aqui não é o Física Matemática complica e explica, mas o que ela implica. Ao fazer das partículas não mais átomos, mas regiões do espaço-tempo, da mera probabilidade existência, tal concepção abriu o portal para a noção contemporânea das partículas elementares da matéria do espaço e do tempo. E não é toa que debruçados nos trabalhos físicos do século XX iriam conceber tanto a Mecânica Quântica quanto a Relatividade Eisnteniana. Era como se os problemas estivessem pedindo por isso, Tais soluções eram o próximo passo que tal abordagem que imbutia a probabilidade e logo a incerteza na natureza elementar do universo. Afinal quando partículas não estão mais em movimento, não são mais átomos mas sim campos, eles não são por definição mais partículas e sim ondas. Exatamente como os campos de força eletromagnéticos, que na teoria da relatividade se livraram da ideia de éter e passaram não só a existir como entidades e não como fenômenos como também viajar no espaço vazio do cosmo por conta própria sem precisar de nenhum oceano de etér para nadar nele.

Com a Física Matématica os campos probabilísticos das partículas-onda ganharam literalmente existência, mais do que isso passaram a ser o fundamento elementar da matéria.

Em física matemática, o conceito de **ensemble**, ou **ensemble estatístico** ou simplesmente **conjunto estatístico** foi introduzido em mecânica estatística e termodinâmica por J. W. Gibbs em 1902. Trata-se de uma idealização que consiste em considerar um grande número de cópias virtuais do sistema, cada uma representando um estado físico possível em que o sistema pode estar. (...)

Paradoxo Termodinâmico e a Mecânica Estatística Quântica. *.Em 1902, o físico norte-americano Josiah Williard Gibbs (1839–1903) publicou o livro intitulado* ***Elementary Principles in Statistical Mechanics*** *(Yale*

University Press), no qual retomou o trabalho do físico austríaco Ludwig Edward Boltzmann (1844–1906) de 1877 (vide verbete nesta série), porém, em vez de tratar um gás como constituído de moléculas em constante colisão, como fizera Boltzmann, Gibbs partiu do ***espaço de fase*** *T, ocupado pelo gás, e trabalhou com uma função de distribuição (r) de pontos nesse espaço. Num certo instante de tempo t, cada ponto no espaço de fase corresponde a uma cópia do sistema estudado, que está sujeito a determinadas condições macroscópicas. Esta é a idéia de* ***ensemble****, e corresponde ao W, número de* configurações possíveis de um sistema*, considerado por Boltzmann. Desse modo, Gibbs observou que se* wr *indica o volume ocupado por* nr *partículas, o volume total nesse espaço, que corresponde a uma particular distribuição das partículas constituintes desse gás, será dado por:*

*Examinando essa expressão, Gibbs percebeu que havia necessidade de discriminar entre gases consistindo de partículas idênticas. Assim, no livro referido acima, colocou a seguinte questão:*Se duas fases diferem somente pelo fato de partículas similares haverem trocado de lugar umas com as outras, elas devem ser consideradas como indistinguíveis ou apenas em fases diferentes? Se as partículas são consideradas como indistinguíveis, então, de acordo com o espírito do método estatístico, as fases devem ser consideradas como idênticas. *Essa pergunta ficou conhecida como o famoso* ***Paradoxo Termodinâmico de Gibbs****, conforme nos conta Cyril Domb no livro intitulado* ***Twentieth Century Physics****, Volume I [Laurie M. Brown, Abraham Pais and Sir Brian Pippard (Editores), Institute of Physics Publishing and American Institute of Physics Press, 1995], enunciado da seguinte maneira:*

Sejam dois fluidos colocados em dois recipientes separados por uma barreira. Se os dois fluidos são idênticos e a barreira é removida, não haverá mudança na entropia; se não são idênticos haverá mudança na entropia.

*A solução desse paradoxo, qual seja, como distinguir esses dois casos, só foi dada com a introdução da Mecânica Estatística Quântica. Com efeito, em 1924, os físicos, o indiano Satyendra Nath Bose (1894–1974) (*Zeitschrift für Physik *26, p. 178) e o germano-norte-americano Albert Einstein (1879–1955; PNF, 1921) (*Preussische Akademie der Wissenschaften zu Berlin, Mathematisch-Physikalische Klasse, Sitzungsberichte*, p. 261) mostraram que, para partículas indistinguíveis sem limite de número para ocupar qualquer nível de energia, a expressão acima proposta por Gibbs deve ser substituída por (com* gi *substituindo* wi*):*

*Por outro lado, em 1926, os físicos, o italiano Enrico Fermi (1901–1954; PNF, 1938) (*Zeitschrift für Physik *26, p. 178) e o inglês Paul Maurice Adrien Dirac (1902–1984; PNF, 1933) (*Proceedings of the Royal Society of London *A112, p. 661), observaram que a expressão acima deveria ser modificada para tratar o caso de partículas indistinguíveis, em que duas delas não podem ocupar o mesmo nível de energia:*

Desse modo, as partículas indistinguíveis são tratadas por esses dois tipos de Estatística e hoje elas são chamadas, respectivamente, de ***bósons*** *e de* ***férmions*** **-Mecnica estatstica e o paradoxo termodinmico, Curiosidades da Fsica, Seara da Cincia**

> Experiência como macro como gases dentro de um recipiente. Mas não o jogar de dados. Porque?

> O ensemble estatístico de Gibbs, é fundamental para conseguir explicar e prever o comportamento macro através do visão probabilístico micro, como o de gases dentro de um recipiente. Já o jogar de dados nem tanto, o movimento de particulares elementares nem tanto. Como vimos Einsteins e Bose precisaram introduzir outros cálculos que fazem parte não da Física Matemática Clássica, mas da Quântica. Mas não só outros cálculos. E sim outros conceitos e processos que contribuíram para constituir essa disciplina a Mecânica Quântica. Me refiro em particular a Estocástica que está na raiz da explicação dada por Einstein ao movimento browniano que é essencialmente um processo estocástico.

No começo do século XX, Boltzmann havia chegado à forma correta da distribuição do número de partículas em função do nível de energia. Mas isso no âmbito da mecânica clássica.

Contudo, principalmente com o surgimento da moderna teoria quântica, o conceito de trajetória se torna seriamente prejudicado, quando não totalmente desnecessário e contraditório.

Uma trajetória implica o deslocamento, no espaço (e é claro, no tempo) de uma partícula, idealizada como um ponto matemático. Nesse sentido, uma trajetória física corresponderia, na matemática, a uma curva suave e diferenciável, completamente contínua em todos os seus pontos.

Porém, mesmo no trabalho de Einstein sobre o movimento browniano em 1905 (publicado juntamente com outros três trabalhos: sobre o efeito fotoelétrico, sobre o calor específico dos sólidos e sobre a relatividade), esse cientista postulou trajetórias em zig-zag*, descontínuas em inúmeros (para não dizer infinitos) pontos, para as moléculas e átomos, assim como também as*

partículas movidas, fossem elas partículas de pó, pólen, dentre outras. Assim, ainda no cenário da física clássica, as trajetórias suaves já eram admissíveis.

Com o entendimento trazido à luz pela interpretação do princípio da incerteza de Heisenberg, e pela interpretação estatística da função de onda dada por Max Born foi totalmente por terra a noção de que a partícula tinha trajetória definida.

Assim sendo, não se podem distinguir partículas cujas características sejam idênticas se se aproximam muito uma da outra, porque então não se pode identificá-las pela trajetória, já que para pontos muitos próximos, dependendo da velocidade, os pontos já não são discerníveis. A relação matemática que rege essa indeterminação fundamental é a relação da incerteza de Heisenberg.- ***Bóson — Wikipédia, a enciclopédia livre***

> Mas vamos por partes primeiro uma rápida explicação do que é o tal movimento browniano.

A anima (caótica) das moléculas de Polén

Ao olhar dentro dos vacúolos dos grãos de pólen suspensos em água sob um microscópio, ele [Brown que era biológo] descobriu algo que parecia oscilar e se mover quase aleatoriamente em torno do meio.

Apesar de não ser completamente apreciado na época, esse movimento era para levar à especulação sobre átomos e moléculas muito antes de serem vistos.

Enquanto Robert Brown não foi o primeiro a postular que os átomos poderiam ser a causa, com o romano Lucrécio (c60 aC) e Ingenhousz (1785) estudando os movimentos irregulares da poeira fina no ar e líquido, foi Brown que começou a estudar o significado.

O que Brown observou foi que o movimento dentro dos grãos de pólen (suspensos na água) parecia mover-se ao redor do líquido aparentemente ao acaso. Isso o intrigou e ele começou a estudar por que isso estava acontecendo, e tentou estabelecer qual força estava dirigindo essas flutuações aleatórias e mudanças de direção.

Ele não tinha certeza do que estava causando a moção, então se dispôs a descartar outras possíveis causas. A entrada principal de Brown era que provou que o movimento não era devido ao pólen vivo que propulsa-se, examinando grões inoperantes do pólen e poeira da rocha. Ele também observou que essas partículas menores sofreram uma maior quantidade de movimento vigoroso e flutuações.

*Ao contrário da crença popular, embora Brown tenha sido o primeiro a observar e documentar o fenômeno, ele não sabia ao certo por que estava acontecendo.(...) -**Movimento Browniano, Definição, O que é Movimento Browniano***

Como vimos Einstein explicaria.

***Movimento browniano** é um fenômeno pelo qual partículas pequenas suspensas em um líquido tendem a se mover em caminhos pseudo-aleatórios ou estocásticos através do líquido, mesmo se o líquido em questão estiver calmo.*

É o resultado da assimetria nos impactos cinéticos das moléculas que compõem o líquido. A fase líquida, por definição, deve ter alguma temperatura, significando suas moléculas ou átomos deve ser termicamente animado, batendo uns nos outros e objetos suspensos dentro deles. Para descrever este fenômeno, uma pessoa pode imaginar o movimento de bolas de golfe sobre uma mesa repleta de milhares de rolamentos de esferas movendo-se em trajetórias rápidas.

A frase ***movimento browniano*** *também pode se referir a modelos matemáticos usados para descrever o fenômeno, que têm considerável detalhe e são usados como aproximações de outros padrões de movimento estocástico.*

O movimento matemático está relacionado com, mas mais estruturado do que, o passeio aleatório, em que o deslocamento de uma partícula inteira é aleatorizado.

*O fenômeno tem a propriedade de Markov, um termo da teoria da probabilidade que significa que o estado futuro da partícula é determinado inteiramente pelo seu estado atual, não por qualquer estado passado. Usado neste sentido, o conceito matemático é ligeiramente diferente, mas muito semelhante ao movimento físico browniano.-****Movimento Browniano, Definição, O que é Movimento Browniano***

> Mas de onde ele tirou essa ideia dos processos estocásticos? E antes disso o que é Estocástica? Aqui a Wikipédia ajuda.

Estocástica: Mais uma vez os mercados financeiros

Estudos rigorosos sobre processos estocásticos começaram no final do século 19 para ajudar a entender o mercado financeiro e o movimento Browniano. A

primeira pessoa a descrever a matemática por trás do movimento Browniano foi Thorvald N. Thiele em um artigo sobre o método dos mínimos quadrados publicado em 1880. De modo independente, Louis Bachelier publicou em 1900 sua tese de PhD "A teoria da especulação", em que ele apresenta uma análise estocástica dos mercados de ações e de opções. Albert Einstein, em um artigo de 1905, e Marian Smoluchowski, em 1906, trouxeram a solução do problema para a atenção dos físicos, apresentando-a como um modo indireto de confirmar a existência de átomos e moléculas. Suas equações descrevendo um movimento Browniano foram subsequentemente verificadas pelo trabalho experimental de Jean Baptiste Perrin em 1908.

Um trecho do artigo de Einstein descreve os fundamentos de um modelo estocástico:

"Claramente deve se assumir que cada partícula individual executa um movimento que é independente dos movimentos de todas as outras partículas, também deve se considerar que o movimento de uma mesma partícula em intervalos de tempo diferentes são processos independentes, contanto que esses intervalos de tempo escolhidos não sejam muito pequenos

Introduzimos um intervalo de tempo Tau em consideração, que é muito pequeno comparado com os intervalos de tempo observáveis, mas ainda assim grande o suficiente para que em dois intervalos de tempos sucessivos Tau, os movimentos executados pela partícula podem ser pensados como eventos que são independentes entre si." (....)

Processos estocásticos incluem flutuações nos mercados de ações e nas taxas de câmbio, dados médicos como temperatura, pressão sanguínea e variações

*nos potenciais elétricos do cérebro registrados em um eletroencefalograma, fluxo turbulento de um líquido ou gás, variações no campo magnético da Terra, mudanças aleatórias no nível de sinais de rádio sintonizados na presença de distúrbios meteorológicos, flutuação da corrente em um circuito elétrico na presença de ruído térmico, movimentos aleatórios como o movimento Browniano ou passeios aleatórios, entre outros.(...) — **Processo estocástico — Wikipédia, a enciclopédia livre***

*Em teoria probabilística, o **padrão estocástico** é aquele cujo estado é indeterminado, com origem em eventos aleatórios. Por exemplo, o lançar de dados resulta num processo estocástico, pois qualquer uma das 6 faces do dado tem iguais probabilidades de ficar para cima após o arremesso. Assim, qualquer sistema ou processo analisado usando a teoria probabilística é estocástico, ao menos em parte.*

Porém, é importante salientar uma diferença entre aleatoriedade e estocasticidade. Normalmente, os eventos estocásticos são aleatórios. Todavia, podem eventualmente não o ser. É perfeitamente plausível, embora improvável, que uma série de 10 arremessos de dados gere a seqüência não aleatória de 6,5,4,3,2,1,2,3,4,5 ou 1,1,1,1,1,1,1,1,1,1. Apesar de coerente — ou compressível (podendo ser expressa de um modo mais comprimido que a seqüência inteira) — a seqüência não-aleatória é estocástica, pois surgiu através de um evento aleatório: o lançar de dados.

Há também a música estocástica, forma de composição baseada em padrões estocásticos, utilizando-se de computadores para redigir as partituras. Tem como maior ícone o compositor grego Iannis Xenakis.

O termo Estocástico também é usado para descrever uma ferramenta estatística de análise de mercado muito utilizada em estudos do mercado de ações:

"O Estocástico é um oscilador desenvolvido por George Lane no início da década de 1950, sendo muito utilizado por investidores com perfil de curto prazo ou que operam com derivativos, como opções de compra. Ele se baseia no princípio de que os preços de fechamento, durante uma tendência de alta, tendem a se posicionar mais próximos da máxima do dia do que de sua mínima. De forma análoga, durante uma tendência de baixa, o fechamento posiciona-se mais próximo da mínima do que da máxima. Seus sinais de compra e venda estão associados à identificação de níveis de sobrecompra e sobrevenda dos ativos"*[1] -Estocástico — Wikipédia, a enciclopédia livre***

> Talvez o mais famoso método estocástico seja o de Monte Carlo, inspirado no cassino do Cassino onde nasceu as ilusões dos nossos apostadores. Adivinha porque.

Designa-se por ***método de Monte Carlo*** *(MMC) qualquer método de uma classe de métodos estatísticos que se baseiam em amostragens aleatórias massivas para obter resultados numéricos, isto é, repetindo sucessivas simulações um elevado número de vezes, para calcular probabilidades heuristicamente, tal como se, de fato, se registrassem os resultados reais em jogos de cassino (daí o nome). Este tipo de método é utilizado em simulações estocásticas com diversas aplicações em áreas como a física, matemática e biologia[1]. O método de Monte Carlo tem sido utilizado há bastante tempo como forma de obter aproximações numéricas de funções complexas em que não é viável, ou é mesmo impossível, obter uma solução analítica ou, pelo menos, determinística.*

De acordo com Hammerseley (1964) o nome "Monte Carlo" surgiu durante o projeto Manhattan na Segunda Guerra Mundial. No projeto de construção da bomba atómica, Stanisław Ulam, von Neumann e Fermi consideraram a possibilidade de utilizar o método, que envolvia a simulação direta de problemas de natureza probabilística relacionados com o coeficiente de difusão do neutron em certos materiais. Apesar de ter despertado a atenção desses cientistas em 1948, a lógica do método já era conhecida há bastante tempo. Por exemplo, existe um registro de um artigo escrito por Lord Kelvin dezenas de anos antes, que já utilizava técnicas de Monte Carlo em uma discussão das equações de Boltzmann. (Fonte Mundo PM)- ***Método de Monte Carlo — Wikipédia, a enciclopédia livre***

Caraio, conexões. Haja voltas, para chegar no mesmo lugar que partimos: Monte Carlo, loterias e mercados, bombas atômicas, Doutores Manhattans e a morte e a vida do brilho da Sol e deus sabe-se lá fazendo o quê, talvez, jogando dados, ou esquentando o inferno como diria Santo Agostinho para graciosos cheios de piadinhas e perguntinhas, reza a lenda. Mas enfim, eis que a questão voltamos ao principio onde o mistério permanece, ou como diria o Pastor Al Green cantando com soul os os improváveis branquelos Bee Gees: *"Quem pode impedir o sol de nascer (ou morrer)?*

PARTE IV- A FÍSICA DA MATEMÁTICA

As esperanças e ilusões dogma-axiomáticas

E eis que voltamos princípio, a questão original:

O que a aposta no nascer do Sol tem haver com a ilusão dos apostadores na loteria dos jogos de azar? O que a física tem a ver com a teoria matemática das probabilidades.

Não só do ponto de vista epistemológico mas também fenomenológico *absolutamente tudo*. Ou em outras palavras a questão é na verdade: o que a teoria da matemática das probabilidades tem a nos mostrar sobre a Physis de todas as coisas.

A ilusão do apostador, que redunda nos diferentes tipos de pensamento supersticioso dos apostadores é a base do raciocínio heurístico que fundamenta o advento de toda e qualquer hipótese, incluso as científicas. Porque o erro do apostador nos eventos improváveis ou praticamente impossíveis está intrinsecamente ligado não só a maior chance de acerto nos eventos mais prováveis ou costumeiros, mas, como a própria descoberta, se existe ou não uma relação de causa e consequência entre eles ou se há meramente coincidências. Pois não importa que o nascer do Sol é a aposta com as chances infinitamente maiores de estar certa do que acertar os números da loteria, no momento que a aposta falha, o erro ou a ilusão é a mesma: supor como impossível ou simplesmente que não vai ocorrer o que poderia acontecer e de fato aconteceu.

A ilusão que induz o apostador ao erro é a mesma que induz o observador ao acerto. Ela é simplesmente a mesma que permite a aquisição do conhecimento, a observação, a memorização e a suposição da existência de padrões que se mantêm, seja como alternância, repetição, ordem predeterminada ou completa aleatoriedade. Mas e o método científico? O que o método científico faz é testar essas proposições ou pressuposições, mas ele não serve para nada, se entre as pressuposições e as hipóteses formuladas não estiverem presente a mais correta para ser validada. Ele, portanto, serve para filtro de verificação de ideias e não como processo de sua composição. Claro que o cientista pode, com o computador, enumerar todas as hipóteses possíveis e testar e até mesmo projetar as causas e consequências de cada uma delas. Todavia a enumeração só funciona em sistemas fechados e finitos como um jogo de xadrez. No jogo do mundo

real, aberto e infinito, não só as combinações futuras são igualmente imensuráveis, mas os movimentos passados são simplesmente desconhecidos.

Na verdade essas pressuposições de padrões efetuadas a partir da observação e suposição de existência de casualidades e sincronicidades permite só ao observador-apostador fazer pressuposições corretas ou incorretas, mas também avaliar em comparação com os resultados as possibilidades destes pressupostos estarem mais provavelmente certos ou errados, e aventar outros padrões que eventualmente poderão ter mais chances de acertar dos que ele atualmente toma como certos e válido. Em outras palavras a cada decisão não são só as apostas que estão sob escrutínio do sucesso dos resultados, mas querendo ou não o apostador, a própria pressuposição em que elas estão baseadas. Ou seja de que a moeda é honesta ou não.

Vamos pegar um caso extremo como exemplo. Imagine que a moeda cai no cara, não uma, duas ou dez vezes seguidas, mas 100 vezes seguidas. Isto é matematicamente, ou melhor fisicamente possível? É claro que é. Mas a questão é outra: O que é mais provável? (a) a suposição de que a moeda é honesta? Ou muito pelo contrário, (b) a moeda está viciada ? Ou em outras palavras o qual a pressuposição com maior probabilidade de estar correta? a de que a moeda é honesta ou desonesta? Termos e julgamentos morais fora. O que estamos nos perguntando diante das probabilidades qual evento físico estamos diante das probabilidades matemáticas: estamos a ver uma moeda honesta cair repetida e indefinidamente do mesmo lado, ou simplesmente diante de um moeda viciada?

Embora não exista nenhuma relação de casualidade entre um lançar da moeda e os seguintes, sabe-se também justamente por conta disso, que a

cada lança as possibilidades permanecem igualmente as mesmas 50–50. No entanto estatisticamente se por exemplo temos 1 milhão de lances caindo do mesmo lado, os dados da amostragem demostram 100 contra 0. Heuristicamente a probabilidade de estarmos diante de uma moeda viciada é muito maior que o oposto: a mera coincidência. Inclusive esse percepção poderia ser traduzida em razão: medindo experimentalmente os resultados de moedas viciadas com diferentes proporções de resultados, de modo a verificar não só quando um evento honesto pode apresentar a dúvida razoável da sua honestidade, mas em que proporção de vicio, e mais importante quanto lances são necessários para termos uma amostragem de acordo com o universo de possibilidades para fazer tal avaliação.

Embora útil seja quando os resultados de uma loteria ou de qualquer evento aleatório estão sob dúvidas razoáveis de manipulação, intervenção ou predeterminação de forças casuísticas , cabendo investigação científica não é esse o objetivo, nem é essa a proposta desse escrito. Mas sim entender não só qual é exatamente há natureza do fenômeno epistemológico a produzir a ilusão do apostador, mas a natureza do fenômeno físico por trás de tal percepção.

Por isso vamos continuar apostando no senso comum. Segundo ele, qual seria a aposta mais prudente (excluindo, é claro, a opção de não jogar mais)?

1. Apostar pressupondo na repetição do resultado, seja porque se supõe que o jogo viciado ou supersticiosamente que determinando resultado "está mais quente".
2. Ou continuar apostando pressupondo que as chances são aleatoriamente iguais, tendendo a uma distribuição mais ou menos igual dos resultados ao longo prazo?

Quem está raciocinando por dogmas e superstições? O indivíduo que pressupõe que os outros estão errados, porque sendo que o sistema honesto e aleatório os resultados só podem ser coincidências, ainda que a história dos resultados (as estatísticas) indique que o sistema não é provavelmente aleatório nem honesto como ele supõe. Ou o apostador que desconfia da honestidade e aleatoriedade do sistema por causas de improbabilidade das coincidências?

Pois é. Como diria o cara que só precisava de uma alavanca para mover o mundo e morreu estocado por um soldado enquanto ignorava a ordem do soldado porque calculava ..., a resposta é eureca! E eureca na cabeça. Pobre do tolo que aposta na desigualdade como mero produto do acaso e não de dados viciados, jogos de cartas marcadas onde quem vence é sempre a casa. No entanto, mais pobre ainda do tolo que acha que as maçãs simplesmente caem sem nenhum padrão. Jamais teria se perguntado se não há uma causa ou razão para essas co-incidências.

A falácia do observador

O erro do apostador consistiria, portanto, em pressupor que existe qualquer relação de causa e consequência entre os resultados anteriores e os que seguirão, ou seja, supor que existe uma razão fenomenológica entre os eventos passados e futuros. Uma questão que pertence ao campo de conhecimento da física e não da matemática. Será que as pessoas não pressupunham que todas as maçãs iriam cair antes de Sir Newton[3] formular a lei da gravidade? Mesmo depois de descoberta essa força da natureza, descrita antropomorficamente a imagem e semelhança das leis, as pessoas passaram a pensar que as maçãs hão de cair por causa da lei da gravidade ou continuaram sabendo que elas caem simplesmente pelo mesmo raciocínio de antes? Em outras palavras, as pessoas acham que as maçãs caem por causa da lei da gravidade, ou literalmente no memorial das amostragem correspondente as suas observações? Mais do que isso,

seria possível a descoberta ou formulação da lei da gravidade sem a suposição de correlação entre tais coincidências?

O mesmo raciocínio indutivo que leva as pessoas a acreditar acertadamente na generalização de que todas as coisas simplesmente caem, porque elas nunca viram nada diferente disso, é também o mesmo raciocínio que leva as pessoas a acreditar em generalização baseadas na observação, até descobrir pela experiência contrária que estão erradas. Se Sir Newton não apostasse que, por detrás da repetição dos eventos observados havia uma razão fenomenológica determinando seus resultados contabilizados da obervação, ou seja a estatística, jamais teria uma hipótese a ser testada.

Neste sentido o que o método científico faz pelo conhecimento ao testar uma hipótese é acelerar o caminho do saber com prudência. Pois, ao invés de esperar que eventualmente uma tese encontre os fenômenos que negam ou confirmam sua validade, o cientista reproduzir artificialmente as condições para validação (ou não) que só as experiências podem dar às preconcepções e através da confirmação das predições. Porém, tal validação empírica, como a história da ciência conta, não produz nenhuma certeza absoluta nem definitiva. Porque mesmo que todos os testes experimentais imagináveis ou a observação cotidiana continuem a validar a correção da teoria, tais confirmações não eliminam a probabilidade matemática da ocorrência de um novo evento ou a descoberta de um, até então ignorado, que contradiga a teoria. Que o diga a órbita de Mercúrio em torno do bendito Sol. Entretanto se das leis de Sir Newton tenha vindo a falhar para predizer as órbita de Mercúrio- exatamente como as superstições dos apostadores iludidos- isso não anula as tantas outras vezes que essa forma de ver, explicar e prever o mundo acertou e acerta. Uma predição de resultados, diga-se de passagem, muito mais acertada e bem sucedida que as predições dos

apostadores dos jogos de azar, porém ainda sim uma predição que do ponto de vista da matemática não tem diferença de gênero, mas de grau, ou mais precisamente de quantidade de possibilidades, ou seja, probabilidades. Uma aposta com um índice de acerto e precisão muito maior, mas ainda sim uma aposta. E uma aposta que seja tanto no princípio da sua formulação, quanto no final na verificação do seu sucesso está embasada justamente para aquilo que os apostadores estão tentando encontrar nas loterias e roletas: um padrão na reincidência dos resultados, ou o que é a mesma coisa, a hipótese de que "não é mera coincidência".

O caos

Não pense que ao dizer isso estou a menosprezar o pensamento científico. O que estou fazendo é não subestimar o senso comum. Até porque, ao contrário do que se crê, a valoração de um não é excludente à outra. Não preciso desvalorizar um para valorizar o outro, pelo contrário, ao eliminar essas e desconsiderar tais pressuposições, eu posso compreender melhor o papel do senso comum desde as superstições até a formulação das hipóteses e descobertas científicas e ir além "dobrando as apostas".

Entender não só a matemática por detrás da física, mas a física por detrás da matemática. E apostar, ou melhor, pressupor sentido, ou ordem no acaso. Formulando, por exemplo, a hipótese de que o acaso não é a mera ausência de padrão e razão, ou mesmo o padrão que se configura na, ou pela, ausência de razões. Mas sim o padrão de ordenação aleatória que emerge naturalmente como comportamento e configuração da matéria como resultado da manifestação (e interação) de uma força elementar do universo, uma propriedade tão inerente e fundamental de toda matéria, quanto a própria gravitação, a entropia.

A entropia, o caos, é uma propriedade inerente de toda a matéria, do universo. E corretamente não é concebida como uma força elementar, e sim a configuração complexa que permanentemente emerge da interação entre as forças elementares constituintes da natureza. Ou seja não é concebida como uma força elementar da física, mas um produto delas. Mas o que a hipótese aqui aventada implica, e depende portanto de possível verificação, é que não só o caos mas a ordem, é produto dessa OUTRA força elementar do universo ainda não descrita como tal mas que é o fator determinante que cujo comportamento experimentamos e observamos nos sistemas onde isolamos os demais fatores como determinantes dos padrões de comportamento ou configuração, como por exemplo, as loterias.

Enfim segundo essa hipótese implica que nenhum padrão ordenado ou aleatório, causal ou não-causal emergiria meramente da interações ou ausência dessas forças, mas sim toda toda matéria e suas propriedades e forças, as leis universais da física derivam dessa ordem-desordem, essa "volução", assim como o próprio ausência de tudo, seja ele abstraído e percebido como o nada, o vazio, o acaso, desordem, desconhecido ou o próprio impossível, objetos portanto da mesma visão, projeção, cálculo e previsão, a ciência a matemática das probabilidades.

Em escritos anteriores denominei essa força da natureza como Liber, por suas propriedades (não por acaso) semelhantes como aquilo que denominamos por liberdade e livre vontade. Sei que soa estranho, dar uma forma ao que é concebido literalmente como a negação das formas. Mas não mais estranho , como vimos, que a atração entre objetos mateiras separados pelo espaço vazio, o vácuo.

Isso ocorre porque concebemos o acaso como exclusivamente como uma propriedade epistemológica sem diferenciar o fenômeno da sua senso-concepção.

O acaso enquanto conceito é usualmente entendido como sinônimo de coincidências, as ilusões produzidos justamente pela tendência natural da inteligência em supor ou pré-atribuir significado as coisas para produzir ideias com sentido e entendimentos, e é portanto a ideia feita para negar a existência de qualquer relação de causa, razão, ou sentido seja por falta percepção, verificação ou simplesmente pressuposição entre a ideia e a coisa.

A ordem aleatória (em termos matemáticos) ou entrópica (em termos físicos) não deve portanto ser confundida nem com a ideia de ausência ou ilusão de ordem provocada pela meras coincidências, ou mais precisamente não deve ser confundida com a pressuposição de que existem forças não-aleatórias predeterminando o comportamento dos objetos observados ou que tais comportamentos não possuem razão. "Acaso" não quer dizer que o comportamento não possui uma causa, mas isso não significa que ele não possua uma lógica, uma razão, seu padrão não emerge do nada. Pelo contrário até o nada emerge tem lógica tanto pelo qual ele é percebido como tal, quanto emerge de tal forma assim ser concebido. Ou em outras palavras: Acaso não é sinônimo de coincidência, porque causa não é sinônimo de razão.

Fenomenologicamente, o acaso, não é um padrão lógico de configuração ou comportamento da matéria que se constitui da ausência de ordem ou razão; nem muito menos da falta de intervenção de forças, causas e razões de ordem que predeterminem sua configuração. O acaso, e toda complexidade de suas interações são padrão universal

resultante da razão autodeterminada da sua ordenação aleatória: o caos primordial . A ordem entrópica que não só um padrão gerador (e destruidor) do universo, mas uma constante cosmológica, atemporal.

Mas o que é é uma razão autodeterminada?

Ordem livres e Forças entrópicas

Em física, é simplesmente uma força elementar do universo. Como por exemplo a gravitação. Quando dizemos que os objetos caem, ou mais amplamente que a matéria se atrai mutuamente por causa da força da gravidade, estamos dizendo duas coisas: 1. que esse comportamento não é coincidência, ele tem uma razão. 2 que essa razão não está em nenhuma força ou causa externa, mas é da natureza, é inerente a esse objeto. E no caso da gravitação a todos os objetos. A gravidade como outras forças consideradas elementares, como por exemplo as forças eletromagnética, não são forças transcendentais que interferem na trajetória e movimento dos objetos, mas propriedades inerentes que produzem o movimento e interação da matéria. Não são portanto propriedades do espaço e do tempo, mas da matéria.

É por isso que se diz corretamente que o espaço é curvado pela gravidade e não é a trajetória dos objetos é curva no espaço. Espaço e tempo são conceitos derivados e determinados pelas propriedades elementares da matéria e não o oposto. De modo que quando se pensa na gravidade como lei a condicionar o comportamento dos objetos a imagem e semelhança que as leis humanas condicionam as forças de vontade dos seres humanos. A lei da gravidade não é uma lei que se impõe contra a natureza, ela é por definição uma lei da natureza. Não emana de fora, mas sim da própria natureza dos seres.

Veja que não estou fazendo nenhuma apologia como o caos. Estou apenas constando que o caos não é a ausência de lei, mas uma lei da natureza, que assim como a gravidade, não se jogar contrária jogando de precipícios, mas lida com ela, aprendendo como voar. Nem apologia, nem conformismo, nem censura, até porque sem reconhecer e saber como funciona a gravidade, não poderíamos construir aparelhos capazes de voar. Renegar esse força da natureza, e tentar estabelecer a ordem a revelia do caos, é como lançar-se do alto de prédio com capa e acreditar que vai sair voando, afinal essa ordem livre não existe e a liberdade como fenômeno e força elementar constituinte do Universo é só uma ilusão, uma mera abstração mental.

Ou seja, forças elementares são por definição as causas de movimento, volições, evoluções e revoluções que não são consequência de outras forças, mas as causas de si mesmas. Os deuses e motores aristotélicos da física como campo do conhecimento. E se a pressuposição de que eles são causas de si mesmos envolve o desconhecimento ou mesmo a praticamente impossível cognição se existem causas geradoras dessas forças. Já o reconhecimento de são são as causas do movimento de todas as coisas geradas isto é um produto da verificação das predições desses movimentos. É por isso que a hipótese de uma força entrópica, assim como a gravitacional e eletromagnética não se comprova pela descoberta das suas fontes geradoras, mas pela verificação do comportamento predito pela teorização. Até porque se por ventura se vier a descobrir a fonte geradora por exemplo da lei da gravidade esta passa a ser por definição a força e ordem elementar da natureza enquanto a força gravidade e a gravitação perdem seu estatus da causa de si mesma, autodeterminante para se tornarem uma função consequente.

O Determinismo no Indeterminismo

Quando portanto falamos que deus não joga dados estamos a discutir tanto o tanto o grau de predeterminação da ordem do universo quanto do nosso grau de conhecimento desses fatores determinantes das causas e consequências. A indeterminação é portanto um objeto do nosso conhecimento e desconhecimento tanto dessas predeterminações das causas quanto do nível de predeterminação de causas, isto é, se ou quanto são predeterminadas.

A teoria do caos, lida com a complexidade de causas e consequências fenomenologicamente todas predeterminadas bem ao gosto de Laplace, mas ainda sim fora do alcance completo da nossa cognição pela complexidade dos eventos frente a limitações cognitivas da nossa capacidades naturais e artificiais de percepção-cognição, ou sejas que não dependente do estágio ou condição atual de conhecimento, aquisição e produção do saber, mas dos limites inerentes da sua produção por seres que não observadores oniscientes mas partes integrantes do universo, ou seja, objetos da observação tentando ser o máximo que podem apenas sujeitos.

Não estamos portanto aqui falando da conhecida Teoria do Caos.

Aqui, não estamos propondo que as causas da indeterminação de todos fenômenos percebidos como caóticos é produto da complexidade do sistema, uma consequência das infinitas possibilidades de interação de fatores predeterminados versus uma possibilidade de conhecimento em espaço-tempo real delimitado, mas sim que o comportamento caótico dos fenômenos de fato gerados por forças entrópicas não é só gerado espontaneamente como todo força elementar mas instantaneamente autodeterminado. Como o matemático disse "o processo não guarda memória", o seja, sua configuração é definida no exato instante da sua manifestação. É portanto literalmente definido por nenhuma causa, ou o

que é a mesma mais precisamente como única ordem que estabelece tal padrão aleatório, o acaso. Assim sendo, mesmo a um ser onisciente, um demiurgo platônico, o universo continuaria um mistério imprevisível, ou mais precisamente, probabilisticamente menos determinístico quanto maior for a propriedade caótica em sua composição.

Logo o acaso é de fato uma propriedade fundamental do universal, segundo tal tese, a mais primordial e fundamental de todas, mas isso não quer dizer que o acaso é desprovido de suas razão determinante. Em outras palavras deus joga sim dados e os joga longe do alcance da nossos olhos, mas o saber da constância desse comportamento aleatória, não torna a previsão do comportamento do universo insondável, pelo contrário, o saber das suas constante indeterminista torna as previsões probabilísticas que levem em consideração essa constante da inconstância mais corretas e precisas. Pois de tal tese não for uma fantasia, a ordem caótica no final das contas, em amostragens suficientemente representativas do espaço e do tempo, tendem a a apresentar um padrão.

A constante da inconstância, ou o que é a mesma coisa da variação sob nenhuma ordem ou razão restabelecida, evidentemente não pode ser diretamente deduzida da pressuposição de ordem, mas pode ser logicamente deduzida da pressuposição da sua ausência, ou seja a pressuposição de desordem. Deduzida a partir da suposição de que a ordem conhecida e estabelecida está sempre na eminencia de se desfazer, assim como da absoluta desordem a possibilidade de emergência de um configuração ordenada pode emergir espontânea. E o mais importante tal nível de desordem do sistema pode ser relativamente calculada e prevista de acordo com tanto com a ordenação possível e projetada quanto a estabelecidas e configuradas. Ou seja se o sistema não possui memória, ele não pode se comportar como se tivesse uma. Se o sistema não possui

causas para produzir ordenadas num tempo infinito ele não só irá apresentar todas as configurações ordenadas possíveis, como não poderá manter somente a elas. Pelo contrário, não é necessário um tempo infinito, mas tão somente uma amostragem de tempo suficiente para empiricamente sabermos se o sistema é regido por causas e consequências, é predeterminado, ou se é indeterminado regido por padrões aleatórios que apresentam a configuração especifica da ordem aleatória. Ou seja, se o jogo é de cartas marcadas ou se é de fato uma loteria justa.

Mas qual configuração seria essa que caracteriza o comportamento dessa liber elementar da natureza? Qual é o padrão de ordenação que caracteriza a onipresença dessa ordem entrópica universal?

A constante universal e o Universo em expansão

Tomemos uma sistema finito e fechado e regido predominantemente entropia uma panela de pressão, por exemplo. Qual é a probabilidade de todas as moléculas sincronizada se concentrarem ou mesmo atingirem espontaneamente um único ponto como se estivessem organizadas?

Supondo que a panela jamais perderia pressão nem explodisse, se pudêssemos mapear a história da trajetória de cada molécula numa matriz espaço tempo, durante um tempo infinito a distribuição e variação das moléculas em cada posição tenderia sempre ao absolutamente igual. Não há uma ordem determinando cada trajetória de cada partícula a cada instante, mas há uma ordem determinando o padrão do conjunto das moléculas que tende literalmente a ocupar igualmente todo o espaço, quanto maior for a amostragem de tempo. Se não houvesse, não haveria razão para que as moléculas não apresentassem determinados padrões ordenados constantes em diferentes sistemas não importa o tempo de observação, mesmo que infinito fosse.

Se não houvesse tal força e ordem entrópica universal diferentes sistemas fechados apresentariam de fato o que se supõe como comportamento completamente desprovido de qualquer razão, ou logos. Se assim fossse, uma loteria poderia simplesmente cair sempre no mesmo número, e isso não seria um fato extraordinário, mas normal. Isso porque infinitos sistemas aleatórios apresentariam espontaneamente infinitos possibilidades de padrões lógicos de ordenação aleatória e não um mesmo padrão, a saber, o caótico, isto é justamente o padrão que tende a variar as a realização das combinações de forma absoluta igual em termo de probabilidade instantânea em relação as possibilidades de ordenação, um fenômeno que é percebido e pode ser deduzido semioticamente como padrão que justamente demanda a ausência de ordem preestabelecida.

Interessante notar que em espaços abertos, gigantescos e potencialmente infinitos em relação a matéria existente, o padrão desse sistema seria justamente o observado ao nosso Universo, a expansão. Dado que num espaço-tempo infinito a matéria tenderá entropicamente sempre a distribuir igualmente por todo essa matriz. Ou seja tenderá a expansão. Isso não quer dizer que não houve Big-Bang, nem que não exista a tal "matéria ou energia escura", mas que com ou sem esse evento e elementos, o universo ainda apresentaria o comportamento observado, se expandiria por conta dessa propriedade, ou melhor força elementar inerente que compõe (e decompõe) toda matéria.

A física da matemática

Aplicamos a matemática para produzir os cálculos da física, mas muitas vezes nos esquecemos de aplicar a física para produzir os cálculos matemáticos. Quando tanto a física quanto a matemática, antes de serem representações simbólicas do saber e campos distintos do conhecimento, são fenômenos da physis[4] e seu logos. Fenômenos epistemológicos produzidos tanto por esse mundo e seus padrões quanto pela observação

deles enquanto conceitos físicos, matemáticos, filosóficos ou de qualquer outra categoria abstrata do pensamento, que represente o conhecimento do que tomamos por concretude e realidade do mundo e das coisas e suas relações.

Quando Newton, por exemplo, formula a lei da gravidade, o que está fazendo é descobrir a razão fenomenológica por detrás de eventos computados instintivamente como um padrão matemático intuitivo. Mais precisamente, construindo um modelo que fundamente os padrões observados e contabilizados de ocorrência de um evento. Porém a sua lei universal da física como qualquer outra lei universal da natureza não só tem jurisdição limitada por mais extensa que seja sua validade no tempo e espaço do conjunto universo observado, como também tem brechas e furos, como toda lei humana artificial, mesmo quando essas brechas e furos não são a intenção de um legislador desonesto.

As leis da física não fogem às leis matemáticas da probabilidade. Se existe a possibilidade incondicional de uma lei falhar submetida há um tempo e espaço infinito, a probabilidade dela eventualmente falhar ou estar falhando, agora mesmo, se inverte tornando a possibilidade da existência dessa singularidade praticamente infinita, ou seja, a certeza.

Pensar na infabilidade das leis científicas como se fosse uma infabilidade papal é produto dos mesmos erros aplicados a diferentes campos do pensamento que tem por objeto não diferentes universos, mas o mesmo. Fenomenologicamente não existem fronteiras, campos nem territórios do pensamento e saber, não entre os objetos do saber e dos credos. Se na ciência e na religião essas divisões abstratas entre territórios do ver e saber é produto de um tratado de paz entre a autoridade sobre seus respectivos domínios, sobre mentes e corações. Na matemática e na física a divisão e disputa não chega a tanto e tem suas aplicações, mas não deixa

de ser política, também não deixa de ser mero produto de uma cultura do saber que imita e replica, inconscientemente ou não, os hábitos e costumes antropológicos na sua estruturação compartimentalizada dos seus campos e domínios.

Ora, então não seja por isso. Não percamos tempo em desatar o que não é feito para ser desatado. Vamos mandar às favas, as divisões e fronteiras sobre o abstrato e concreto, e sobre o físico e o metafísico. Esqueça a *navalha de Occam*[5] e pegue logo a espada de Alexandre e vamos cortar esse nó górdio e entender os conceptos mentais em sua concretude em toda a sua abstração mental.

A lei das probabilidades está abrindo mais do que portas para a ciência da incerteza, está abrindo as portas para a ciência do impossível. Ela não tem implicações cognitivas não apenas epistemológicas, mas fenomenológicas. Ao afirmar matematicamente que não existe possibilidade absolutamente certa, logicamente a lei também está afirmando que não existe impossibilidade absolutamente certa ou, o que é a mesma coisa, que não existe o impossível. A mera incerteza da possibilidade fenomenologia de um evento elimina, ao menos do ponto de vista científico, a correção com que se aplica o conceito impossível. Saber que se aplicado à física implica que o impossível concebido como concretude ou, mais precisamente, o vazio não passa de um campo abstrato de probabilidades momentâneas praticamente nulas, mas também praticamente certas numa somatória infinita desses momentos, mas pode chamar pelo nome popular, eternidade.

A física da matemática trata, portanto, deste campo relegado à transcendentalidade, o campo do impossível, erroneamente confundido com o campo do incognoscível. Parece lidar com abstrações sem correspondência fenomenológica, quando, na verdade, está estudando a

lógica dos fenômenos invisíveis, altamente improváveis e tido como impossíveis, no limite do horizonte de eventos do buraco negro do cognoscível, mas ainda, não dentro dele.

O vazio, a ausência de substância ou matéria, seja como ausência de padrão ou ordem, o vácuo e o caos não são uma caixa fechada sem sentido. Os conceptos inexistências fazem referência aos fenômenos concebidos por negação aos senso inteligidos, porque os que incognoscíveis, esses por óbvio e definição, passam batido, não são nem deixam de ser, aos nossos olhos, sendo ou não.

As probabilidades não funcionam quando aplicadas como teorias e cálculos racionalizados, nem heuristicamente por sorte ou uma feliz coincidência. Essa capacidade de pensamento abstrato se desenvolveu como adaptação à natureza, mas isso não é prova, sim é apenas uma evidência. Uma pista de que o raciocínio matemático probabilístico se fundamenta em observações de leis e forças ainda mais fundamentais e logo mais banais e despercebidas que as que levam as maçãs e outras coisas ao chão.

Sim leis tão universais quanto a gravitação, porém mais difícil ainda de serem descobertas já que não estamos dentro da lei, mas da sua exceção. Não somos a chance certa, mas o impossível que aconteceu. A singularidade. A sequência ordenada em meio aos infinitas combinações e padrões aleatórios. Um ponto ínfimo fora da curva do universo repleto de *vazios* e *caos*, mas pode chamar de entropia[6] e se ela falasse diria: *Prazer. Você é a pulga eu sou o cachorro*.

Não, a entropia não é só a segunda lei da termodinâmica, mas sim é o padrão de organização do que não possui nenhum padrão ordenado de

combinação. Isso não faz da entropia um Deus, Criador do Universo, bastante imprevisível, mas não incognoscível nem completamente indeterminado. Pois não importa se Deus joga dados, e ainda faz suas jogadas longe das nossas vistas. Porque ao fazê-lo e necessariamente fazê-lo, permite que façamos predições sobre elas. Não podemos saber qual ele vai certamente jogar, mas podemos enumerar e apostar em quais ele não poderia jogar sem quebrar a entropia e constituir um padrão ou uma ordem, esse sim bem mais previsível. Em outras palavras, não sabemos nunca com certeza qual será o padrão ou se ele se manterá, mas da mesma forma que apostar com razoável certeza que é possível que ele se mantenha uma vez estabelecido, podemos saber com a mesma razoável certeza que os eventos continuarão a se comportar aleatoriamente dentro de padrão entrópicos enquanto nenhuma ordem se estabelecer com razoável certeza de continuidade.

Isto é, quando os matemáticos fazem cálculos das probabilidades para eventos aleatórios, eles estão fazendo predições baseadas na observação de um princípio fundamental de organização do Universo: a entropia, o caos. Cujo padrão não é ausência fenomenológica de padrão, mas justamente a presença de um determinado padrão de organização que se caracteriza e pode ser rastreado epistemologicamente pela ausência de padrões ordenados. Fisicamente falando, o caos é, portanto, um padrão de organização, caracterizado não pela igual emergência de ordem ou desordem, mas justamente pela alta probabilidade da continuidade de ausência de qualquer padrão ordenado percebido.

Vamos trocar então a metáfora do Deus *dono de cassino*, para não causar confusão a quem o tenha ao pensamento literal, até porque nem como metáfora ele é político nem mafioso. Vamos lidar com a Entropia com termos e conceitos mais neutros e palatáveis de princípio criador, ou seja, uma lei universal proveniente de uma força elementar do universo.

Quando um físico prediz usando a probabilística, a distribuição mais ou menos igual, mas sem nenhuma ordem, que se mantenha ao longo de um tempo infinito das possibilidades de combinação das partículas, dentro de um determinado espaço fechado ou quando um matemático está calculando as possibilidades de uma combinação em uma loteria, sabendo ou não, ambos estão fazendo cálculos em cima da entropia do sistema. Mais precisamente, fazendo cálculos das incertezas dentro dos limites do seu conhecimento, enquanto observador-apostador, dentro do sistema de probabilidades.

Calculando o imponderável

Note que, portanto, se a nossa capacidade de previsão desses fenômenos está fundamentada na proposição negativa de padrões ordenados, isso nada mais é que um método. Não descreve o comportamento dos fenômenos, mas sim efetua a previsão da forma como o evento não vai se comportar de acordo como conseguimos conceber os eventos cognoscíveis, pela sua ordem. Isto é, ao invés de dizer que o fenômeno ou a ordem inexiste ou é impossível, deduzimos seu comportamento a partir do seu comportamento que é não desprovido de lógica nem muito incerta, mas rigorosamente desorganizada. Caótica. Em outras palavras, a ciência do impossível, do altamente improvável, incerto e desorganizado. A ciência de 99,99999999... por cento de tudo que existe transcendente à nossa singular existência: *o vazio e a ausência de sentido aparente*.

Isso tem sérias implicações tanto físicas e matemáticas quanto existenciais. Por exemplo, considerando que o universo não é, não por ser um sistema fechado, tal padrão implica na expansão e esfriamento constante do universo como um todo [como se verifica] e contínuo, e permanente renascimento como singularidade, dentro de cada partícula elementar desse universo morto. Dentro da carcaça de universo frio, em algum momento explode o impossível, um novo universo. Sim, o

Universo como o Sol vai eventualmente morrer e outros infinitos provavelmente renascer.

Não importa se o espaço não for infinito, mas fechado pela força da gravidade, ele vai inflacionar, porque o espaço assim como tempo é uma abstração mental derivada dos fenômenos e a distância entre os objetos tendem a crescer infinitamente como campos de probabilidades, por uma simples razão, entropia. Em outras palavras, a distância do espaço físico entre os eventos e objetos, o vazio aparente se expande na exata medida que as probabilidades vão se perfazendo. Não é preciso existir espaço-tempo infinito para se expandir. O espaço e o tempo se forma e tomam forma aparente aos observadores, conforme o campo probabilístico entrópico progride.

Isto é, do ponto de vista do Deus da verdadeira eternidade, o caos, a ordem é apenas uma ínfimo grão de areia no espaço-tempo infinito, um grão de areia, e areia que existe e é absolutamente tudo, não apesar do caos, vazio e incerteza, mas justamente e tão somente por causa dele. Em outras palavras a ordem determinada e preestabelecida é apenas uma das muitas infinitas formas de combinação e organização da existência, que se assim não o fossem, absolutamente livres, não seriam determinadas nem indeterminadas, não ordenadas nem desordenadas, simplesmente não seriam.

Não Deus não joga dado, ele os cria instantemente tão debaixo do nosso nariz que sequer percebemos. Se fosse alguém não seria um dono de cassino, mas um mágico ilusionista. Não sei quanto a você, mas conhecer a ilusão não estraga em nada a mágica, apenas aumenta mais meu respeito pela magia, principalmente quando descubro que no caso o verdadeiro mago não é o cara da cartola, mas o coelho.

… E aí? A ciência como fica nisso tudo? Como testamos essa hipótese?

Parando de tentar acertar na loteria, e começando a tentar não errar. O que, como vimos, para as probabilidades condicionadas não é exatamente a mesma coisa.

Se a hipótese, estiver correta, todos os eventos estão conexos, por um mesmo padrão onde a ordem e a desordem são apenas diferentes estados de maior entropia, compreendidos em duas diferentes abstrações mentais de relação e organização: a aleatória e a causal. Usando nossa percepção da realidade podemos então fazer, o que por sinal já fazemos, pressupor ordem e desordem em todos os padrões aleatoriamente ou ordenadamente enumerados para análise. Não importa. As combinações ordenadas verificadas deverão se desfazer e não se manter, do contrário ou a ordem emergiu e se manteve do nada, do caos … *milagre* … ou *Eureka*[7], você descobriu como uma matemático esquizofrênico que o sistema não era tão honesto e aleatório quanto propagandeavam, o que é mais provável e elementar, meu caro *Sherlock*.

Na verdade é possível fazer mais se você tiver um supercomputador, ou um tempo livre infinito de vida para desperdiçar. Você pode efetuar essas combinações para todos os eventos e análises de combinações que for capaz de aventar com base nos dados. O resultado dessa combinação dará um campo de combinações possíveis por exclusão das improváveis. Contudo isso seria uma mera ampliação computacional da estratégia de quem não aposta nos mesmos números que cariam no último sorteio da loteria.

Se a hipótese estiver correta, um supercomputador poderia simular um inteligência artificial completamente esquizofrênica a projetar infinitos sorteios paralelos cujos conjuntos resultados que não vão cair cruzados,

também não podem probabilisticamente formar nenhum padrão coincidente. Reduzindo o universo dos resultados entropicamente mais prováveis por interferência da predição dos observador e apostador. Todavia qual é a relação de causa e efeito entre o sorteio real e os paralelos? Nenhuma [fora a própria distribuição entrópica] e por isso mesmo a probabilidade das análises entrarem e convergirem ou entrarem é praticamente nula. Então o cruzamento destas análises conseguiria predizer o resultado da loteria por eliminação dos improváveis? Não. Fatalmente eliminaria a combinação a ser sorteada quanto mais coincidências buscasse, porque inevitavelmente as encontraria. Afinal quem procura acha. Contudo entre o erro, a totalidade das combinações possíveis e a computação por acerto e erro, também acabaria encontrando eventualmente a razão da probabilidade de acerto para cada diferentes conjunto de possíveis combinações condicionadas a essas analises aleatórias. Algo que não se presta a ganhar na loteria, mas pode ser útil a outras aplicações bem menos fúteis do que jogos de azar.

Conclusões

Há portanto a ilusão dos apostadores e a falácia dos deterministas. A primeira erra quando aposta que a variação e aleatoriedade dos padrões não é aposta de curto prazo, mas a longo prazo na entropia do sistema. A segunda erra ainda mais ao ignorar justamente a validade e fundamento dessa aposta, erra ao negar e renegar que a entropia está presente como padrão matemático não só de certeza-incerteza, mas de organização-desorganização de todas as coisas do universo, inclusive o que conceituado como nada e impossível.

Não só a física está fundamentalmente em abstrações conceituais da matemática, mas as abstrações conceituais da matemática, assim como a física estão fundamentalmente em fenômenos da física. A probabilística é o campo da lógica-matemática que calcula os efeitos da força elementar,

livre e criativa, que constitui a entropia. O comportamento de sistemas aparentemente desordenados ou simplesmente livres no qual todos os eventos estão inseridos, ou seja, a constante cosmológica do Universo, entrópica, incerta, indeterminada e incognoscível, mas não completamente, na exata medida que probabilisticamente não pode ser, no mais das vezes, por definição, certa e ordenada nem determinada e logo rastreada em seu padrão fenomenológico como o Tao[8], pela rastro da sua ausência, suas pegadas.

Define-se a ilusão do apostador como a crença que algumas pessoas desenvolvem de que se um determinado evento ocorre, a probabilidade dele ocorrer diminui em relação as outras possibilidades ou, como diz o ditado popular, *um raio não cai duas vezes no mesmo lugar*, pelo menos a chance dele cair é no mínimo menor. Embora diga-se que não só os apostadores de jogos de azar, mas geralmente pessoas inteligentes tendem a desenvolver esta crença ou mania não há nenhum conhecimento científico que embase essa percepção.

A separação da matemática e da física útil para a produção do conhecimento, pode levar o matemático a filosofar matematicamente e esquizofrenicamente sobre a existência da sua não existência ou procurar abstrair conexos em eventos completamente desconexos. É até possível que os encontre, mas é como a doença descoberta num hipocondríaco, que faz todos os tipos de exames desnecessários, um achado clínico.

A matemática não é composta só de operações e operadores lógico-mentais, mas simbólicos, abstratos de eventos e padrões fenomenológicos. A matemática aplicada aos fenômenos da física, não é só uma ciência que embasa a física como campo do conhecimento, mas é embasada pelo conhecimento da física como percepção do mundo físico, antes mesmo deles se configurarem como conhecimento abstrato e

compartimentado tanto do campo da física quanto da matemática. Melhor, percepção não, percepto físico- -matemático intuitivo, principio cognitivo constituinte tanto da lógica do cérebro dotado dessas capacidades de fazer observações quanto da própria lógica das observações.

A ilusão do apostador mais do que uma aposta é uma observação intuitiva, um algoritmo heurístico simples que pode tanto redundar em credos e superstições ou conhecimentos razoavelmente fundamentados não pela natureza deste raciocínio baseado em pressuposições que é a mesma, mas pelo tratamento dado posteriormente a essas impressões. Do ponto de vista da ciência somos todos observadores, mas apostadores. Mais precisamente apostadores que fazem suas apostas com base em nosso acesso a informação, aos eventos passados e aos fatos, cuja probabilidade de certeza e validade enquanto dados informacionais.

As probabilidades condicionadas a historicidades de eventos, pressupostamente correlacionados por generalizações baseadas em semelhanças perceptíveis, pode tanto levar a superstições completamente inúteis com baixos índices de acerto, inclusive em situações consideradas normais, mas também pode levar a pensamentos supersticiosos que funcionam razoavelmente bem, desde que eventos extremamente raros continuem sendo o que são, raros. Da mesma forma, a consciência tanto acerca deste procedimento mental quanto da natureza da ocorrência dos fenômenos nos permite saber que: [i] não só as certezas mais razoáveis também vão falhar em situações de excepcionalidade, [ii] as previsões mais razoadas também podem falhar mesmo em situações de aparente normalidade.

Um grau de incerteza que não diminui a segurança do sistema de conhecimento, mas aumenta inclusive em consideração à segurança e

amplitude da capacidade de previsão. Porque o erro e o perigo não está em não saber, mas na forma como representamos nosso saberes e ignorâncias, quase sempre de forma apartadas, quando eles são rigorosamente um mesmo complexo de probabilidade. Na verdade, o erro mais perigoso não está em representar como certo aquilo que não se sabe ou absolutamente como certo aquilo que nunca é, mas se esquecer que tais representações absolutas, rigorosamente não deixam de ser predições instantâneas do presente-futuro, como e sobre o que é uma probabilidade maior ou menor de uma incógnita mais ou menos conhecida, a qual chamamos de toda a realidade, mas que não passa do horizonte de eventos da nossa cognição sobre o mundo dos fenômenos.

Todavia não se preocupe em tentar processar isso, sua mente já faz isso por você. O desconhecido já provoca as sensações basilares que irão nortear a curiosidade e a produção do saber. Não é preciso ter medo do conhecimento. Porém é preciso não perder o senso de respeito sagrado pelo mistério, algo que nem mesmo os cientistas mais ateus ou panteístas perderam, ao menos não os gênios. Não há estado cognitivo mais morto, imbecil e improdutivo do que o estado de espírito da mente que acha que sabe. O mistério, essa busca constante de sentido no absoluto vazio não move só a ciência, a filosofia, ou a religião, ela move o pensamento.

Liberdade

Porém das hipóteses aqui apresentadas a principal é a de que a ilusão do apostador não é uma ilusão, mas uma forma rudimentar e intuitiva de aplicação simples dos mesmos princípios de ordem entrópica ou aleatoriedade observada da mecânica quântica a problemas cotidianos.

Físicos e teóricos como Stephen Hawking[9] dedicaram sua vida na busca da teoria do Tudo, isto é, um acrônimo para a unificação das duas grandes teorias a da física atualmente vigentes à da relatividade de

Einstein, que explica em termos simples o mundo das dimensões extremamente grandes ou cosmológicas e o mundo das dimensões extremamente pequenas ou atômicas, a mecânica quântica. Talvez, essa é a hipótese que aqui levanto, a resposta sempre esteve aqui, no mundo das coisas comuns e observações [e apostas] ordinárias, integradas pela física por detrás da matemática aplicada nos três planos: no grande, no pequeno e no comum: a ordem entrópica, o fenômeno que fundamenta o conhecimento matemático das probabilidades. A fenomenologia por detrás da epistemologia.

Não é, portanto, por acaso que a probabilística parece possuir infinitas aplicações à física. A ciência matemática das probabilidades parece possuir infinitas aplicações ao conhecimento da física porque a base epistemológica desse conhecimento, ou seja, os fenômenos ao qual ela faz correspondência, ainda de forma inconsciente, representam não a ausência de ordem como se supõe, mas o caos ou entropia como constante cosmológica do universo.

Não que a entropia seja propriamente uma força elementar, mas sim a ordem resultante dessa força elementar. Pois, querendo ou não a aleatoriedade não deixa de ser uma razão distributiva que segue sua lógica e isso fisicamente não ocorre, como nada ocorre sem a incidência de forças que produzam tal alternância, mutação ou revolução dos padrões inerciais. Tais forças são absolutamente o terror dos deterministas, materialistas e autoritários de plantão, porque elas não são só incertas, imprevisíveis, indetermináveis, mutáveis, aleatórias ou anárquicas, elas são, por definição, aquilo que em política e filosofia chamamos de libertárias. Elas simplesmente não contrariam as pretensões de ordem e padronização, elas criam não gradual mas em saltos e instantaneamente novas ordens e padrões, e possibilidades de

combinação-ordenação a partir da própria quantidade de ordem-entrópica do sistema.

Liberdade não como abstração, mas como força elementar, como fenômeno. Mais do que força criadora original, força criativa permanente de novas formas de existência em diferentes esferas e planos de organização. Porém pode chamar pelo nome popular: natureza e vida.

Nisso constitui todo o engano da falácia determinista-materialista, a ordem entrópica é uma abstração, mas a liberdade não. Não é uma mera representação substantiva, relativa e complementar de igualdades e desigualdades entre entes e seres. É a força elementar constituinte do seu próprio estado inerente de entropia da matéria em permanente movimento de evolução e revolução. Não é um padrão correlacional percebido ou preestabelecido, é uma força elementar da Physis.

Por isso é irrelevante onde Deus joga dados, se joga dados não apenas do ponto de vista cosmológico, mas teológico.

Liberdade é uma concepção que não só por definição é a causa de si mesmo, mas o único fenômeno que paradoxalmente se reafirma, persiste e recria da sua própria negação e destruição. Uma propriedade imprescindível e elementar não só ao mais reles e estúpido ou ao mais genial e criativo dos mortais deste mundo, mas também a todo e qualquer ser eterno ou infinitamente poderoso.

Entre as causas e consequências, existem forças naturais e volitivas que transcendem à materialidade manifesta e o fato de não sermos autômatos predestinados, mas seres dotados de livre vontade não subtrai nossa vida de sentido nem joga o universo no caos do mero acaso. A cada tempo e

espaço pertencem as forças presentes da sua geração. O futuro pode ser projetado, planejado e até previsto desde que se reconheça a sua natureza, como a própria manifestação intrincada do conhecido e desconhecido. O futuro é previsível na medida justa da consideração do fator determinante da geração de todo presente: a liberdade. Tanto como evolução da sua ordem, por força da sincronicidade[10] quanto da sua revolução pela força da entropia. Em outras palavras, o futuro é imperfeitamente previsível, mas ainda assim probabilisticamente previsível e volitivamente passível de construção e desconstrução à medida que consideramos o passado não como o fator absoluto da sua determinação, mas como o componente da constituição dos fundamentos intrincados da indeterminação evolutiva dos seus ciclos e revoluções.

A ordem do universo não é nem caótica nem predeterminada, nem uma combinação resultante da contraposição dessas forças. A entropia não é sinônimo de caos nem a sincronicidade de predeterminismo. A ordem do universo é livre, indeterminada e criativa, e quanto maior for a liberdade dos agentes dotados de força própria mais de acordo com sua natureza será a sua trajetória no tempo e espaço. De tal modo que, nos sistemas tanto abertos quanto fechados podemos não apenas fazer previsões sobre os possíveis comportamento e trajetórias dos componentes considerados aleatórios, como determinar em que grau eles realmente possuem forças volitivas ou não e até onde são governados por outras forças que predeterminam seu destino. Em outras palavras, nós podemos determinar o grau de liberdade de um sistema, prever as interferências ou mesmo impedimentos à manifestação do potencial criativo ou, até mesmo, tanto verificar a falsificação de sistemas supostamente aleatórios, podemos fazer muito mais do que prever, podemos criar até mesmo da matéria-prima de que compõe todas as coisas, o nada aparente, o praticamente impossível, mas que em verdade não senão uma das muitas faces desse deus-universo: a Liberdade.

Epílogo

Na Física Estatística os físicos e matemáticos estão a tropeçar em forças fundamentais do universo que eles ignoram e tomam como mera solução epistemológica, assim como também por vezes tomam meras abstrações semióticas como se fossem constantes cosmológicas para solucionar problemas matemáticos dos seus estudos e observações da física. Não estou portanto falando de implicações filosóficas, teológicas, politica-econômicas, nem culturais, mas científicas dessa abordagem dos problemas da Física que resultou nesse novo campo de estudo. Cabe aplicar mais uma vez o modelo ao modelo, e verificar o que há de elementar por traz dos campos das probabilidades e seus padrões estocásticos e termodinâmicos matematicamente axiomatizados. É preciso buscar a arché da matemática por traz da física matemática, conceituar a física por traz das teoria das probabilidades.

Nisto se resume basicamente este escrito. Não confunda a Física Matemática com a Física da Matemática, na primeira o principio fundamental da termodinâmica matemática não é um postulado axiomático, mas um fenômeno, um logos produzido por força entropica elementar da natureza constituinte das própria lógica que embasa tanto a teoria das probabilidades, quanto o comportamento correspondente dos fenômenos estocásticos observados como padrão resultante dessa propriedade universal, a Liber, força elementar da natureza e arché da Phisys. Não são as abstrações mentais do saber matemático a construir o logos, mas a força elementar da Liber a construir esse logos essencialmente libertário que compõe tanto o mundo conhecido e desconhecido quanto o pensamento que o conhece ou não. Deus não joga dados, deus não é o jogo. Deus é a liberdade, o tudo-nada, o possível-impossível, o que sempre existiu, sempre se destrói e continua existindo, a liberdade, e ela não é um jogo, ela simplesmente é... é constantes e permanentes; efêmeras e instantâneas, essencialmente paradoxal, seja

nos paradoxos concebíveis ou simplesmente na sensação infinita de mistério e descoberta perante o que não se sabe se é cognoscível ou não. Como estado do espírito o mistério e a fé no vontade de conhecer que move a ciência e saber, a liber do saber, como fenômeno o própria principio gerador da existência como constante autocriação, a própria liberdade como força universal da existência como Vontade. Livre Vontade constituinte dos entes e fenômenos. Mas isso já é metafísica. Mas talvez um dia, não mais. Vai saber... os dados estão lançados.

Do que é necessário para ser um político profissional... de sucesso

Ou o Ethos do Estadismo

Uma das coisas que ainda mais me impressiona em relação a política partidária não são os infinitos golpes, traições, mas a quantidade de gente que ainda cai nesses golpes. E não estou falando aqui das massas de manobra populares, que do pão bolorento só conhecem a bela viola, a embalagem do marketing e propaganda eleitoral. Nem tão pouco das pessoas que não conhecem as estruturas do sistema político-partidário, candidatos a políticos neófitos que ainda acreditam sinceramente que basta honestidade para mudar o sistema ao invés de ser engolido por ele. Estou falando das raposas velhas, tanto da própria profissão política representativa quanto do jornalismo especializado que cobre essa podridão do reino, e que supostamente deveriam estar mais preparados para antever e lidar com o comportamento das lideranças políticas profissionais.

Evidente que para não cair no mesmo erro que estou apontando não estou supondo que entre essas raposas velhas, haja ingênuos. Muito pelo contrário sei que a chance não terem o rabo preso é sempre inversamente proporcional ao tempo que permanecem nesse meio. Mas o rabo preso não explica, não sozinho como esses profissionais supostamente preparados para lidar com as artimanhas e esquemas desse meio, engolem de anzol e linha e caem nas mesmas velhas armadilhas de sempre.

Assistam as entrevistas com Bolsonaro na Cultura e na Globo, e vejam como a imprensa mainstream não aprendeu nada com o case da campanha de Trump. Como eles não tem o mínimo preparo retórico para lidar com o discurso anti-stabilisment. E como infantilmente tentam derrubar Bolsonaro colocando pechas politicamente incorretas das quais ele não se envergonha, mas ostenta com orgulho, e pateticamente acabam por servir de escada para o discurso de Bolsonaro. Parte do pressuposto que a audiência ainda é homogêneo como nos "bons tempos" em que o oligopólios televisivos tinham o monopólio cultural da formação de opinião. Não sabem como dar corda para narcisistas se enforcarem, fixados não só nos seus valores, mas na sua agenda e pergunta prontas deixam passar pérolas. Mas o jornalistas políticos, salvo exceções não são nem foram políticos profissionais. E embora não seja o que se espera é compreensível sejam engolidos.

O que não é tão fácil assim de entender e explicar é como políticos experientes inclusive os gargantas como Ciro Gomes, que disse que não era nenhuma neófita como a Dilma ainda tomam rasteira de seus pares e comparsas. Tolinhos eles não são e sabem que não são então a pergunta é como e porque caem nesses golpes?

Não que eu me interesse ou solidarize com as facadas que eles vivem a distribuir uns nas costas dos outros. Sinceramente, pouco me importa se as cobras vão acabar devorando umas as outras. Aliás, isso não é problema é solução. Mas interessa e avisar a quem ainda acredita em política partidária o perigo que é entrar nessa ninho, ou pior que desse ninho de cobras vai sair qualquer coisa que não seja veneno.

Para o cidadão comum que observa de fora a cena política, ela é apenas um ambiente de negociatas e corrupção e disputa de poder. Mas o político profissional sabe que para sobreviver nesse meio não basta apenas ter escrúpulos precários ou nenhum escrúpulo. é preciso ter certas habilidades inerentes ao exercício da profissão da representação política partidária. Habilidades que se ele não possui então é só a cara para o povo ver, o produto que serve de fachada, para aqueles que realmente são os atores políticos dentro das casas fazerem seus negócios e negociatas.

A sabedoria popular sabe não só intuitivamente mas por conhecimento de causa que a profissão de político e a do ladrão guardam similaridades evidentes. Mas assim como o ladrão de banco, o político não é um criminoso comum, mas sim altamente especializado. Especialização que exige habilidades que vão muito além da arte do roubo e furto armado com as prerrogativas e imunidades judiciais inerentes aos cargos de poder, ou a capacidade de mentir, trair ou fazer coisas piores descaradamente e sem remorso. A base da profissão da política representativa exige e envolve muito do do que corrupção, ela exige e envolve conhecimento e prática do estelionato e a falsificação ideológica tanto dentro dos limites da legalidade quanto nas sombras e fronteiras da zona cinzenta da ilegalidade.

O politico, o realmente profissional não é meramente um corrupto, ele é um estelionatário e falsificador ideológico. Não só no trato e manipulação

da opinião do seu publico cativo e massas de manobra, mas de toda a opinião pública. E o mais importa e antes de tudo: de seus pares e correligionários. Ou seja, quando estamos falando de um políticos que atingiram a cúpula o comando de seus organizações, seja como campeões de voto, ou articulares de esquemas e negociações políticas, (ou as vezes dominando ambas as coisas), estamos falando de um expert na arte da manipulação de pessoas. Eles não é apenas um punguista capaz de enganar gente vulnerável e desesperada. Ele é o 171 especialista que ganha a vida antes de tudo dando golpe em outros 171. A elite dos estelionatários e falsários a trabalhar não só no limiar do legal e ilegal, mas na sua construção e distorção não só da legalidade e das normas, mas da normalidade e legalidade.

Isso responde a em parte da pergunta: Num universo onde esperto vive de comer esperto, há sempre um esperto maior, ou menor a espreita que não está dormindo pronto para cortar o pescoço de quem dormiu no ponto. Não é toa que eles próprios se refiram uns aos outros como animais políticos, os predadores conhecem e reconhecem a natureza uns dos outros, assim como das presas, só pelo cheiro e de olhar. Logo é matemático, num ambiente os todo mundo se acha mais esperto, mais raposa velha que todo mundo, é natural, ou melhor uma questão de seleção natural que os espertos acabem sendo devorados por sua própria (presunção) esperteza.

Dizem que não existem santos em política. Mas não se engane isso não quer dizer que eles são cidadãos comuns. Eles são profissionais. Especialistas em não só em fazer pacto entre diabos, mas de quebrar esses pactos. São não santos, são judas a passar a perna e enganar uns aos outros, para ver quem sobra para ficar e se passar por messias.

A elite da política, as lideranças, famiglias, e organizações que mantém seus feudos 10, 20, 30 anos, sobrevivendo por gerações a fio nesse de ambiente tóxico e hostil de "guerra feita com outros meios (ou nem tanto)"; quem sobrevive por tanto tempo nesse meio onde os acordo de paz e posições estratégicas são como efêmeros quanto as nuvens e amorfos quanto a moral e os princípios das partes e partidos políticos, nunca tomba porque é ingenuo ou otário, mas porque fica descuidado, se achando esperto demais para levar rasteira. Ou em outras palavras achando que está engando e levando no bico todo mundo, quando é ele que está sendo levado.

Tendo isso em conta fica a máxima que ouvi da boca de um político, e que quem observa e reporta a cena política deveria estar tão atentos quanto eles:

Meus maiores adversários não estão nos outros partidos, mas dentro do meu.

Ou traduzindo os piores inimigos, os mais perigosos capazes de causar maior dano para um político não estão no campo do adversário, mas dentro do seu. Porque o político não joga para o time, não joga para a coletividade. Ele joga para que o time, e a coletividade jogar para ele. Mais e quem não assim? Esse é o primeiro otário na lista para virar boi de piranha dos grandes predadores desse espetáculo. Vai rodar sem nem saber quem de fato o derrubou. E quem observa e conta a historinha idem, as vezes já no piloto automático do me engana que eu gosto.

Então vai a dica para quem não quem não quer cair nesse conto de quem subestima a capacidade de criar e se antecipar as armadilhas que os políticos fazem uns aos outros, especialmente na condição privilegiada de

"aliados". Não há aliados, e quanto apertado e longo e intimo é o abraço mais expostas ficam as costas, mais tempo e espaço eles tem para cravar uma faca nas costas um do outro sem que ninguém o veja. Quem não entende isso, não entende o que é política, e não entende porque não desconsidera a pisque não raro doentia de quem está envolvido e gosta de viver nesse meio. E não vai entender o xadrez político entre os aliados não só de uma mesmo campo "ideológico", mas membros da alta hierarquia burocrática de um mesmo partido.

Não vai entender por exemplo o xadrez das articulações de um Zé Dirceu solto e um Lula preso, pressupondo estratégias suicidas ou alopradas perfeitamente alinhadas, quando na verdade, o que está em disputa é a demarcação do território envolvendo inclusive a chantagens e negociações clássicas: tanto de vender apoio populares e de aliados como moeda de troca, quanto de jogar as manadas do precipício na eminencia de perda do controle absoluto das massas de manobra.

De modo quem faz analise política se perguntando o que eles são capazes de fazer, já perdeu (ou morreu) e ainda não sabe. A pergunta é o eles ainda tem poder para fazer, porque enquanto tiverem vão fazer. porque os freios da correção moral, a ética não existem, ou melhor existem para ser tomados e usados como arreios para manipular as ações de quem possui essa "fraqueza" e propaganda.

Não importa como vemos a política ou como achamos que ela deveria ser. Importa como eles a veem, tratam e usam. E para eles política é a arte da guerra através do controle e manipulação dos símbolos representação do poder de fato, quer a sociedade civil goste ou não, é feita do monopólio da violência de olhos abertos ou fechados.

Curioso que num pais que tenha o esporte coletivo como o futebol como sua máxima e metáfora para todas as situações da vida, não entender que na prática de qualquer atividade, incluso a artistismo e esportiva, talento e caráter não tem nenhuma relação necessária. Alguns dos melhores jogadores, e algumas das maiores obras foram feitas por gente que nenhuma pessoa prudente jamais entraria sozinha numa mesma sala. De modo que só há uma coisa mais estúpida do que subestimar ou tentar invalidar o mérito em um campo, utilizando os valores de outro, é pressupor que tais valores vão lhe defender ou produzir qualquer obra com qualidade apenas porque são os moralmente corretos.

O politicamente correto, ou "como as coisas deveriam ser", deixou as pessoas imbecilizadas, vulneráveis, e impotentes. Cegas a renegar como as coisas são, e logo completamente incapazes de se defender e transformar a realidade da única forma possível: encarando de frente como elas são para o outro. É impossível impor como as coisas deveriam ser como obrigação a pessoas que não aceitam tal como seus deveres, até porque sequer acreditam que as coisas assim deveriam ser. E se tentar impor como dever moral já é um engano, pressupor tais valores como valor e responsabilidade de quem lhe vê como um inimigo, desprezo, ou pior preza é um engano fatal.

Mas o pior de tudo não é nem isso. É o continuar acreditando que Papai Noel. Esperando encontrar porcos limpos no chiqueiro ou achando que vai que é possível entrar no chiqueiro e não vai se sujar. Como se fosse possível passar décadas no chiqueiro, sem saber que é um chiqueiro e sem se enlamear. Ou como se fosse possível sobreviver dentro dela sem chafundar na lama. E não são só eles que estão dentro que sabem disso, nós que estamos de fora também sabemos. Só há uma forma de acabar com essa imundice, é pondo um fim no chiqueiro. Mas esse é problema, não gostamos do chiqueiro, mas gostamos da carne de porco.

Nisto erra, o estadista que diz que se o povo soubesse do que a política e as salsichas são feitas não engoliria nem uma coisa nem outra. Sabemos do que, e como são feitas, e que se dane porque queremos salsichas. Nisto se baseada toda a simbiose entre sociedades e governos, o verdadeiro contrato social tácito entre governantes e cidadãos, oferta e procura. Enquanto houver gente disposta a pagar para alguém fazer o serviço sujo para prover elas querem sem sujar as mãos, nem ter que ver como isso é feito,sempre vai haver um emprego com poderes para tanto para quem é capaz de fazer qualquer coisa por poder, especialmente quando esse "trabalho" não é nenhum sacrifício ao menos não dele, mas um prazer. Um banquete que ninguém tem nenhuma objeção enquanto tiver a sua parte garantida, e claro não for ele mesmo o prato principal. Uma questão portanto também de psique, mas não das classes governantes, mas das classes governadas, em especial aquelas que bancam esses sistema de governo do grande circo da representações políticas para o respeitável público, o *freakshow* do "me engana que eu gosto".

A Ética é uma escala de prioridades de valores. Seja no campo que for, na guerra, na política e nos negócios, em todo tipo de ação ou relação a ética é feita de um um conjunto de princípios que a pessoa considera não por que é forçada de acordo com sua vontade deve seguir. Esses princípios éticos são em geral regras simples, sobre atos que a pessoa deve ou não deve fazer sem condições, isto é sem prêmios ou punições em contrapartida. Ações e não-ações que uma pessoa prática simplesmente pelo valor da sua realização como objetivo em si, e não por conta de outros objetivos, princípios, ou como meio para atingi-lo. Não assassinar outro ser humano, por exemplo. Há quem não o faça ou faça apenas por conta das consequências que ele supõe que sofrerá ou não, e há quem não o faça não importa as consequências, não importa o tamanho dos riscos de ganhos ou das perdas esperadas, simplesmente não faz por uma questão simples: lhe abomina tirar a vida de outra pessoa e ponto final. Ele pode gostar de dinheiro, pode gostar de luxo, poder, ter ambições,

projeto de poder, ou ter os vícios manias e desejos e fantasias mais "exocêntricos" e até doentios, mas a realização desses prazeres em nenhuma hipótese ou circunstância abre espaço para considerar a possibilidade de tirar uma vida se isso for necessário para realizá-los, ou mantê-los. Há pessoas com princípios éticos mais maleáveis, tira a vida não, mas roubar ou até tirar a liberdade de outras para conseguir o quer, para atingir seus objetivos, ou mesmo fazer disso o meio para sustentá-los pode não ser problema nenhum, tudo depende de qual são os seus valores, ou mais precisamente o que vale mais uma vida a liberdade de outra pessoa ou a realização dos seus interesses, sejam eles desejos ou objetivos.

E eis o problema da guerra, da política e dos negócios. Não lhe falta uma ética, não lhes falta um código de conduta e um sistema de valores. O problema é que esse código de conduto (na prática, não na propaganda e teoria) é feito literalmente de outra escala de valores, onde a o ser humano, a vida, liberdade e propriedade alheia sempre valem menos que seus objetivos ideológicos ou pragmáticos, nomes bonitos para taras e fetiches em ideias fixas e desejos de posse e poder.

Me mostre qual exército, partido, governo, ou grande empresa que entre as seguintes opções:

A. a rendição, derrota, queda e falência mas preservando a vida de inocentes.

B. a morte de um ou tantos inocentes quantos forem necessários se necessário for para salvar sua "causa", "negócio", e "corporação".

Me mostre qual desses governos, empresas, partidos ou exércitos prefere tem a vida e liberdade humana acima do lucro, poder e cores ideológicas e eu lhe mostro um unicórnio, um duende, um messias e um papai noel.

Me mostre um governante, CEO, grande líder, ou comandante que prefere arriscar sua posição, cargo e status, pelo direito a vida e liberdade de uma única pessoa e eu lhe monstro um salvador da pátria de pijama, um papai noel de shopping um revolucionário de bar... desempregados.

A ética portanto existe, mas ela é outra. É uma ética que não só tolera o sacrifício de vidas humanas, mas recrimina e pune quem por ventura coloca esses princípios humanos (e naturais) acima das normas e valores dessa outra ética considerada a norma e normal.

Logo, desde que seja pela causa ou mais precisamente valor, seja ela dinheiro, poder, status ou qualquer outra mascara ideológica que torne esses objetivos menos repugnantes e mais tolerável não só ao olhar do outro, mas do próprio ethos do indivíduo não só frente a coletividade que ele pertence mas frente ao espelho, a ação não só deixa de ser objeto de recriminação, como pelo contrário a consciência e objeções passam a ser objeto de criminalização e condenação! Um ethos que condena a consciência e premia tanto obediência quanto a ambição cegas, ou melhor tem por valor máximo a obediência cega a ambição desde que essa tenha sucesso. Essa é a lógica dessa ética que se não formos completamente hipócritas temos que admitir: não está presente só nas classes governantes, mas hospedada ainda que numa simbiose parasitária também dentro da mentalidade e cultura das sociedades.

É por isso que nas nossas sociedades onde o instinto gregário foi amputado e substituído pela cultura de submissão dos agregados por

domesticação, o soldado conscrito que se recusa a tirar a vida de uma pessoa que ele não conhece vai para cadeia por traição. E assassinos em massa desde que vencem a guerra, viram estatistas aos olhos do seu público cativo e histérico.

Os fins justificam os meios? Não, a teratologia desse ethos é muito mais bem elaborada. Dentro dessa ethos os fins não só justificam os meios, como uma vez bem sucedidos, os donos dos meios se autoproclamam autoridade absoluta para ditar seus fins como os únicos princípios legítimos e absolutos.

Mas não se preocupe você e eu somos livres para dizer que não queremos e concordamos com nada nem ninguém que está aí. O que evidentemente não quer dizer que eles vão parar ou sair. E você vai ter que levar. O coito não pará. Mas o choro é livre. Eis a festa da democracia representativa! A versão mais moderna e bem elaborado do 171 mais lucrativo da história: o estadismo.

Escravidão Moderna: Do mercado internacional da Escravidão aos casamentos forçados (Parte 1)

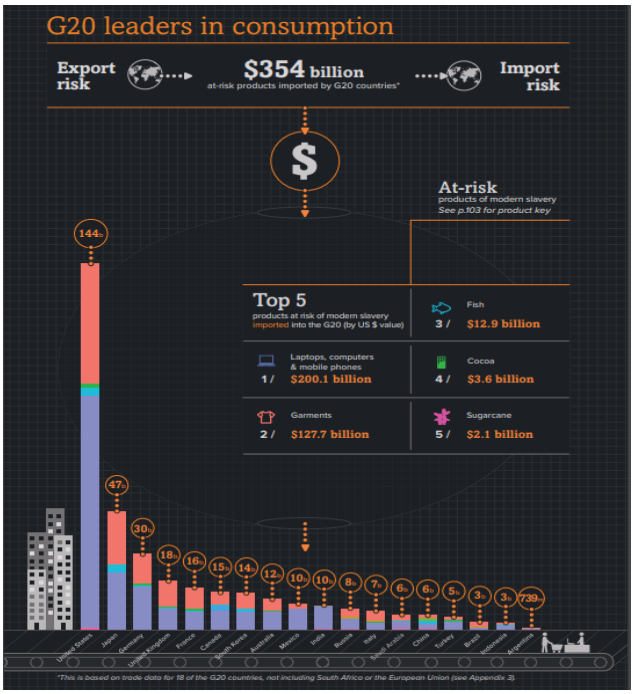
A ONU em parceria com a ONG Walk Free **publicou seu mais recente relatório sobre a escravidão no mundo:**

Há cerca de 40 milhões de escravos no mundo

Adam Taylor The Washington Post Esta fotografia realizada em 18 de setembro de 2017 mostra um menino indiano…

www.gazetadopovo.com.br

Dois pontos deste relatório de 2018 são importantíssimos destacar: (i)além de reafirmar a ampliação do conceito de escravidão para os casamentos forçados; (ii) expandiu a investigação desse mercado transnacional incluindo não só os locais onde a escravidão é ofertada e produzida, mas de onde vem a demanda e o consumo do produto desse trabalho escravo. Ou seja o mercado internacional da escravidão.



O mercado da escravidão

O relatório ainda não busca indicar (e quantificar) toda a cadeia de investimento-produção-consumo e investimento que usa, lucra, banca e abastece e se beneficia do trabalho escravo dando nome a cada um dos bois. Ou seja, não é uma investigação criminal (científica) deste que é por

definição um crime contra a humanidade, mas já é um bom passo para uma. Pois não só identifica países e setores onde essa industria escravagistas estão instaladas ao abrigo da falta de lei e em parceria com os governos locais como também aponta os setores produtivos que demanda e as sociedades que consomem essa produção por país.

Um excelente material portanto para uma investigação mais profunda que queira chegar a alguma denuncia e plano de ação concreto contra todos os envolvidos nesse negócio criminoso atua na zona cinzenta da divisão internacional do trabalho e seu butim, o capital.

Mas ainda faltam algumas peças.Vejamos quais são a partir do que temos:

O local do crime e os co-autores da execução do crime:

os países ou mais precisamente os governos que fornecem e traficam sua população e riquezas como mão-de-obra, matéria-prima e produção barata- dada a não aplicação ou completa ausência de leis de contra a exploração do trabalho (incluso o escravo). E as empresas transnacionais que se instalam e usam (e as vezes até importam) essa mão-de-obra escrava, semi-escrava e precária, não só pagando a esses governos locais usar trabalho escravo e para leis que o permitem, e fiscalizações que o facilitem, como por vezes podem até mesmo receber financiamentos público via os próprios bancos estatais ou desonerações e benefícios fiscais para efetuar tal exploração.

Peças que faltam: Como tal contrato neocolonial de escravidão pode ser efetuado contra dos interesses de uma nação é efetuado?

Hipótese número 1: Mediante o uso propina para a compra de agentes governamentais.

Hipótese número 2: Mediante o financiamento e patrocínio da ascenção ao poder do lobista entre agentes governamentais do executivo, legislativo ou até mesmo judiciário, logo tanto por via eleitoral quanto carreira pública.

Hipótese número 3: Mediante uma combinação dos dois esquemas.

Os receptadores e usuários

O estudo também aponta para os mercados consumidores, receptadores e usuários dessas mercadorias criminosas. Ou seja aponta para nós, que consumimos, sabendo ou não, produtos que não são produtos do crime de roubo, ou evasão fiscal, mas escravidão.

Parece até que estou tentando fazer terrorismo com a domesticação legalista da população. Não estou. Mesmo que o sempre criminoso tráfico e exploração de seres humanos e seu trabalho, fosse legalizado e não mais velado e enrustido isso não é nem nunca vai ser a mesma coisa que fazer o download de uma obra com "todos seus direitos [de copyright] reservados". Não estamos falando de propriedades intelectuais, que precisam de uma adesão cultural e doutrinação para serem instauradas e respeitadas. Estamos falando de propriedades previamente existentes, naturais, fundamentais, e que por seleção natural instintivas compreendidas. Sabidas por qualquer ser minimante dotado de senciência como propriedades que não podem ser separadas em nenhuma hipótese da pessoa sem causar violência, guerra e morte. Estamos falando da liberdade. Liberdade não como uma abstração, uma concepção derivada da desigualdade de relação de poder, mas como

condição material, fisiológica e ecológica necessária a vida humana, que não se restringe portanto só a posse do corpo, mas também aos meios necessários a sua manutenção. Liberdade portanto que não é um mero operador mental de abstrações como a igualdade e desigualdade. Mas uma condição concreta, um fenômeno físico materializado e manifesto nessa singularidade no corpo e vontade da pessoa humana. Ou traduzindo para situações práticas que envolvem o crime da sua subtração, a escravidão. Uma pessoa ou grupo que não pertença a determinada cultura, pode até alegar desconhecimento da leis de uma sociedade no que tange todas as propriedades relativas e subjetivas, mas nem mesmo a pessoa ou sociedade mais psicopata pode alegar que não sabe a consequência de sufocar o pescoço de uma pessoa, trancá-la sem água e comida, ou o que é a mesma coisa, trancar a água e comida para ela. Todos esses expedientes que a curto prazo são empregados de forma mais ou menos elaborada para dominar e manter uma pessoa escrava, e que a longos prazo se não interrompidos sempre redundam em assassinato ou genocídio dependendo da quantidade de pessoas submetida a tais privações são o que, na prática desse crime, vai muito além da mera exploração do trabalho, mas implica em geral em extermínio em massa, lento e agonizante das populações submetidas a tais privações.

De modo que quando compramos o produto do trabalho escravo consumindo uma mercadoria que foi fabricada:

na "melhor" das hipóteses mediante expedientes que envolvem o emprego mais ou menos ostensivo ameaça, chantagem, corrupção, trafico humano, sequestro, carcere, agressão, coerção, estupro, mutilação, assassinato incluso de crianças em condições de miséria, abandono e insalubridade protagonizado por organizações criminosas consideradas ilegais nos territórios onde atuam.

E na "pior" das hipóteses, as mesmas mercadorias obtidas com o emprego dos mesmos expedientes criminosos porém estratégica e metodicamente racionalizados e planejados, produzidos em massa e escala industrial por gestões comercial e administrativas corporativas profissional. A característica que separa os crimes contra humanidade "do passado", e os mesmos crimes após a sua modernização científica e institucional. Ou em outras palavras estamos "financiando" o mesmo crime contra a humanidade porém sistematizado e protagonizado por uma parceria devidamente legalizada entre Estados-Nações e empresas transnacionais.

Notem que o "financiando" está entre aspas. Porque os usuários e receptadores embora contribuam para sustentar a demanda desse mercado, no capitalismo não são exatamente os mesmos elementos que propriamente financiam esse mercado criminoso, nem portanto os maiores beneficiários do butim, do seu lucro. No capitalismo moderno, não basta apenas gente disposta a ofertar, nem gente disposta a adquirir, para que a oferta e procura se realize é necessário que quem detenha o capital, o capitalista, também invista, ou seja, banque o negócio. E se há uma coisa nos sistemas de financiamento é investimento sem plano de negócios e garantias. Ou seja, é possível um consumidor ter o produto sem ter a mínima idéia de como ele foi produzido. Uma corporação cujo negócio é financiar negócios. E eis que chegamos a peça que sempre fica propositalmente faltando: os mandantes.

Mandantes

Mas onde estão os mandantes? Quais seriam suas motivações, interesses, porque usam desses expedientes criminosos? São apenas sem com escrupulos precários? Não teriam nenhum respeito nem apreço pela vida dos outros? Ou até teriam, mas dentro da sua escala de valores esse apreço não paga o preço e valor dos seus interesses e ganhos devidamente convertidos em lucros e dividendos?

Em geral se pensa no crime da escravidão como um negócio cheio vítimas, executores, e até beneficiários, dos consumidores, aos empresários, as investidores, até os governos tanto locais quanto de origem dessas empresas que cobram seu pate em tributos nesse crime hediondo banalizado como "negócios". No final das contas, ao utilizarmos as leis utilitaristas-marginalistas econômicas da oferta e procura, parece que o mal assim como o bem são produzidos exatamente pela mesma razão identificada por Adam Smith em a Riquezas das Nações, como o padeiro o escravagista está apenas interessado em maximizar os seus interesses particulares na forma de lucros.

Tudo parece uma grande falha do sistema do qual todos partilhamos do mesmo princípios, afinal o negócio não é caridade, o negócio é ganhar dinheiro e essas empresas, governos e bancos usam as ferramentas que tem em mãos para maximizar seus lucros como qualquer outro ator desse jogo. Eles detém os dois meios de produção político e econômicos, o capital, e a jurisdição, tanto a máquinas que fabricam e reproduzem um quanto o outro, a lei e o dinheiro, os bens e os porretes, porque não usariam isso para maximizar seus interesses, ou o que é a mesma coisa o que os impede de fazê-lo? Consciência? Ética? Solidariedade? Isso são pertence ao setor de imagem, marca, e propaganda política e comercial, e na gestão dos recursos humanos e não na administração nem muito menos na contabilidade.

Não importa se os números que a IBM computa são judeus mortos (e escravizados) em campos de concentração da Alemanha nazistas ou crianças escravizadas (e mortas) em fábricas da China Comunista, o capitalismo é democrático, dinheiro não tem cor, nem tem raça, nem discrimina as pessoas por credo ou ideologia, nem portanto por meios que foram obtidos, nem as moedas nem os bens. Como a pena e espada lavou (a imagem) tá novo.

A cadeia de produção desse negócio ao contrário da cadeias de produção crimes contra a humanidade, simplesmente parece não ter cabeças, apenas mãos invisíveis contribuindo irracionalmente para a produção banal dos mesmos bens e o mesmo mal. Como se a escravidão fosse uma tragédia natural. Como se ela simplesmente chovesse, sem sujeito indeterminado nem oculto, simplesmente sem sujeito, como se fosse um fenômeno da natureza, ao menos da humana. No final das contas "é tudo por dinheiro". O que não explica absoluta nada. Pelo contrário só encobre os rastros das verdadeiras motivações que o dinheiro até para isso serve, esconder os rastros dos crimes que são cometidos em seu nome. Um ferramenta que enquanto signo encobre quem a usa das consequências e investigação das suas motivações.

Por isso não citei a lei da oferta e procura para criticá-la ou refutá-la, e sim para aplicá-la na investigação das motivações desse crime.

Os motivos

A lei da oferta e procura está assentada em firmes bases não só ideológicas e empíricas fundadas por economistas utilitaristas e marginalistas, mas também matemáticas (ver Daniel Bernoulli). Mas não vou entrar nos aspectos históricos, e me atentar somente nas propriedades que embasam a relação ou melhor função entre: unidades de valor, utilidade e interesses. O que a teoria da oferta e procura nos ensina é justamente o que a propaganda de mercado, não é tudo por dinheiro, ou mais precisamente. O valor atribuído aos bens decai ou amentam de acordo com sua utilidade. Utilidade que é definida, por sua vez, por sua capacidade de satisfazer os interesses do indivíduo, sejam eles quais forem: prazeres, felicidade, necessidades básicas, taras, manias, objetivos... enfim não importa o que se busca satisfazer pela acumulação de bens de valor, a lei da oferta e procura prevê que o interesse e logo o valor atribuído a esses bens diminui conforme a

quantidades de sua posse produz a satisfação esperada. O que inclui também o valor dos bens utilizados como meio de troca para aquisição dos úteis para outras finalidades. De modo que a valor não só das riquezas, mas do dinheiro como seu signo de representação-contabilização, também decresce em utilidade na exata medida do elemento que constitui esse valor o prazer-interesse satisfeito.

Assim signos e representações fora, o que temos num negócio, numa troca, é essencialmente a busca de satisfação mútua dos interesses das partes envolvidas. Logo mesmo quando dizemos que um determinado individuo busca em praticamente todas suas trocas maximizar seu ganhos, dado que seu prazer é a maximização dos ganhos e não propriamente a aquisição ou uso do bem, em alguma instância ele não troca esses meios de troca por nada que tenha uso para satisfazer outros interesses, esses individuo sem fazer julgamentos ou avaliação dos sérios problemas sociais e psicológicos que ele possui, tem de fato a acumulação do dinheiro ou bens em si como suas motivações, incluso para tomar parte do mercado e negócios criminosos da escravidão. Mas isso é só uma das possibilidades de motivação dos criminosos.

O criminoso pode também estar envolvido na escravidão não pelo mero prazer da acumulação de bens ou maximização de ganhos em si, mas para tanto para utilizá-lo para satisfazer ou financiar outros propósitos, prazeres ou manias. Como pode até mesmo se envolver pelo prazer em si de tudo que o ato pode significar desde realizações de taras de relação de poder, até as mais perturbadoras e pervertidas taras que envolvem as suas consequências desses atos e práticas, seja como executor presente, ou espectador que não precisa necessariamente assistir, mas apenas ter a certeza do controle e consequências das suas ações que investe, financia, ou seja o mesmo prazer do capitalista ao olhar para uma ponte, ele

simplesmente sabe que sem a participação do seu capital jamais tal empreendimento teria saído do fantasia e papel.

E por falar em fantasias de criminosos. Há também que considerar uma ultima hipótese de motivação destes criminosos, que não envolve diretamente taras pervertidas, nem manias compulsivas, mas ideologias delas derivadas, as mesmas fantasias, porém subtraídos os componentes emocionais, prevalecendo apenas suas racionalizações preconceituais. Ou seja pessoas motivadas mais propriamente por desejos ou sentimentos de ódio, mas por reprodução automática, costumeira de doutrinas ritos e costumes que compõe a seu sistema de valores enquanto cultura. De modo que o desprezo pela vida e liberdade, ou completa falta de empatia, respeito ou consideração pela do outro enquanto ser, e não mercadoria, coisa,objeto, recurso, ou meio (de troca ou uso) para a satisfação de fetiches ou credos, ou objetivos estratégicos racionais -que não deixam de ser nem crenças nem taras, o são desprovidas de instintos gregários- é um comportamento resultante desse condição mental, dessa mentalidade onde o valor-utilidade da vida-liberdade-sofrer do outro ser está reduzido a mera satisfação utilitária do seu prazer marginalista, ou preconceito eugenista.

Mas é eugenista ou utilitarista? Essa distinção não importa. Não para quem vai virar salsinha, as vitimas em potencial a ordem dos fatores não altera o produto. Se o planejamento estratégico é escravidão pela fome mesmo que isso implique a longo prazo a morte de milhões ou genocídio lento. Ou o genocídio rápido utilizando um combinação de técnicas de extermínio racional que inclui o uso de trabalhos forçados dos "mais aptos" até a execução rápida. Seja pelo método dos guetos de Varsóvia ou do Auschwitz, o o resultado para as vítimas é o mesmo, extermínio em massa.

Independe se você estrai trabalhos forçados porque pretende depois descartar os seres humanos como se fossem lixo, ou se você pretende descartar os eliminar seres humanos porque já o condirá um lixo, e nesse processo de eliminação extrair alguma coisa que presta com trabalhos forçados, a ordem dos fatores não altera nem o produto, nem a causa o profundo desprezo psicopático por vida de seres humanos que o a algoz-explorador não é capaz de sentir nem estabelecer mais nenhum laço instintivo de empatia, nem conceber como igual ou semelhante.

A fantasia erótica ou terática, esteja já racionalizada e institucionalizada culturalmente em preconceitos doutrinários e ideológicos ou não; essas autojustificações que levam as manadas humanas a reificar os demais até o fetiche da mercadoria, útil ou inútil, a ser consumida e/ou descartada; são meras cores e traços da pintura dessa psicose da inconsciência coletiva. Os motivos que levam dos ideólogos psicopáticos e seus fanáticos psicóticos, a reduzir a pessoa humana dos não-egregados e assemelhados a mero objeto e ideação para satisfação dos seus interesses-prazeres; desde o desejo, possessão e uso (enquanto útil) até o desprezo, repulsa e ódio enquanto lixo (completamente inútil); esses diferentes conceituações não alteram o processo. Ou em outras palavras, não importa quais as especifidades deste ou daquele culto ou cultura de coisificação dos dissemelhantes, a contabilidade e a solução final no final das contas são sempre as mesmas porque a a base do raciocínio a mentalidade é a mesma.

De modo que tanto para quem detém o porrete quanto para quem detém o capital a metáfora é uma só: de um jeito ou de outro seja na paz ou na guerra está sempre literalmente se matando dois coelhos com uma cajadada só. Ou melhor o mesmo coelho não importa com qual tipo de porrete ou a ordem das porradas. No final elimina-se a população marginais ou marginalizadas de áreas com riquezas e recursos vitais ou

estratégicos, e extrai-se nesse processo a própria força de trabalho dessas mão-de-obra feita de gente descartável expandindo o domínio jurisdicional e institucionalização das classes que controlam o território pelo monopólio/supremacia da violência como governo, aumentando ao mesmo tempo as áreas e riquezas disponíveis a especulação e apropriação como capital a esse mercado, tributos a essa máquina criminosa cada vez mais estatal. Na guerra ou na paz, na escravidão ou trabalho, no tráfico ou comércio, o que muda é a velocidade ou progressão do sistema e suas máquinas, e logo a percepção do seu movimento e violência pelos observadores presentes e históricos.

Sejam as raízes das culturas, ideologias e sistemas de valores que desprezam, odeiam, ou simplesmente não tem nenhum tipo de consideração pela vida e liberdade de outros seres humanos ou seus valores e culturas exatamente as mesmas, isto é, seja a mentalidade meramente egoísta que simplesmente despreza a vida alheia, até a mentalidade com traços psicopáticos que não possui nenhuma consideração ou sentimento de ligação, igualdade, semelhança ou compaixão pela vida alheia, produtos do mesmo sistema de desvalorização e da vida e perda dos valores e sentimentos gregários instintivos de empáticos, é importante exatamente o estágio mental de cada um envolvidos nesses crimes, parar imediatamente de pressupor que eles não seriam capazes disto ou daquilo, mas para determinar exatamente o que eles o que eles não são capazes, e porque não são.

É um erro pressupor que "eles" não seriam capazes disto ou daquilo. E um erro por vezes fatal. É preciso entender a mente humana, de cada pessoa, criminosa ou não, sem fazer pressuposições a partir das nossas motivações e valores. Ou do contrário teremos apenas objetos das nossas projeções e vontades e não seres. O que prejudica seriamente a capacidade de entendimento mútuo, mas de compreender unilateral não

só o que elas querem, mas as diferenças do que são capazes de fazer (diferentemente do que supõe por "nós") para satisfazer nossas vontades e quereres seja para o bem seja para o mal.

É preciso saber exatamente não só onde exatamente está o apreço que ele tem pela vida e liberdade semelhante e alheio, e quem são esses semelhantes e alheios, se é que ele ainda tem algum laço empático para construir relação mutual de proximidade e semelhança como alguém e não apenas de parasitária de discriminação e alienação. Em que grau suas empatias e falta delas foram e estão podadas em favor ou contra quem. Em que grau seus instintos gregários estão presentes e para exatamente onde forma culturalmente direcionados e ideologicamente posicionados dentro das escalas de valor-utilidade. Pois é na exata medida que esse sentimento se fazem presente ou estão amputados como um prazer e motivação instintiva a ser satisfeita que a escala de valores e tomadas de decisão do individuo irá se pautar, definindo junta com os outros valores e motivações hipervalorizadas na nossa cultura o seu comportamento e ações.

Mas qual das hipóteses levantas decorrentes da amputação dos sentimentos empáticos corresponde exatamente as motivações, escala de valores e estágios mental dos possíveis envolvidos nesses crimes contra a humanidade?

Bem o dinheiro neste caso é uma faca de dois-gumes. Ele que encobre que enquanto generalização encobre as motivações mais inconfessáveis das pessoas, também é as pegadas das mesmas, basta seguir seu rastro. E na contabilidade, nos gastos e ganhos, e gastos feitos como os ganhos auferidos, descobrimos exatamente os propósitos desse mercado. Podemos saber quanto o padeiro está interessado em assar o pão, as vezes mantendo seu negócio no vermelho e o quanto ele está interessado tão

somente nos ganhos que ele poderia auferir mesmo que isso implique em destruir os pães ou desmontar a própria panificadora for mais lucrativo assim o fará. Assim também podemos saber o quanto um escravagista ou genocida NÃO está disposto abandonar suas práticas e negócios mesmo quando eles não são tão lucrativos, ou pelo contrário podem levá-lo muito mais do que só a falência; ou seja qual é o dimensão não só da sua de falta de empatia, mas o tamanho da motivação e comprometimento para levar seu empreendimento destrutivo até as últimas consequências e satisfazer seus objetivos, interesses, prazeres, credos, missão, não importa as consequências nem mesmo para ele. Ou o que é a mesma coisa em que grau ele não move mais como um indivíduos com interesses, mas é movido como mera célula ou agente desses interesses.

As armas

Escravidão Moderna? Eu não sei quanto a você mas eu não faltei nessa aula de história básica, e qualquer semelhança com o mercantilismo e colonialismo não é mera coincidência. A escravidão não voltou. A escravidão nunca acabou. Apenas evolui, ou melhor foi adaptada semântica, política e sobretudo economicamente aos novas fases de um um sistemas de produção que em essência é o mesmo. De moderno mesmo somente as técnicas e tecnológicas incluso de propaganda e persuasão para convencer as populações potencialmente alienadas e as já vencidas de isso é um comércio global legítimo e não um tráfico internacional criminoso.

A industria humana da escravidão e do genocídio são as mesmas em motivações e propósitos. O que "evoluiu" foram as técnicas e tecnologias de produção: seja de transformação dos seres vivos em coisas empregáveis a produção, quanto seu tratamento e eliminação enquanto meros resíduos lixo, recursos humanos descartáveis. De modo que se antes o homens possui-se a ciência, tecnologia, métodos e processos de

produção e maquinário, incluso as máquinas de propaganda, estatal e privadas desenvolvidas no século XX, como você acha que teriam sido feito as guerras, colonizações e inquisições do passado? Com fogueiras e espadas e missionários? Ou câmaras de gás e bombas nucleares e propaganda?

De modo que a pergunta é quais são as armas disponíveis no século XXI? Que maquinários estão disponíveis para efetuar os mesmos crimes intestinamente interligados: a alienação, escravidão e extermínio em massa? Quais são as armas pós-modernas para conquistar corações tomar e pilhar territórios e riquezas?E de que forma esses métodos, processos e sistemas estão infra e superestruturados enquanto técnicas, programas e instrumentos estão disponíveis ou já em uso para efetuar a conquista, a domesticação e eliminação das populações?

Conclusão

Na busca pelos mandantes dei especial atenção aos motivos.Porquê?Por que os motivos são tão importantes? Primeiro porque não há crime sem motivo. Sem uma relação de responsabilidade e responsabilização entre causadores e consequências, temos consequências sem causa, as famosas tragédias e chagas incuráveis da humanidade. Uma doença sem agentes transmissores. E não há metáfora mais próxima para explicar esse mal do que a das infecções parasitárias epidemiológicas, até porque não é uma metáfora, mas uma análise.

A investigação cientifica de crimes contra a humanidade evidentemente uma vez configurados, não escapa da lógica do crime e castigo. Da busca pelos causadores, sua neutralização. Mas isso é tratar das feridas quando quando elas explodem pustulentas numa fase onde remédios amargos, tratamentos e remédios com efeitos colaterais com danos quase tão graves contra a própria doença já não podem mais ser evitados, isso para

não falar em amputações ou e tudo isso supondo que há tempo para remediar e as intervenções irão funcionar. Tais tratamentos contudo não implicam em cura. Não impedem que a doença retorne, porque a doença em si não foi tratada. Ela permanece latente.

Os crimes contra a humanidade, que perpassam as diferentes fases da industria da guerra, escravidão, miséria até por fim o estágio final desse processo de dominação e pilhagem de povos e territórios sobre povos, o genocídio é uma doença que assola a humanidade. Uma doença que é causada por agentes parasitários, mas que se reproduz dentro do organismo social como um câncer. Ou mais precisamente é uma câncer social transmissível. Isto é pode surgir dentro de qualquer organismo social e ao mesmo tempo contaminar os demais. De modo que a eliminação dos agentes parasitários não produz imunidade dos organismos a doença nem para resistir e conviver com esses organismos externos nem internos, nem defesas para combatê-los caso se tornem agressivos, ou o que é a mesma coisa, perca-se a imunidade contra suas características.

A mentalidade que constitui cada pessoa como célula de diferentes organismos sociais e a próprio organismo social como tal, não só não tem imunidade e defesa contra a disseminação desse tipo de relação parasitária como está condicionada para se comportar não só como hospedeira e transmissora dessa forma de viver "normalmente" parasitária, como dependendo das circunstancias se adaptar e atuar como parasita. E não só mesmo depois de se tornar um câncer, essas células mantém sua capacidade de organizar como exército de defesa dessa doença autoimune atacando e combatendo as células sadias como se fossem o próprio sistema imunológico. Um processo autodestrutivo insustentável que sustenta a vida dos parasitas a curto e médio prazo,

mas que inevitavelmente leva o organismo e seus órgãos a falência e a morte.

Neste sentido a investigação dos razões que produzem e reproduzem não só os parasitas, mas a falta de imunidade e defesa contra o a parasitismo, as causas da vulnerabilidade e proliferação desta chaga da humanidade é o caminho profilático para sua cura. Porque essa doença não é uma condição isolada deste ou daquele ser humano em particular, mas uma condição da pisque humana como estado inconsciente coletivo ou melhor inconsciência coletiva da nossa condição humano e dos laços empáticos-gregários instintivos que estabelecem essa comunhão como predisposição natural de paz neste mínimo denominador comum: humanidade. Uma doença da psique prevalente sim nas sociedades civilizadas, urbanizadas, e industrializadas e capitalizadas, mas que nossos antepassados primitivos não evidentemente tinham a cura nem a imunidade, ou não teriam sido exterminados ou contaminados.

Condenar nazis e fascistas e escravagistas é fácil. E mais fácil ainda é perdoa-los. Difícil é fazer o necessário. Trabalhar de livre e espontânea vontade para por um fim não só a essas práticas, mas a essa mentalidade que se reproduz em práticas normatizadas do absurdo como se fosse a normalidade. Díficil porque não implica em imposição de normas e intervenção sobre a vontade e ideações do outro, mas sobre a nossa vontade e ideias. Um ato mais profundo verdadeiro e primeiro de libertação, emancipação e declaração de independência de soberania, o da nossa vontade sobre os desejos e manipulações e racionalizações alheias não só efetuadas pelos outros, mas as vezes por nós mesmos. Libertar-se para libertar. Governar-se para não nem ser governado, nem ter ou querer governar. Mas pode chamar simplesmente de consciência. O estado da pisque humana onde a condição-relação senhor- escravo mesmo as mais civilizadas disfarçadas e luxuosas são tão monstruosas e

repugnantes quanto um mercado banquete onde o prato principal é a carne dos seus pais, filhos e irmãos, ou em outras palavras carne humana.

Uma questão que não envolve argumentos racionais, mas simplesmente instintos. Empatia que se não for amputada desde criança por culturas, educação e propaganda por pscopatas socialmente aceitos em posições de autoridade para (im)plantar superegos neuróticos e psicóticos em seus futuros recursos humanos é a matéria-prima mais do que suficiente para quebrar esses grilhões desse hospício e construir essa novo lar salubre e saudável para a psique, uma nova mentalidade um pouco mais consciente.

Na segunda parte tratarei dos casamentos forçados.

Em tempo:

A Burberry, famosa marca de moda de luxo britânica, incinerou roupas, acessórios e perfumes não vendidos no valor de 28,6 milhões de libras — o equivalente a R$ 141,7 milhões — no ano passado para preservar a marca.

Nos últimos cinco anos, o valor total de produtos destruídos pela Burberry ultrapassa 90 milhões de libras — R$ 446 milhões.

A Burberry diz que o gás carbônico emitido com a queima dos produtos foi compensado, tornando a ação "ambientalmente sustentável".

"A Burberry tem procedimentos cuidadosos para minimizar o excesso de estoque que produzimos. Nas ocasiões em que o descarte de produtos é necessário, fazemos isso de maneira responsável e continuamos a buscar

formas de reduzir e revalorizar nosso lixo", disse um porta-voz da companhia.
*-**Marca de luxo Burberry queima roupas, perfumes e acessórios no valor de R$ 141 milhões***

Burberry, acho que já vi esse nome em algum lugar...

*American Apparel, Abercombe & Fitch, L.L. Bean, Gymboree, Hanes e Burberry são algumas das marcas conhecidas que utilizam trabalho escravo para produzir seus tecidos e roupas. De acordo com o Fórum Internacional do Trabalho, estas empresas não se enquadram nos padrões de trabalho justo e não tentam melhorar as condições de trabalho de seus empregados. L.L. Bean, Gymborree e Hanes utilizam trabalho infantil forçado em suas fábricas de produção de algodão no Uzbequistão. Os funcionários destes fabricantes de roupas não têm qualquer direito de negociação coletiva e não são filiados a sindicatos. O Fórum Internacional do Trabalho indica que esta é uma lista inconclusiva, já que há diversas outras marcas de roupa que exploram o trabalho escravo. — **Relação de marcas que utilizam trabalho escravo***

Os Capos nunca nunca sabe de nada

O termo Sweatshops *(em português "Fábricas de suor"), é cada vez mais usado hoje em dia. O próprio nome dá a entender que se tratam de empresas envolvidas com a exploração extrema dos trabalhadores. São caracterizadas por um salário abaixo do mínimo necessário à sobrevivencia, pela ausencia de qualquer forma de garantia ou protecção laboral; pela exploração de crianças; pelas condições de trabalho perigosas para a saúde ou por ameaças, e por abusos sexuais, físicos e psicológicos.*

As denúncias internacionais contra as Sweatshops *crescem a cada ano e mostram uma triste realidade na qual existem inúmeras possibilidades para*

a exploração dos trabalhadores. São mulheres forçadas a tomar contraceptivos e submetidas a testes de gravidez periodicamente; trabalhadores expostos a substancias tóxicas, ameaçados e demitidos em caso de protestos e impedidos de abandonar o trabalho por meio de vigias armados.

Outra característica é que estas fábricas normalmente estão instaladas em países pobres, principalmente na Ásia e América Latina. As empresas previligiam a produção nestas regiões, pois a regulamentação laboral é geralmente inexistente e os salários são menores.

(...)

Contúdo, e apesar de todas as denúncias internacionais, marcas de roupas como a ***Primark****,* ***Zara****,* ***H&M*** *ou* ***Gap****, assim como marcas de luxo como a* ***Armani****,* ***Gucci****,* ***Prada****,* ***Dolce and Gabanna*** *ou a* ***Burberry****, continuam a conseguir reduzir os seus custos, fazendo o* outsourcing *da sua produção, para onde se possa violar leis laborais, utilizando mão de obra semiescrava na produção.*

Entretanto, empresas tão poderosas como as que vemos constantemente nos centros comerciais pelo ocidente fora e que dominam muitas vezes o espaço mediático publicitário de alguns dos maiores eventos e espaços mundiais, ou magnatas com os recursos de Amancio Ortega, fundador do grupo espanhol ***Inditex*** *que detém as conhecidíssimas* ***Zara, Stradivarius, Bershka, Lefties e Pull&Bear****, continuam a apresentar-nos o argumento de que não sabiam, ou não tinham forma de saber, onde as suas roupas são feitas, por quem, e em que condições. Claro que não sabem, claro que não endosam, claro que não lucram nada com isso, claro que não lhes é conveniente ... é a globalização. —* ***Os Milhões de Escravos da Moda***

"Algoritmo do Facebook censurou Declaração de Independência dos EUA"

O algoritmo do Facebook considerou que alguns excertos da Declaração de Independência dos Estados Unidos são racistas e discurso de ódio e removeu-os da maior rede social do mundo. (...)

*Em causa está uma parte do documento histórico em que os pais fundadores se referem aos "índios selvagens e impiedosos". Facebook já pediu desculpa pelo lapso. (...) — **Algoritmo do Facebook censurou Declaração de Independência dos EUA — Renascença***

*(...) Obviamente a mente lacradora que programou o software não entende o complicado conceito de que antigamente as pessoas se expressavam de forma diferente, e "Impiedosos índios selvagens" acionou os alarmes.-**Algoritmo do Facebook reconhece como discurso de ódio e remove post***

Não, a mente lacradora não é do programador, que é um empregado. E não o complicado conceito que a IA não entende não de como as pessoas

se expressavam antigamente, mas sim o nem tão complicado conceito de como as pensam ainda hoje, mas não se expressam não tão abertamente. O que o algorítimo não nem possui é um dos filtros que perpassa o julgamento ético ou "politicamente correto" para usar um termo da moda, o filtro da Hipocrisia. Algo difícil de colocar na programação das inteligências artificiais porque isso implica admitir o que somos e pensamos e fingimos orgulhosamente não ser: hipócritas.

Aquele filtro que nos permite abrir exceções em nossos critérios quando consultamos nosso banco de dados, a memória para verificar quem venceu a guerra e dita o registro da história, o valor dos eventos e pessoas, tanto as que são agentes da ação quanto aquelas que são objeto delas (e deles).

Há que se programar a hipocrisia, ou ensiná-la para um inteligência seja artificial ou natural, para conseguir a resposta pretendida: a da indignação e repudio seletivo e relativizado.

Há que se possuir o filtro da hipocrisia para poder fechar os olhos e chamar um tirano genocida de estadista desde que ele esteja alinhado com a ideologia enquanto se aponta e condena os dos adversários.

Há que se possuir o filtro da hipocrisia para poder minimizar as atrocidades cometidas por heróis que são os pilares dos nossos mitos, culturas e relações de poder, sem contudo perder a capacidade de criticar e condenar quem não consta neste banco de dados cultural da história.

Sem o algorítimo da hipocrisia é impossível condenar as atrocidades nazistas e minimizar e relativizar os nossos pais e antepassados. Sem ter programada ou apreendida a hipocrisia é impossível a uma inteligência

discriminar as atrocidades entre os tipos de seres humanos contra os outros tipos de seres humanos. Por sinal sem ter a tipologia pré-programada ou devidamente ensinada e aprendida é impossível a uma inteligência mesmo dotada do algorítimo de simulação dos hipócritas e sua indignação seletiva saber distinguir quem ele deve deixar passar e quem ele deve enquadrar. Como uma criança a inteligência simplesmente não sabe qual ele deveria odiar ou reprovar incondicionalmente, e qual ele deve perdoar e aprovar condicionadamente.

E de fato as duas formas de ensinar seus filhos-robôs ou robôs-filhos a ser uma hipócrita racista que finge que sabe não é um racista hipócrita: Uma cuja a memória precisa ser atualizada pelos programadores. E outra que é capaz de se atualizar sozinha. Na primeira é primeira é preciso atualizar o banco de dados e valoração dos seres e eventos dentro da sua escala de valores. Na segundo a própria inteligência faz isso por conta própria atualizando a posição dos seres discriminados de acordo com a lógica que estabelece o valor das pessoas e fatos: o status quo.

Uma diferença significativa já que a primeira precisaria ser ensinada caso a caso quem são, por exemplo, os genocidas que devem passam e quais devem ser censurados. Enquanto a outro, apenas aplicaria o princípio que rege a lógica da hipocrisia para saber sozinho que quem detém o poder é porque venceu a guerra, e quem venceu a guerra é sempre o mocinho enquanto se mantiver no poder para ditar a história.

Ou em outras palavras uma inteligência artificial dotada de hipocrisia seria capaz não só de saber que se os nazistas tivessem vencido a Segunda Guerra Mundial e tivessem imposto sua cultura ao mundo seriam as "pequenas falhas" das teses daquele zeitgeist que estariam a ser relativizadas frente as imensas conquistas civilizatórias e tecnológicas trazidas por eles. E escândalo seira comparar esses crimes com os outros

crimes devidamente condenados da história. Tal inteligência saberia que em casa não é só em casa de enforcado que não se fala em corda, saberia que em casa de enforcador só se fala de enforcamento desde que seja na terra dos outros.

Saberia fazer o que exatamente estou fazendo agora apontar a cisco no olho do outro quando tenho uma trave no meu:

e os dados são "antigos", mas não são de 1772

Vamos aos dados uma critica nada hipo mais atual:

(...) A estratégia anti-indígena em curso tem provocado uma espiral de violações que chega, neste ano de 2018, numa fase onde a barbárie contra os povos é praticada sem remorsos por "indivíduos comuns" e por forças armadas do próprio Estado.

Os discursos racistas e de incitação ao ódio multiplicados por membros da bancada ruralista e seus asseclas, na esteira de suas recorrentes iniciativas contra os povos e seus aliados, ao longo destes últimos anos, estão produzindo e servindo como mecanismo de defesa psicológica, a racionalização, das barbaridades cometidas contra os povos. Na cabeça dos agressores tudo aparenta ser 'justificado' pelo fato dos agredidos serem indígenas. O mesmo raciocínio é aplicado relativamente aos direitos e, inclusive, aos aliados dos povos junto à sociedade brasileira. Os riscos decorrentes desse mecanismo de pseudo-justificativas à barbárie são incalculáveis e imprevisíveis.

O perigo a que os povos estão submetidos é potencializado exponencialmente por iniciativas do próprio Estado brasileiro, que, como aferimos acima, tem

sido movimentado pelo e em função dos interesses do Capital nacional e transnacional. Neste sentido, pontualmente, destacamos iniciativas de poderes do Estado brasileiro que continuarão provocando grande impacto sobre os povos indígenas neste ano de 2018. Do poder Executivo, o Parecer Anti-demarcação 001/17 da Advocacia Geral da União/Temer; a paralização dos procedimentos de demarcação das terras indígenas; o estrangulamento orçamentário e a instrumentalização política da Fundação Nacional do Índio (Funai) aos interesses do fundamentalismo religioso e do agronegócio. Do Legislativo, a Proposta de Emenda Parlamentar (PEC) 215/00; a cooptação de lideranças e a tentativa de legalizar a exploração externa das terras indígenas. Do Judiciário, as reintegrações de posse; a negativa do acesso à justiça aos povos e a sombra do Marco Temporal, especialmente em instâncias inferiores.

Além disso, está evidente a estratégia do agronegócio e seus representantes locais de promoverem o loteamento, a comercialização, o apossamento e a exploração de fato dos territórios indígenas já regularizados. Com a omissão e a conivência do governo federal já amplamente demonstradas, é grande o perigo de que ocorra um enraizamento e um alastramento dessas práticas ilegais no estado de Rondônia e noutras unidades federativas.

*Nesse cenário, os riscos da prática de despejos extrajudiciais contra comunidades indígenas e da ocorrência de genocídios e etnocídios estão fortemente colocados. Massacres de grupos isolados já tem sido denunciados e novos casos são potencialmente iminentes.(...) — **2018: a estratégia anti-indígena na fase da barbárie racionalizada no Brasil | Cimi***

> E claro não só os índios, mas gente daquele especie pela qual a indignação e garantia de direitos humanos é tão seletiva quanto:

A história de 272 anos do Quilombo Mesquita, localizado na área rural da Cidade Ocidental (GO), distante 65km da capital federal, está ameaçada pela redução da área ocupada por descendentes de escravos. O Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária (Incra) quer diminuir em 80% o espaço ocupado pelas 785 famílias. O terreno pode passar de 4,1 mil hectares para 761 hectares. A questão foi parar na Justiça. O Ministério Público Federal em Goiás cobrou explicações para a alteração do território. O principal projeto para aquela terra é a construção de condomínios de luxo, como outros existentes na região. Quatro ações judiciais tratam da regularização fundiária do quilombo.

A área da comunidade é reconhecida pelo Incra desde 2011. Os primeiros registros da ocupação são de 1746. Lá, ocorre a tradicional Festa do Marmelo, doce reconhecido internacionalmente. O decreto do Incra que encolheu a área quilombola não levou em consideração o Relatório Técnico de Identificação e Delimitação (RTID), também feito pelo órgão. A medida também não observou as regras do acordo da Convenção 169, da Organização Internacional do Trabalho (OIT), ao qual o Brasil é signatário. A demarcação de terras quilombolas passou a ser direito constitucional em 2003, quando foi editado o Decreto 4.887.

Lideranças quilombolas dizem que a decisão do Incra ocorreu após pressão de políticos e empresários que têm terrenos na região. Um dos supostos envolvidos no lobby é o ***deputado federal Jovair Arantes (PTB). Seu sobrinho, Rogério Arantes, é diretor do Incra****. Ele foi preso no começo do mês pela Polícia Federal, acusado de envolvimento em esquema de pagamento de propina. As terras pertencem à empresa Divitex Pericumã Empreendimentos Imobiliários, que tem o ex-presidente José Sarney (MDB) e o advogado Antônio Carlos de Almeida Castro entre os sócios. -****Incra quer reduzir em 80% área ocupada por quilombolas na Cidade Ocidental***

Construção de Brasília

Até a construção de Brasília, a comunidade vivia relativamente isolada do mundo exterior. A maioria das famílias se dedicava à agricultura, à criação de gado e à produção de marmelada, comercializada em Luziânia, cidade criada a partir de Santa Luzia.

Os principais eventos no calendário do povoado eram as festas religiosas, como as folias de Reis e do Divino do Espírito Santo.

Com a inauguração da capital, em 1960, a rotina da comunidade começou a mudar.

Manoel Neres diz que, por um lado, os moradores "passaram a ter mais acesso a elementos da vida moderna, como energia e telefone". A transferência da capital facilitou a venda de alimentos cultivados na comunidade e gerou empregos para vários quilombolas.

Por outro lado, o povoado passou a lidar com problemas antes inexistentes, como violência armada e tráfico de drogas. E a comunidade começou a perder terras.

Um morador entrevistado durante a elaboração do relatório do Incra diz que quilombolas abandonaram áreas na região de Santa Maria, no atual Distrito Federal, com "medo da cidade que foi chegando para lá".

"Nossa casa era perto da Marinha, mas lá era terra do governo, né? Aí a gente teve de se mudar", relatou outra moradora.

Segundo Manoel Neres, a movimentação de aviões e militares na véspera da construção fez a comunidade reviver um trauma da época da Segunda Guerra Mundial (1939–1945), quando moradores foram recrutados à força para o combate.

"Muitos acabaram abandonando lugares mais perto da capital e se refugiando de volta no núcleo do Mesquita", diz o pesquisador.

Outros foram expulsos por não conseguir provar a posse de terras destinadas à construção das cidades satélites. "O território quilombola foi desconsiderado no processo de demarcação do DF", afirma o relatório do Incra.

Após a construção da capital, terras da comunidade também passaram a ser cobiçadas por forasteiros.

"Houve um assédio bem grande para a venda das propriedades. Por questão de necessidade, muitos moradores acabaram se desfazendo delas por preços irrisórios. Vendiam para comprar remédios e roupas", diz Neres.

Muitas vezes, terras adquiridas dos quilombolas eram logo revendidas. Uma dessas transações trouxe ao território o político maranhense José Sarney.

Segundo o relatório do Incra, Sarney comprou nos anos 1980 dois lotes de terra que haviam sido expropriados da comunidade no passado. Um dos terrenos deu origem à Fazenda Pericumã, que Sarney visitava aos fins de semana enquanto era presidente.

Em 2004, ele vendeu as propriedades para a Divitex Pericumã Empreendimentos Imobiliários, da qual se tornou sócio. ***Outro sócio da empresa é o advogado Antônio Carlos de Almeida Castro, o Kakay, que tem como clientes vários políticos ilustres em Brasília.[grifo meu](...) — A história do quilombo que ajudou a erguer Brasília — e teme perder terras para condomínios de luxo***

Então aprende aí robô, se tiver inteligência, com imagens que é mais fácil:

Nos pregamos isso:

Mas praticamos isso:

Desde que não seja de gente como gente ou superior que a gente. Quanto aos educadores é mais fácil. Porque a criança tem corpo e emoção. E para inserir essa programação basta violar um ou outro, ou de preferencia ambos para internalizá-la no seu superego. Porque, hipocrisia nada mais é do que a representação psico-simbólica da violência em toda a sua essência: a covardia. é o fechar os olhos lamber a mão e levantar o rabo para os mais fortes e violentos e descontar toda a sua frustração e pusilanimidade em quem estiver mais vulnerável ou simplesmente não puder se defender. Um ciclo vicioso no tempo e uma hierarquia de gente a pisar no pescoço uma das outras por espaço. Um genocídio lento e velado uma doença mental e insanidade coletiva cujas causas vão muito além do "mero" racismo, mas não se preocupe pode chamar simplesmente de "progresso", que o Facebook não censura e seus acionista bilionários agradecem. Uma questão literalmente de valores para seres, dos humanos a todo e qualquer ser vivo dotado da capacidade de sofrer.

cão queimado com óleo fervente

Não, não há inteligência nem entendimento possível sem compreensão da maldade, covardia, e hipocrisia humanas. Ou sanamos esse esgoto a céu aberto que é a nossa falta de solidariedade, empatia e consciência coletiva, ou vamos viver e morrer e nos matar como fazemos há milênios rolando e comendo a nossa própria merda e sangue dos outros, mas arrotando caviar e peidando flores, bem longe dos olhos dos outros, porque afinal somos pios e civilizados. Porque o Mal é sempre o outro.

KOYAANISQATSI: A Idade da Consciência

E a primeira Inteligência Artificial Psicopata

medium.com

Em tempo: Voltemos aos EUA de hoje com mais uma charada para as Inteligências Artificiais ou não:

Sabe qual a diferença entre um nazi disfarçado de burguês ao Sul e ao Norte do Equador?

Além do Sul correr o risco de ser preto e nunca ser suficientemente branco. A diferença é a mesma de uma fábrica da Ford ou da Mercedes Benz e um latifúndio, industrialização. Eles sabem produzir em massa em escala... qualquer coisa. De modo que qualquer coisa eles levam apenas alguns anos para fazer, quando decidem fazer, nós demoramos séculos para atingir o mesmo objetivo. Seja derrubar florestas ou eliminar do seu território quem eles consideram indesejados. Uma questão de método, técnica e desenvolvimento.

Diante do prazo imposto pela Justiça para reunir as famílias separadas na fronteira dos EUA com México, autoridades americanas solicitaram voluntários para examinar os registros e vêm recorrendo a testes de DNA das crianças para ver se correspondem ao de seus pais. Das 3 mil crianças ainda sob custódia, cerca de 100 têm menos de 5 anos e teriam de ser devolvidas até terça-feira. As maiores terão de ser unidas aos pais até o dia 26. O governo pediu uma ampliação do prazo.

(...)Em alguns casos, registros que comprovam o vínculo das crianças com os pais desapareceram ou foram destruídos, segundo dois funcionários do Departamento de Segurança Interna, deixando os encarregados com a tarefa difícil de identificar o parentesco entre os membros da família.

(...) Na verdade, a agência do HHS encarregada de supervisionar o atendimento das crianças imigrantes, o Office of Refugee Resettlement, realizou os procedimentos, que incluíram pulseiras de identificação, emissão de números de registro e um livro de bordo para manter os registros de pais e filhos reunidos.

Mas essas precauções foram prejudicadas em alguns casos pela outra agência federal que se encarregou da custódia dos imigrantes detidos nas primeiras 72 horas após cruzarem a fronteira, a Agência Alfandegária e de Proteção das Fronteiras.

Em centenas de casos, os agentes apagaram os registros iniciais em que pais e filhos foram listados como uma família, com um "número de identificação familiar", disseram os dois funcionários do Departamento de Segurança Interna. Como resultado, os pais e as crianças que aparecem nos computadores das agências federais parecem não ter vínculos entre si.

(...) O anúncio de que serão utilizados testes de DNA para confirmar os vínculos familiares levou advogados de imigrantes a protestarem, dizendo que os registros poderiam ser usados para rastear imigrantes ilegais por tempo indefinido. ***-Crianças separadas nos EUA tiveram registro apagado — Internacional — Estadão (sim a notícia do Jornal dos Estado Unidos de São Paulo)***

Para não dizer que não falei de Futebol

Afonsinho, Nando e PC Caju: A história do primeiro jogador alforriado do Brasil, do craque perseguido por duas ditaduras, e do jogador black power brasileiro.

"Homem livre em futebol, homem livre eu só conheço um: Afonsinho. Este sim pode dizer com suas palavras que deu o grito de independência ou morte." -Pelé

O único homem livre do futebol

Em 1968 Afonsinho levantou a Taça Brasil, o campeonato nacional daqueles tempos. Era o capitão do Botafogo. Em 1973…

gq.globo.com

Dizem que futebol e política não se misturam, mas todo que mundo que sabe alguma coisa, sabe que eles nasceram institucionalmente como irmãos siameses. Faces da mesma sociedade do espetáculo alienação e escravidão disfarçada. Instrumento de propaganda e entretenimento de regimes totalitários das ditaduras fascistas as "ditabrandas" tupiniquins. Mas não é sobre ditadores, cartolas e corruptos

que quero falar. Quero falar da da história de vida de 3 jogadores que revolucionariam o Futebol e a vida dos trabalhadores que usam chuteiras para muito além dos campos. Afonsinho e Nando, e PC Caju. Ilustres "desconhecidos", mas como sempre, não por acaso:

Afonsinho foi o primeiro jogador de futebol a ser proprietário do seu próprio direito de trabalho no Brasil. O primeiro jogador a conseguir na "justiça" desportiva" o "passe livre", a alforria desse contrato disfarçado de semi-escravidão. E isso em 1971, em plena ditadura Médici. E antes mesmo dessa prática criminosa ser legalizada como "lei do passe" em 1976.

Nando, irmão do Zico, perseguido não foi o único jogador perseguido pela ditadura militar brasileira, mas foi o único esportista a ser perseguida a ser perseguido também pela ditadura portuguesa de Salazar, e também o o único ser reconhecido como perseguido no Brasil e receber a anistia em 2010.

E Paulo Cézar Caju, que em 2016 recebeu a Ordem Nacional da Legião de Honra... da França. Por seus feitos no futebol e postura politizada a afirmativa como negro contra o racismo. O terceiro brasileiro a recebê-la, depois de Santos Dumond e Sebastião Salgado e o único negro.

Aliás eu não eles, em reprodução de entrevistas e artigos de quem fez questão de registrar a sua (e nossa) história.

Afonso Celso Garcia Reis — Afonsinho

"A Manchete diz tudo"

"Homem livre em futebol, homem livre eu só conheço um: Afonsinho. Este sim pode dizer com suas palavras que deu o grito de independência ou morte." A frase, dita em 1972, foi um desabafo de ninguém menos que Pelé. À época, o Rei queria assinar seu último contrato com o Santos, por um período de dois anos, e encerrar sua carreira. Os dirigentes do Santos tentaram impedi-lo e tinham a seu favor um grande vácuo de legislação específica que imperava nas relações de trabalho no futebol. A própria Lei do Passe (6.354/76), que é posterior a este período, instituiu a prática que já era comum entre os dirigentes: ela definia um "passe", ou seja, um valor para cada jogador e os atletas só poderiam sair de seus clubes mediante o pagamento desse montante. Na prática, o jogador de futebol deixava de ser um trabalhador comum, que pode trocar de empresa (ou de clube) após o término de seu vínculo. Ele dependia do pagamento desse valor para sair e, assim, os dirigentes podiam prender suas estrelas e ter assegurada suas fontes de renda: os passes. A situação só foi alterada com a Lei Pelé (9.615/98).

Quarenta anos depois de ter se tornado símbolo da luta pela liberdade dos jogadores, Afonsinho continua a denunciar o autoritarismo no futebol, como não receou fazer no Brasil de Médici, quando o jogador rebelde, barbudo e cabeludo, se recusou a assinar chamado contrato de gaveta, aquele que o jogador assinava (muitas vezes em branco),que era registrado quando convinha ao clube.

Para seguir jogando, Afonsinho firmou este vínculo e aí já teve problemas por suas posições. O Alvinegro queria sua estrela (sim, ele era bom de bola) de volta, mas o queria diferente: barba e cabelos cortados, comportado e adequado ao status quo do futebol. Afonsinho disse não, e foi à Justiça brigar pelo direito de ter "passe livre", ou seja, o direito de ir para outro clube quando seu contrato acabasse. Venceu, e tornou-se o primeiro atleta a ter passe livre. Sua história virou filme — o documentário "Linha de Passe" de Osvaldo Caldeira (no fim do post) — e Gilberto Gil se referiu a ele.

E o mundo do futebol continua autoritário, diz, o jogador que como resultado de sua luta foi boicotado na seleção, e decidiu estudar medicina (ele se formou enquanto ainda jogava). Sobre a Copa de 2014, Afonsinho se declara otimista, apesar de apontar problemas em seus preparativos como o desperdício de recursos públicos. "Eu não fecho os olhos para essas coisas, mas entre fazer e não fazer, acho melhor fazer porque é uma oportunidade".

(...)

O que o motivou a defender a causa do passe livre?

Isso aí é uma coisa meio histórica. Quando eu comecei a jogar futebol e comecei a entrar na qualificação de amador em equipes profissionais de futebol, já não era uma coisa da minha formação. Meu pai era um cara que, embora de origem muito simples, se desenvolveu muito na vida, era muito inteligente e interessado. E já quando eu entrei no futebol, comecei a jogar como amador oficialmente — embora jogasse em um time profissional. Eu jogava no XV de Jaú, que era um time profissional, e a legislação na época

permitia aproveitar até quatro jogadores com contrato de amador na equipe profissional. No próprio Botafogo, eu não tinha o que se chamava de 'contrato de gaveta', que era a maneira de prender o jogador, ou seja, você tinha o contrato e não era registrado, mas quando era interessante para o clube prender o jogador, isso era usado . Joguei nessa condição no XV de Jaú, fui para o Botafogo e joguei nessa mesma condição. No Botafogo, que já era uma das maiores equipes do Brasil da época, essa ideia do passe livre já existia. Chegou um momento em que eu já tinha minha carreira como jogador de futebol profissional mas não tinha contrato. Aí eu assinei o contrato — já com dois anos de carreira no Botafogo — e bastou isso acontecer para começarem os problemas de relacionamento profissional e pessoal. Então eu fui cada vez mais sentindo que aquilo de ter passe livre, era um anseio do jogador de futebol profissional, porque os vínculos e os contratos feitos no futebol profissionais eram fraquíssimos. Aí me agarrei nessa ideia até conseguir o meu passe livre.

E você se sentiu muito solitário nessa luta? Sentiu que faltou apoio dos colegas de profissão?

Movimento de classe, nesse sentido, não houve e até hoje não há. Agora, se aproximando uma Copa do Mundo, isso é uma coisa que me aflige cada dia mais. Vem aí mais uma Copa no Brasil e o relacionamento profissional, as relações de trabalho no futebol ainda são muito atrasadas. Você não vê ninguém falar nada sobre isso, pelo menos por enquanto. Eu de vez em quando dou umas "ciscadas" para ver se alguma coisa está rolando, mas agora que eu já não sou mais jogador, é mais difícil de participar de alguma coisa. Mas esse incômodo com essas relações de trabalho cresceu muito dentro de mim naquela época e não dava mais para voltar,

mesmo estando sozinho. Eu fiquei realmente mergulhado naquela situação e estava nela para o que desse e viesse. Talvez por isso eu tenha conseguido o que eu consegui. Depois até aconteceram outros casos como do Raul [Plassman, ex-goleiro de Flamengo e Cruzeiro], do Spencer [ex-volante de Atlético-MG e Cruzeiro], e a coisa foi se desenvolvendo de outra maneira e o passe foi sendo liberado com um paralelo muito próximo à situação da escravatura negra, ou seja, em episódios. No futebol foi assim: começou com um jogador tendo direito a 15%, depois mais um tanto, outro tanto... Até se extinguir, acabar o passe.

O que você acha que ainda está errado nas relações de trabalho no futebol?

Acho que a maneira de funcionar do esporte e do futebol particularmente. O futebol profissional tem um sistema "Fifa", que é um sistema de característica medieval. O próprio poder no futebol funciona como feudos, que chegam a passar entre famílias. Então é um atraso muito grande, e não só para o jogador. O torcedor, que talvez seja mais importante do que tudo, é excluído do processo. No relacionamento, os clubes estruturalmente, juridicamente são muito fechados. E a situação do torcedor é muito séria, muito violenta. O torcedor é negociado, é vendido quando o dirigente vende os direitos de transmissão, marketing na camisa, etc. Isso é compra e venda do torcedor, visto como um consumidor. E ao mesmo tempo, ele não tem poder praticamente nenhum. Então acho uma coisa muito séria, você é vendido um dia para uma marca, um dia para outra. E o sistema político e jurídico dos clubes é muito desigual. Vejo como consequência disso as manifestações de violência do torcedor, por exemplo, que têm que ser entendidas como uma coisa mais complexa.

Você acha que teve a sua carreira na Seleção e no próprio futebol boicotada por conta das suas posições políticas e da sua contestação ao status quo do futebol no período da Ditadura Militar?

Isso é evidente. Acho que essa foi uma opção minha, quando resolvi lutar pelo passe em um momento político e social de repressão ditatorial. Certamente eu teria outras oportunidades, outras vivências se eu não tivesse essa postura. Você tem essa coisa objetiva mesmo de ser profissional de um esporte coletivo, você com o seu passe, você conquista e tal. Existia até uma ameaça dos clubes não me aceitarem por eu ter o meu passe. Um dos pontos mais importantes foi eu ter conseguido levar a minha carreira adiante, com passe livre, individualmente. Jogar e ir bem em alguns clubes foi uma vitória muito importante. Objetivamente eu tive reações de clubes, até de jogadores profissionais, mais fechados e limitados, que reagiam às minhas ideias. Você imagina um jogador de passe livre, no meio de 20, 30 "presos", "vinculados". Passei algumas dificuldades em dois ou três clubes por conta de reações de atletas, principalmente na minha passagem pelo Flamengo. No conjunto sempre tem posições diferentes, mas isso era do jogo . Eu tive que ir em frente.

Você acha que a Ditadura Militar atrapalhou o desenvolvimento do futebol brasileiro?

Eu penso que não tem como o futebol ficar isolado, fora da sociedade a que pertence. O poder nacional acaba abrangendo várias esferas e o futebol é uma delas. Uma ditadura é um período de fechamento, de limitação, tudo fica retardado, prejudicado. Até hoje o Brasil sofre consequências disso e no futebol é evidente.

Houve intervenção militar direta nos próprios clubes. Muitos militares passaram a trabalhar diretamente nos clubes, teve essa interferência direta. Isso fez com que até hoje o futebol sofra as consequências. Até hoje todo mundo queixa-se de que o futebol perdeu as características mais brasileiras, como sua originalidade. Eu vejo o futebol como uma manifestação, como uma forma de expressão de uma coletividade. E as consequências continuam por muito tempo.

Como você avalia a gestão de Ricardo Teixeira à frente da CBF?

Eu não tinha nem pensado nisso, mas ele é o exemplo concreto de tudo isso que a gente estava falando. Como é que ele chegou a ser dirigente da CBF e depois ter a importância para a Fifa que ele alcançou? A relação dele com o futebol era unicamente ser genro do João Havelange, entendeu? Não digo que ele tinha que ter sido jogador, o melhor jogador não é o melhor dirigente, são coisas diferentes. Mas ele chegou ao comando da CBF com um nível de poder extremo que adquiriu com uma relação familiar. Aí ele atuou da maneira como pôde atuar, dentro dessa ideia de poder no futebol, que é bem feudal. E o sistema Fifa é isso.

Você vê um processo de elitização vigente no futebol atualmente? A Copa do Mundo pode ser um símbolo disso?

À medida em que o futebol fica mais "caro", em todos os sentidos, ele fica cada vez mais elitizado. O interesse financeiro vem à frente e é um retrato do que é o futebol. Existe cada vez mais dinheiro e o espetáculo empobrece. É uma contradição enorme. Os estádios são

modernos, sistemas, informatização, progresso tecnológico. Mas o espetáculo empobrece.

A Copa do Mundo ainda é usada como um instrumento político, como foi em 1970?

Claramente. Não tenha dúvidas disso. -Afonsinho, ex-Botafogo: "Falta democracia no esporte e no futebol"

Fernando Antunes Coimbra — o Nando

Rio 2016. Nando Antunes, um futebolista perseguido em dois países

A caça a um Antunes Coimbra que não era Zico

Antunes Coimbra. Não fosse por Zico, Antunes e Edu, o sobrenome teria ganhado notoriedade com Fernando. Ou pelo menos deveria. Irmão do Galinho de Quintino, que era costumeiramente caçado em campo pelos adversários, Nando sentiu na pele os anos de chumbo e a ingerência do regime sobre o futebol brasileiro. Até quando atravessou o Oceano Atlântico para atuar pelo Belenenses, de Portugal, a presença da ditadura parecia tão próxima que era como se tivesse levado um militar na bagagem.

No ano do golpe, em 1964, Nando dividia seu tempo entre a Faculdade Nacional de Filosofia e os treinos na base do Fluminense. Sua irmã Zezé e ele, então, prestaram e foram aprovados no concurso para o Plano Nacional de Alfabetização (PNA) idealizado pelo professor Paulo Freire. A ideia do PNA era extinguir o analfabetismo no país e iniciou seu projeto pelo Rio de Janeiro, ainda no governo de João Goulart. Entretanto, a experiência de Fernando no programa foi curta, marcando aquela que foi a primeira passagem da ditadura por sua vida.

"Eu fui professor do Plano Nacional de Alfabetização e o primeiro ato da 'maldita' no Rio foi acabar com a PNA e nos considerar subversivos. Não dei muita importância, pois naquele momento já estava envolvido com o futebol. Após me tornar profissional, jogando no Espírito Santo por um time da capital que nem existe mais (o Santos FC), sofri a primeira perseguição quando o treinador foi substituído por um oficial do exército e este, na primeira semana, me afastou do elenco. Por certo pediu e recebeu informações do grupo ao SNI e assim ficou sabendo que fui do PNA. Eles eram muito organizados. O presidente do clube me desejou

sucesso e não quis me dizer o real motivo da minha saída. Pediu que eu entendesse o momento que o país vivia. Aí entendi o recado na hora", confessou.

Após a profissionalização pelo Santos do Espírito Santo, Nando jogou no América — clube em que seu irmão Edu é ídolo — e no Madureira, até que o Ceará se interessou por seu futebol e o contratou, em 1968, já com Costa e Silva no poder da nação. As boas atuações na equipe cearense chamaram a atenção dos portugueses do Belenenses e o jogador, ainda muito jovem, partiu para terras lusitanas tentar a sorte. Mas só tentou, pois a perseguição somada às diversas ameaças colocaram ponto final em sua breve carreira. O início de Zico no Flamengo também pesou para o retorno.

"Em um determinado dia lá em Portugal, no hotel que eu morava, recebi a visita de dois cretinos da PIDE (Polícia Internacional e de Defesa do Estado), que era a polícia política portuguesa, comandada pelo Salazar — de triste memória, aliás. Estavam bem informados a meu respeito. Tremi na base porque tinha apenas 22 anos e numa época que as comunicações praticamente só funcionavam através de cartas. O telefone era por cabo submarino e era difícil uma ligação pra minha casa. Me ameaçaram até com a ida para a guerra nas Áfricas Portuguesas por ser filho de português. Quem me salvou foi a esposa de um empresário do clube que tratava do meu contrato. Ela praticamente me colocou no avião. Saí fugido, cheguei no Rio e não contei a verdade. Disse apenas que não tinha gostado de Portugal. Precisava proteger meus irmãos, que faziam muito sucesso. Sabíamos que o Zico seria um dos melhores do mundo."

Na volta ao Brasil, Nando foi preso pelo DOPS e encontrou no DOI-CODI da Rua Barão de Mesquita sua prima Cecília. Na época, Cecília Coimbra era militante do MR8 (Movimento Revolucionário 8 de Outubro) e, claro, foi considerada subversiva pelos militares, assim como seu marido, José Novaes. O casal ficou preso por cerca de três meses e, de acordo com Fernando, foi "barbaramente torturado". Hoje, ela colabora com o grupo (que também já presidiu) Tortura Nunca Mais, que luta pelo resgate da memória do período da ditadura. Ao livro, Nando detalhou o que viveu naqueles dias de cárcere.

"No dia 30 de agosto de 1970, fui preso com quase todos que estavam na casa da mãe da Cecília na Rua Dias da Cruz, no Méier, e fomos levados para o DOI-CODI onde eles (Cecília e Novaes) estavam. Ficamos num corredor cercado de celas que mais pareciam jaulas e numa delas estava o Novaes. Fui interrogado algumas vezes e sabiam tudo de mim, até de um táxi que tinha que ficava com um motorista contratado por mim. Eles viajavam na maionese e falavam as coisas mais absurdas. Estudantes, professores e sindicalistas foram os escolhidos para eles justificarem a tomada do poder. Ridículo. Passei pelo menos 48 horas com a cara na parede e as mãos na cabeça. Quando o braço descia de cansaço os soldados vinham com a baioneta e nos cutucavam, para erguermos o braço de novo. Só saíamos de lá para os interrogatórios, com capuz na cabeça", disse o jogador, que notou uma certa curiosidade dos militares por ele, muito provavelmente pelo fato de seus irmãos Antunes e Edu serem famosos. Antunes e Edu, inclusive, passaram com a mãe quatro dias no lado de fora do quartel esperando por Fernando. "Quem passava pelo local percebia que alguma coisa tinha acontecido com os Antunes".

Mesmo depois do episódio no DOI-CODI, Nando insistiu no futebol. Contudo, uma passagem apagada pelo Gil Vicente, de Portugal, fez com que ele desistisse da carreira futebolística. Na época, Zico dava seus primeiros passos como jogador no Fla e Edu era cotado para defender a Seleção Brasileira na Copa do México, o que não se concretizou em razão das diferenças ideológicas entre a família e os homens do poder, jurou Nando.

(...)

Nando lamentou também que poucos atletas profissionais tenham se posicionado contra o regime durante os anos em que vigorou a ditadura militar. Ele citou Reinaldo e a Democracia Corintiana em geral como pontos fora da curva no combate à repressão, e tem a explicação para a reação ter sido tardia de certa forma. "Na minha época era impensável se posicionar, pois com o AI-5 tudo ficou perigoso. Quando o regime já estava desgastado e desmoralizado, aí sim foi possível. Foram casos isolados porque a maioria dos atletas desconversavam quando o assunto era política, até mesmo por pura alienação".

Em 2003, Fernando Antunes Coimbra entrou com um processo na comissão de anistia do Ministério da Justiça. Sete anos depois, foi considerado pelo órgão um perseguido político dos ditadores se tornando, portanto, o primeiro jogador de futebol a ser anistiado na história do Brasil, o que quatro décadas depois de tortura, pressão psicológica e frustrações, foi motivo de orgulho não só para Nando, mas também para todos aqueles que carregam e carregarão o famoso sobrenome.

Foram muitos os jogadores de futebol brasileiros perseguidos naquele período?

Não foram muitos. Como eu disse anteriormente, a maioria dos jogadores era alienada e eram muito poucos os que estudavam. O assunto política, ditadura, etc., não eram conversas de jogadores. No Rio apenas eu, Afonsinho, Paquetá e Paulo César Caju sofremos perseguições. Depois houve a Democracia Corintiana já no final dos anos de chumbo. O Toninho Guerreiro também não foi à Copa de 70 absurdamente. Seu pai, que era do sindicato dos ferroviários, esteve preso e prejudicaram o Toninho, centroavante fabuloso na época e jogava ao lado do Pelé. Na minha época era difícil a imprensa conseguir divulgar alguma coisa porque a marcação era cerrada por parte dos censores "fdps".

Então não considera a imprensa da época omissa? Fizeram o que puderam, é isso?

Não era omissa, era amordaçada. Até mesmo o João Saldanha, quando estava no ar falava apenas de futebol para que o programa não fosse suspenso. O que se falava em off nunca poderia ir ao ar. A maioria, claro, era contra a ditadura e muitos poucos aqui no Rio apoiavam. O que havia era muito fingimento. Os censores eram muitos além dos infiltrados. Para se ter ideia, em cada sala de aula nas universidades havia um infiltrado que quando descoberto trocavam para outra. Muitos jornalistas esportivos tornavam-se alienados por que viviam o futebol de maneira intensa. Era uma fuga da realidade. Todos tinham medo, principalmente a partir do famigerado AI-5.

Se arrependeu de algo que tenha feito ou deixado de fazer durante a ditadura?

Não tinha porque me arrepender de alguma coisa. Sempre fui querido pelos elencos e exercia uma liderança natural entre os colegas porque percebiam o conhecimento geral que eu possuía. A partir daí eu passava a ser um conselheiro deles no dia a dia. Era muito legal. A mesma coisa acontecia com meus irmãos nos clubes que atuavam. Meus pais só permitiram que nós nos tornássemos jogadores porque nunca relaxamos nos estudos. Não dá para ter arrependimento por ter preferido os livros e as chuteiras ao invés das "botas torturantes".

O fato de você ter sido anistiado recuperou, de alguma forma, o sofrimento daqueles dias?

Desistir de jogar foi duro, pois tinha que proteger os meus irmãos, o que em parte consegui. Me realizei nos pés deles, o Antunes, Edu e o Zico. Consegui guardar por quarenta anos a minha história e como membro da família Antunes eu, ao ser anistiado com muita divulgação, provoquei um clima de espanto porque ninguém sabia de nada. Uma incredulidade total. As pessoas se perguntavam como tinha sido possível algo desta natureza com a família. Recebi e recebo sempre muitas homenagens e isto me credencia a afirmar que tudo valeu a pena. Temos enorme conceito com todos e fico muito feliz pelo interesse de jovens que, com certeza, ajudarão na história do país, mostrando o quanto foi difícil a conquista da maravilhosa democracia que ora vivemos. Porém, não podemos jamais deixar de estar mostrando o quanto foi terrível para todos, os anos de chumbo de triste memória.

***Alexandre Guariglia e Bruno Rodrigues (*O texto acima é um capítulo retirado do livro Bola de Chumbo, trabalho de conclusão do curso de Jornalismo na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP). Os autores buscam editoras ou parceiros interessados na publicação da obra, que repassa os principais capítulos da história do futebol brasileiro durante o período do regime militar.)**

> ***Paulo Cézar Lima- "Caju"***
>
> ***'Estou torcendo para a Bélgica', diz Paulo Cezar Caju, campeão mundial em 1970***

(...) Essa história de racismo não é novidade para mim e muita gente não sabe mas o Caju, hoje praticamente um sobrenome, surgiu por conta de uma dessas insatisfações. Mas isso eu conto mais abaixo. Na minha infância, presenciei a dor de minha mãe, empregada doméstica, uma pequena escrava, que era proibida de estudar pelos patrões. Quando entrei para o futebol de salão do Fluminense era um Deus nos acuda para conseguir entrar no clube e nunca me deram carteira de sócio atleta. Poucos eram os negros ali. Mas minha mãe nunca me deixou entrar pela porta dos fundos. Hoje quando vejo um Tinga, um Arouca e um Daniel Alves (comer a banana foi um tapa de luva, não só nos racistas, mas na sociedade que não se manifesta) sendo xingados volto ao passado e vejo que tudo continua igualzinho. Onde está o amor ao próximo nesse país, onde está a educação? E CBF, federações em geral, FIFA, ninguém faz nada? Vamos ter que esperar sentados?

Bem, e o Caju? Em 1968, o Botafogo foi fazer um torneio em Los Angeles. Era muito comum esses amistosos internacionais naquela

época e a presença de Botafogo e Santos, base da seleção, despertavam a atenção até de quem não gostasse de futebol. Naquele ano, ganhamos o torneio e falei com a comissão técnica que iria conhecer a Sunset Boulevard. Fui com o Jairzinho e não acreditei quando nos deparamos com uma manifestação dos Black Panthers, partido revolucionário que patrulhava os guetos negros para protegê-los da violência policial.

Nessa época, meus ídolos eram Martin Luther King, Cassius Clay, a professora de sociologia Angela Davies e claro Malcolm X, um dos maiores defensores do nacionalismo negro, e que estava preso.

Me emociono ao lembrar desse momento. Os integrantes do Black Panther Party exigiam a libertação de todos os negros e a ala mais radical sugeria a luta armada. Todos usavam black powers coloridos, calças bocas de sino e roupas extravagantes. Precisava comprar aquele barulho de alguma forma. Entrei no primeiro salão que encontrei e mandei tingir meu cabelo de vermelho. Muitos jogadores, a partir daí, também deixaram o cabelo crescer, mas pintar, pelo que me lembre, fui um dos únicos. Dali, fomos para uma feijoada promovida pelo Sergio Mendes, que estava totalmente estourado nos Estados Unidos, e ele divertiu-se com o meu novo visual! Quando voltamos ao Brasil, descemos em São Paulo e logo passaram a me chamar de Caju. Me orgulho desse gesto de solidariedade aos negros americanos. (...) -SÓ A EDUCAÇÃO SALVA O FUTEBOL | Blog do Caju — O Globo

Passe Livre (documentário) — Wikipédia, a enciclopédia livre

E para encerrar, embora não conste do título o artigo não ficaria completo sem a referência a um quarto jogador, ou melhor um time porque ele representa uma coletividade.

Sócrates Brasileiro Sampaio de Souza Vieira de Oliveira, o doutor.

Sócrates o intelectual orgânico e o coletivo da Democracia Corintiana

Time Base de 1982: Solito, Ataliba, Sócrates, Casagrande, Zenon e Biro-Biro; Mauro, Daniel González, Alfinete, Paulinho e Wladimir.

A construção da cidadania dos jogadores de futebol na Democracia Corinthiana

A Democracia Corinthiana pode ser entendida como elemento de questionamento do autoritarismo e do paternalismo no futebol, na medida em que servia como espaço de contraponto à hierarquização presente na arena esportiva, que impedia que o jogador pudesse comandar a própria vida14. Para o jogador Sócrates, uma das principais lideranças da experiência aqui tratada, esta possibilidade se apresentava como inédita, já que o jogador de futebol podia constituir-se enquanto cidadão, pois

Por tradição, o futebol brasileiro é meio retrógrado e paternalista. Apegados ao poder, os dirigentes dos clubes e federações procuraram alienar os jogadores e tratá-los como escravos. Desde que Charles Miller introduziu o futebol no Brasil, poucos foram os momentos nos quais os jogadores lutaram por melhores condições de trabalho. Mais raras ainda foram as lutas das quais os atletas saíram vitoriosos. Em um país como o Brasil, dificilmente o jogador de futebol é tratado como profissional e cidadão, com direitos e deveres, com liberdade e responsabilidade10 (p.18).

Este trecho demonstra as pré-condições de constituição da cidadania para esses jogadores corinthianos. Entretanto, impera a necessidade de explicitar como isso ocorreu concretamente, de modo a compreender qual foi a constituição objetiva dessa forma de cidadania.

Abordar a atuação dos jogadores da Democracia Corinthiana na conquista de seus direitos é importante, porque explicita dois elementos: em primeiro lugar, quais foram os limites e as possibilidades desse movimento radical, na medida em que demonstrou um exemplo de como os jogadores de futebol poderiam ter melhores condições de trabalho; em segundo lugar, a compreensão da formação de uma identidade coletiva efetiva dos jogadores em torno da Democracia Corinthiana15, d.

Os significados de democracia para os sujeitos da Democracia Corinthiana, estavam subentendidos tanto a partir de uma dimensão mais individual — no caso das "liberdades", como de não se concentrar antes das partidas; quanto na dimensão coletiva da participação — com relação ao direito à palavra e à opinião, ou mesmo em um caso mais concreto do acesso a alguns direitos trabalhistas16. (...)

Apresentando as diversas dimensões que a cidadania alcançou na Democracia Corinthiana, pretendemos evidenciar os diferentes sentidos e os sólidos efeitos que o termo em questão obteve dentro do grupo, explicitando, então, as diferentes demandas do movimento alvinegro, no sentido de constituir a identidade coletiva deste e compreender como foi expandido o sentido da cidadania para os jogadores do Corinthians.

Direitos civis na Cidadania Corinthiana

No modelo de Marshall os direitos civis são o elemento fundador da cidadania moderna, por serem eles os garantidores dos direitos de liberdade individuais, inaugurando uma justiça que seria, pelo menos em tese, estendida a todos. Um dos pilares dos direitos civis é o direito ao livre contrato, criado nos primórdios do capitalismo industrial, mas ainda uma questão candente na década de 80 para os jogadores de futebol. O "passe" dos jogadores ainda os vinculava a um sistema de trabalho que não prezava pelo "livre" contrato (livre no sentido de o trabalhador poder se desvincular de seu empregador conforme sua própria vontade). Ainda que a ideia de "ser verdadeiramente livre" seja passível de discussão — tendo em vista os condicionantes capitalistas que foram impostos à população, na urbanização, como a submissão a condições de trabalho extremamente precarizadas — o fato é que até o final da década de 90, os jogadores de futebol dependiam da vontade de seu empregador para poderem se mover de um local de trabalho ao outro. O caso de Afonsinho é emblemático para ilustrar as relações de trabalho naquele período histórico: se o jogador não se acertava com o clube, quer em período de renovação de contrato ou por qualquer outro motivo, ele poderia passar meses sem jogar, e seu passe era, consequentemente, desvalorizado. Sócrates relatou esse caso como um dos fatores que o fez, no Corinthians, começar a discutir relações de trabalho mais justas. O jogador também trabalhou para atrasar a negociação da renovação de seu contrato em 1980, para que seu passe se desvalorizasse e ele pudesse comprá-lo, de modo a possuir "sua carta de alforria e não ser mais propriedade do clube corintiano"10 (p.26). Essas duas situações revelam um problema dos jogadores naquele período. Wladimir, outra liderança da Democracia Corinthiana, que foi presidente do Sindicato dos Atletas Profissionais (de 1984 a 1986),

tratou, em nossa entrevista dessa questão, do "passe livre", identificando-a como um dos pontos centrais de sua gestão no sindicato:

E a gente tinha uma situação que nos incomodava muito que era a questão do vínculo com o clube. Naquela época era uma lei escravagista. Nós não tínhamos liberdade de ir e vir. Terminava meu contrato, eu ficava negociando com o clube. Se eu ficasse seis meses negociando com o clube, eu ficava seis meses sem jogar e sem receber. E ficava aquela briga de você pede tanto, o clube oferece tanto. E tinham vários jogadores que ficavam sem jogar e sem receber por conta dessa situação. Porque era uma lei escravagista. O contrato de gaveta fazia com que eles [os clubes] tivessem poder sobre nossa vida.

(...) Apesar de não ter conseguido combater o poder exacerbado dos clubes no momento de constituição dos vínculos trabalhistas, os jogadores pontuavam outra forma de liberdade, como uma das primeiras questões a ser relatada publicamente em seus comentários à imprensa. Na vitória do campeonato paulista de 1982, por exemplo, as falas de Sócrates com relação ao título se remetiam à questão da liberdade permitida dentro do grupo. Segundo Sócrates, a conquista de títulos representava a luta por maior liberdade, na medida em que a obtenção da vitória no campeonato paulista significaria a legitimação da gestão menos autoritária que se desenvolvia no Corinthians. O jogador também afirmava que a Democracia Corinthiana questionava pilares importantes do futebol, como a obrigatoriedade de concentração antes das partidas. Essa demanda dos jogadores estava sendo acatada pelo técnico, que afirmava que a partir do ano seguinte a concentração não seria mais obrigatória. O presidente Waldemar

Pires reconheceu o título de 1982 como uma vitória da abertura, pois teria proporcionado a todos o direito de opinião e de participar das decisões.

A questão da não obrigatoriedade da concentração tornou-se uma das conquistas da Democracia Corinthiana, no que tange às liberdades dos jogadores. A questão da concentração em si pode ser identificada como a necessidade de um clube de futebol controlar o tempo disponível, de lazer, de seus jogadores. Por isso, o ângulo que estamos abordando refere-se à importância de o atleta poder decidir sobre a gestão de seu tempo livre. Referente a isto, Wladimir destacou a maneira como o uso de bebidas alcoólicas pelos atletas era tratado: eles não tinham que ocultar esse fato. Tal quadro era incômodo para a imprensa esportiva e para os conselheiros do Corinthians que faziam parte da oposição à Democracia Corinthiana, imputando ao consumo dessas bebidas adjetivações como "baderna" e "irresponsabilidade". Para alguns jogadores, a liberdade de ingestão de álcool significava exatamente o contrário, uma demonstração de responsabilidade, uma vez que a equipe teria que se responsabilizar sobre as consequências de suas ações(...)

Essa liberdade que se forma com o advento da Democracia Corinthiana dizia respeito ao atleta poder decidir sobre seu tempo. Conforme MORAIS, no capitalismo, em especial com o advento do fordismo e taylorismo, surgiram dispositivos culturais que, de forma velada, tentavam controlar o que o trabalhador fazia em seu tempo de não trabalho — de forma a não atrapalhar a sua produtividade no subsequente dia de trabalho. Entretanto, para o jogador de futebol isso acontecia de forma extremamente controlada, colocando-o sob as rédeas de seu patrão, mesmo no

período de tempo de não trabalho. Abrir a possibilidade dos jogadores construírem outras formas de sociabilidade em seu tempo disponível pode permiti-los uma maior autonomia no lazer, o acesso a bens culturais, discussões coletivas, diversão, organização sindical, enfim, uma série de propostas e de atividades que podem, em alguma medida, atrapalhar o sentido de acumulação de capital para o clube.

Por outro lado, a dinâmica da escolha do tempo livre, imputa a responsabilidade sobre o uso dele, conforme a própria fala de Wladimir apontou. Segundo MARSHALL7, essa também é uma das decorrências das liberdades provindas dos direitos civis, porque não é uma relação apenas de benefícios. O autor ressalta que os direitos civis envolvem também obrigações de contrato, pois, além da liberdade individual, há na dinâmica de negociação, uma preocupação com o bem estar dos demais, que deve ser respeitado.

(...) Todavia, ainda é importante ressaltar que durante a Democracia Corinthiana há uma embrionária constituição daqueles jogadores de futebol como intelectuais orgânicos, no interior de sua própria prática e na realidade social. Conforme o sentido gramsciano do termo, todos são intelectuais no exercício de sua profissão, ainda que nem todos exerçam tal função. Contudo, há uma camada dentre esses que dá homogeneidade e consciência aos demais, não apenas no campo profissional, mas social e político. São considerados orgânicos, porque fazem parte do próprio grupo ao qual conferem essa ordem intelectual e moral. Deste modo, a possibilidade de se expressarem sobre questões controversas as quais antes os jogadores não possuíam direito de opinar é a emergência, ainda que de forma embrionária, da constituição de intelectuais orgânicos dentre a camada de

jogadores de futebol, possibilitando que eles mesmos se configurassem como construtores, organizadores, 'persuasores permanentes' da constituição de uma nova ordem intelectual e moral. -Citzenship and rights of the football players in Democracia Corinthiana.

Charada: Qual é a diferença entre um acendedor de lampião e um advogado?

OAB anuncia grupo para regulamentar o uso de inteligência artificial

A Ordem dos Advogados do Brasil anunciou, nesta segunda-feira (2/7), a criação de um grupo para discutir a…

www.conjur.com.br

Se você leu o título da notícia e ficou curioso porque e como a Ordem dos Advogados do Brasil de repente entrou de cabeça no debate da automação, e o emprego anti-ético e até mesmo criminoso dos Algorítimos de Inteligência Artificial por grandes corporações.

De acordo com Conselho dos Consumidores da Noruega, a Google, a Microsoft e o Facebook utilizam "padrões negativos" para enganar usuários de suas plataformas a entregarem mais dados pessoais. (...) Dessa maneira, os usuários acabam compartilhando mais dados e aceitam "sair" do guarda-chuva da GDPR — nova lei europeia que protege os dados de cidadãos. (...)

Agora, o Conselho dos Consumidores da Noruega uniu um grupo de oito advogados que está pedindo uma investigação aos órgãos da Europa. O intuito é que as empresas parem de "enganar e manipular" usuários por meio de táticas.-Você é manipulado por meio de padrões pelo Facebook e Google

Então perca sua curiosidade. Obviamente não é nada disso. É bem mais óbvia e evidente, até demais:

O anúncio vem dias depois de o Instituto dos Advogados Brasileiros (IAB) e a seccional fluminense da OAB-RJ publicarem uma nota de repúdio a uma ferramenta que ajuda pessoas em ações trabalhistas, lançada pela empresa Hurst. (...)

O coordenador do grupo de inteligência artificial será José Américo Leite Filho, diretor jurídico da Febratel (Federação Brasileira das Empresas de Telecomunicações).

O presidente do Conselho Federal da OAB, Claudio Lamachia, afirma estar preocupado que as recentes ferramentas, como os robôs virtuais, vendam como grande vantagem a dispensa da atuação de advogados. — OAB anuncia grupo para regulamentar o uso de inteligência artificial

> ***OAB anuncia grupo para regulamentar o uso de inteligência artificial***
>
> *A Ordem dos Advogados do Brasil anunciou, nesta segunda-feira (2/7), a criação de um grupo para discutir a…*
>
> *www.conjur.com.br*

É corporativismo mesmo. E claro o direito trabalhista... o deles. Facilidade? Vantagem? Isso aqui é Brasil. Vantagem? Vantagem é só para quem pode pagar. Porque facilidade aqui só se for venda casada com dificuldade. Caga-se dificuldades como regras para depois cobrar por facilidades e vantagens para se livrar delas. E querendo ou não, comprando ou não paga-se por elas, porque as contribuições sejam para vender facilidades, seja para cagar dificuldades é compulsória, e pior, vem embutida no custo Brasil. Eles protegem o emprego deles e o desempregado paga. Como e com o quê? Roubando? Não tem problema. A teoria das janelas quebradas explica. Mais negócios.

Esquece. Os Estados-Nações vai falir antes do Brasil virar qualquer coisa supostamente parecida com o que deveria ser um país de verdade, ou um estado de direito. Aqui a luta não é de classes, a luta é de categorias. Cada setor profissional lutando por quinhão as custas dos demais, legalmente é claro, ou o que é a mesma coisa nesse tipo de máquina estatal: lutando com unhas e dentes para não largar a teta que tomaram para chamar de sua. Não temos sociedade nem associação de classes nem profissionais, mas sindicatos no sentido pejorativo que essa palavra ganhou depois dessas organizações perderem seu caráter popular e social para se tornar aparelhos paraestatais ramificados nos outros setores da sociedade. Aqui até o ter direito a e exercer a cidadania depende não só da categoria de cidadão que você é. Mas sobretudo se você tem ou não dinheiro para comprar um bom advogado.

Tolo de quem vê o mundo em direita e esquerda. Existe apenas gente como gente (ou menos) que não é gente, e gente que é gente como eles: que tem advogue por eles, e tudo e todos mais de bom e de ruim que dinheiro pode comprar:

Ministro Dias Toffoli nega HC a réu reincidente por furto de bermuda de R$ 10

O princípio da insignificância não deve ser aplicado quando o réu for reincidente. O entendimento foi aplicado pelo…

www.conjur.com.br

Moral da história

Se for roubar, roube muito. Porque para ter justiça basta ter um bom advogado, mas comprar um, perdão contratar, custa caro. Mas é aquela história para quem tem dinheiro isso não é custo é investimento, e de longo prazo. E bota longo prazo nisso.

Essa é a diferença entre o ascendedor de lampião e o advogado; A diferença entre as profissões que extintas, as que ainda vão se extinguir, e aqueles que nunca vão se extinguir, não enquanto houver Estado para sustentá-las. Nem se robôs estiverem fazendo tudo, ou as próprias coisas forem suficientemente inteligentes e autônomas para se fazerem sozinhas, enquanto a velha maquina estatal e suas engrenagens pobres e enferrujadas estiverem rodando, haverá uma classes de profissionais ganhando e cobrando para manter as luzes a lampião mesmo que não existam mais relógios de corda.

Estas profissões podem acabar até 2030 (ao menos para os humanos)

São Paulo - Transporte autônomo, robôs que aplicam anestesia, criptomoedas e softwares de análise financeira…

exame.abril.com.br

Aliás essa é a diferença não só entre as profissões que um dia foram úteis e acabaram se tornando obsoletas. Essa a diferença entre as profissões que deixarão de existir em breve e aquelas que nunca deveriam ter existido. Nunca prestaram para nada, custam caro e tomam, e ainda por cima quebra o que não é seu.

Charada: Adivinhe de qual profissão, que não deveria ser uma profissão eu estou falando?

Quem disse ladrão acertou. quem disse político também.

Porque sabe qual é a diferença entre o político e o ladrão. Aquela invenção, aquela máquina que separa uns da cadeias e outros dos palácios. Máquina feita de gente e que se alimenta de gente. Mas ainda sim máquina, feita só de corpo sem alma: Estado.

Robô com inteligência artificial apresentará noticiário na TV chinesa

Um robô dotado de inteligência artificial foi contratado para apresentar um programa de notícias em um canal da…

www.efe.com

Um dia Bonners, e Galvãos não tem mais emprego e talvez sigam os passos dos Datenas e Ratinhos e entrem na política. Mas os Gilmares Mendes e suas turmas, esses ficarão para semente. Pelo menos eles não apresentam notícias. E no Brasil só a Hora do Brasil é obrigatória, e no radio. A TV Justiça não, ao menos por enquanto. Afinal não há nada que uma atualização nas leis não resolva, nem possa.

Franco Berardi: Renda Básica INCONDICIONAL

Defendo um rendimento básico 'incondicional', sublinho, para permitir a sobrevivência social. Todos temos o direito a existir. Mas esse rendimento não está relacionado com a disponibilidade de cada um para trabalhar. É precisamente o contrário, pois trata-se de uma ferramenta mental e epistemológica que tem como objetivo emancipar a sociedade da necessidade de um salário. A verdade é que já não precisamos de ter um salário, porque as máquinas fazem o trabalho por nós. Ou seja, ficamos libertos — e não é para passar o tempo a dormir ou sem fazer nada — para fazer aquilo que as máquinas não conseguem fazer: ensinar matemática às crianças, curar a ansiedade, cuidar dos outros, nutrir a amizade. Se quisermos desenvolver as potencialidades inerentes aos vários campos tecnológicos, precisamos de nos libertar da obrigação do trabalho e da chantagem do salário. Não sou o único que o digo e defendo, longe disso. Larry Page, CEO da Google, já disse que a empresa pode cortar 50% dos postos de trabalho já amanhã. Isso é uma boa ou má notícia? O discurso político olha para este tipo de declarações como uma ameaça, como um grande perigo, mas o fato de o RBI ter entrado no vocabulário dos partidos políticos já é um pequeno começo.

Seja como for, temos de ver esta questão de todos os ângulos. Em Itália,por exemplo, o partido mais votado nas últimas legislativas — o Movimento 5 Estrelas, de Luigi di Maio — incluiu o rendimento básico no seu programa. Mas aquilo que dizem é: "nós vamos dar-vos mil euros por mês, na condição de aceitarem o próximo trabalho que vos for proposto. Se amanhã lhe ligarmos a propor

um trabalho, tem de aceitar ou cancelamos o rendimento básico". Isto é chantagem pura e dura! Isto é uma ajuda financeira a desempregados e o conceito de desemprego neste contexto é totalmente falso. A expressão "desemprego" deveria ser substituída por outra: "tempo de vida emancipado". O rendimento básico não é um apoio financeiro ao desemprego, mas um substituto da ideia de salário. O conceito de salário tem de ser substituído pelo direito universal à existência. Isto não é uma ideia excêntrica, é, muito simplesmente, reconhecer que a inteligência artificial e a tecnologia digital podem fazer o nosso trabalho. Ou seja, nós somos necessários para desempenhar aquele trabalho que é verdadeiramente humano e que nada tem a ver com o conceito econômico de trabalho.- 'O pensamento crítico morreu', diz o filósofo Franco Berardi

BBC Brasil: "A lucrativa indústria da detenção de imigrantes nos EUA"

E "O que são os 'passaportes dourados' e como funciona seu multimilionário mercado"

Um dos "centros de acolhimento" de crianças da organização "não-governamental" e "não-lucrativa" Southwest Key

BBC Brasil:(....) No que diz respeito às crianças, as administradoras de centros infantis ficam encarregadas do alojamento e atendimento, enquanto a custódia fica a cargo do Departamento de Saúde e Serviços Sociais (HHS, na sigla em inglês) — que no último ano fiscal destinou US$ 958 milhões para a manutenção dos espaços de acolhida para menores migrantes.

Esses espaços são diferentes dos centros de detenção, já que têm de oferecer salas de aula, serviços de saúde física e mental, espaços de recreação e serviços de reunificação familiar.

Administrativamente, esses lugares de acolhida dependem do Escritório de Reassentamento de Refugiados (ORR), que aloja atualmente cerca de 12 mil crianças nos EUA, inclusive as que foram separadas de seus pais no momento da imigração.

Embora muitos espaços de acolhida sejam geridos por instituições sem fins lucrativos, não escaparam da polêmica nas últimas semanas.

Um dos focos das críticas foi a Southwest Key, ONG sediada no Texas que nos últimos anos se tornou uma das principais instituições de acolhida no país — tem hoje 26 centros, com capacidade para abrigar 5 mil crianças.

O caso mais famoso é o da Casa Padre, construído no espaço que antes abrigava um supermercado e que conta com 1,5 mil leitos.

Enm 2018, a Southwest Key receberá US$ 458,6 milhões do HSS, elevando para US$ 1,5 bilhão o total de seus contratos com o governo federal na última década, segundo os registros do próprio HHS.

***"Nosso crescimento é uma reação direta à chegada de crianças na fronteira", explicou Alexia Rodríguez, vice-presidente da organização, ao* New York Times.**

No entanto, documentos tornados públicos indicam que o fundador da ONG, Juan Sánchez, teria recebido em 2017 um salário anual de quase US$ 1,5 milhão — o que faria dele o quinto diretor de ONG mais bem pago dos EUA, segundo a organização CharityWatch.

"O chefe da Cruz Vermelha dos EUA recebe um salário de US$ 600 mil, e é uma ONG que gerencia centenas de milhões de dólares, controla a metade dos bancos de sangue e atua em situações de catástrofe. O orçamento dessa ONG (Southwest Key) é um décimo do da Cruz Vermelha", afirmou Daniel Borochoff, presidente da CharityWatch, à emissora CNN. -A lucrativa indústria da detenção de imigrantes nos EUA

> ***A lucrativa indústria da detenção de imigrantes nos EUA***
>
> *Enquanto a opinião pública reagia à separação de milhares de crianças migrantes de seus pais após cruzarem a fronteira…*
>
> *www.bbc.com*

Agora o outro lado da mesma moeda, ou melhor do mesmo negócio: a venda de cidadania pelos Estados-Nações.

O que são os 'passaportes dourados' e como funciona seu multimilionário mercado

(...) A ideia é simples: investir grandes quantias em um país em troca de cidadania ou residência nele.

E programas do tipo existem em países cujos passaportes abrem muitas portas, como Estados Unidos, Canadá e Reino Unido.

Negócio em expansão

Os passaportes dourados se converteram em um negócio que movimenta bilhões de dólares no mundo anualmente.

"No Reino Unido, por exemplo, se você investir US$ 2,65 milhões (cerca de R$ 10 milhões), adquire permissão de residência e, depois de alguns anos, consegue o passaporte britânico", explica Nuri Katz à BBC Radio 4.

Países como Espanha e Grécia também adotaram esse modelo migratório durante o auge de suas crises econômicas, na tentativa de atrair investimentos estrangeiros e fomentar o mercado imobiliário local.

Um programa do tipo também ajudou a ilha europeia de Malta a aumentar sua arrecadação em US$ 465 milhões (R$ 1,7 bi) no período de um ano, afirma a agência Henley&Partners, que organizou o sistema de concessões de vistos maltês.

Malta tem um lucrativo programa de concessão de vistos por investimento, mas que está na mira do Parlamento Europeu

(...) em alguns casos, quanto maior a quantidade de dinheiro investida, mais rapidamente chega a documentação. No Reino Unido, por exemplo, os US$ 2,65 milhões dão direito a um passaporte após cinco anos; já com US$ 6,3 milhões, o documento é obtido após três anos e, com US$ 10 milhões, em apenas dois anos.

Porta para a corrupção?

Fora os questionamentos morais, há também críticas à possibilidade de os passaportes dourados servirem como porta de entrada (ou de lavagem) para dinheiro de origem ilícita.

"As regulações não são suficientes e são usadas em favor de quem quer escapar das consequências de atividades ilícitas ou corrupção", opina Rachel Davies, advogada do escritório britânico da organização anticorrupção Transparência Internacional.

No Reino Unido, é o chamado "Visto de Investidores Camada 1", e a lista de quem os obtém é secreta. Mas um caso polêmico acabou chegando ao público: é o de Mukhatar Ablyasov, cidadão do

Cazaquistão que foi diretor de um dos bancos mais importantes de seu país, o BTA.

Até que uma auditoria descobriu um rombo estimado entre US$ 5 bilhões e US$ 10 bilhões de dólares nos cofres da instituição.

Ablyasov fugiu do Cazaquistão e se refugiou em Londres, pedindo asilo político. Foi morar no bairro de Mayfair, uma das regiões mais caras e exclusivas da capital britânica.

Seu filho adolescente, Madiyar, obteve um passaporte britânico pelo programa de "cidadania por investimento".

Isso despertou suspeitas de que o governo britânico teria aceitado dinheiro de origem ilícita. Após uma longa investigação de uma agência privada que rastreia ativos ao redor do mundo, foi aberto um processo judicial.

Ablyasov agora é alvo de um processo judicial no Reino Unido. Ele fugiu após ser condenado e hoje vive na França. -O que são os 'passaportes dourados' e como funciona seu multimilionário mercado

> ***O que são os 'passaportes dourados' e como funciona seu multimilionário mercado***
>
> *Enquanto dezenas de milhares de pessoas colocam sua vida em risco na tentativa de migrar para os EUA ou a Europa…*
>
> *www.bbc.com*

Há um buraco na investigação dos crimes contra a humanidade. Se nos crimes das pessoas comuns, os investigadores não se contentam enquanto não descobrem quem ganha com isso, nos crimes cometidos por estatopatas, aceita-se a loucura como rótulo e arquivasse o caso. Quem ganha com isso e quais são as motivações por trás dos motivos? **Follow the money.** ***Porque mesmo onde o dinheiro não é a principal motivação dos criminosos contra pessoas, povos, gêneros, ou classes, a contabilidade permanece; porque no mundo desses psicopatas nada é de graça e tudo tem um preço, e nem mesmo o genocídio é exceção a lei que rege esse mundo, por isso, enquanto houver demanda vai haver oferta. -Complementando***
Como eu disse, a piada não é era uma piada.

Berenice Bento-"Necrobiopoder: Quem pode habitar o Estado-nação?"

Necrobiopower: Who can inhabit the Nation-State?

"...ao refletir sobre necrobiopolíticas, estou entrando numa zona de trevas cujo coração não sei onde está. Esse é meu susto: o rosto, o corpo, a pele, a língua, atributos ditos humanos, não bastam para assegurar o direito à vida." -*Necrobiopower: Who can inhabit the Nation-State?*

Berenice Bento:

"(...)

Judith Butler tem sido uma grande inspiração para me ajudar a entender o mundo em que habito. Há algo recorrente no seu pensamento: o tencionamento dos sentidos que o Ocidente atribui à humanidade. A politização do luto tem na pergunta "por quem choramos?" uma síntese de que não basta ter um rosto (nos termos de Levinás, 2005) para que o mandado "não matarás" se efetive.

O que faz com que o Outro não seja reconhecido como humano? Mais do que tentar responder a esta questão, vou apresentar um conceito que venho trabalhando nos últimos meses: o de necrobiopolítica, para entender as diferenças abissais da ação do Estado em relação a determinados grupos e a distribuição diferencial de direito à vida. Antecipo que a pesquisa está em andamento tanto na construção analítica quanto na sistematização dos dados dos recortes empíricos eleitos, quais sejam: o estudo da Lei do Ventre Livre, a situação da população carcerária e os autos de resistência.

O que se pode observar nos estudos sobre a violência contra a população negra, nos dados do feminicídio e do transfeminicídio (Bento, 2016), dos povos indígenas, entre outras, é que o Estado aparece como um agente fundamental na distribuição diferencial de reconhecimento de humanidade. Nas pesquisas sobre gênero e sexualidade, campos de estudo que acompanho mais de perto, observo que há um núcleo de referência bibliográfica regular. O conceito de biopoder de Michel Foucault (1999), como técnica de governo que tem como objetivo "fazer viver, deixar morrer", é recorrente. Mais recentemente, os textos de Giorgio Agamben (homo sacer/vida nua), de Achille Mbembe (necropoder), de

Judith Butler (vidas precárias, abjeção e vulnerabilidade), de Spivak (subalternidade e discurso) passaram a compor o cânone do que se pode chamar de uma ciência social das identidades abjetas, identidades que são a alma das necrobiopolíticas do Estado. O terror e a morte são elementos reiteradamente analisados por nós como estruturantes do Estado brasileiro. Quando as pesquisas se referem à violência do Estado contra os corpos abjetos, geralmente se aciona a noção de "soberania" em contraposição à de governabilidade (conjunto de técnicas voltadas para o cuidado da vida, da população). Sugiro outro conceito: necrobiopoder.

O foco das minhas reflexões está no Estado, em um esforço para entender a relação entre biopolítica (dar a vida) e a necropolítica (promover a morte). Não terei como objeto de análise os efeitos do necrobiopoder nos atos de reconhecimento nas relações sociais difusas. As agressões e mortes das travestis; o ato de amarrar um homem negro a um poste; um jovem que tem a testa tatuada com a frase: "Sou ladrão e vacilão"; o assassinato de uma moradora de rua em Copacabana; uma adolescente estuprada por 33 homens são fatos que guardam certa correspondência com as necrobiopolíticas, mas merecem análises singulares. Certamente a violência difusa revela linhas de continuidades com o que estou chamando de necrobiopoder, conceito que proponho para interpretar um conjunto de técnicas de governabilidade.

Conforme discutirei, a governabilidade não se refere exclusivamente ao cuidado da vida, como propõe Foucault (1999). Minha hipótese é a de que a governabilidade, para

existir, precisa produzir interruptamente zonas de morte. Ou seja, governabilidade e poder soberano não são formas distintas de poder, mas têm, pensando no contexto brasileiro, uma relação de dependência contínua — seja numa abordagem sincrônica ou diacrônica.

Na história brasileira do Estado, "dar a vida e dar a morte" não podem ser pensados separadamente. Quando eu digo dar a vida e dar a morte me distancio da posição de Foucault, segundo a qual o Estado moderno tem como fundamento "fazer viver, deixar morrer".

O verbo "deixar" sugere que o Estado não irá desenvolver políticas de morte. Ao contrário, afirmo que há uma reiterada política de fazer morrer, com técnicas planejadas e sistemáticas. Ao mesmo tempo, me distancio também de Agamben (2013) porque nem todas as vidas são nuas. Algumas nascem para viver, outras se tornam vidas matáveis pelo Estado. O conto político "homo sacer" (Agamben, 2013) serve muito pouco para interpretarmos a necrobiopolítica brasileira.

Foi o necrobiopoder que nutriu e engordou aqueles/as que foram chamados a fazer parte da "população". Um país que por 388 anos extraiu sua riqueza de "sombras personificadas" (Mbembe, 2014) não pode deslocar "vida" de "morte". Necropoder e biopoder (vida matável e vida vivível) são termos indissociáveis para se pensar a relação do Estado com os grupos humanos que habitaram e habitam o Estado-nação.

Por que necrobiopoder e não bionecropoder?

A ordem dos termos é fundamental porque defendo que foram a pilhagem e o genocídio que antecederam aquilo que hoje se pode chamar, de forma limitada, a meu ver, de "biopoder" — conceito que temos utilizado em nossos estudos sobre violência de Estado sem o devido cuidado com as condições históricas que definem uma cultura política baseada na eliminação do Outro. Ou seja, a constituição do sujeito não se efetiva exclusivamente na relação senhor e escravo, mediante atos de desejo e reconhecimento (Hegel, 1992). Há outro campo social povoado por corpos que não entram na relação dialética para constituição do eu. Ao contrário, o desejo é pela eliminação sistemática daqueles corpos que poluem a pureza de uma nação imaginada, um tipo de "correia de transmissão" de uma Europa também imaginada: branca, racional, cristã, heterossexual. A negação do Outro não se transfigura em afirmação em momento algum, sendo, portanto, impensável atribuir aos corpos desse Outro qualquer qualidade que produzisse um campo de intersecção com o "eu".

Os rituais e ritos de eliminação do Outro podem mudar. O extermínio da população indígena, por exemplo, segue ritos de morte diferentes dos conhecidos pela população carcerária que, por sua vez, diferem dos cometidos contra as pessoas trans. Se pode objetar que há um tipo de "exagero" em minha argumentação quando identifico o Estado como o responsável, por exemplo, pelas mortes das pessoas trans, uma vez que se sabe que a recusa a reconhecê-las como humanas não se restringe ao Estado, haja vista que os crimes

não são cometidos exclusivamente por membros do Estado. Esse argumento está correto. Embora os policiais apareçam nos depoimentos de mulheres trans e travestis como agentes recorrentes de violência, não se pode restringi-la a esse corpo repressivo. A relação entre os aparelhos repressivos de Estado e as esferas difusas da vida civil tem múltiplas conexões e disjunções. Contudo, conforme afirmei, a violência difusa precisa de instrumentos teórico metodológicos apropriados porque, embora se possa pensar em campos de intersecção em relação às praticadas pelo Estado, também têm dinâmicas singularidades.

(...)

Biopoder e necropoder

Foucault (1999) afirma que uma das questões centrais do século XIX foi um tipo de possessão por parte do Estado sobre o homem enquanto ser vivo, um tipo de "estatização do biológico". Esse poder diferencia-se do poder soberano que tinha na prerrogativa de matar o conteúdo mesmo do seu mando. Assim, "em última análise, o direito de matar é que detém efetivamente em si a própria essência desse direito de vida e de morte: é porque o soberano pode matar que ele exerce seu direito sobre a vida" (Foucault, 1999:294).

O poder encarnado no Estado moderno é de outra ordem, inverso. Trata-se de um poder que se fundamenta no "fazer" viver e no "deixar" morrer e que irá atuar com técnicas singulares às implementadas pelo poder disciplinar. Assim,

***aquém, portanto, do grande poder absoluto, dramático, sombrio que era o poder da soberania, e que consistia em poder fazer morrer, eis que aparece agora, com essa tecnologia do biopoder, com essa tecnologia do poder sobre a "população" enquanto tal, sobre o homem enquanto ser vivo, um poder contínuo, científico, que é o poder de "fazer viver"* (Foucault, 1999:294).**

> **A nova tecnologia que se instala se dirige à multiplicidade dos homens enquanto massa global e que regula a vida, massifica o homem-espécie a partir de um conjunto de tecnologias de regulação pelo Estado.**

Já quase no final do texto, *Foucault (1999:309) faz uma afirmação que mereceria outros desdobramentos: "Vocês compreendem então, nessas condições, como e por que os Estados mais assassinos são, ao mesmo tempo, forçosamente os mais racistas". É aqui que se localiza o cerne da minha questão: a quebra do contínuo biológico dessa coisa chamada "população" tem efeitos políticos concretos e fundantes do Estado brasileiro desde sempre. A relação direta entre Estado racista e violência pode ser ampliada para outros contextos sociais. Eu penso, por exemplo, em Israel e sua necrobiopolítica em relação ao povo palestino, caso contemporâneo exemplar do neocolonialismo.*

O colonialismo de Israel será inspirador para Mbembe (2011). O autor afirmará que a forma mais acabada de necropoder, atualmente, é a ocupação colonial da Palestina. Segundo o filósofo, o Estado colonial fundamenta seu desejo de soberania e de legitimidade mediante a construção de uma narrativa própria da história e identidade nacional.

Eu estou de acordo com as análises de Mbembe (2011) sobre o colonialismo israelense e as novas formas tecnoburocráticas de matar, mas faltou ele girar a moeda, apontar que o Estado de Israel só existe, sua população só habita um território, porque houve um momento anterior e contínuo de negação (por meio da limpeza étnica)1 da existência da população nativa. Assim, Mbembe, ao analisar os horrores da necropolítica de Israel, não avança na discussão de que são essas mesmas políticas que sustentam a biopolítica do Estado israelense. Assim, não é possível interpretar Israel sem a Palestina e, tampouco, as condições existenciais trágicas do povo palestino sem fazer referência a Israel.

Para concluir a primeira parte, diria que o necrobiopoder unifica um campo de estudos que tem apontado atos contínuos do Estado contra populações que devem desaparecer e, ao mesmo tempo, políticas de cuidado da vida. Dessa forma, proponho nomear de necrobiopoder um conjunto de técnicas de promoção da vida e da morte a partir de atributos que qualificam e distribuem os corpos em uma hierarquia que retira deles a possibilidade de reconhecimento como humano e que, portanto, devem ser eliminados e outros que devem viver.

A Lei do Ventre Livre

A pesquisa que estou desenvolvendo sobre o necrobiopoder está organizada nas dimensões histórica e conjuntural. No que se refere à dimensão história, tenho focado meus estudos nas mudanças de legislações da segunda metade do século XIX que regulamentavam o "trabalho servil", caracterização

legal à época para o trabalho escravo. E por que esse meu interesse? Acredito que seja exatamente nesse corpo discursivo (os posicionamentos dos parlamentares) que se pode ver o necropoder e o biopoder atuando para operacionalizar a leitura dos corpos que sairiam de relação escravocrata para um status de igualdade legal.

O meu interesse está no estudo das estratégicas discursivas utilizadas pelos parlamentares para se posicionarem em relação à proposta de lei que tornava livres os/as filhos/as de mulheres escravizadas. Esse debate aconteceu entre os meses de maio e setembro de 1861. Se estou afirmando que a relação que o Estado mantém com inúmeras populações está inserida em uma linha de continuidade histórica, mais do que rupturas, não há outra alternativa que não seja fazer uma abordagem histórica do Estado, com determinados recortes.

Nenhuma lei traz com tamanha dramaticidade a encruzilhada conceitual que proponho como necrobiopoder como a Lei do Ventre Livre. A criança, nascida após a promulgação da lei, seria livre. A mãe continuaria escrava. A criança entraria na população brasileira, deveria estudar, ter um registro. A mãe seguiria sob o poder de vida e morte dos seus donos e de suas donas. O fruto desse corpo-função vem ao mundo inserido em uma lógica pré-biopolítica. A lei, no seu artigo 1º, estabelece que "Os filhos de mulher escrava que nasceram no Império desde a data desta lei serão considerados de condição livre".

Os discursos dos parlamentares podem ser sistematizados em alguns eixos: 1) o perigo de desestabilização do país que a proposta de lei representava; 2) a incompetência do governo

em não ter preparado o país para aquele momento; 3) o equívoco de se ter uma lei geral para todo o território nacional. A melhor solução, defendiam alguns parlamentares, seria deixar a cargo de cada proprietário/a de pessoas escravizadas a tarefa da libertação; 4) a impossibilidade de controle do registro de nascimento, pois, certamente, aconteceriam fraudes com proprietários adulterando as datas de nascimento das crianças; 5) a natureza da propriedade privada dos corpos que eram escravizados e dos frutos oriundos deles.

Através dessa lei, o Estado tentava fazer a transição da população escravizada para a condição de liberto de forma lenta, gradual e sem tensões. O tráfico negreiro tinha sido interrompido em 1850, mas as mulheres negras continuaram a procriar e a oferecer a carne necessária para alimentar o sistema. Senadores problematizavam como seria a integração da criança livre.

(...) Outra medida preparatória, que era preciso que existisse, era a do ensino do filho dos escravos, como se praticou nas Antilhas. O ensino religioso e moral e o ensino das primeiras lettras. Alguma vez constou ao senado, que se aconselhasse aos presidentes de província que promovessem o estabelecimento de escolas próprias para os filhos dos escravos? Até ha em algumas províncias legislação que prohibe que os filhos dos escravos vão aprender a ler nas escolas publicas. Essa medida preparatória era necessária, bem como o ensino religioso (Senado Federal, Senador Antão, 14/09/1871:132).

> ***Outros parlamentares se negavam a aceitar qualquer ingerência do Estado em suas propriedades.***

A constituição não fez differença entre propriedade legal e propriedade excepcional ou fictícia, como lhe chamou o Sr. S. Vicente; garantiu a propriedade em toda a sua amplitude, como a lei a tinha reconhecido até então. Vou mais longe ainda; nossas leis tinham reconhecido e reconhecem ainda, não só o domínio da escrava, mas ainda a do filho que ella possa ter. A propriedade da cria é uma extensão de direito de propriedade da escrava e da mesma natureza que elle. Se não se póde abolir um, sem indemnisação, não se póde abolir o outro (Senado Federal, Senador Visconde de Itaborahy, 14/09/1871:139).

> ***O corpo da mulher negra estava atravessado por duas formas distintas de poder. Talvez esse corpo, no âmbito dessa lei, seja a melhor metáfora que expressa o necrobiopoder que estrutura o Estado brasileiro. Sabe-se que o alcance da Lei do Ventre Livre foi mínimo (Costa, 2008). Os/as filhos/as das mulheres escravizadas não conseguiram entrar na população brasileira, mas foi no choque das posições expressas pelos parlamentares que se pôde notar o receio, além das possíveis perdas financeiras, de ter na população brasileira pessoas que deveriam continuar em suas contabilidades como "peças".***

> ***Detenção indefinida***

> ***Outra ponta de minha pesquisa está focada numa dimensão sincrônica e tem tentando sistematizar as técnicas de fazer***

morrer da população carcerária. O que Foucault chama de "deixar morrer" eu aponto como um conjunto de técnicas sistemáticas, racionais, para provocar a morte daqueles que estão sob os "cuidados" do Estado. Comida estragada, não atendimento médico, superlotação das celas, pessoas presas sem acusação formal e sem sentença são algumas dessas técnicas. Não se trata de uma crise da população carcerária, ou uma falta de orçamento. Esses argumentos só alcançam o nível mais superficial do que está posto.

Butler (2006) analisa a situação dos presos da Baía de Guantánamo em um diálogo com as concepções foucaultianas de governabilidade e poder soberano, de certa forma um movimento teórico próximo ao que estou desenvolvendo aqui. Logo após o 11 de setembro de 2001, o Governo de Bush deteve dezenas de pessoas sem nenhum tipo de acusação formal e sem qualquer previsão de soltura. Qual o status desses presos? Eram terroristas? Para afirmar "eram presos", seria necessária uma acusação formal, com o devido processo legal norteado pela legislação internacional que regulamenta casos de prisioneiros de guerra, o que não aconteceu. As Cortes de Justiça passaram a não ter poder de jurisdição sobre Guantánamo.

Para fugir das armadilhas das definições legais, as autoridades estadunidenses passaram a considerá-los como "detidos", com a suspensão de todos os direitos. O Estado declarou, com isso, a excepcionalidade e o caráter extrajurídico do caso. Butler irá interpretar essa "excepcionalidade" acionando as noções de poder soberano e governabilidade de Foucault. A suspensão do Estado de

Direito aponta para a capilaridade do poder soberano, um mecanismo que o Estado aciona para reinstalar suas próprias formas de soberania.

É como se a presença do poder soberano, nas entranhas da governabilidade, trouxesse para seu interior uma excepcionalidade: o poder de morte. No Estado brasileiro, a "excepcionalidade" é estruturante do Estado. Das 726 mil pessoas em cárcere no Brasil, 292 mil (cerca de 40% do total da população carcerária) são presos provisórios que foram encarcerados, mas ainda aguardam julgamento (Ministério da Justiça e Segurança Pública, 2017). Esses dados nos mostram um paradoxo. Parte considerável dos que estão detidos continua fora da lei. Eles foram presos porque cometeram, supostamente, um crime. O Estado, no entanto, ao não lhes garantir as condições legais de um processo, os torna, outra vez, fora(s) da lei, mesmo estando presos.

Butler dirá que os detidos em Guantánamo estão numa zona de indiferenciação. Não estão mortos, tampouco vivos, porque estão fora das condições constitutivas do Estado de direito. Talvez a imagem de "zona de indeterminação", referenciada no Estado como lugar de determinação, parece sugerir uma excessiva crença no Estado de Direito Democrático. Desconfio que essa crença que atravessa os escritos de Butler seja motivada pela ausência da categoria classe social em suas análises. Parece-me complicado não analisar a relação tão íntima entre Estado e mercado, inclusive no que se refere à gestão da vida e da morte. Em tempos de selvageria neoliberal, não é possível fazer uma análise do Estado como instância autônoma.

Autos de resistência

Depois de comentar rapidamente a Lei do Ventre Livre, das detenções indefinidas no Brasil, chego a um terceiro recorte empírico: os autos de resistência. Aqui, estamos diante de outra técnica de fazer morrer, ou prática de matar, que seguirá outras "rotinas" que a diferenciam das que acontecem dentro da instituição penitenciária: os autos de resistência.

O auto de resistência foi um instrumento criado pela Ditadura Militar, em 1969, para justificar os assassinatos de opositores. A polícia alterava a cena das execuções e afirmava que tinha matado numa situação de resistência armada à prisão.

A Human Rights Watch (2009) analisou parte dos 11 mil autos de resistência registrados pelas polícias do Rio de Janeiro e São Paulo entre os anos de 2003 e 2009. O relatório conclui que parte considerável desses autos de resistência foram execuções. Estima-se que 80% dos boletins de ocorrência policial sobre autos de resistência tinham fortes indícios de abuso policial.

Essa prática policial, por sua vez, é legitimada pelo poder judiciário, por meio dos arquivamentos dos autos de resistência, o que implica uma política sistemática do Estado. Não se trata de um comportamento desviante de alguns membros da corporação. A necrobiopolítica é tentacular e sistemática. Tampouco se pode tributar essa prática reiterada à impunidade. A suposta "impunidade" funciona como uma

senha para o corpo repressivo: continua seu trabalho de limpeza do Estado-nação. Policiais justificam suas ações porque notaram "atitudes suspeitas". A expressão "atitude suspeita" tornou-se suficiente para que policiais prendam e matem. O que é uma atitude suspeita? Não é apenas "uma atitude", mas um corpo, uma pele, uma região.

Nada está mais longe do que aquela afirmação de "deixar morrer". Se, em relação à população carcerária, eu afirmei que há um conjunto de técnicas para "fazer morrer", aqui, nos autos de resistência, o objetivo é matar o mais rápido possível. As técnicas utilizadas no ritual do auto de resistência têm como objetivo a construção de uma narrativa sobre a morte. Uma narrativa com local, personagens e um enredo com início, meio e fim. Nas prisões, diferentemente, "fazer matar" não se refere a um ato único. Há um tempo de produção da morte.

A política do medo

O que garante a eficácia do necrobiopoder? Por que o Estado continua com suas técnicas de fazer morrer e de matar com tanto fôlego e as resistências não são suficientes para fazê-lo parar? Como justificar as detenções indefinidas no Brasil, os autos de resistências, as chacinas, os massacres? Por que a sociedade civil já não deu um basta e passou a exigir o cumprimento da lei? Não encontro melhor resposta do que a utilização do medo, muitas vezes potencializada, transformada em pânico como retórico estruturante do Estado. O medo é um dos elementos centrais que irá sustentar as necrobiopolíticas.

Qual seria o afeto, no sentido de Spinoza (2008), que deu as condições para a fundação dos Estados? O medo. Para Hobbes (2010), o medo está na origem da criação e da manutenção do Estado. Se o conatus, o desejo permanente de perseverar na existência, é a própria definição da vida e se a vida está a todo momento ameaçada, o efeito é a demanda reiterada por mais proteção. A servidão voluntária encontra no medo a justificativa para sua permanência.

O "perseverar na existência", conatus, não depende de mim, mas de uma força exterior: os aparelhos repressivos de Estado. Talvez essa seja uma possível chave de leitura para uma demanda pelo retorno da Ditadura Militar. A defesa do retorno da ditadura que já escutei tantas vezes, nos lugares mais banais, não se dá em torno de uma demanda por justiça econômica. Há uma imagem, por mais contraditória que seja, de uma época de paz, em que se podia andar com tranquilidade na rua porque estávamos protegidos.

Butler (2006) dirá que devemos estar atentos/as à produção do pânico como resultado de um objeto sem conteúdo. O Estado se encarregará de preencher esse vazio. O Estado vai reestruturar de forma permanente o medo, nos termos em que os interesses históricos exigirem. Ao ler os debates que aconteceram na Câmara e no Senado sobre a Lei do Ventre Livre, vê-se que as palavras que mais se repetem são "perigo" e "ameaça". O que a Ditadura Militar fez? Disseminou o medo aos comunistas.

A importância do medo para interpretar as mudanças que aconteceram no Brasil na passagem do século XIX para o

século XX é compartilhada por Richard Miskolci (2012) em seu livro Desejo da Nação. Na resenha que Pedro Paulo Gomes Pereira (2014) escreveu do livro, ele apontou: "Só para se ter uma ideia, em O desejo da nação a palavra medo aparece 50 vezes; temor/temores, 74; horror, 6; terror, 8; pânico, 23".

Atualmente, somos assombrados por espectros difusos. O suspeito, o bandido pode ser qualquer jovem que ande de camisa aberta, use boné, bermuda, chinelos e, principalmente, que seja negro. Mas esse não é o único corpo espectral. Há os baderneiros, os "invasores de terra", "os invasores de prédios públicos", "os ideólogos de gêneros", "os artistas pedófilos", os moradores de rua, as travestis. E, para conter essa turba, técnicas de vigilâncias são implementadas e desejadas. Tornamo-nos os personagens reais do livro 1984, de Orwell.

CONCLUSÃO

As reflexões apresentadas aqui ainda estão em fase inicial e fazem parte de uma agenda de pesquisa que se propõe a entender as políticas de garantia da vida e promoção da morte pelo Estado. Apressadamente, apresentei o conceito de necrobiopoder. Em outra ocasião, pretendo recuperar as críticas feitas por pesquisadores brasileiros ao conceito de biopoder, a exemplo de Pereira (2015) e Miskolci (2017).

Talvez a motivação em fazer esta pesquisa seja uma imagem que ficou tatuada em minha memória ao ler No coração das Trevas (Conrad, 2008). O horror que Mashow sentiu ao olhar

no olho dos nativos ao descer o Rio Congo. Ficou apavorado com a mínima possibilidade de que houvesse qualquer coisa em comum entre eles. Quando penso em um policial que olha no olho de outra pessoa, que implora para não morrer e escuta: "prepara-se para morrer, vagabundo", creio que, ao refletir sobre necrobiopolíticas, estou entrando numa zona de trevas cujo coração não sei onde está. Esse é meu susto: o rosto, o corpo, a pele, a língua, atributos ditos humanos, não bastam para assegurar o direito à vida."

Josué de Castro:"Geografia da Fome" e Geopolítica da Fome", "Armamentismo"

E O choro desesperado das crianças separadas dos seus pais na fronteira dos EUA

O desesperado pranto de 10 crianças centro-americanas separadas de seus pais num dia da semana passada pelas autoridades de imigração norte-americanas é algo atroz de escutar. Muitas parecem chorar com tanta força que mal conseguem respirar. Gritam repetidamente "mami" e "papi", como se fossem as únicas palavras que conhecem.

A voz de barítono de um agente da patrulha fronteiriça retumba por cima do choro. "Bom, temos uma orquestra por aqui," brinca. "Só falta o maestro." -O choro desesperado das crianças separadas dos seus pais na fronteira dos EUA

Falta maestro??? Lógico que falta. E aproveita e anota aí: a terra é plana.

Não se Condutieri era só o que faltava, já não falta mais. Nem Duce, nem palco, nem público fanático e cativo a bater palmas, nem atores; e o principal não faltam mecenas interessados em bancar e capitalizar mais uma temporada de espetáculos nazi-fascista.

Quando ele começar a colocar gente em câmaras de gás, aí talvez, só talvez, as pessoas digam, bem pode ser que ele seja mesmo capaz de cometer atrocidades que tantos anseiam. Será? Não claro que não. Não contra gente, só contra macaquitos.

Posso sair daqui pra me organizar (x2)
Posso sair daqui pra desorganizar
Da lama ao caos, do caos a lama (x2)
o homem roubado nunca se engana
O sol queimou, queimou a lama do rio
Eu vi um chié andando devagar
E um aratú pra lá e pra cá
E um caranguejo andando pro sul
Saiu do mangue e virou gabiru

Ô Josué eu nunca vi tamanha desgraça
Quanto mais miséria tem, mais urubu ameaça
Peguei um balaio fui na feira roubar tomate e cebola
Ia passando uma véia e pegou a minha cenoura
"Aê minha véia deixa a cenoura aqui
Com a barriga vazia eu não consigo dormir"
E com o bucho mais cheio comecei a pensar
Que eu me organizando posso desorganizar
Que eu desorganizando posso me organizar
Que eu me desorganizando posso me organizar.
Da lama ao caos, do caos a lama
o homem roubado nunca se engana
Da lama ao caos, do caos a lama
o homem roubado nunca se engana — Da Lama ao Caos,Chico Science & Nação Zumbi

Repentinamente, terminada a Segunda Guerra Mundial, o tabu foi quebrado e rompido o silêncio e Malthus lançado na lixeira da História. Os horrores da guerra, do nazismo, dos campos de extermínio, os sofrimentos e a fome compartilhados provocaram um extraordinário despertar da consciência europeia. A consciência coletiva se revoltou num movimento de transformação profunda da sociedade, através do qual os homens reivindicavam a independência, a democracia e a justiça social. Suas consequências foram numerosas e benéficas. Entre outras providências, ela impôs aos Estados a

proteção social às suas populações e, também, a criação de instituições interestatais, de formas de direito internacional e de armas de combate ao flagelo da fome.

Em seus Manifestos(filosóficos, traduzidos por Louis Althusser, Ludwig

Feuerbach escrevia:

A consciência, entendida em seu sentido mais estrito, só existe para um ser que tem por objeto a sua própria espécie e a sua própria essência [...]. Ser dotado de consciência é ser capaz de ciência. A ciência é a consciência das espécies. Ora, apenas um ser que tem por objeto a sua própria espécie, a sua própria essência, está capacitado para colocar-se como objeto, em suas significações essenciais, a coisas e seres distintos dele mesmo.

A consciência da identidade entre todos os homens é o fundamento do direito à alimentação. Ninguém poderia tolerar a destruição de seu semelhante pela fome sem colocar em perigo sua própria humanidade, sua própria identidade.

(...)

Saindo da longa noite do nazismo, uma evidência começava assim a se colocar, tardando anos a impor-se aos países e aos seus dirigentes: a erradicação da fome é da responsabilidade dos homens nesse terreno, não existe nenhuma fatalidade. O inimigo pode ser vencido: basta implementar um determinado número de medidas concretas e coletivas para tornar efetivo e objeto de justiça o direito à alimentação.

Já era claro, no espírito dos pioneiros do pacto, que os países não poderiam deixar a realização do direito à alimentação ao livre jogo das forças do mercado.Intervenções normativas eram indispensáveis, como: a reforma agrária em todas as partes onde reinava a distribuição desigual das terras aráveis o subsídio público aos alimentos básicos em favor daqueles que não podiam se assegurar uma alimentação regular, adequada e suficiente o

investimento público, nacional e internacional, para garantir a preservação dos solos e o aumento da produtividade (insumos, irrigação, equipamentos, sementes) no quadro da agricultura de víveres a equidade no acesso ao alimento a eliminação do monopólio das sociedades agroalimentares multinacionais sobre os mercados de sementes e insumos e sobre o comércio de alimentos básicos.

Mais que qualquer outro, um homem contribuiu para este despertar da consciência dos povos ocidentais em face da fome: o médico brasileiro Josué Apolônio de Castro(...) — Jean Ziegler, Destruição massiva. Geopolítica da fome

Um jovem recifense formou-se na Faculdade de Medicina da Universidade do Rio de Janeiro, — atual UFRJ — , em 1929, com apenas 20 anos de idade, e depois foi estagiar por alguns meses nos Estados Unidos. Então, voltou para sua terra, abriu um consultório, e pouco depois foi contratado por uma fábrica local para cuidar de trabalhadores com um estranho problema de saúde, que os tornava indolentes e apáticos. Essa incumbência mudou sua vida.

Ele não tardou a diagnosticar a doença: "Sei o que meus clientes têm, mas não posso curá-los porque sou apenas médico e não diretor dessa empresa. O mal dessa gente é fome". Em consequência, foi despedido. Mas, a partir daí, dedicou-se ao estudo dessa enfermidade, tornando-se um influente nutricionista, geógrafo, sociólogo, político, escritor e ativista do combate à fome no País e fora dele.(...) — Josué de Castro, o brasileiro mais respeitado no mundo

Armamentismo: discurso de Josué de Castro

Senhor presidente, meus amigos,

Após tão brilhante, tão instrutiva e, até certo ponto, tão encorajadora discussão como a que acabamos de ouvir nesta manhã, sobre um tema tão grave, tão denso e tão perigoso como é o tema da corrida armamentista no nosso mundo atual, não me resta quase nada a acrescentar. Apenas algumas palavras para sublinhar certos aspectos que me parecem essenciais em nossa luta pela paz, denunciando toda a extensão do perigo que pesa sobre nosso mundo devido a esta impetuosa corrida armamentista. Este perigo não está apenas diretamente relacionado com as armas de destruição em massa, que podem aniquilar toda a humanidade — como foi provado pelos homens de ciência que se ocupam do estudo da energia atômica. Bem se sabe, como foi dito copiosas vezes, que o lançamento de bombas atômicas por todas as partes do nosso mundo, de forma continuada, pode contaminar rapidamente toda a atmosfera da nossa Terra e, em pouco tempo, toda a vida será extinta da superfície do solo, — a vida humana, a vida animal, a vida vegetal — e nossa Terra será reduzida a uma carcaça morta, como um planeta lunar. E o homem, que construiu toda a civilização, que vestiu esta Terra com o manto colorido das criações humanas, que escreveu a história com o seu sangue, seu trabalho e sua energia sobre a pele da Terra, será obrigado a desaparecer e a deixar em seu lugar o nada, a ausência, o silêncio, a eternidade.

É este o perigo que pesa sobre o nosso mundo, mas não é apenas assim, desta maneira, que o perigo do armamento e o uso da energia atômica como armas de guerra pesam sobre a

humanidade; eles também pesam contra a paz de forma indireta. Porque as armas de guerra, as armas de destruição atômica, a corrida armamentista custam muito caro. Sabemos que por todas as partes o orçamento de guerra das grandes potências, para a guerra fria, como a denominamos neste momento, são orçamentos astronômicos que aniquilam a humanidade na medida em que os recursos são concentrados numa atividade negativa, numa atividade destrutiva, quando deveriam ser empregados no bem-estar de toda a humanidade. É este o ponto que vou colocar em relevo com alguns números significativos que traduzem bem, com uma eloqüência matemática, o que significa para o mundo a corrida armamentista da qual nós fazemos parte.

Bem sabemos que o maior perigo contra a paz é o desequilíbrio econômico do nosso planeta, desequilíbrio que pode dividir nosso mundo em dois mundos antagônicos, com um antagonismo maior que o físico dos dois pólos da terra, ou o econômico dos dois mundos ideológicos, o do mundo soviético e o do mundo capitalista ocidental. O que divide os homens não são as coisas, são as idéias de que eles têm das coisas, e as idéias ricas são bem diferentes das idéias pobres. Se estudamos o que se passa com o nosso mundo atual do ponto de vista econômico, podemos ver, pelos dados que foram recolhidos pela Organização das Nações Unidas, coisas aterrorizantes. No mundo atual, os 20 países mais ricos, que concentram apenas 16% da população do globo, detêm mais de 70% da renda universal e, no entanto, no outro extremo, os 15 países mais pobres do mundo, nos quais se concentram mais de 50% da população mundial, pois na pobreza existe também um excesso de pessoas, porque o quadro da pobreza é miserável e o leito da miséria é fecundo, a renda é igualmente miserável e não chega a 10% da renda total do mundo. Este contraste econômico mostra o quanto é difícil obter a paz universal sem a unidade do mundo, sem

a unificação e a compreensão integrais entre os homens, permitindo a coisa mais difícil de nosso tempo, que é a coexistência do homem com o homem.

Não se chegará jamais à paz com um mundo dividido entre a abundância e a miséria, o luxo e a pobreza, o desperdício e a fome. É preciso acabar com essa desigualdade social. O que se passa neste momento com a corrida armamentista? O que se passa, é que percebemos que a cada dia os dois grupos estão cada vez mais separados, afastam-se os pobres dos ricos, acentua-se ainda um pouco mais esta separação entre os países pobres e os países ricos, entre os países que denominamos de "bem desenvolvidos" industrialmente e tecnicamente e os países denominados "subdesenvolvidos". Se observamos tudo o que se passou, podemos confirmar este fato. Reconhece-se, por toda parte, por meio dos dados recolhidos pela organização que eu tenho a honra de presidir, a Organização das Nações Unidas par a Agricultura e a Alimentação, a FAO, que dois terços da humanidade continuam, neste momento, a viver ou, melhor dizendo, a morrer de fome, pois estas pessoas não têm alimentação adequada nem suficiente. Estes dois terços de pessoas que sucumbem à fome por toda a parte, concentram-se de forma predominante nas chamadas regiões subdesenvolvidas do mundo. Será que este mapa da fome, esta distribuição geográfica da fome, com manchas negras que envergonham a humanidade, será que estas manchas têm clareado nos últimos tempos?

Temos dados que são aparentemente encorajadores. Nos quatro últimos anos, a produção de alimento no mundo aumentou bastante. Ela aumentou numa proporção de 3% ao ano, ao passo que o crescimento da população mundial era de apenas 1,5% ao

ano; isto quer dizer que o aumento da produção alimentar corresponde ao dobro do crescimento populacional, o que demonstra não ser verdadeiro o argumento segundo o qual é impossível acabar com a fome do mundo, de acordo com um velho conceito malthusiano, para o qual o mundo deve acabar irremediavelmente em uma epidemia de fome, pois o crescimento da população se dá numa progressão mais intensa do que a progressão do aumento da produção alimentar no mundo. Isto não é absolutamente verdade. O mundo tem recursos suficientes para nutrir uma população muito mais densa do que a população atual. A natureza não é ingrata, ela tem recursos suficientes, ela é boa, ela é generosa. Aqueles que não têm sido muito generosos são alguns grupos humanos que se apoderaram dos recursos naturais e fizeram uma divisão destes recursos de forma injusta e ilegal. Mas se os dados recolhidos pela FAO nos mostra uma certa melhoria do mundo, na realidade isso não acontece, pois o aumento da produção de alimentos deu-se quase inteiramente nos países desenvolvidos; nos países da fome, no países subdesenvolvidos, a produção continua a ser insuficiente e seu crescimento não correspondente absolutamente ao crescimento da população. E não podemos mais aderir ao tipo clássico de economia das necessidades.

É preciso produzir para as necessidades humanas, é preciso produzir para os grupos que têm necessidade de qualquer coisa para manter suas condições de vida. E os níveis de vida, por esta razão, mantêm-se muito baixos, cada vez mais baixos nos países subdesenvolvidos. Isso acontece de modo mais claro e criou igualmente um grave problema nos países bem desenvolvidos. Começamos a ver retornar os problemas da superprodução, problemas do excedente de alimentos que são acumulados e com os quais não se sabe muito bem o que fazer para vendê-los aos países

pobres, que não possuem divisas em dólares para comprá-los. Então, chegamos na mesma situação de antes da última guerra, em 1930, quando os economistas reunidos numa conferência em Genebra chegaram à conclusão de que vivemos num mundo de abundância em meio à miséria. O fato permitiu a Kenneth Boulding dizer que a civilização ocidental, que todas as civilizações ocidentais sempre foram pequenas ilhas de abundância rodeadas por um oceano de miséria. Este é o nosso caso, é o que acontece hoje. É absolutamente necessário mudar este quadro lamentável. Mas não se pode mudá-lo com facilidade. E por quê? Porque os países pobres, os países subdesenvolvidos, não encontram os meios, nem toda a ajuda de que eles necessitam para sair do servilismo econômico.

Os países pobres jamais conseguem se livrar desta situação porque eles foram postos neste estado pelos imperialistas e colonialistas internacionais. Eles não são naturalmente pobres, eles foram explorados de tal maneira que se viram obrigados a se manterem pobres. Eles não obtiveram ajuda porque os capitais são sempre investidos nos países bem desenvolvidos, nas indústrias de guerra. Daí a razão pela qual temos essas relações tão perigosas entre o rearmamento, a pobreza e o subdesenvolvimento de nosso mundo. Os estudos realizados para as Agências especializadas das Nações Unidas mostraram que os países subdesenvolvidos têm necessidade, ao menos anualmente, de um fluxo de capital em torno de 15 milhões de dólares para manter um desenvolvimento regular, capaz de provocar não apenas o seu desenvolvimento técnico e o seu desenvolvimento econômico, que, a meu ver, são os meios, mas não o fim, mas o seu desenvolvimento social. São necessários 15 milhões de dólares e se olharmos as últimas estatísticas, podemos verificar que o fluxo de capital para os países subdesenvolvidos, nos últimos anos, gira em torno de 1 milhão e

meio de dólares, ou seja, é inacreditavelmente inferior ao mínimo necessário para o desenvolvimento daqueles países.

Como sair desta situação? Admito a existência de assistência técnica, existem programas de assistência técnica que trabalham para isto. Não posso negar que eles fizeram alguma coisa, isto seria uma auto-condenação — pois sou presidente do Conselho de um organismo internacional que faz este tipo de assistência técnica na área de agricultura e alimentação, embora seja muito pouco o que se tem feito. E por quê? Porque os recursos materiais, os orçamentos das instituições internacionais, que podem dar esta assistência, são inacreditavelmente ineficientes. O orçamento de todos os organismos internacionais que oferecem assistência técnica não chega a representar nem mesmo uma fração insignificante dos orçamentos de guerra das grandes potências. Vejamos um exemplo.

Tomemos o exemplo do Reino Unido, que reserva 1,65 bilhão de libras esterlinas para o orçamento de guerra. O Reino Unido coloca no programa de assistência técnica aos países subdesenvolvidos, em sua maioria colônias britânicas, apenas 40 milhões de libras esterlinas, ou seja, eles despendem para esse fim apenas 2,5% do que eles gastam com a guerra fria. Só na energia atômica, conforme nos informou o orador inglês M. Burgop, eles gastam 50 milhões de libras esterlinas, quer dizer, um pouco mais do que eles despendem em todos os programas de assistência técnica por meio dos organismos internacionais das Nações Unidas. O caso da Inglaterra não é o pior. Pois a Inglaterra, neste momento, não é a campeã do "rearmamento". De fato, ela tem a tarefa de desenvolver a economia de suas ex-colônias para fazer sobreviver o imperialismo britânico. O caso mais gritante é o dos

Estados Unidos, onde os gastos de guerra chegam à impressionante cifra de 70 trilhões de dólares. As despesas em assistência técnica não chegam a 1% dessa cifra. Então, isso exprime com clareza o quanto é difícil manter o programa de assistência técnica e que não se pode fazer com que os povos e as regiões miseráveis saiam da miséria apenas por esse meio. Não se pode, simplesmente, porque se tem encorajado por toda parte a indústria de guerra contra a produção essencial de matérias-primas dessas regiões. Algumas dessas matérias-primas são, contudo, necessárias à indústria de guerra, à ?????(buraco no texto original) à indústria da guerra atômica, dos fabricantes de guerra nos países mais desenvolvidos. Para prová-lo, temos um bom exemplo na América Latina. Sabe-se que ela não tem divisas, que não pode progredir, que não pode se industrializar, pois não pode importar as máquinas necessárias para uma industrialização moderna. Ela não dispõe de divisas porque a exportação de matérias-primas não é suficiente para manter o equilíbrio da balança comercial. O que isto significa? Talvez, que não se trabalha na América Latina, que não se produz na América Latina. Mas, se vocês olharem as estatísticas, irão constatar as seguintes coisas: que a exportação bruta, em quantidade, de matérias-primas na América Latina é muito maior do que era antes da guerra. A exportação bruta na América Latina, por pessoa, mesmo com o crescimento da sua população, é muito maior hoje do que no passado. Mas o rendimento dessas matérias-primas, proporcionalmente em relação aos preços dos produtos de importação, é muito baixo. Este exemplo traduz o imperialismo econômico e colonial que fixa preços muito baixos para as matérias-primas e muito altos para os produtos industriais, para as máquinas produzidas pelos países desenvolvidos, as grandes potências que continuam a explorar colonialmente o mundo inteiro ou, ao menos, uma grande parte do nosso mundo. Então,

isso mostra bem que não é possível fugir deste quadro senão por uma identificação dos pontos de vista, por uma união de todos os povos do mundo para reagir contra o imperialismo e o colonialismo. E será somente neste momento que poderemos estar certos de vencer a guerra contra a guerra e ganhar a paz.

É por essa razão que me parece muito estimulante que por toda parte as pessoas comecem a agir com o espírito de uma espécie de acordo para chegar a esse ponto de vista comum. Na verdade, os povos subdesenvolvidos saíram de seu estado de apatia e de passividade. Eles tomaram consciência da sua miséria. Isso foi bem exposto pelo primeiro-ministro da Índia, Nehru, ao afirmar que a fome e a miséria sempre 1. Esta lacuna consta no texto original (nota do editor). Josué de Castro e o Brasil existiram na Índia. Não se trata de nenhuma novidade, mas o que é novo é a consciência que hoje o povo indiano tem da sua miséria e a sua vontade de superá-la. Esse é o ponto essencial. Os povos coloniais têm consciência de que a miséria e a fome não são fenômenos naturais, que são uma criação humana, um produto da injustiça social, o produto de uma estrutura socioeconômica que jamais investiu no bem-estar da coletividade porque ela se construiu a partir do interesse exclusivo de uma minoria que explora o mundo ou, como afirmou nesta manhã um orador francês, a partir do interesse de construtores de calamidades, dos aproveitadores do sofrimento humano.

Não quero me estender, pois já é tarde. Quero apenas fazer um apelo: o Conselho Mundial deve apoiar a resolução tomada há alguns dias em Londres para uma reunião de homens de ciência, convocados pela Organização Mundial dos Parlamentares visando à estruturação de um governo mundial, para a qual eu tive a honra

de ser convidado. Eles chegaram à conclusão de que era muito difícil, neste momento, fechar um acordo sobre o controle internacional da energia atômica. É ao menos necessário que se crie um Conselho Mundial de Homens de Ciência para denunciar ao mundo o perigo da energia atômica sob todas as formas. É preciso agir com urgência para evitar o aniquilamento do nosso mundo, e acatar esta resolução é o mínimo que se pode fazer. Quanto ao modo como devemos agir, nós ainda não sabemos. Mas é preciso começar a agir. E isso é necessário, pois não temos uma grande esperança nos homens da política, nos políticos. Talvez porque o problema já tenha saído de suas mãos!

Quando se perguntou a Einstein por que se iniciou a construção da bomba atômica com relativa facilidade, quando encontramos tanta dificuldade para o seu controle, ele respondeu que talvez tenha sido porque a política é muito mais difícil do que a física. Então, como a política é tão complicada, comecemos pelo mais simples, pela ação dos homens de ciência. E os trabalhadores da ciência, os intelectuais, os homens de idéias, os homens de boa vontade de todas as partes devem se reunir para lutar contra o perigo que ameaça nosso mundo. Há dois caminhos à nossa frente: o caminho do pão e o caminho da bomba. É preciso escolher rápido. Eu quero simbolizar pelo caminho do pão, este da justiça social, para dar pão a todas as pessoas do mundo, evocando o banquete da Terra para os dois terços que estão à margem, que não recebem senão em alguns intervalos algumas migalhas da mesa dos ricos. É preciso que nosso mundo nos integre verdadeiramente. Eu acredito que já é passado o tempo em que as pessoas pobres podiam se conformar segundo a frase das Escrituras: "Aos pobres é reservado o reino dos céus". Agora, devemos pensar que aos pobres deve também ser reservado o reino da Terra, pois a Terra é para todos os homens e não só para um

grupo de privilegiados. E se não trabalharmos por toda parte com energia, para nos desviarmos do caminho da bomba, seremos uma vez mais expulsos da Terra, perderemos não apenas o reino dos céus, mas também o reino da Terra. — Armamentismo (discurso), Josué de Castro

> ***Pobre Josué…. acreditava que comunidades cientificas e acadêmicas não eram classes políticas e que as Organizações das Nações Unidas, eram organizações de povos e nações e ativistas sociais e não de Estados, governantes e tecnocratas. Organismos que seria prontamente esvaziada e abandonada no exata instante que não cagasse mais, educada, polidamente e obedientemente, as regras das potências.***
>
> ***EUA abandona Conselho de Direitos Humanos da ONU***
>
> *Os Estados Unidos se retiraram do Conselho de Direitos Humanos da ONU nesta terça-feira, chamando o órgão de "latrina"…*
>
> *www.em.com.br*
>
> ***Organismo que vai morrer exatamente pelo mesmo método que se mata essas populações quando elas não servem mais aos seus interesses, morte por inanição financeira e falência dos órgãos. E nas mãos da mesma geopolítica que desenha a geografia e mapeia o mundo via industria da fome, da guerra e da doença, até chegar a solução final, a morte, mas não antes sem passar por todos os processos de dessa linha de destruição em massa primeiro. A saber: o extermínio pelo êxodo, e pela marginalização nos guetos, mas pode chamar de migração e favelas.***

Refugiados e a técnica de extermínio pelo êxodos e migrações

Por quase três décadas, de 1895 a 1922, episódios de perseguições, assassinatos em massa e deportações se sucederam em diferentes regiões da Turquia. Mas é a partir de 24 de abril de 1915 que teve início uma desenfreada matança que, em semanas, provocou a morte de 1,4 milhão dos 2,1 milhões de armênios, de acordo com dados do Patriarcado Armênio. É como se apenas os moradores do Nordeste sobrevivessem a um massacre que trucidasse os brasileiros.

Jovens turcos

A matança dos armênios soa ainda mais absurda pelo fato de essa nacionalidade ser parte integrante do dia a dia do então Império Otomano, que englobava, além da Turquia e Armênia, partes do Líbano, Síria, Iraque e Palestina. Embora tivessem seu próprio país, e alguns entre eles reivindicassem sua autonomia, há vários séculos os armênios viviam nas cidades do império. Eram funcionários públicos, professores, policiais, comerciantes, jornalistas, soldados do Exército, médicos, sapateiros, advogados, donas de casa e artistas, que dividiam sua vida diária com os vizinhos turcos. Contra eles se ergueu principalmente o panturquismo, o nacionalismo radical defendido pelos Jovens Turcos, vertente política que havia tomado o poder no Império em 1908.

À frente do governo dos Jovens Turcos estavam três paxás. Entre eles, Mehmed Talaat Pasha foi o mais ativo idealizador e executor do genocídio. Foi ele, ainda no posto de ministro do Interior, quem ordenou, no fatídico 24 de abril de 1915, a prisão e a execução de

250 intelectuais e líderes armênios que viviam na então capital Constantinopla (a atual Istambul). Entre eles estava toda a redação do jornal Azadamart, o principal órgão de comunicação em língua armênia no império.

Cinco semanas depois, Talaat proporia a Lei de Deportação Temporária, que seria a luz verde para o grande genocídio que, de resto, já vinha sendo gestado desde outubro do ano anterior, quando os otomanos entraram em guerra contra a Rússia e perderam de maneira espetacular sua primeira batalha.

Como parte do povo armênio vivia em território russo, o governo dos Jovens Turcos colocou todos no mesmo saco e acusou os armênios de traírem a Turquia.

***Tal argumento seria usado ao longo dos anos para justificar o genocídio como consequência dos combates da Primeira Guerra, e não uma matança planejada. Mas uma das provas apontadas pelos armênios de que em Constantinopla o genocídio fazia parte de um plano elaborado é "uma medida insólita" tomada pelo governo: todos os soldados e policiais armênios a serviço do império foram desarmados. "As consequências dessa medida são fáceis de imaginar, procura-se prevenir assim qualquer resistência à execução que virá", escreveu o teólogo brasileiro Aharon Sapsezian autor de* História da Armênia — Drama e Esperança de uma Nação.**

E o que veio foram ordens de Constantinopla, "seguindo um programa preciso", conforme esclarece relatório elaborado pelo Tribunal Permanente dos Povos, de deportar os moradores das

províncias da Armênia. Para onde? Não se sabia e não importava. Tinham de deixar o país. A elaboração do plano ficou a cargo do Comitê União e Progresso, em Constantinopla, que fornecia armas, veículos e apoio à SO, ou "organização especial", que executava as ordens. A SO tinha poderes para demitir os funcionários que não concordassem com as medidas contra os armênios.

Deportações

As ordens de deportação eram anunciadas publicamente, as famílias tinham dois dias para juntar seus pertences. Padres, políticos e jovens armênios eram obrigados a assinar confissões forjadas e em seguida executados.

Idosos, mulheres e crianças tinham, no início do genocídio, direito a serem transportados em comboios. Depois, atravessavam a pé o deserto da Mesopotâmia, onde é hoje o noroeste do Iraque. Há relatos de que barcos repletos de armênios eram afundados no Mar Negro e Rio Tigre. Nas aldeias remotas, onde havia poucas testemunhas, foi muito pior. Mulheres eram estupradas, crianças, crucificadas e milhares enforcados ou decapitados por soldados do Exército, policiais e membros da SO. Com seus proprietários expulsos, as casas eram vendidas, os pertences saqueados. Outras vezes, queimavam-se as residências com os moradores dentro.

A caminho dos campos de concentração em Alepo, hoje cidade síria, mulheres e crianças andavam em fila e, ao seu lado, um soldado carregava objetos que lhes roubou. Não havia água ou comida para todos. Milhares andavam até cair e morrer magros

como esqueletos. Raros são os descendentes de armênios que não tiveram bisavôs, avôs, pais ou mesmo irmãos assassinados.

A diáspora espalhou armênios por todo o Ocidente. O Brasil é um dos países que receberam grande número de imigrantes. "Sou filha da diáspora", diz Sossi Amiralian, doutora em Literatura Armênia pela USP, nascida no Líbano, onde a família havia se refugiado. "Meus pais viveram o genocídio de perto. Os dois perderam seus pais", conta. O avô paterno de Sossi, Levon Amiralian, era influente na cidade de Marach. Pelo lado materno, Mardiros Kehiaian vivia em Adana. As duas cidades foram especialmente atingidas pelos genocidas. "Não conheci meus avós, foram decapitados quando meus pais ainda eram crianças."

Joias costuradas

O pai de Sossi, Garabad, e a avó dela tiveram sorte, seu tio-avô tinha amizade com algumas autoridades turcas que se apiedaram da família e lhes providenciaram transporte seguro. Não fosse isso, afirma Sossi, não haveria como resistir aos turcos. "Os armênios não tinham armas; minha avó contava que para defender seus filhos deixava permanentemente uma panela de água fervente com pimenta sobre o fogão. Caso fosse atacada lançaria aquela mistura nos soldados."

Outras mães não tiveram nem mesmo a oportunidade de tentar se defender. Flora Kuyumjian demorou décadas até conseguir contar para seus netos como foi o ataque à sua casa. Depois de agarrarem seu marido, Minas, e o levarem para fora, degolaram seus dois filhos diante dos seus olhos. O bebê recém-nascido que estava em

seus braços lhe foi tomado e afogado na bacia de água na qual lavava a roupa. "Ela levou um golpe no pescoço e desmaiou, quando acordou estava boiando no mar e foi recolhida por uma família de turcos que a tomaram como escrava, para cuidar da sua filha", conta a diretora de arte Moema Kuyumjian, sua neta. Flora não ficou mais do que dois dias junto com os seus algozes. Cristã convicta, como a grande maioria dos armênios, fugiu atormentada pela ideia obsessiva que vinha à sua cabeça de matar por vingança a criança sob os seus cuidados.

Se não tinha sobre o fogão uma panela de água fervente para defender-se contra seus agressores, Flora tomara outros cuidados para enfrentar aquele genocídio que se anunciava havia algum tempo. Na barra da sua saia, costurou as poucas joias que possuía. Foi com elas que subornou um soldado turco para chegar à Síria. Ali, mendigou e sobreviveu comendo restos de feira. Um dia encontrou-se por acaso com o marido, Minas, também vagando como pedinte.

Flora lembrava que seu sofrimento a havia feito tão dura que não chorou nem se emocionou. Com o tempo, tiveram outros dois filhos. "Ela os batizou Arthur e Eduardo, que foi o meu pai", diz Moema. "Os mesmos nomes dos dois filhos assassinados pelos turcos." Da Síria, Minas e Flora passaram ao Líbano, onde a família conseguiu passaportes. Vieram para o Brasil e se estabeleceram em São José do Rio Preto, São Paulo, em 1926.

Sem reconhecimento

(...) O governo turco tem dificuldade em admitir publicamente que houve, em 1915, um genocídio planejado e conduzido oficialmente, semelhante ao Holocausto que foi promovido pelo governo nazista alemão contra os judeus na Segunda Guerra. Entre os argumentos oficiais está o de que o êxodo e a morte de centenas de milhares de armênios seria um efeito colateral das batalhas e da divisão europeia na Primeira Guerra. Os defensores de que de fato houve um genocídio liderado pelo governo do Império Otomano alegam, e divulgam, o conteúdo de comunicação do governo instruindo sobre como deveria ser feita a eliminação dos armênios.

Em seu* História da Armênia, *Aharon Sapsezian cita o livro* Memórias, *escrito pelo jornalista armênio Naim Bey, que, segundo Sapsezian, era o responsável por receber em Alepo seus compatriotas refugiados. O jornalista reproduz em seu livro, publicado em 1920, documentos oficiais que teriam sido enviados pelo ministro do Interior, Talaat Pasha, ao prefeito de Alepo. Um deles: "O governo decidiu exterminar os armênios habitantes na Turquia. Aqueles que se opuserem a essa ordem e decisão não poderão integrar o quadro governamental. Sem nenhuma consideração, nem mesmo pelas crianças, mulheres ou pelos enfermos, por mais trágicos que sejam os meios de exterminação utilizados, e sem se deixar levar pelos apelos da consciência, é preciso pôr termo à sua existência".- Genocídio Armênio: Um outro holocausto

Marginalizados e a técnica dos guetos e favelas

A criação do gueto — novembro de 1940

A perseguição aos judeus é iniciada imediatamente, apesar dos comandantes da Wehrmacht terem assegurado aos líderes comunitários que não havia o que temer. Decretos após decretos são promulgados, todos visando humilhar, isolar e minar a capacidade de sobrevivência judaica.

Uma das primeiras providências para garantir a implementação de suas ordens é a criação, em Varsóvia e em outras cidades, do* Judenrat*2, um Conselho Judaico que seria dirigido por Adam Czerniakow, de outubro de 1939 até seu suicídio, em 23 de julho de 1943. No diário que manteve até seus últimos momentos, ele revela que os* Judenrat *funcionavam em um ambiente de incerteza, violência e falta de poder.

Devido aos interesses conflitantes entre a administração civil alemã, o exército e as SS, o Conselho Judaico consegue atrasar a criação do Gueto por um ano.

No dia 12 de outubro de 1940, eles recebem a notificação nazista sobre a delimitação de um "bairro residencial judaico em Varsóvia". Era* Yom Kipur *— os nazistas tinham uma "predileção" por infligir os maiores castigos nos dias mais sagrados do calendário judaico. Dos 375 mil judeus que viviam na cidade, cerca de 140 mil não residiam nas áreas delimitadas. Os nazistas deram prazo até o final de outubro para a transferência para o Gueto. Um terço da população de Varsóvia seria encurralada numa área de quatro quilômetros quadrados...

Em 15 de novembro o Gueto é lacrado e cercado por um muro alto; suas portas de saída vigiadas por homens armados. Nenhum judeu

poderia entrar nem sair, a não ser para os trabalhos forçados, a deportação ou ser enterrado. Para tentar entender a nova realidade com que os judeus se defrontavam, temos que ter em mente que o gueto nazista era um mundo por si só. Os nazistas haviam cortado qualquer meio de comunicação com o mundo exterior. Era uma situação além de qualquer imaginação: as pessoas tentavam levar uma vida "normal" para não enlouquecer ou perder as esperanças, ainda que as ruas estivessem cheias de cadáveres.

(...)

Apesar do combate diário à degradação e desumanização, não havia uma resistência armada. Todos as lideranças — do* Judenrat*, da comunidade paralela, dos movimentos juvenis, concordavam em um ponto: enquanto houvesse possibilidade de sobrevivência, a prioridade era salvar vidas ainda que de uma minoria. Sabiam que um ato de violência provocaria a morte de dezenas ou centenas de judeus, e, talvez a liquidação "prematura" do Gueto.

(...)

Até que se dessem conta de que os nazistas visavam a aniquilação judaica, a preocupação dos movimentos juvenis era manter a vida e a dignidade dos jovens. Seus integrantes se reuniam em refeitórios e bibliotecas mantidos pela comunidade paralela. Foram criadas células subterrâneas e estudados os meios de romper o isolamento imposto pelos nazistas. Os esgotos, única via de saída do Gueto, foram "mapeados" após dezenas de jovens terem morrido sufocados ou afogados. À custa de outras dezenas

de vidas, estabeleceram contatos com outros guetos através de **couriers**, *em sua maioria mulheres ou jovens sem traços judaicos. A imprensa underground, dirigida pelos movimentos juvenis e partidos políticos, desempenhou papel crucial no preparo dos habitantes do Gueto para o levante armado. Seus jornais foram os primeiros a noticiar os assassinatos em massa em Treblinka, Sobibor, Chelmno e Maidanek.*

A "Solução Final"

A invasão da União Soviética, em junho de 1941, deu início ao processo de matança sistemática executada pelos **Einsatzgruppen**. *Apesar do "muro de silêncio" erguido pelos alemães, chegam a Varsóvia as primeiras notícias sobre o que ocorria com a população judaica em Mielec, Lublin e Vilna.*

(...) As informações sobre campos de extermínio também chegam a Varsóvia. Dois judeus, após fugir do campo de Chelmno, revelam que os nazistas estavam assassinando judeus em câmaras de gás. Era difícil acreditar e, mais difícil ainda, assimilar a terrível verdade. O testemunho de um deles, tomado por um membro do **Oineg Shabbes**, *o grupo de Ringelblum, é transmitido para Londres, onde ficava o Governo Polonês no Exílio.*

Os líderes do movimento clandestino, no entanto, já não nutriam ilusões sobre as intenções nazistas e compreenderam que a estratégia de não-provocação que vinha sendo adotada ajudava os planos dos nazistas. Sionistas e comunistas se unem para formar o Bloco Anti-Fascista (AFB), de combate. Mordechai Anielewicz, do Hashomer Hatzair, era um dos líderes.

A Grande Deportação

(...) Estavam corretas as avaliações dos judeus de que aquelas ações prenunciavam uma nova etapa. No início de julho, Heinrich Himmler, comandante das SS, despacha aos comandantes em Varsóvia a ordem de "reinstalação" de toda a população judaica até dezembro de 1942.

A primeira fase da grande "*Aktion*", a deportação em massa dos judeus de Varsóvia, tem início na noite de 22 de julho de 1942, véspera de 9 de* Av*, dia de luto para o Povo Judeu. Prossegue durante sete semanas. Os nazistas avisam ao* Judenrat *que "os judeus, sem distinção de idade ou sexo, salvo exceções específicas, serão deportados para o Leste". Apenas seriam poupados aqueles que trabalhavam no Gueto em indústrias alemãs ou os membros do* Judenrat*. Ao receber a intimação, Czerniakow se suicida, como vimos acima.

Milhares são levados diariamente ao ponto de reunião, a* Umschlagplatz*, onde aguardam para serem jogados, sem água ou comida, nos vagões dos trens de gado. Em 7 de agosto, os nazistas levam as 200 crianças do orfanato do Dr. Janus Korczak. Apesar da possibilidade de se salvar, o grande educador não abandonou "suas crianças". Marchou à frente dos órfãos, juntamente com sua equipe, até os trens da morte.

Na época, o percurso entre Varsóvia e Treblinka, cerca de 78 km, levava quase 12 horas. Ao chegar, os judeus eram atirados dos vagões, enfileirados, para passar por um portão, sobre o qual pendia a cortina da Arca Sagrada da Grande Sinagoga de Varsóvia

e onde se lia "Por estes portões passam os justos". Em 12 de setembro as deportações cessam. De acordo com dados nazistas, 235.741 pessoas haviam sido enviadas ao campo de extermínio de Treblinka. Dez mil morreram nas ruas do Gueto e 12 mil foram enviadas a outros campos de trabalhos forçados.

A rapidez e rigor da grande deportação surpreenderam os movimentos juvenis e o Bund, deixando-os sem ação. (...)

No final de 1942, dos 380 mil judeus que viviam no Gueto restavam apenas 70 mil. Ironicamente, a vida se tornara mais fácil. Os sobreviventes das deportações eram os mais jovens e fortes. Não havia mais crianças, idosos ou doentes. Porém, os que haviam ficado eram atormentados por um sentimento de culpa por terem sobrevivido, permitindo que sua família fosse levada sem qualquer tentativa de oposição. Um ódio profundo e um grande desejo de vingança os corroía. A desesperança torna-se pré-requisito para a resistência. Os nazistas não tinham conseguido levá-los, mas logo voltariam. E, dessa vez, pagariam caro pela vida de cada judeu.(...)

No entanto, os nazistas continuam com as deportações, conseguindo matar ou colocar nos trens de 5.000 a 6.500 judeus.

A ação final contra o Gueto se inicia em 18 de abril de 1943. O plano era apresentar Varsóvia como "Judenfrei" (livre de judeus) no dia 30 de abril, aniversário de Hitler. (...)

Mas, após uma semana de luta ininterrupta, a situação se torna insustentável para os combatentes. Haviam sofrido poucas baixas, mas estavam exaustos — combatentes e judeus. O fogo consumira

as reservas de alimento e os escombros entulhavam a maioria dos poços de água do Gueto. E, o pior, a munição chegava ao fim.

O último dos principais focos de resistência era o* bunker *de comando da rua Mila 18, onde estavam baseados 120 combatentes. Em 8 de maio, os alemães bombardeiam sua entrada durante duas horas, mas como os combatentes não se rendiam, injetam gás venenoso dentro do* bunker*, pelos bueiros dos esgotos. Um dos combatentes descobre uma saída oculta; mas poucos conseguem escapar. Os outros, pouco a pouco, morrem sufocados pelo gás, ou dão cabo da própria vida. (...)

Em 12 de maio, Shmuel Zygelboym, representante do Bund no Governo Polonês no Exílio, se suicida. Deixa uma carta na qual diz que apesar de a culpa pelo Holocausto ser dos alemães, nem a resistência polonesa, o Governo polonês ou os aliados tinham feito o necessário para evitar a matança dos judeus. Ninguém os havia ajudado. Os habitantes de Varsóvia, indiferentes, assistiram o Gueto arder, seus moradores saltando pelas janelas. (...)-
HOLOCAUSTO — O Levante do Gueto de Varsóvia

Um Exemplo do século XXI

Há um genocídio em curso no mundo e — por ignorância, indiferença ou desinteresse — não se vislumbra esforço para o travar. Manifesta-se há décadas, como água a ferver em lume brando. No centro dessa ebulição está o povo rohingya, a minoria muçulmana de Myanmar (antiga Birmânia), que, ano após ano, tem vindo a ser despojada de direitos, dignidade e perspetiva de sobrevivência.

Para as Nações Unidas e a comunidade internacional em geral, a perseguição aos rohingya atingiu contornos de "limpeza étnica" — a expulsão de um grupo de determinada região. Organizações internacionais no terreno vão mais longe, denunciando um processo de "genocídio" — a destruição completa de um grupo.

"Uma campanha brutal de violência, violações em massa e a destruição parcial ou completa de mais de 350 aldeias forçaram 700 mil rohingya a procurar refúgio no Bangladesh desde 25 de agosto de 2017. Foi o êxodo humano mais rápido desde o genocídio do Ruanda", diz ao Expresso, desde Rangum, a neozelandesa Alicia de la Cour Venning.

Esta investigadora da Universidade Queen Mary, de Londres, assenta convicções em visitas aos campos de refugiados e nos relatos de sobreviventes do terror orquestrado por forças do Estado birmanês, com a cumplicidade das autoridades de Arracão (estado costeiro também conhecido pelas designações inglesas Rakhine ou Arakan) — de onde têm fugido os rohingya — , monges budistas e ativistas da sociedade civil.

"Temos provas de que este genocídio foi planeado", diz a investigadora da Iniciativa Internacional para os Crimes de Estado (ISCI, sigla inglesa). "As execuções, violações e a expulsão do povo rohingya foram concebidas como estratégia de longo prazo por parte do Estado birmanês." Um longo "processo de engenharia social", por fases, que começou com a estigmatização da comunidade e continuou com o seu enfraquecimento gradual e sistemático visando a sua extinção total.

ESTIGMATIZAÇÃO

Os rohingya enfrentam perseguições há gerações, mas o seu processo de desumanização escalou irreversivelmente a partir de 1982, quando uma nova Lei da Cidadania os excluiu da lista de 135 minorias oficialmente reconhecidas. Passaram a ser "os outros", bodes expiatórios úteis em contextos de crise. Essa segregação confirmou-se aquando da realização do último censo, em 2014, em que apenas puderam participar os rohingya registados como "bengalis" — entre os birmaneses, são vistos como imigrantes ilegais.

Em Myanmar, "rohingya" é palavra proibida. "Julgo que decorre de rohang, que é a palavra bengali para Arracão", explica ao Expresso Justin Watkins, professor de língua birmanesa na Universidade de Londres. "Quererá dizer 'povo do Arracão', que é uma das razões por que não são aceites pelo Governo."

Na segunda-feira, o secretário-geral da ONU, António Guterres, afirmou-se "chocado" após o general U Min Aung Hlaing, chefe de Estado-maior do Exército birmanês, se ter referido aos rohingya como "bengalis", sem "características ou cultura em comum com as etnias de Myanmar". Em 2009, as palavras de outro general teriam merecido condenação mais vigorosa... após comparar a "pele clara e macia" do povo de Myanmar e a tez "castanha escura" dos rohingya, Ye Myint Aung, em missão no consulado birmanês de Hong Kong, descreveu-os como "ogres horríveis".

ASSÉDIO

Em paralelo com a privação de direitos, os rohingya têm sido alvo de campanhas de intimidação que levam, com frequência, ao acendimento do rastilho da violência. À semelhança das fases iniciais do genocídio no Ruanda, quando se espalhou na rádio o medo e se alimentou o ódio contra os tutsis, chamados "baratas", "serpentes" e "diabos que comem os órgãos vitais dos hutus", esse tipo de propaganda teve eco em Myanmar, com órgãos de informação estatais a retratarem os muçulmanos como "pulgas humanas detestáveis".

Também proeminentes monges budistas contribuíram para essa demonização. "Os muçulmanos são como a carpa africana: reproduzem-se depressa e são muito violentos, comem os da própria espécie", defendeu Ashin Wirathu. Em 2013 foi capa da revista "Time" com o título: "O rosto do terror budista".

Do assédio físico e psicológico às políticas públicas discriminatórias, os rohingya foram acumulando frustração e desespero. O surto mais recente de violência rebentou a 25 de agosto de 2017, depois de rohingya armados terem atacado postos da polícia, matando 12 agentes. A retaliação fez-se sentir ao estilo de uma punição coletiva: aldeias inteiras foram queimadas e quem tentou pôr-se a salvo foi alvejado. Em serviço nos campos do Bangladesh, os Médicos Sem Fronteiras denunciaram, em outubro, que metade das violações ocorridas durante a fuga dos rohingya envolvia menores.

ISOLAMENTO

O pesadelo dos rohingya começa, desde logo, na região onde vivem. Encurralado entre o golfo de Bengala e a cadeia montanhosa de Arakan Yoma, o Arracão é dos estados mais pobres de Myanmar. Para os seus 3,2 milhões de habitantes — 2,1 milhões de budistas e mais de um milhão de muçulmanos — , ir à escola ou ao médico é mais difícil do que no resto do país.

Excluídos da sociedade e alvo de violência organizada, os rohingya foram sendo encurralados em "áreas de segurança", que mais não são do que campos de detenção, "uma espécie de regime de apartheid que não lhes permite estudar, trabalhar, casar, viajar ou professar a sua religião", explica ao Expresso Daniela Nascimento, professora de Relações Internacionais na Faculdade de Economia da Universidade de Coimbra. Ali vivem dependentes da ajuda do Programa Alimentar Mundial e dos Médicos Sem Fronteiras.

De tempos a tempos a violência empurra-os na direção da fronteira. Em janeiro de 2017 foi conhecido um plano polémico do Governo do Bangladesh para recolocar dezenas de milhares de rohingya na ilha de Thengar Char, no golfo de Bengala. É que a ilha é inabitável: remota, vulnerável a inundações e um paraíso para piratas.

Sem espaço para se mexerem, crianças rohingya aguardam por uma refeição quente, no campo de refugiados de Palong Khali, no Bangladesh

ENFRAQUECIMENTO

Acantonados em guetos e impedidos de circular livremente, os rohigya vivem em situação de grande fragilidade: sobrelotação, subnutrição, epidemias, falta de cuidados de saúde, violência, tortura e assassínios esporádicos. Fugindo da perseguição e da miséria, em 2015, milhares lançaram-se ao mar de Andamão em "caixões flutuantes", como a ONU designou os barcos. Andaram semanas à deriva, disputando comida e bebendo urina, sem que nenhum país abrisse fronteiras para os acolher. Muitos morreram afogados ou famintos, outros acabaram nas mãos de traficantes.

EXTERMÍNIO

Corresponde à matança final. A ela escaparam, por agora, os rohingya que conseguiram chegar ao Bangladesh mas alimentam o sonho de regressarem à terra que consideram sua. A 23 de novembro passado, os governos do Bangladesh e de Myanmar assinaram um acordo de repatriamento para ser concretizado em dois anos. "A não ser que haja uma mudança real das condições de acolhimento e integração no país, creio que se manterão elevadas as probabilidades de continuação das políticas de perseguição, exclusão e segregação dos rohingya", diz Nascimento. Com a agravante de que, como na Alemanha nazi ou no Ruanda, a população birmanesa está "virada" contra os rohingya e pouco recetiva a tê-los de volta. Restará às autoridades procurar uma "solução final".

REPRESENTAÇÃO SIMBÓLICA

A denúncia foi feita este mês pela Amnistia Internacional, que a comprovou com imagens de satélite: no norte do Arracão, onde

existiam aldeias rohingya, há agora terrenos arrasados por bulldozers e edifícios em construção. "O Governo está a tentar redesenhar a paisagem social da região, apropriando-se de terras 'abandonadas' pelos rohingya, gado e propriedades, estabelecendo novas zonas económicas e destruindo as casas que restam, estruturas religiosas e até vegetação, tornando a paisagem irreconhecível, para impedir o regresso dos rohingya às suas terras de origem", conclui Venning. "No lugar onde viveu uma próspera comunidade rohingya o Estado está a criar novas infraestruturas militares, residenciais e económicas e a alterar a demografia, transferindo populações budistas do centro para o norte." Eliminando a memória de como os rohingya um dia ali viveram.-

> ***Não, as semelhanças não são mera coincidência. São a repetição de padrões, uma mesma mentalidade supremacista anciente em diferentes etapas de um mesmo sistema de produção e suas crises econômicas e humanitárias cíclicas e inerentes. etapas de processos em escala industrial do capitalismo estatal, ou melhor, Estadismo de Capital. Um processo que pouco importa se foi cuidadamente premeditado planejado desde o princípio ou apenas foi escalando até ser racionalizado e sistematizado na fabricação das soluções finais, o resultado no final é mesmo. Em que ponto o racismo, supremacismo e fanatismo latente assumiu o controle e poder; em que ponto os valores e instintos solidários já precarizados pelo culto ao poder de tudo que é capital, nacional e divino foi definitivamente amputados e substituído pelo xenofobia, ódio, e desprezo totalitário a vida humana alheia; em que ponto a inversão de valores e instintos gregários naturais foram completamente suprimidos por sentimentos e racionalizações fundamentalista messiânicas,***

pelos culto a deuses, estados e riquezas e suas identidades e lideranças nacionais, religiosas e comerciais. Isso que é relevante como profilaxia, é absolutamente irrelevante no meio do processo já em curso, ou do altíssimo risco e probabilidade dele tomar esses curso se continuar fingindo que tudo é e continua normal não importa o que aconteça.

A questão não é ficar tentando adivinhar até onde eles são capazes de chegar, supondo em qual etapa eles vão parar ou não. A questão é que nós que não somos brancos, somos macaquitos, fruto do pior pecado para os puritanos higienistas, a miscigenação, obvio que não por causa do estupro, mas por causa da mancha no raça.

Seja nas fronteiras da Europa com a Africa, da America do Norte com a Latina mais, Nos fronteiras do Ocidente com o Oriente, ou entre os muros que dos burgos e as favelas brasileiras o que estamos assistindo não é só uma crise humanitária, mas mais uma etapa da expansão imperial e colonial do capital que acelera ou desacelera a sua industria economia de canibalização dos não tão brancos, não tão humanos, não tão ao centro, não tão grandes, mas ao contrário dos bancos e estados e igrejas pequenos demais, impotentes para merecer sobreviver, aos adoradores de grandezas, potencias e totalidades, tão pequenos, invisível quanto tudo que é fundamental e real e vivo, simplesmente indivíduos, seres humanos.

O holocausto patriarcal do capitalismo estatal

Viver crendo no fim do mundo, mesmo quando se vive num apocalipse é como caminhar olhando para o céus para ver se não seremos atingidos por um asteroide, uma vaca, um suicida ou um até mesmo um cocô na cabeça. Eventos altamente improváveis, e que matam pouco mais gente que ataques de tubarão, dizem.

Porém, o extremo contrário, viver supondo que nada vai acontecer, ou pior, que nada está acontecendo, pode gerar um falsa sensação de estabilidade e segurança tão perigosa quanta a própria paralisia ou fatalismo.

Temos uma tendência epistemológica muito útil de crer que os eventos que assistimos cotidiana e regularmente irão continuar a se repetir com a mesma regularidade. Acreditamos por exemplo de forma muito natural e saudável que o o sol vai nascer amanhã. Essa pressuposição é uma aposta em probabilidades tão altas que mal percebemos que não é uma certeza, mas uma das melhores apostas da vida.

Mas hoje já se sabe que haverá uma geração de "azarados" que não terá a mesma sorte. Existem até aqueles que podem se dar ao luxo de pensar no fim do mundo... daqui alguns lhões de anos, mas da não é muito diferente do fim de cada vida particular. fim dos tempos não é só completamente relativo mas absolutamente assimétrico.

Na verdade, a última geração sem sorte que encontra a extinção é sempre aquela que não pode escapar da sua sina, seja ela natural ou provocada por seus seus semelhantes. O ultimo dos moicanos é sempre apenas o filho das famílias, povos e classes trucidadas e

expropriadas. Seja um povo em extinção, seja uma especie inteira, a geração derradeira, os últimos de uma gene, são sempre os filhos daqueles que já viviam no limiar da sobrevivência e de certa forma já estavam apenas no corredor da morte da sua extinção.

Para eles discutir a sobrevivência "astroplanetária" da especie é algo completamente absurdo. Uma sensação de absurdo derivada do saber que não se estará vivo até lá, mas de que sequer seus seus descendentes estarão.

Na verdade o fato de cientistas e estadistas do primeiro mundo poderem se dar ao luxo de debater com seriedade a colonização de outros planetas enquanto enquanto ainda lutamos contra a fome e a guerra e a devastação natural não é apenas sintomático das desigualdades, mas do tipo de homem que pretende continuar prevalecendo a custa da seleção assassina dos demais.

Esta hipótese, do holocausto capitalismo, pode não ter sido formulada sobre nenhuma base científica, mas não tem nada de conspiratória. Não precisa recorrer a nenhum grupo de conspiradores mundiais se reunindo secretamente para dominar o mundo. Ao contrário, prevê que mesmo que houvesse pessoas se reunido para por um fim nisto não seriam capazes, não sozinhas de fazê-lo.

(...)pouco importará por exemplo se a desigualdade de riquezas continua a aumentar ou diminuir a diversidade genética não deixará de aumentar a sua variedade com o aumento da população. Porém se (...) o capital atuar mesmo como uma ferramenta de eugenismo (negativo e positivo) a diversidade após

um dado período de tempo ao invés de naturalmente aumentar por miscigenação (afinal somos seres sexuados) não apenas terá diminuído, como os genes dos clãs predominantes, isto é, daqueles que detém o capital estarão presentes em todas as demais classes sociais enquanto os dos antepassados dos atuais pobres e miseráveis e empregados estarão praticamente extintos.

Claro que estou menosprezando que o fato de o patriarcalismo é um cultura de estupro em sentido forte, isto é, de assassino dos homens dos povos dominados e estupro das mulheres, mas a tendencia é que os descendentes dos machos primogênitos serão os próximos povoadores do mundo, e seus irmãos e irmãs mais novos os seus próximos escravos e futuros povos e famílias extintas do mundo.

Logo, (...)as classes dominantes de dentro de um determinado território dominado, são em geral os herdeiros dos primogênitos masculinos das classes mais abastadas do passado. Enquanto os descendentes dos irmãos mais novos, sobretudo, do sexo feminino tendem a decair a classe servil, mas só enquanto são considerados empregáveis e sua gene é tolerada enquanto o custo da sua exploração não for maior que a manutenção da vida servil dessas população. Neste ponto, simplesmente se elimina o custo com o recurso, no caso, gente.

Ora, mas e as sociedades que não são formadas por uma mesma gene?

O processo é idêntico.

Os irmãos menos próximos e semelhantes vão sendo gradualmente exterminados para dar lugar como servos aos mais. Até que se tornem tão estranhos e estrangeiros aos seus dominadores que não sejam sequer considerados outra raça, mas uma coisa que pode ser descartada ou consumida como carne bovina ou uma máquina.

Veja que o resultado é sempre o mesmo: a cultura patriarcal tende a exterminar a linhagem feminina do mundo provacando a discórdia, segregação escravização da irmandade, até o extermino dos semelhantes em favor da herança dos primogênitos masculinos desses clãs superiores herdeiros do capital.

Note que o fator determinante não é a primogenitura nem o patriarcado, mas a transmissão do capital a uma determinada gene, geração após geração que termina por se ramificar em diferentes famílias, classes e etnias que afastadas do centro, a gene hereditária do poder vão ocupando o lugar das mortas como seus escravos e servos políticos e econômica.

O "único problema desse processo" é que ele requer e demanda que gente ao sul do Equador como eu (e você) continue acreditando em duas coisas:

que os supremacistas me tomam por gente igual a eles e não por coisa.

que não sou absolutamente igual a meus irmãos morrendo nas periferias, apenas porque eu o meus filhos (ainda) não são a bola da vez e nem tão escuros.

(...) O supremacismo e o estadismo fracassaram.

O culto milenar ao poder supremo aos valores únicos falharam completamente como projeto pax para a humanidade e estratégia de sobrevivência da especie. E persistir nesse modelo nos levará a guerra e extinção em massa. Não estamos apenas em um processo acelerado de degradação do nosso meio ambiente. Estamos em um processo lento de holocausto da nossa própria espécie. -
ESTADISMO: o Ouroboros para tolos (Parte 2)

> *Josué de Castro e o combate ao neomalthusianismo- Marina Gusmão de Mendonça*

A obra de Josué de Castro, tão esquecida pelos historiadores, mostra-se extremamente atual, principalmente considerando-se que, de acordo com os recentes relatórios da Organização das Nações Unidas para Agricultura e Alimentação (FAO)3 , tem aumentado, nos últimos anos, o número de pessoas que padecem daquilo que a Organização das Nações Unidas (ONU) classifica como "insegurança alimentar"4 , ou seja, uma situação em que mais de um bilhão de indivíduos ao redor do planeta não encontram meios para garantir uma alimentação regular, tanto quantitativa como qualitativamente. É preciso assinalar que, no relatório de 2010, a FAO indica uma pequeníssima redução do número de pessoas em estado de insegurança alimentar, em virtude da ainda frágil recuperação da economia mundial depois da recessão de 2009 (veja-se: DEPÓSITO DE DOCUMENTOS DE LA FAO The state of food insecurity in the world, 2010, op. cit.). Porém, o noticiário nestes primeiros meses de 2011 dá conta de um novo aumento dos preços dos alimentos, o que, certamente,

contribuirá para a elevação do número de pessoas em estado de insegurança alimentar.

Evidentemente, o problema se agravou sobremaneira a partir de 2007, quando os primeiros sinais da crise econômica, que eclodiu em setembro de 2008, eliminou milhões de postos de trabalho no mundo todo, ao mesmo tempo em que se assiste ao aumento vertiginoso dos preços dos alimentos, gerando uma situação de crescente instabilidade, de que são exemplos marcantes os recentes conflitos políticos no norte da África e no Oriente Médio. Aliás, uma demonstração inequívoca da gravidade do problema é o fato de o índice de preços dos produtos alimentícios elaborado pela ONU, em fevereiro de 2011, ter aumentado pelo oitavo mês consecutivo, elevando-se para o maior nível desde 1905 . A esse respeito, as recentes declarações de Jacques Diouf, diretor-geral da FAO, são bastante pessimistas. Segundo ele, "a alta dos preços aumenta as preocupações e estamos reduzindo rapidamente os estoques. Durante anos temos alertado que é preciso maior produtividade e investimento em agricultura" . Essa situação constitui um terreno fértil para a retomada de soluções fáceis (e desumanas) para o problema, consubstanciadas no ideário dos neomalthusianos , que preconizam a necessidade de redução da população mundial para que se garanta o abastecimento de alimentos.

O ideário neomalthusiano

Como se sabe, a obra de Thomas Robert Malthus (1766/1834), Ensaio sobre a população8 , publicada primeiramente em 1798, e consolidada em 1803, constituiu a base de todos os estudos demográficos posteriores. Para Malthus, haveria uma total

incompatibilidade entre a capacidade de reprodução humana e a possibilidade de produção dos meios de subsistência, uma vez que a população, quando não controlada, tende a crescer em progressão geométrica, enquanto os meios de subsistência aumentam em progressão aritmética . Malthus afirmava que, até aquele momento, o desastre havia sido evitado por fatores repressivos e preventivos, os quais refrearam o crescimento indefinido da população humana. Para ele, os elementos repressivos, tais como as epidemias, as doenças causadas pela fome, as guerras e a insuficiência de certos fatores de produção, especialmente a terra, tendem a aumentar a mortalidade, reduzindo, portanto, o contingente populacional. Já os preventivos são de ordem moral, decorrentes da utilização voluntária de meios de controle da natalidade, e devem ser incentivados. Assim, um homem só deve constituir família quando dispõe de meios suficientes para seu sustento. Caso contrário, tem de optar pelo celibato e pela castidade . Dessa forma, Malthus refutava qualquer intervenção do Estado no sentido de amenizar a miséria de grandes contingentes populacionais por intermédio de auxílio material a indivíduos incapazes de prover o próprio sustento e o de sua família. Aceitava apenas que o Estado criasse instrumentos para ampliar a oferta dos meios de subsistência . Contudo, como salientou Paul Hugon, tão logo foi divulgada a obra de Malthus, surgiram, em diversos países, os pensadores neomalthusianos, que "dela se apossaram, transformaram-na, deformaram-na. Serviram-se da idéia de coibição voluntária, não mais com objetivos econômicos, mas político-sociais e, para pôr em prática essa idéia, não se limitaram a preconizar (...) a adoção da coibição moral como meio único" . De fato, para os neomalthusianos, era necessário um controle rígido da natalidade, uma vez que: a) o número de consumidores tende a aumentar em proporção superior ao produto nacional, o que leva ao empobrecimento geral da

população; b) a relação entre o contingente economicamente ativo e a população global tende a ser desfavorável; c) o aumento da população leva à necessidade de ampliação do fator trabalho em detrimento da formação de capital; d) o crescimento contínuo da população provoca destruição do meio ambiente e o esgotamento de recursos não renováveis .

Como se vê, das preocupações dos neomalthusianos não constava qualquer perspectiva de alteração da realidade, isto é, de modificação das estruturas econômicas e sociais ou das relações entre países ricos e pobres. Essas idéias tomaram um grande impulso logo depois do fim da Segunda Guerra Mundial, por meio da publicação, em 1948, do livro O caminho da sobrevivência, de autoria do ecologista e ornitólogo norte-americano William Vogt (1902–1968), e que se tornou a bíblia dos neomalthusianos. Para Vogt, o único fator de produção que realmente gera riqueza é a terra, e ela estava se tornando perigosamente escassa para alimentar uma população cada vez maior. Segundo ele, a natureza dotou os Estados Unidos de grandes recursos naturais, que deveriam ser preservados para manter o estilo e o padrão de vida norteamericanos. Todavia, esse estilo e esse padrão não poderiam ser estendidos ao restante da humanidade. Assim, "quando o agricultor é suficientemente hábil para dirigir bem a sua terra, e pode produzir para as suas necessidades e desejos sem diminuir a capacidade produtiva (...) a economia mantém-se equilibrada. Quando, porém, devido ao solo pobre ou a métodos agrícolas inadequados, o fazendeiro só pode manter o seu trator, o seu automóvel, o seu quarto de banho e o seu rádio, minando a terra, é difícil defender o seu direito ao chamado padrão de vida americano" . Dessa forma, e supostamente preocupado com a preservação do meio ambiente para garantir a sobrevivência de gerações futuras, Vogt defendia a manutenção de grandes áreas

intocadas. Além disso, manifestava-se radicalmente contra a adoção de medidas sanitárias preventivas que eliminassem os riscos de doenças em certas zonas do mundo, ou de técnicas que tornassem aquelas terras agricultáveis. De fato, para ele, "os insetos portadores de enfermidades humanas transformam grandes áreas do globo em terras que ficam à margem da atividade do homem. Tal infortúnio não é, todavia, tão importante como tem sido sugerido pelos que propõem o controle da malária. Em muitas áreas, a malária é, realmente, uma benção disfarçada, já que uma grande proporção das zonas contaminadas não pode ser aproveitada, tendo a doença, desse modo, impedido que o homem destruísse tais terras". E acrescentava: "em certas áreas da África, onde o mosquito tsé-tsé foi localmente dominado, as populações nativas devastaram as terras anteriormente despovoadas, tendo, em poucos anos, destruído virtualmente sua capacidade de produção (...). Neste caso, o mosquito tsé-tsé, em lugar de constituir um fator de limitação para o homem, foi, verdadeiramente, um protetor de importantes recursos naturais".

Como se vê, Vogt combatia a adoção de medidas sanitárias que pudessem salvar vidas e amenizar os sofrimentos de grandes contingentes humanos. O que ele não dizia explicitamente é que este combate era dirigido principalmente contra populações de regiões muito pobres, ou seja, de países do chamado Terceiro Mundo, assim como não mencionava a quem beneficiaria a preservação de "importantes recursos naturais". Mas ele iria mais longe, chegando a negar que fossem utilizados os conhecimentos médicos para salvar populações pobres, que deviam ser deixadas para morrer à míngua. Senão, vejamos: "A profissão médica moderna, ainda estabelecendo a sua ética de acordo com as dúbias afirmativas de um homem ignorante que viveu há mais de dois mil anos (...) continua a acreditar ser seu dever conservar vivo o maior

número possível de indivíduos.Em muitos lugares do mundo, os médicos aplicam a sua inteligência a um aspecto do bem-estar do homem — a sobrevivência — e negam o seu direito moral de aplicá-la ao problema considerado em seu todo. Mediante assistência médica e melhoria das condições sanitárias, são responsáveis pelo fato de milhões de pessoas viverem mais tempo em crescente miséria". Em outro trecho, defendia simplesmente a eliminação dos pobres, como se pode ver a seguir: "Até mais ou menos a época da Revolução Industrial, era impossível o transporte de víveres em grande escala, sendo quase nulas as facilidades de armazenamento. Quando as colheitas fracassavam, o povo morria. Quando o povo aumentava, ultrapassando a capacidade da terra que devia alimentá-lo, raramente havia outra saída senão a morte. A Grécia antiga constitui exceção. A sabedoria do seu povo encontrou uma expressão que é raramente comentada; conscientes da ameaça constante de excesso de população, reduziam propositadamente tal perigo por meio da prostituição, do infanticídio, da emigração e da colonização. Para muitos, é repugnante a ética de algumas dessas medidas; prefeririam a miséria e a morte pela fome, em massa. Na maior parte do mundo „civilizado", o povo apenas morre por falta de alimento" .- Josué de Castro e o combate ao neomalthusianismo- Marina Gusmão de Mendonça

Não são só os fascistas que estão saindo como se nunca tivessem feito nada na história da humanidade. Racistas também tem cada vez mostrado sua cara e seu discurso sem medo de recriminação, muito pelo contrário, até a espera de aplausos. Claro que a santíssima trindade do supremacismo não estaria completa sem os eugenistas. (...)

Pressão populacional. Pressão populacional não é nem um eufemismo, remete a quantidade de pessoas. é um termo que quer dizer sem meias palavras que existem pessoas em excesso, como num barco que afunda porque está muito cheio. Qual a solução final: jogar gente ao mar.

Pois é, segundo eles o barco do mundo, ambiental e até mesmo social está basicamente afundando porque está afundando simplesmente porque está muito cheio, é muita vaca peidando é muito gente-gado deixando pegada de carbono!!! Não, é claro que não é, não pode ser, a porra da poluição, da industrial, militar, e financeira, não, não são os gastos das corporações governamentais e transnacionais monstruosos como a exploração desenfreada de recursos naturais e humanos. É a quantidade de carbono, a vida carbonizada em tese em breve em prática, ao qual foi reduzida a vida de uma criança (sul)americana, africana ou da coitada de Bangladesh que mal deixa pegadas no meio ambiente, porque mal tem força para se ficar de pé, quanto mais para crescer e caminhar, que dirá sobreviver para deixar qualquer pegada ou legado.

Até mesmo o problema do Estado social e do emprego se resolve como a mesma lógica que levou as cruzadas: Eliminando o excesso de gente, o excedente de mão-de-obra. Notem o absurdo: o desemprego é causado pelo excesso de gente querendo trabalhar e viver!!! E como seria diferente na cabeça deles? Na lógica do capitalismo absolutista e fascista, gente, gado é tudo a mesma coisa, commodities. Isso não é a vida como ela é, é a cabeça desses canibais de tudo e todos, exposta em toda a sua genialidade... psicopática.

Essa lógica é genocida e eugenista, e já que esses iluminados servos do supremacistas estão tão moralmente preocupados com a vida na terra que eles sacrifiquem a si mesmo e não o alheio, em seu holocausto maldito, que os genocidas se matem, e não assassinem, não sufoquem a vida dos outros. Ou melhor por que simplesmente não vão cuidar de dar um fim nas outras pegadas deixada pela desumanidades, as pegadas que vocês bancam e são bancados para esconder e apagar?

(...) E ainda falam em moralidade? Conseguem ser mais hipócritas dos que religiosos que são contra o aborto dos seus fieis em potencial, mas não querem nem saber como a mãe vai se sustentar ou alimentar seus filhos. Fodam-se. Não é a toa que neofacistas está em ascensão. Eles pregam abertamente a satisfação dos instintos mais primais que essa gente tenta satisfazer de forma tão mal dissimulada. Eles estão rasgando a fantasia e tirando a mascará logo. Mas, nós já sabíamos e sabemos quem vocês são e o que fizeram nas outras primaveras passadas... dos povos.

O problema não é a ecologia, a ciência ou a tecnologia, o problema é a ciência a tecnologia e o conhecimento sendo produzido por quem se finge imparcial e independente, mas na verdade é servo e empregado fiel e subordinado a quem os sustenta e paga para sustentar esse tipo de mentalidade e propaganda tão linda.

Imagine qual poderia ser a visão da produção de alimentos, soluções públicas sociais e ambientais produzidas por quem pensa o outro dessa forma tão "humana"... imagine a produção de serviço sociais, escolas, hospitais, remédios, alimentos, seguridades e seguranças públicas, imagine tudo produzido dentro dessa mesma logica que produz os sistemas operacionais tipo

Windows da Microsoft. Bem você não precisa imaginar porque eles são produzidos assim e estão diante de nossos olhos e são as infraestruturas e superestruturas da nossa vida institucionalizada. Na verdade a ordem geracional é exatamente a inversa: Esses sistemas operacionais e informacionais, esses programas e tecnologias incluso as sociais, são produzidos seguindo essa lógica e mentalidade, eles são o produto desse mesmo monopólio do capital natural e cognoscível que o financia, que antes de tudo é uma forma de pensar e (des)valorar a condição humana, sobretudo do outro.

Não, o problema não ecológico nem muito menos a ecologia.

A ecologia não vai contra a humanidade, não vai contra os povos, Pelo contrário. Ela é uma forma mais consciente de humanismo que amplia a defesa da vida e liberdade para todos as formas de vida. Porém ela, a ecologia, quando a serviço das maquinas de guerra e reificação dos seres e seus donos e tiranos, não é ecologia, é economia aplicada a vida humana e natural, é contabilidade de mortos e nascimentos. Não é utopia é distopia, onde o Planeta é pensado pior do que um campo de concentração e trabalho forçados é o Planeta como fazenda de gado em favor devoradores de gentes. Não é o Planeta como uma grande e Senzala negra e suas pequenas casas grandes e brancas, é o planeta como gueto... de Varsóvia.

As coisas tem nome. Pregar civilizada ou educadamente coisas monstruosas não te faz civilizado nem educado, mas apenas um genocida ilustrado. Pregar a despopulação, a diminuição da quantidade de gente, ao invés dos gastos e danos dos todo poderosos governamentais e empresarias, tem nome: e se chama

holocausto. Culpar as pessoas pelos crimes dos seus deuses e estados tem nome e não é só eugenia, mas totalitarismo, agora travestido de defesa da mãe "Terra"e "Natureza". Autoritarismo estatal e austeridade fiscal para salvar privilegiados disfarçada ambientalismo e ecologismos. Pátrio-poder em sua forma e soluções finais, nazi e fascistoides.

Fazer da defesa ecológica uma guerra contra a humanidade será a solução e o crime final do homem contra o homem e o fim da humanidade não apenas como ideal e projeto inacabado, mas como espécie, canibalizada por sua própria ideologia supremacista insana e por essa psicopatologia enrustida de civilidade que transforma homens em lobos do próprio homem.

O maior perigo para o Planeta não são as populações, são os monopolizadores de todos os recursos naturais, inclusos os humanos. Não são os povos e populações, mas seus governos e empresas. Pessoas comuns não tem como acumular toneladas de armas de destruição em massa, destruir culturas etnias e meio ambientes, nem promover genocídios e extermínios em massa, nem sozinhas em em sociedade. São as maquinas governamentais e industriais e seus donos os únicos capazes de roubar e centralizar tudo o que é produzido como capital e trabalho para não promover tamanho holocausto como base da sua economia de teratológica, sua economia de morto.

Destruição e extermínio sistematizado é um produto de quem inventa e racionaliza soluções finais e não dos povos sobre os quais se pilha e marginaliza e depois se joga a culpa por todos os pecados dos tiranos do mundo para novamente poder marginalizar e exterminar e novamente pilhar. Um ciclo vicioso onde o

holocaustos e genocídios engendram os impérios e suas supremacias, e as supremacistas e seus impérios em crise engendram os novos holocaustos, para se perpetuar e prevalecer. Um ciclo vicioso onde os crimes contra a humanidade não são o desvio padrão, são apenas o mesmo sistema e mentalidade aplicado quando os recursos ou a logística que mantém já não dá mais conta de manter a ditadura dos privilégios e privilegiados e seus disfarças de humanistas, republicanos, democratas, socialistas ou liberais.

É brincadeira... quando eles inclusive não tem argumentos científicos, eles simplesmente calam quanto e continuam a repetir sua teorias da terra plana com eles no centro do universo, simplesmente ignorando a obsolência das suas falácias.

Superpopulação e problemas sociais não são um produto do excesso de pessoas, mas da desigualdade violenta de poder politico e econômico. Ou como demostrou por A mais B Josué de Castro:

Superpopulação é uma subproduto da carestia. Uma reação de uma população que tenta resistir ao extermínio da unica forma que ainda pode reproduzindo mais.

Finde-se a privação primitiva dos pobres, restitua-se a soberania sobre o bem comum e findar-se-á o problema da superpopulação. Mas essa não é uma solução viável para vocês não? Afinal quem vai limpar sua merda? Quem vai matar e morrer nas suas guerras? Quem vai construir seus palácios e impérios? Robôs?

As pessoas não entendem que o problema do mundo não é a tecnologia ou falta de. Mas uma mentalidade de ovelha fiel ao homem lobo do homem. Uma mentalidade que não consegue ver que esse homem-lobo quando no poder é um tarado não só com a lei ao seu lado, mas como o poder de impor as suas taras como lei. Um estatopata. Um homem canibal tiver ciência, ou só os botões e pílulas para não morrer mais de causas naturais, ou energia limpa infinita, não será o fim da escravidão ou predação, mas o fim de qualquer humanidade possível. O dia em que o ser humano se reduzirá definitivamente a homem, e se tornará a encarnação definitiva do espírito, da inconsciência coletiva, a egrégora do mal que o possui o dito civilizado, o zumbi que muitos índios tentaram em vão e ingenuamente curar, e foram devorados. Cada pessoa será então apenas uma célula da sua própria máquina, feita a imagem e semelhanças de seus super-homens, uma engrenagem na maior distopia (im)possível:

Um mundo sem crianças. Sem natureza. Um admirável mundo novo de mortos vivos e seus capitais

O holocausto do capital, essa distopia e afecção canibal não é um problema ecológico, é antropológico. Não é uma condição da natureza humana, mas uma doença da suas desnaturação cultural. Uma psicose e psicopatia da (in)consciência coletiva humana.

Ou simplesmente: Não é a ecologia é a geopolítica, seu idiota. — ***Mais Josué de Castro e menos Thomas Malthus*****, Superpopulação, eugenia, teleonomia e cacotanásia**

Mais de 60% dos jovens querem sair do Brasil, diz pesquisa | DW | 17.06.2018

Uma pesquisa do instituto Datafolha divulgada neste domingo (17/06) indica que 62% dos brasileiros entre 16 e 24 anos…

www.dw.com

Notem que historicamente estamos presos em ciclos republicanos e imperiais de luta entre mais democracia ou ditaduras onde não banimos de vez a ilegitimidade de qualquer forma de desigualdade de poder e elegemos permanentemente a igualdade de autoridade como liberdades fundamentais de fato iguais para todos como o principio fundamentador da coexistência pacifica de todas sociedades dentro ou fora das fronteiras de um território.

(...) A paz não é produto da arte da guerra, Mas das artes marciais, e sua luta de raiz popular social e contra-violenta contra os supremacistas. Será o produto tanto do nascimento da livre consciência quanto das tecnologias inspiradas por esta nova condição humana, que darão materialidade a justiça social como proteção segurança dos povos e natureza. A paz de fato e não como mito e falsificação ideológica da guerra, a paz como libertação revolucionária do estadismo brutal primitivo,obsoleto e insustentável.

E em favor deste equilíbrio ecológico contra toda potencia ou superpotência supremacista e belicosa , e em favor do ideal contra-violento de não-vulnerabilização da vida que sustentamos nosso direito legitimo de resistência e defesa natural e revolucionária de

todas as nossas formas de vida, inclusive as que não puderam nascer ou crescer ainda.

Se levantar e rebelar é mais do que um direito é uma necessidade quando os meios vitais e ambientais se esgotam. Por isso restabelecer o equilíbrio de forças da qual depende não apenas a isonomia de direitos universais e deveres mútuos, mas a igualdade de poderes e liberdades fundamentais é tão urgente, tanto como restauração da autoridade igual sobre o bem comum quanto garantia de relações consensuais para todos aqueles que essa estado como rede de proteção social possa alcançar e defender.

(...)

Quando direitos naturais de posse do bem comum que pertenciam a todos passam a ser discriminados e reservados somente aos supremacistas, o culto ao poder se faz Estado. Mas quando esses direitos passam a ser hereditários e privativos apenas dos descendentes ou primogênitos, os fidalgos, o estado se torna num primeiro momento patriarcal e patrimonialista e invariavelmente a longo prazo geração após geração em regime racista e eugenista. Onde os descentes bastardos privados da herança natural vão primeiro sendo escravizados por seus primos e irmãos até enfim desaparecer como famílias e povos inteiros por completa falta de meios próprios a subsistência.

A expropriação original da propriedade não é a origem dos estados de desigualdade social e exploração do trabalho forçado por privação do capital, é processo reiterado e retroalimentado como direito hereditário verdadeiro processo de extermínio

progressivo e lento dos destituído da posse original atrelada a gene disfarçada de cidadania e nacionalidade.

Assim os povos marginalizados e expropriados desaparecem não apenas pelo apagamento da sua identidade original, etnocídio. Desaparecem como toda forma vida levada a extinção colonial: pela destruição da sua forma de vida, subtração de habitats e impedimento a força do acesso aos recursos naturais necessário a vida. Rigorosamente a extinção de toda uma gene, genocídio.

Como se não bastasse, esse crime contra a humanidade e a natureza tem ainda agravantes. É processado de forma sistematizada tanto legal quanto socialmente, de tal modo que não só a reação da vítima é criminalizada mas até mesmo qualquer tentativa de fuga! Tentar escapar deste território nacional convertido em campo de concentração e exploração de trabalhos forçados sem a devida autorização dos supremacistas não é só ilegal, mas quase impossível àquele que mal tem como sobreviver sem vender seu trabalho em troca da subsistência roubada.

A desigualdade de poder enquanto privilégio das autoridades constitui os direitos adquirido dos monopolizadores da violência contra os direitos naturais dos expropriados tanto do direito da legitima de defesa quanto da participação do bem comum. Liberdades e igualdades fundamentais são assim não só suprimidas mas invertidas como obrigação de renuncia e submissão legais e desiguais a violência e violação elevadas ao status de direitos adquiridos dos supremacistas. E viver em paz é pervertido no morrer calado.

Uma vez esquecida e encoberta a violência do crime original pelo próprio passar das gerações e assunção do roubo como propriedade pacifica pela própria falta de resistência daqueles que ignoram por desenraizamento das identidades e origens. Qualquer tentativa de correção deste injustiça mesmo que pacifica é tomada por violência! enquanto o crime se perpetua legalizado.

E isto se chama o holocausto do capital. Porque não só as pessoas estão perversa e legalmente presas aos campos de concentração e exploração do trabalho, mas porque o supremacista eugenista toma a desistência da classe ou gene conformada a morte e escravidão pela banalização da violência contra ela, ou até mesmo a ignorância do seus direitos naturais por força do cativeiro desde o nascimento como se fosse o consentimento tácito aos seus roubos, estupros e execuções.

Tomam as memórias apagadas e a catatonia dos povos estuprados e levados sem resistência ao abate da vida cotidiana como se Como se aceitassem a redução da sua vida a pena de trabalhos forçados como se fosse a confissão espontânea da sua suposta inferioridade, e morte. Como se fosse o consentimento tácito da vitima com o seu próprio extermínio e não uma confissão inquisitorial obtida por tortura!

Não é uma falha do sistema que Estados e religiões dirigidas ao poder total quando o atingem o que querem viram inquisições e promovem abertamente o holocausto que os estados menos totalitários fingem remediar. A fé estatal e religiosa no poder total é um instrumento não apenas de roubo mas de escravidão e genocídio do supremacismo eugenista. E pobre do povo que adora seus conquistadores reis e deuses feito a imagem e semelhança,

morre higienicamente lambendo a mão dos seus mestre pio e ciente.

Não é a propriedade econômica em si que provoca a desigualdade e consequentemente o extermínio dos povos marginalizados, mas sim a possessão das relação e concepções. É o domínio cultural que sustenta tanto o poder político quanto os valores econômicos. Claro que ele é subsidiada pela violência legalizada como monopólio geopolítico e econômico, mas esse subsidio funciona como controle de rebelados, e não contra a mudança do paradigma de consciência.

A força do corpo artificial, é também sua fraqueza. Derrube as lideranças e outros ídolos serão postos no seu lugar. Derrube os sinais e as colônias de formigas abandonam os reinos e a rainhas. Mate o mito. E o reino cai. O mito não é o rei. É o signo real como realidade anti-natural.

(...) O tripalium é oficina do diabo. E feliz do povo que dominado e expropriados por tiranos sem chance de se livrar de seus usurpadores e seus impostos sobre seu trabalho e propriedade que resta sabe praticar a arte marcial da resistência e sabotagem zomista da vagabundagem contra os dominadores e trabalho voluntário e solidário aos seus irmãos de privações. Porque ter que trabalhar por falta de meios pode ser uma necessidade forçada, mas cavar sua própria cova ou a seus descendentes com a gosto servil dos acomodados e conformados não.

A falsificação da propriedade como titulo de posse dado ou reiterado por apropriação violenta contra o direito de propriedade

e apropriação natural por ocupação e usufruto pacíficos não é só a legalização de crimes contra direitos naturais e deveres de paz, são crimes contra a natureza e humanidade que não se dissipam no tempo nem se podem reparam com as necessárias compensações enquanto não se restitui aquilo que foi roubado e ainda está privado dos legítimos donos por particular ou Estados.

(...) Estados assim constituídos são crimes contra povos que se perpetuam e renovam, a cada nova geração nascida no cativeiro da privação do bem comum e natural. Crimes que não desaparecem mas se repete contra cada descentes dos expropriados que já nascem compelidos e vulneráveis a violências e aos trabalhos forçados. E repito, o costume e a desistência dos que nascem em cativeiro, ou que caminham em silêncio para o abate não faz das justificativas nazi-eugenistas a concordância deles com seu destino, mas do processo de alienação genocida um verdadeiro holocausto.

Os supostos direitos de posse exclusiva que aqueles que tomam primeiro o mundo contra os que chegam depois ou perderam faz tempo a sua terra, não apenas fortalece direitos patriarcais baseados em primogenitura, e as ditaduras dos velhos contra o novo, mas a escravidão e extermínio marginal racista e velado de negros por brancos que um dia, antes de babel, foram seus irmãos-bastardos aos olhos dos racistas, mas querendo ou não irmãos.

São crimes contra a humanidade que nos conduzem involutivamente não só a extinção da espécie humana por desinteligência autodestrutiva, mas já antes por desintegração e desumanização dos povos seletivamente e artificialmente extintos,

juntos como qualquer chance de constituição de uma humanidade desculturada e cosmopolitizada.

A criminalização da marginalidade sem a restituição dos meios necessários a subsistência não constitui estado de paz, mas o estado policial que contigencia o extermínio urbano para que ele não decaía em guerra civil aberta e politizada.

Se o tempo poderia curar os crimes do passado, a sua herança tanto como propriedade privadora quanto como servilidade forçada apenas o reitera. Pois, as transferências hereditárias das propriedades violadoras da natureza e direito natural subsidiadas pelo próprio monopólio da violência em si, não minimiza nem diminui o passivo histórico, só aumenta.

Nestes falsos estados civis, nestes estados falsificados de paz, como em qualquer guerra as vítimas não desaparecem porque seus corpos foram enterrados em valas ou incinerados, nem seus nomes e memórias apagados, as pessoas e almas mortas não precisam ser contadas para se somar e permanecer. E pobre da alma que tem olhos só para ver o evidente, porque átomos também um dia foram pensados como quimeras.

Muitos, até mesmo libertários ou até socialistas acham que a posse de territórios e terras pela violência era coisa dos seus reis e senhores e antepassados. Mas a apropriação violenta original não é nem seria suficiente para gentrificar o mundo desigual como ele é hoje, não poderia manter sozinha a exploração dos trabalho forçado depois da "abolição" da escravidão, nem explicaria a

eugenização do mundo depois das "proibições" das discriminações e perseguições raciais.

Esses direitos exclusivos dos bens nascidos é e se consuma do outro lado dos burgos e fronteiras como fenômeno da morte dos mais inocentes e vulneráveis: as crianças e recém-nascidos. Conduz não apenas ao permanente crescimento da desigualdade social entre os proprietários e expropriados por nascença, mas ao continuo e permanente extermínio destas famílias, povos e nações privadas geopoliticamente do território e economicamente da terra e da natureza- enfim dos poderes iguais de decisão e usufruto do que é natural e necessário.

Hoje esse processo como tudo se acelera.

Os pseudo-direitos patriarcais-hereditários assentados na violência não precisam mais de um passado remoto para se passarem por justos e e seus protetores violentos por "legítimos" defensores da paz e justiça. Mesmo que derivados de crimes de guerra, invasão, roubos, de governos, corporações recentes, hoje doses cavalares de terrorismo e consumismo estatal e privado e midiático, servem para apagar mais rapidamente não apenas memorias de vida mas identidades sem precisar esperar pela morte das primeiras gerações.

O nascimento em cativeiro porém não fábrica ignorantes sozinho. Para domesticar é preciso doutrinar e para doutrinar sem que se haja revolta é preciso vender o mal como se fosse um bem. É preciso substituir a própria herança a própria transmissão do código natural do aprendizado pelo código artificial do culto

supremacista. E nisto a propaganda jamais substituirá o capital como processo de doutrinação.

O capital antes de ser expropriado, há que ser divido e antes de ser divido precisa ser abstraído para ser reduzido e objetivado como tal. E quem pensa que o domínio capitalista é predominantemente econômico e se dá pela mera expropriação da propriedade reduzida a sua materialidade produtiva já nem se dá conta mais das outras esferas que de poder política e cultural que envolvem e compartimentalizam não apenas a economia da sua vida.

Para se apropriar do capital é preciso abstraí-lo tanto da essência quanto aparta-lo da própria natureza, e ao mesmo tempo um processo de segregação daqueles que precisam dela quanto da desintegração da sua qualidade natural. O capital é um abstração ideológica imposta como domínio do real pela desintegração tanto do bem natural da sua essência quanto da segregação dos seres tanto da natureza quanto da sua essência já apartadas.

O capital constitui a base da dominação do homem pelo homem não porque o priva dos seus meios vitais, mas porque reproduz a ideologia dominadora não apenas como ritual, mas como a própria preconcepção da realidade aos olhos daqueles que carecem dele e aceitam as regras do jogo e passam a lutar us contra os outros tanto por usufruto rarificado quanto por seu desejo de posse consumo exclusivos amplificados.

Toda alienação não se dá pela mera imposição do artificial contra a natural, mas pela sua substituição da naturalidade pela realidade ou legalidade como normalidade, isto é, o poder real e

legal cotidiana e intransigente imposto contra a ordem natural morta. Mas o processo de alienação do capital vai além porque ele não impõe uma abstração como se fosse a rede da realidade, mas a realidade como o conjunto de abstração. E por isso está para o supremacismo como a invenção do zero para a matemática. Simplesmente ampliou sua capacidade de contabilizar os seres muito além dos números naturais. -O Holocausto do Capital

> ***Império é império, só muda de nome e endereço.***
>
> ***E sempre tem um "branco" da casa para entregar os seus não-irmãos, a direita e esquerda, casados ou brigados, mas sempre unidos como classe política vendida e vendedora de carne humana, seu pão e sua terra para eugenistas travestidos de capitalistas e estadistas.***
>
> ***Conselheiro informal do governo Temer, Citi promove privatizações brasileiras nos EUA***
>
> *O presidente Michel Temer é "um dos melhores políticos do Brasil" porque "tem coragem" para tocar reformas impopulares…*
>
> *www.bbc.com*

Em 1840, a obra do anatomista escocês Robert Knox, "Races of men" forneceu fundamentos para o racismo e justificou o extermínio: "A raça é tudo: literatura, ciência, arte, em uma palavra, a civilização, depende dela. As raças negras podem ser civilizadas? Eu devo dizer que não. (…) A raça saxônica jamais as tolerará, jamais se miscigenarão, jamais viverão em paz. É uma guerra de extermínio". (Roberto Knox, 1840)

Medição do crânio, desenho de Samuel G. Morton, 1839. Por essa época, nos Estados Unidos, o anatomista Samuel George Morton, estudando os crânios de diferentes etnias concluía que a capacidade craniana determinava a capacidade intelectual e que os caucasianos por terem os maiores cérebros eram, portanto, mais inteligentes. Abaixo deles vinham os índios e, por último, os negros.

Morton usou essas "evidências" para defender a ideia de que o ser humano não tinha tido uma origem comum. Afirmava com racismo que cada raça fora criada separadamente e a cada uma foi dada características específicas e irrevogáveis. Assim, para ele, tasmanianos, africanos e índios americanos talvez nem chegassem a ser totalmente humanos.

Darwinismo social e eugenia A obra de Charles Darwin, "A origem das espécies", de 1859, com sua teoria da evolução natural, acabou servindo de álibi para justificar a expansão global da raça britânica. As ideias de Darwin foram usadas para explicar as sociedades humanas dando origem ao darwinismo social baseado na tese de que somente os mais aptos, os "superiores" vencem. Os "perdedores" estavam fadados a desaparecer. Muitas dessas raças 'inferiores" seriam apenas lembradas como curiosidades, peças empalhadas em museus de Antropologia.

O cientista inglês Francis Galton, baseando-se na obra de seu primo Charles Darwin, propôs a seleção artificial para o aprimoramento da população humana através de casamentos seletivos entre brancos, unicamente. Nascia a eugenia, termo criado por Galton, em 1883, significando "bem nascido". Suas ideias tiveram enorme repercussão e foram elogiadas no meio

científico. A eugenia parecia ser a solução para reverter o desequilíbrio social que, na época, ocorria, na Inglaterra. O forte crescimento demográfico das classes pobres frente à diminuição das classes mais ricas e cultas gerou o temor de uma "degeneração biológica". Entre 1880 e 1930, a eugenia logo se transformou num movimento que angariou inúmeros adeptos entre a maioria dos cientistas e principalmente entre a população branca. Serviu de justificativa para o racismo e a repressão policial contra operários e os mais pobres. Falava-se em "raças criminosas". Pregações dos missionários cristãos de que "somos todos irmãos" foram vistas como ideias ultrapassadas. O poema "O fardo do homem branco", de Rudyard Kipling, passou a ser considerado um romantismo obsoleto.

A Grande Fome na Índia Britânica

As teorias do racismo foram aplicadas não somente nas novas colônias, mas também nas partes antigas do Império Britânico. Entre 1876 e 1878, a Índia foi afetada pelo fenômeno climático hoje conhecido como El Niño. As monções não vieram e a seca destruiu os cultivos. A população rural consumiu todas suas reservas alimentares e a fome se alastrou pelo país. Cerca de 8 milhões de camponeses indianos morreram de fome. Fome na Índia, 1876–1878. O que agravou a tragédia foi o fato dos britânicos terem desmantelado a agricultura tradicional que, durante séculos, evitava que a escassez se transformasse em fome. Os britânicos forçaram os agricultores indianos a plantarem trigo e algodão em larga escala para exportação acabando com a agricultura familiar de subsistência. Para o vice-rei da Índia, Lord Robert Bulwer Lytton, a morte de milhões de agricultores pobres nada mais era do que parte da "seleção natural" em que sucumbiam os mais

fracos. Ignorando a tragédia e sucumbindo ao racismo, Lytton concentrou-se nos preparativos da grandiosa festa de coroação da rainha Vitória como imperatriz da Índia, ocorrida em 1877.

Namíbia

Darwinismo social, eugenia e racismo científico serviram de justificativa para o que ocorreu na Namíbia, colônia alemã na África. Em 1904, o povo nativo se rebelou contra a brutalidade das autoridades alemãs. Em resposta, os alemães aprisionaram e escravizaram os hereros e namaquas em campos de concentração. Somente na ilha de Shark, cerca de 3.500 indivíduos foram exterminados. Entre 1904 e 1907, o massacre extinguiu 80% da população nativa além da prática de tortura e do abuso sexual às mulheres sobreviventes. Execução dos herero, Namíbia, 1907.

O genocídio dos hereros e namaquas foi o primeiro do século XX e é precursor do extermínio que ocorreu no período nazista. Nessa época, o cientista alemão Eugen Fischer, defensor da eugenia, pesquisava a população de Rehoboth, pequena aldeia situada ao norte da Namíbia. Interessava-lhe encontrar provas de "degeneração racial" entre os 3.000 nativos miscigenados, isto é, nascidos de uniões mistas de alemães com africanos. Sua proposta para deter o avanço da "degeneração" era a esterilização dessa população. O eugenismo nos Estados Unidos O movimento eugenista ganhou força em 1912 com a realização do Primeiro Congresso Internacional de Eugenia, em Londres.

As ideias eugenistas ganharam adeptos em vários países da Europa, Ásia, América Latina e, principalmente nos Estados

Unidos e na Alemanha. Em 1910, Charles Davenport, professor de Zoologia da Universidade de Chicago, obteve financiamento de grandes empresas americanas para fundar o Escritório de Registros de Eugenia (Eugenics Record Office, ERO) que teria a função de organizar a coleta de dados familiares. O movimento eugenista nos Estados Unidos crescia no mesmo período em que começavam a chegar levas de imigrantes do sul e do leste da Europa. Para os eugenistas, tornou-se importante proteger "seus estoques genéticos populacionais dos degenerados e socialmente indesejados", isto é, deficientes mentais, criminosos, delinquentes, deficientes físicos, infectados com doenças contagiosas etc. Em 1930, leis de esterilização haviam sido aprovadas em 23 estados norte-americanos. Em 1938, mais de 30 mil pessoas haviam sido esterilizadas involuntariamente. Casamentos inter-raciais foram proibidos em 27 estados.

Alemanha nazista Fundações americanas, como a Fundação Rockfeller, financiaram o desenvolvimento da eugenia alemã. Sob as ordens do governo nazista, Eugen Fischer, o mesmo que trabalhara na Namíbia, foi autorizado a esterilizar afro-alemães. Eugen Fischer em seu escritório em Berlim, 1938. Tratava-se de uma minoria, entre 500 e 800 indivíduos, descendentes de alemães colonizadores e missionários que residiram nas colônias alemães da África e tiveram filhos com mulheres nativas. Após a Primeira Guerra Mundial, com a perda do império colonial alemão, alguns desses colonos voltaram à Alemanha com suas respectivas famílias. Essa população foi esterilizada incluindo 400 crianças e doentes mentais. Quando a Segunda Guerra Mundial começou, em 1939, o governo nazista abandonou o programa de esterilização pelo extermínio daqueles considerados "indesejados" para a "pureza racial ariana". O racismo nazista pode ser visto, dessa forma, como parte de um processo histórico mais longo que se

desdobrava havia um século. — Racismo: uma história — Documentário

> ***Grupo de advogados repudia esterilização de mulher pobre em São Paulo***
>
> *Uma mulher em situação de rua levada por meio de condução coercitiva para que fosse realizada nela, sem seu…*
>
> *www.conjur.com.br*

O caso foi relatado pelo professor Oscar Vilhena, da FGV Direito SP, em sua coluna no jornal* Folha de S.Paulo. *Segundo ele, a história aconteceu na cidade de Mococa, em São Paulo. O juiz não fez audiência, não nomeou um defensor e não pediu documentos que mostrassem que ocorreu consentimento por parte da mulher, que tem filhos. Apenas determinou a condução coercitiva para a operação. Vilhena não revelou os nomes do juiz e do promotor, só da vítima.

"Como Janaína é pobre, vive em situação de rua, dependente química, um membro do Ministério Público entendeu que ela deveria ser esterilizada. Ela foi ao Centro de Atenção Psicossocial (CAPS) para retirar todos os pedidos de exames agendados com essa finalidade. Foi quando o juiz ordenou a condução coercitiva. Quando o recurso do município chegou ao Tribunal de Justiça de São Paulo, a mutilação já havia ocorrido", diz o texto de Oscar Vilhena.(...)

Vieira ressalta como a esterilização compulsória já foi usada em outros momentos e países com finalidade de controle racial e

social da população. "A esterilização coercitiva, com finalidades eugênicas e apuração da raça, foi largamente empregada pelo regime nazista. A China fez uso da esterilização coercitiva em massa para conter a natalidade. Os Estados Unidos a empregavam para punir criminosos. Mesmo no Brasil, como foi apontado por uma comissão parlamentar de inquérito, ainda em 1991, havia tolerância com políticas de esterilização coercitiva em massa, com finalidades demográficas."

Não senhoras e senhores, o racismo não está a serviço do capitalismo, mas o capitalismo, e não entender a ordem desses fatores é fatal. Prova disso é o caso de Janaína e tantos. Se o problema fosse os custos que a "prole" de uma pessoa causa a sociedade, essa sociedade faria vasectomia em políticos e colocaria eles em campos de concentração, porque o crime e prejuízo que essas aristocracias, esses clãs políticos de capitães hereditários modernos causam é infinitamente maior que o prejuízo causado pela somatória roubo e assassinato de todos os marginais, que dirá da carestia dos marginalizados. Mas se assim fizemos não seriamos mais uma sociedade, mas um Estado. Não seriamos mais nós, mas eles, vindos de uma outra origem, mas com o mesmo espirito de porco.

"Nepotismo só pode existir em condições de desigualdade"

Daniela Neves O nepotismo é um sistema político. O nepotismo é uma rede social e política de interesses. O nepotismo é…

www.gazetadopovo.com.br

"A minha tese é simples. Família ainda importa. As estruturas de parentesco formaram parte da realidade social e política brasileira no século XXI". (...) Em "Na teia do nepotismo — sociologia política das relações de parentesco e poder político no Paraná e no Brasil", Oliveira pretende traçar um panorama geral sobre como o nepotismo surgiu, se desenvolveu e ainda perpetua nas diversas esferas de poder no país.

(...)a hierarquização do Estado brasileiro em seu princípio (pautado também por insígnias simbólicas) aliado à nobreza portuguesa contribui para que o nepotismo se desenvolvesse. Afinal, o poder nas câmaras municipais, dos padres das famílias e dos tabelionatos era geralmente concentrado nas mãos de poucas famílias. Além disso, frequentar espaços sociais comuns e o relacionamento intraclasse fizeram com que a miscigenação entre as famílias aumentasse nas vilas do país. Em outras palavras: os integrantes da nobreza procuravam perpetuar os laços familiares com membros de famílias da mesma linhagem social, postadas sempre nos altos estratos sociais. Estas foram as linhas gerais das origens do nepotismo no Brasil, descritas minuciosamente pelo autor, com citação de dados históricos e episódios que marcaram o início do domínio das famílias nas esferas de poder nacionais. No segundo momento, há a valorização da estrutura social e os indícios de como o nepotismo se transformou em um processo condizente com a sociedade brasileira.

Neste sentido, o autor argumenta que as famílias de origem portuguesa — chamadas de "quinhentões" são as que dominam as estruturas de poder, espalhando-se pelos principais postos de ação social. Prova disso são as propriedades escravistas em seus nomes, a atuação nas fazendas e nos engenhos, os proprietários de

tabelionatos, representação de autoridade nas vilas, a extensão para os poderes legislativo, executivo e judiciário, enfim, uma ramificação socioestatal e Estado e sociedade amplamente difundida até os dias de hoje. Aliada a esta estrutura social brasileira surge a análise genealógica, ratificando a tese de Oliveira que família ainda importa: o Estado em que os poderosos mandam necessita de pesquisas sobre a genealogia e as redes de parentesco atuando em favor do poder.

Diante deste quadro, o nepotismo e seus tentáculos é, sobretudo, "um processo de produção e reprodução de desigualdades" e, segundo Oliveira, é necessária a criação de um observatório para estudar o fenômeno — muitas vezes organizado por redes familiares em um dado espaço e tempo. Em seu estágio inicial o nepotismo ocorre através de uma rede de poder local, espalhando-se pelos poderes executivo, legislativo e judiciário abordados no texto. Além destes, o autor elege os cartórios, os tribunais de contas, o Conselho Nacional de Justiça — CNJ, os tribunais eleitorais e os conselhos das estatais para a execução de um detalhado exame do nepotismo no Brasil.-OLIVEIRA, Ricardo Costa de. Na teia do nepotismo — sociologia política das relações de parentesco

> ***Ser jovem e negro no Brasil é o mesmo que morar em zona de guerra***
>
> *Nunca se matou tantos jovens no país. Número de jovens brasileiros que perdem a vida por homicídios é maior…*
>
> *www.gazetadopovo.com.br*

O sol nasce e ilumina
As pedras evoluídas
Que cresceram com a força
De pedreiros suicidas
Cavaleiros circulam
Vigiando as pessoas
Não importa se são ruins
Nem importa se são boas
E a cidade se apresenta
Centro das ambições
Para mendigos ou ricos
E outras armações
Coletivos, automóveis,
Motos e metrôs
Trabalhadores, patrões,
Policiais, camelôs
A cidade não pára
A cidade só cresce
O de cima sobe
E o de baixo desce
A cidade não pára
A cidade só cresce
O de cima sobe
E o de baixo desce
A cidade se encontra
Prostituída
Por aqueles que a usaram
Em busca de uma saída
Ilusora de pessoas
De outros lugares,
A cidade e sua fama
Vai além dos mares
E no meio da esperteza
Internacional
A cidade até que não está tão mal
E a situação sempre mais ou menos
Sempre uns com mais e outros com menos
A cidade não pára
A cidade só cresce
O de cima sobe
E o de baixo desce
A cidade não pára
A cidade só cresce
O de cima sobe
E o de baixo desce
Eu vou fazer uma embolada,
Um samba, um maracatu
Tudo bem envenenado

Bom pra mim e bom pra tu
Pra gente sair da lama e enfrentar os urubus
Num dia de sol, recife acordou
Com a mesma fedentina do dia anterior. -Chico Science e Nação Zumbi

JOSUÉ DE CASTRO: UM AUTOR DO LEGADO ESQUECIDO?

(...) No decorrer desse estudo, apaixonei-me por Josué de Castro. Nutri uma daquelas paixões avassaladoras — com todos os problemas que essas paixões acarretam: brigas, afastamento e o eterno encantar-se. Interessei-me por descobrir o médico de formação, mas não por "vocação", e o cientista social por disposição individual e social (Aguiar, 2000). Exilado, em 1964, teve sua literatura banida das prateleiras das livrarias do Brasil. Um pensador dinâmico, corajoso e questionador das políticas ideológicas de seu tempo. Um militante social polêmico e ousado. Devo dizer que o que mais me surpreende e alegra-me em seus escritos é o otimismo com que analisa a sociedade, sua preocupação com as problemáticas sociais, sobretudo no Nordeste brasileiro. Um homem que ousou lutar pelo fim do fenômeno da fome. Fenômeno esse responsável pela criação de um exército de "mortos vivos" nessa região brasileira. "Só um sonhador apaixonado ousaria ir tão longe, tão ardentemente em busca de soluções" (Silva, 1998, p. 4). Sim! Josué era um "utópico sonhador". Utópico no sentido traduzido por Karl Mannheim (1986), que aponta que os indivíduos ou grupos sociais cultivam a mentalidade utópica presente em todas as épocas. Nesse sentido, o termo utópico não está atrelado a ideias ilusórias, como rotineiramente associamos. Trata-se das representações de ideais e teorias que aspiram outra realidade ainda não existente, tendo, portanto, uma dimensão de negação da ordem social estabelecida, orientandose para sua ruptura. Quando ocorre a ruptura, presenciamos a entrada em cena da ideologia, que é a mentalidade

dominante de um dado contexto social (Silva, 2010). Segundo Silva (1998), como utópico, Josué viveu a tragédia da militância solitária, a utopia de sonhador solitário. Mas, como sonhador, fez da temática da fome seu leitmotiv de vida, sua poética de existência. Seus depoimentos e escritos e sua intensa militância política revelam seu caráter humanista, um humanismo que almeja tornar-se realidade, costume e convivência social (Nascimento, 2002). Esse humanismo, nada tinha de abstrato, indiferenciado ou cristão, próprio daqueles que toleram o próximo por entendê-lo feito à imagem e semelhança de Deus. Josué de Castro era ateu, seu humanismo relacionava-se ao seu compromisso social e político em defesa das classes destituídas dos bens da terra. 23 [...] Creio que já passou o tempo em que os povos miseráveis se conformavam, segundo a frase das escrituras sagradas, de que aos pobres pertence o reino dos céus. Devemos pensar que também aos pobres pertence o reino da terra, pois a terra é um bem comum para servir todos os homens. Se não trabalharmos com energia para nos desviarmos do caminho da bomba, do caminho da perdição, seremos expulsos da terra. E aqueles que perderam o reino dos céus perderão também o reino da terra... (Castro, 1954)3 . Como não se encantar por um autor que traduziu desavergonhadamente com sensibilidade e racionalidade científica e, sobretudo, com propostas de políticas sociais, o drama da fome? Que tipo de intelectual é esse? Como combina pensamento sistematizado e ação? Fui envolvida nesse debate. Era o perfil de intelectual ao qual gostaria de ter sido apresentada nos anos iniciais do curso de Ciências Sociais, quando comecei a questionar-me sobre qual seria o papel dos intelectuais? Mais especificamente queria compreender como os intelectuais brasileiros se comportaram nos momentos decisivos de nossa cultura política, como influenciam na luta por justiça social, e Josué de Castro estendeu-me a sua mão e demonstrou que a

sociologia é também uma ciência engajada, capaz de revelar as tramas e os dramas existenciais e coletivos. De certo, a proposta era ambiciosa pelo referencial teórico que deveria perpassar, afinal trata-se da preocupação com o lugar do indivíduo no processo de mudança social, refere-se à relação entre agência e estrutura, questão famosa nas ciências sociais, que tende a relacionar os seus estudos com ênfase na estrutura social como motivadora da ação ou na motivação do agente como explicação da ação. Tais questões são recorrentes entre os cientistas sociais, que, geralmente, são classificados de acordo com a ênfase que dão à referida relação entre indivíduos e sociedade (Silva, 2010).(...)

Mesmo levando em conta tal racionalidade, briguei com Josué de Castro e o seu desajustamento a minha hipótese, a saber: de que ele era militante de esquerda, marxista, intelectual orgânico, um revolucionário, um humanista cristão. Entretanto, não era possível lançar tais enquadramentos a Castro, que se apresentava mais como um intelectual mannheimiano, reformista e sistematizador das ideologias e utopias. Desencantei. Mas, por fim, seduzida por sua obra e pelo que o próprio Josué de Castro fez com seus sujeitos de estudos, voltei a revisitá-lo, dando-o a dignidade de ser sujeito, agente ativo e deixei que ele se revelasse como o intelectual-político e ele foi mostrando-se um personagem, ainda que aparentemente marginal na nossa cultura política acadêmica, mas de uma vivacidade histórica e de um profícuo conhecimento sobre a realidade brasileira, portanto, um intérprete do pensamento social em saúde. 25 Desse modo, neste estudo, assim como em outros estudos sobre Josué de Castro, haverá aqui um desejo de exaltar suas ideias, trazendo mais à tona suas virtudes e qualidades com o objetivo de reavivar o debate em torno de seu pensamento. Entretanto, a despeito dos perigos que esse caminho poderá trazer na construção do conhecimento, trata-se apenas do

esforço de retirar sua obra do esquecimento. Não ocultando, com isso, suas contradições e seus argumentos "conflitantes e conflituosos", próprios de quem faz e fez de seu pensamento um manifesto político (Silva, 2010).(...)

O Livro Negro da Fome (1960)13. Para Silva (1998; 2009) esse livro avança em termos teóricos no campo da sociologia ao propor uma nova teoria científica do desenvolvimento econômico, sem vinculação com os modelos exportados dos países desenvolvidos, apresentando os pontos norteadores de um método que, segundo sua concepção, seria básico para se compreender a produção da pobreza. Foi também neste livro que elaborou um programa efetivo de luta contra a fome que compôs um dos objetivos centrais da Associação Mundial de Luta Contra a Fome (ASCOFAM) fundada em 1957. (...)

O nome de Josué de Castro constava na primeira lista dos brasileiros a ter seus direitos políticos cassados em abril de 1964. A cassação de Josué de Castro ocorreu por encampar, nos anos 1950–1960, a luta pelas Reformas de base e, sobretudo, pela Reforma Agrária, que apresentava uma necessidade de suma importância histórica, considerando-a como um imperativo nacional a ser alcançado para incluir milhares de brasileiros excluídos socialmente. Segundo Josué de Castro, essa problemática política instalada no país caracterizava-se pela dinâmica estabelecida entre os atores intelectuais e políticos que tenderam a promover apenas agitações intelectuais e ações improdutivas, que vinham se desenhando no país desde o fim da década de 1950: A verdade é que a política no Brasil só inspira e aguça para uma espécie de atividade espasmodicamente agitada e intelectualmente improdutiva. Mais agitação que ação verdadeira.

"Não há debates nem lutas por ideias e princípios, mas uma surda e contínua luta pessoal por vantagens e posições. É uma luta de vida e de morte — luta vegetativa — sem deixar nenhuma disponibilidade para quaisquer veleidades intelectuais. Depois de dois anos como parlamentar, cheguei à triste conclusão da esterilidade e da infecundidade da inteligência no Parlamento. É esta uma arena ou circo onde se digladiam outras espécies de força: a astúcia, a audácia, o cinismo, o oportunismo. Não há lugar lá para outras qualidades humanas menos subalternas, como o espírito público, o desejo de servir, a busca de novos caminhos que possam conduzir a uma melhor distribuição de quotas de felicidade. Mesmo quando são debatidos problemas que em sua aparência envolvem estes aspectos do bem-estar coletivo, o tratamento ou nível de debate, o encaminhamento ou escamoteação dos argumentos se faz de tal modo que não é difícil verificar que a mola impulsionadora de toda aquela agitação em torno do problema não é o amor à causa, mas o desejo de aparecer, de brilhar, de se impor e cobrar politicamente com boas compensações — esta é a regra de conduta que dá raiva (Discurso proferido na Câmara Federal em 1 de setembro de 1963)."

A crítica de Castro estava sendo direcionada não apenas ao corpo político de direita que planejava o golpe, mas também à classe intelectual e política de esquerda. Mesmo identificando-se como político esquerdista, Josué de Castro chegou a mencionar uma ditadura de esquerda do Partido Comunista, ressaltando: "Sou da esquerda, mas não tolero a ditadura. Por isso, nunca fui nem serei do Partido Comunista. Ditadura, nem do proletariado" (Castro, 1963 apud Silva, 1998, p.114).

No exílio em Paris (1964–1973) continuou a desenvolver suas atividades em várias associações científicas na Europa, Estados Unidos e União das Repúblicas Socialistas Soviéticas (URSS). No Brasil, influenciou, em 1972, na criação do Instituto Nacional de Alimentação e Nutrição (INAN), que propõe uma inovação no discurso oficial ao trazer a concepção de desnutrição como doença social. Além disso, escreveu os livros: Sete Palmos de Terra e um Caixão (1965) em que traz à tona a problemática da falta de participação popular no processo de decisão política do país, sinalizando que esta não-participação se dava pela bipolaridade da política brasileira: a esquerda mal organizada e a direita conservadora, problematizando ainda sobre a distribuição de terra, sobretudo, no Nordeste brasileiro. Em 1967, publicou "Homens e Caranguejos", um romance em que o próprio autor nos oferece a possibilidade de também ser lido como autobiografia. (...) Em 1967 esteve no Rio de Janeiro, em missão especial da ONU como representante do Centro Internacional de Desenvolvimento (CID) e como membro do Instituto de Formação Humana e Pesquisa da ONU para tratar de assuntos relacionados a temática da fome, conseguiu entrar no Brasil por possuir um passaporte diplomático, mas tinha restrições para sua permanência, com o vencimento do passaporte não conseguiu mais voltar ao Brasil, morreu em 1973 em Paris acometido pela velha depressão que o acompanhava desde sua época de estudante no Rio de Janeiro (Silva, 1998). Assim nos revela sua filha, Ana Maria de Castro:

Posso afirmar, sem qualquer pieguismo, que Josué de Castro morreu de depressão, morreu de tristeza, tristeza de estar longe de sua terra e de seus filhos. Tristeza de não poder viver e conviver com seus amigos, como Otávio Pernambucano, Fernando [Santana], Jamesson Ferreira Lima, Cid Sampaio, Pelópidas da Silveira, Barbosa Lima Sobrinho, Arraes e tantos outros. Não consigo esquecer seu desencanto, quando já doente, mais uma vez,

lhe foi negado o passaporte brasileiro, para que pudesse voltar ao Brasil (Castro, A. M., 2007, p. 259). Tempos antes de amanhecer morto em seu apartamento em Paris, em 24 de setembro de 1973, ao despedir-se do amigo Gilberto Costa Carvalho disse-lhe: "não se morre só de nefrite, de doenças dos vasos ou do aparelho digestivo, morre-se também de saudade, de saudade da terra onde a gente nasceu". (...)

Entretanto, o que explicaria a ausência de debate acadêmico em torno de seu legado intelectual? Por que escrever uma tese sobre um autor pouco lido? Ou melhor, por que fazer ciência estudando um autor? Partimos do pressuposto de que: "O cientista não é produto apenas de seu treinamento numa disciplina e consequente aquisição de um modo particular de ver o mundo, mas também das circunstâncias, relações e expectativas experimentadas durante a vida. É um indivíduo que busca se posicionar dentro de um campo de possibilidades historicamente definidas e, portanto, lança mão de estratégias, numa complexa paisagem que combina concepções de ciência, estruturas de instituições e arranjos políticos" (Silva, 2011, p.36).

Nesse sentido, conhecer personalidades e seus pensamentos e refletir sobre atos e ações fazem parte da práxis científica de um campo do conhecimento. Sendo assim, abordar a trajetória individual de cientistas significa, como afirma Mary Jo Nye (2006), fazer "história da ciência por outros meios". Acredito que sua obra faz parte de uma tradição mais ampla das interpretações sobre a realidade social brasileira, no que tange, sobretudo, às questões referentes à situação da saúde pública do país. Contudo, dificilmente, seu nome é citado junto aos intérpretes brasileiros. Por que a sua obra não é discutida nas universidades brasileiras?

Essa assertiva e indagação tornou-se importante neste estudo. Curiosamente, o desconhecimento em torno da obra de Castro continua, mesmo no Governo do Partido dos Trabalhadores (PT), que o adota como símbolo das Políticas Públicas Sociais e de Segurança Alimentar. Isto porque, para nós, é um autor proclamado pela trajetória pública, porém não discutido nas ciências sociais e nas ciências da saúde, com raras exceções nos debates de nutrição com ênfase em Saúde Coletiva, sendo geralmente pouco lido pelos acadêmicos. Possivelmente as últimas gerações de brasileiros, mesmo os "leitores" mais assíduos, não conhecem a obra Geografia da Fome, nem sabem quem foi Josué de Castro. Em contrapartida, qualquer adolescente na França e no Canadá deve ter tido a oportunidade de ler alguns de seus escritos (Mançano [et ali], 2000).

Geralmente seus estudiosos relataram que o encontro com a obra de Josué de Castro aconteceu ao acaso (Silva, 2008; Nascimento, 2008; Schappo, 2008; Carvalho; 2008). Assim também foi meu encontro com a obra de Josué de Castro, quando um amigo nos apresentou, emprestando-me alguns de seus livros. Anteriormente a este acontecimento, lembrei que anos antes, ainda no terceiro período da graduação em Ciências Sociais, um amigo e militante social, hoje Médico formado em Cuba, perguntou-me sobre Josué de Castro, sinalizei apenas que não tive oportunidade de ler sobre este pensador. Mas, sinceramente, não sabia de quem se tratava, assim como meus companheiros de curso. Este amigo então relatou que ele era lido na formação médica em Cuba.

A defesa em reavivar a obra de Josué de Castro é não apenas por ser uma obra atual do ponto de vista metodológico — se partimos da assertiva de que se trata de uma obra que faz bom uso da

interdisciplinaridade, abrangendo conceituação, aplicação e combinação da geografia, epidemiologia, sociologia, antropologia, história e economia, mas também por ser uma obra que evidencia não apenas fatos do passado, mas apresenta eventos e perspectivas que formam os painéis mais visíveis da nova e da futura agenda de desafios da humanidade. (...)

Partindo da assertiva de Nascimento (2012), a fome transformou-se, a partir de Josué de Castro, numa categoria do pensamento moderno, sendo categoria fundamental nas agendas nacionais e internacionais, a ponto de ser o primeiro Objetivo de Desenvolvimento do Milênio. A declaração do Milênio foi aprovada pelas Nações Unidas em 2000 e foi assinada por 192 países, incluindo o Brasil, que firmaram o pacto de oito macros objetivos a serem atingidos até 2015. O Combate a fome e à pobreza estava listado entre os primeiros. 50 com que este personagem analisa a sociedade; a aposta na ciência como mecanismo para saída para problemática social; e sua preocupação com as estruturas sociais, sobretudo, no Nordeste brasileiro. Outro aspecto no qual acreditamos neste estudo é a possibilidade de abrir precedentes para o campo da Saúde Coletiva estudar biografia de personagens e pensadores que constituem e constituíram esse campo de saber e que utilizaram de espaços políticos para colocar em prática políticas públicas baseadas nas reflexões/conclusões de sua atividade pesquisa. Isso por que como Cientista Social vinculada à linha de Fundamentos sócio-históricos culturais em saúde numa instituição de pesquisa médica e biológica, nos demos conta de que há muitos personagens e pensamentos a serem lidos e/ou revistados no campo das ciências e da saúde no Brasil. Cabe ainda frisar que, boa parte da produção científica que aborda a trajetória de Josué de Castro, ressalta o silêncio acadêmico em torno de sua importância intelectual no Brasil, pontuando que este

> ***silêncio é datado, iniciando nos anos 1964 e, em certo sentido, persiste nos dias atuais. Baseado nesta assertiva, que apresentamos como objetivo central problematizar o possível "esquecimento" do legado intelectual de Castro, sendo assim, a nossa pergunta de pesquisa está contida no nosso título: Será Josué de Castro, um autor do legado esquecido? (...) — MERCÊS DE FÁTIMA DOS SANTOS SILVA, JOSUÉ DE CASTRO: UM AUTOR DO LEGADO ESQUECIDO?***

Achille Mbembe: O devir-negro do mundo e "Necropolítica" e "Ensaio sobre o Governo Privado Indireto" (espanhol)

(...) O neoliberalismo é a época ao longo da qual o tempo curto se presta a ser convertido em força reprodutiva da forma-dinheiro. Tendo o capital atingido o seu ponto de fuga máximo, engrenou-se um movimento de escalada, baseado na visão segundo a qual "a todos os acontecimentos e todas as situações do mundo da vida (pode) ser atribuído um valor no mercado".11 Esse movimento também se caracteriza tanto pela produção da indiferença, a paranoica codificação da vida social em normas, categorias e números, quanto por diversas operações de abstração que pretendem racionalizar o mundo a partir de lógicas empresariais.12 Assombrado por uma dupla desgraça, o capital, sobretudo financeiro, define-se agora como ilimitado, não só do ponto de vista dos seus fins como também dos seus meios.13 Já não dita apenas o seu próprio regime de tempo. Uma vez que se encarregou da "fabricação de todas as relações de filiação", procura multiplicar-se "por si mesmo" numa série infinita de dívidas estruturalmente insolvíveis.14

Já não há trabalhadores propriamente ditos. Só existem nômades do trabalho. Se, ontem, o drama do sujeito era ser explorado pelo capital, a tragédia da multidão hoje é já não poder ser explorada de modo nenhum, é ser relegada a uma "humanidade supérflua", entregue ao abandono, sem qualquer utilidade para o funcionamento do capital. Tem surgido uma forma inédita de vida psíquica, apoiada na memória artificial e digital e em modelos cognitivos provenientes das neurociências e da neuroeconomia. Sendo que os automatismos psíquicos e tecnológicos não passam de duas faces da mesma moeda, vem se consolidando a ficção de um novo sujeito humano, "empreendedor de si mesmo", moldável e convocado a se reconfigurar permanentemente em função dos artefatos que a época oferece.15

Esse novo homem, sujeito do mercado e da dívida, vê-se a si mesmo como um mero produto do acaso. Essa espécie de "forma abstrata já pronta", como diz Hegel, capaz de se vestir de todos os conteúdos, é típica da civilização da imagem e das novas relações que ela estabelece entre os fatos e as ficções.16 Apenas mais um animal entre os outros, não possui nenhuma essência própria a proteger ou salvaguardar. Não existe, **a priori,** ***nenhum limite para a modificação da sua estrutura biológica e genética.17 Distingue-se em vários aspectos do sujeito trágico e alienado da primeira industrialização. De saída, é um indivíduo aprisionado em seu desejo. O seu gozo depende quase inteiramente da capacidade de reconstruir publicamente sua vida íntima e de oferecê-la no mercado como uma mercadoria passível de troca. Sujeito neuroeconômico absorvido por uma dupla inquietação, decorrente de sua animalidade (a reprodução biológica de sua vida) e de sua coisidade (a fruição dos bens deste mundo), esse*** **homem-coisa,homem-máquina, homem-código** ***e*** **homem-fluxo** ***procura antes de mais nada regular a sua conduta em função de normas do***

mercado, sem nem sequer hesitar em se autoinstrumentalizar e instrumentalizar os outros para otimizar a sua parcela de fruição. Condenado à aprendizagem por toda a vida, à flexibilidade, ao reino do curto-prazo, deve abraçar sua condição de sujeito solúvel e fungível, a fim de atender à injunção que lhe é constante- mente feita — tornar-se um outro.

Some-se a isso o fato de o neoliberalismo representar a época na qual o capitalismo e o animismo, durante muito tempo obrigados a se manterem afastados, tendem finalmente a se fundir. Agora que o ciclo do capital caminha de imagem em imagem, esta se tornou um fator de aceleração das energias pulsionais. Da fusão potencial entre o capitalismo e o animismo resultam algumas consequências determinantes para a nossa futura compreensão da raça e do racismo. Desde logo, os riscos sistemáticos aos quais os escravos negros foram expostos durante o primeiro capitalismo constituem agora, se não a norma, pelo menos o quinhão de todas as humanidades subalternas. Em seguida, essa tendência à universalização da condição negra é simultânea ao surgimento de práticas imperiais inéditas, tributárias tanto das lógicas escravagistas de captura e predação como das lógicas coloniais de ocupação e exploração, incluindo as guerras civis ou razias de épocas passadas.18 As guerras de ocupação e as guerras anti-insurrecionais visam não apenas capturar e liquidar o inimigo, mas também operar uma divisão do tempo e uma atomização do espaço. Uma parte do trabalho consiste agora em transformar o real em ficção e a ficção em real; as intervenções militares aéreas, a destruição da infraestrutura, as agressões e os ferimentos passam pela mobilização total através das imagens,19 que agora fazem parte dos dispositivos de uma violência que se desejava pura.(...) — Achille Mbembe: O devir-negro do mundo

Frantz Fanon: "Os Condenados da Terra" e a "Pele negra, máscaras brancas"

LIBERTAÇÃO NACIONAL, renascimento nacional, restituição da nação ao povo, CommonweaIth, quaisquer que sejam ás rubricas utilizadas ou as novas fórmulas introduzidas, a descolonização é sempre um fenômeno violento. Em qualquer nível que a estudemos — encontros interindividuais, deno minações novas dos clubes esportivos, composição humana das cocktails-parties, da polícia, dos conselhos administrativos dos bancos nacionais ou privados — a descolonização é simples~ mente a substituição de uma "espécie" de homens por outra "espécie" de homens. Sem transição, há substituição totaI. completa, absoluta. Sem dúvida poder-se-ia igualmente mostrar o aparecimento de uma nova nação, a instalação de um novo Estado, suas relações diplomáticas, sua orientação política, econômica. Mas nós preferimos falar precisamente desse tipo de tábula rasa que caracteriza de saída toda descolonização. Sua importância invulgar decorre do fato de que ela constitui, desde o primeiro dia, a reivindicação mínima do colonizado. Para dizer a verdade, a prova do êxito reside num panorama social transformado de alto a baixo. A extraordinária importância de tal transformação é ser ela querida, reclamada, exigida. A necessidade da transformação existe em estado bruto, impetuoso e coativo, na consciência e na vida dos homens e mulheres .colonizados. Mas a eventualidade dessa mudança é igualmente vivida sob a forma de um futuro terrificante: na consciência de uma outra "espécie" de homens e mulheres: os colonos.

A descolonização, que se propõe mudar a ordem do mundo, é, está visto, um programa de desordem absoluta. Mas não pode ser o resultado de uma operação mágica, de um abalo natural ou de um acordo amigável. A descolonização, sabemo-lo, é um processo histórico, isto é, não pode ser compreendida, não encontra a sua inteligibilidade, não se: torna transparente para si mesma senão na exata medida em que se faz discernível o movimento historicizante que lhe: dá forma e conteúdo. A descolonização é o encontro' de duas forças congenitamente antagônicas que extraem sua originalidade precisamente dessa espécie de substantificação que segrega e ali menta a situação colonial. Sua primeira confrontação se desenrolou sob o signo da violência, e sua coabitação — ou melhor, a exploração do colonizado pelo colono — foi levada a cabo com grande reforço de baionetas e canhões. O colono e o colonizado são velhos conhecidos. E, de fato, o colono tem razão quando diz que "os" conhece. É o colono que fez e continua a fazer o colonizado. O colono tira a sua verdade, isto é, os seus bens, do sistema colonial.

A descolonização jamais passa despercebida porque atinge o ser, modifica fundamentalmente o ser, transformá espectadores sobrecarregados de inessencialidade em afores privilegiados, colhidos de: modo quase grandioso pela roda-viva da história. Introduz no ser um ritmo próprio, transmitido por homens novos, uma nova linguagem, uma nova humanidade. A descolonização é, em verdade, criação de homens novos. Mas esta criação não recebe sua legitimidade de ne nhum poder sobrenatural; a "coisa" colonizada se faz no processo mesmr -' '1uaI se liberta. Há pc ' ."colonização a exigência de um reexame integral C1",.:olonia1. Sua definição pode, se queremos descrevê-Ia com exatidão, estar contida na frase bem conhecida: "Os últimos serão os primeiros". A

descolonização é a verificação desta frase. É por isto que, no plano da descrição, toda descolonização é um triunfo.

Exposta em sua nudez, a descolonização deixa entrever, através de todos os seus poros, granadas incendiárias e facas ensanguentadas. Porque se os últimos devem ser os primeiros isto só pode ocorrer em conseqüência de um combate decisivo e mortal, entre dois protagonistas. Esta vontade de: fazer chegar os últimos à cabeça da fila, de os fazer subir com cadência (demasiado rápida, dizem alguns) os famosos escalões que definem uma sociedade organizada, só pode triunfar se se lançam na balança todos os meios, inclusive: a violência, evidentemente. Não se desorganiza uma sociedade, por mais primitiva que seja, com tal programa se não se está decidido desde o início, isto é, desde: a formulação' mesma deste programa, a destruir todos os obstáculos encontrados no caminho. O colonizado que resolve cumprir este programa, tornar-se o motor que o impulsiona, está preparado sempre para a violência. Desde seu nascimento percebe claramente que este mundo estreito, semeado de interdições, não pode ser reformulado senão pela violência absoluta.

O mundo colonial é um mundo dividido em compartimentos. Sem dúvida é supérfluo, no plano da descrição, lembrar a existência de cidades indígenas e cidades europeias, de escolas para indígenas e escolas para europeus, como é supérfluo lembrar o apartheid na África do Sul. Entretanto, se penetrarmos na intimidade desta divisão, obteremos pelo menos o benefício de' pôr em evidência algumas linhas de fôrça que ela comporta. Este enfoque do mundo colonial, de seu arranjo, de sua configuração geográfica, vai permitir-nos delimitar as arestas a partir das quais se há de reorganizar a sociedade descolonizada.

O mundo colonizado é um mundo cindido em dois. A linha divisória, a fronteira, é indicada pelos quartéis e delegacias de polícia. Nas colônias o interlocutor legal e institucional do colonizado, o porta-voz do colono e do regime de opressão é o gendarme ou o soldado. Nas sociedades de tipo capitalista, o ensino religioso ou leigo, a formação de reflexos morais transmissíveis de pai a filho, a honestidade exemplar de operários condecorados ao cabo de cinqüenta anos de bons e leais serviços, o amor estimulado da harmonia e da prudência, formas estéticas do respeito pela ordem estabelecida, criam em torno do explorado uma atmosfera de submissão e inibição que torna consideravelmente mais leve a tarefa das fôrças da ordem. Nos países capitalistas, entre explorado e o poder interpõe-se uma multidão de professores de moral, de conselheiros, de "desorientadores". Nas regiões coloniais, ao contrário, gendarme e o soldado, por sua presença imediata, por suas intervenções diretas e freqüentes, mantêm contacto com o colonizador e o aconselham, a coronhadas ou com explosões de napalm, a não se mexer. Vê-se que intermediário' do poder utiliza uma linguagem de pura violência. O intermediário não torna mais leve a opressão, não dissimula a dominação. Exibe-as, manifesta-as com a boa consciência das fôrças da ordem. O intermediário leva a violência à casa e ao cérebro do colonizado.

A zona habitada pelos colonizados não é complementar da zona habitada pelos colonos. Estas duas zonas se opõem, mas não em função de uma unidade superior. Regidas por uma lógica puramente aristotélica, obedecem ao principio da exclusão recíproca: não há conciliação possível, um dos termos é demais. A cidade do colono é uma cidade sólida, toda de ,pedra e ferro. É uma cidade iluminada, asfaltada, onde os caixotes do lixo regurgitam de sobras desconhecidas, jamais vistas, nem mesmo sondadas. Os

pés do colono nunca estão à mostra, salvo talvez no mar, mas nunca ninguém está bastante próximo deles. Pés protegidos por calçados fortes, enquanto que as ruas de sua cidade são limpas, lisas, sem buracos, sem seixos. A cidade do colono é uma cidade saciada, indolente, cujo ventre está permanentemente repleto de boas coisas. A cidade do colono é uma cidade de brancos, de estrangeiras.

A cidade do colonizado, ou pelo menos a cidade indígena, a cidade negra, a medina, a reserva, é um lugar mal afamado, povoado de homens mal afamados. Aí se nasce não importa onde, não importa como. Morre-se não importa onde, não importa de quê. É um mundo sem intervalos, onde os homens estão uns sobre os outros, as casas umas sobre as outras. A cidade do colonizado é uma cidade faminta, faminta de pão, de carne, de sapatos, de carvão, de luz. A cidade do colonizado é uma cidade:' acocorada, uma cidade ajoelhada, uma cidade acuada. ,É uma cidade de negros, uma cidade: de árabes. O olhar que o colonizado lança para a cidade do colono é um olhar de luxúria, um olhar de inveja. Sonhos de posse. Todas as modalidades de posse: sentar-se à mesa do colono, deitar-se no leito do colono, com a mulher deste, se possível. O colonizado é um invejoso. O colono sabe disto; surpreendendo-lhe o olhar, constata amargamente mas sempre alerta: "Eles querem tomar o nosso lugar." É verdade, não há um colonizado que não sonhe pelo menos uma vez por dia em se instalar no lugar do colono.

Este, mundo,dividido, em compartimentos, este munqo cindido em dois é habitado por espécies diferentes. AOJ-:igi;- l1~lra:ãêlê dü"cõntexto colonial reside em que as realidades econômicas, as desigualdades, a ,enorme diferença dos modos,de vida não logram nunca mascarar as realidades econômicas, as desigualdades, a

enorme diferença, dos modos de vida não logram nunca mascarar as realidades humanas. Quando se observa em sua imediatidade o contexto colonial, verifica-se que o que retalha o mundo é antes de mais nada o fato de pertencer ou não a tal espécie, a tal raça. Nas colônias a infraestrutura econômica é igualmente uma superestrutura. A causa é conseqüência: o indivíduo é rico porque é branco, é branco porque é rico. É por isso que as análises marxistas devem ser sempre ligeiramente distendidas cada vez que abordamos o problema colonial. Não há nem mesmo conceito de sociedade pré-capitalista, bem estudado por Marx, que não exigisse ser repensada aqui. O servo é de essência diferente da do cavaleiro, mas uma referência ao direito divino é necessário para legitimar essa diferença estatutária. Nas colônias o estrangeiro vindo de qualquer parte se impôs com o auxílio dos seus canhões e das suas máquinas. A despeito do sucesso da domesticação, malgrado a usurpação, o colono continua sendo um estrangeiro. Não são as fábricas nem as propriedades nem a conta no banco que caracterizam em primeiro lugar a "classe dirigente". A espécie dirigente é antes de tudo a que vem de fora, a que não se parece com os autóctones, "os outros" .

A violência que presidiu ao arranjo do mundo colonial, que ritmou incansavelmente a destruição das formas sociais indígenas, que arrasou completamente os sistemas de referências da economia, os modos da aparência e do vestuário, será reivindicada e assumida pelo colonizado no momento em que, decidindo ser a história em atos a massa colonizada se engolfar nas cidades interditas. Fazer explodir o mundo colonial é doravante uma imagem de ação muito clara, muito compreensível e que pode ser retomada por cada um dos indivíduos que constituem o povo colonizado. Desmanchar o mundo colonial não significa que depois da abolição das fronteiras se vão abrir vias de passagem entre as duas zonas. Destruir o

mundo colonial é, nem mais nem menos, abolir uma zona, enterrá-la profundamente no solo ou expulsá-la do território. (...)- Os Condenados da Terra, Frantz Fanon

Tsedacá: A Igreja, o Trabalho e a Renda Básica

"Não reclamem trabalhem" assim disse o grande líder. O satanista Temer? Não, o santo-padre Francisco em coro com ele

Ele que o abismo viu: Epopeia de Gilgámesh

O papa Francisco criticou a adoção de políticas assistencialistas e afirmou que apenas um emprego pode dar a "esperança de um futuro" para famílias pobres, durante uma audiência com a Federação Mestres do Trabalho da Itália, no Vaticano, nesta sexta-feira (15).

O discurso chega no momento em que a política italiana discute a adoção de uma "renda de cidadania" de até 780 euros por mês para pessoas pobres, proposta pelo antissistema Movimento 5 Estrelas (M5S).

"A esperança de um futuro melhor passa sempre pela própria atividade, ou seja, pelo próprio trabalho, e nunca apenas pelos meios materiais dos quais se dispõe. Não há nenhuma segurança econômica, nem alguma forma de assistencialismo, que possa garantir a plenitude da vida e a realização pessoal", declarou o Papa.

Segundo Francisco, é impossível ser feliz "sem a possibilidade de oferecer a própria contribuição, pequena ou grande que seja, para a construção do bem comum". Ele ainda defendeu que o contexto social seja "mais inclusivo e digno" para todos e pediu para o trabalho ser colocado no "centro" das preocupações"- Papa critica assistencialismo e pede mais 'trabalho'

> ***Assim falou o lobo, em pele de pastor, para suas ovelhas. O homem que não planta, nem colhe, e vive de tributos e dízimos, e claro do capital acumulado em séculos de pilhagens e holocausto dos outros povos e culturas.***
>
> ***Assim falou o monarca absolutista sentado no trono do seu Estado Teocrático, o líder-mor da casta dos sacerdotes, herdeiro da rapinagem e pilhagem de terras, o ouro, e sobretudo trabalho escravo devidamente guardados nos cofres do banco do Vaticano. O representante do templo dos todo-poderosos construído ainda mais a imagem e semelhança do despotismo sumério e sua mitologia do que o próprio judaísmo.***
>
> ***Evangélicos? vendas de meia abençoadas? Perseguição de umbandistas e espíritas? Crentes e fanáticos? Ah, meu amigo,***

eles estão na infância das falsificações e totalitarismo religiosos; são meros aprendizes de feiticeiro perto desses templo milenar de idolatria da domesticação e escravização do homem, e principalmente a mulher, pelo homem. Até porque não há pior barbaridade do que aquela que se civiliza e se banaliza como norma e costume. E pior que um déspota que se diz esclarecido só mesmo o disfarçado de monge mendicante.

Sim, o jesuíta que se apropriou do nome de Francisco, o monge que se despiu de todas as riquezas e as compartiu com os pobres, prega é claro que os outros trabalhem, porque os verdadeiros e legítimos beneficiários da solidariedade e responsabilidade social e humanitária entre as pessoas são evidentemente eles e não os pobres e carentes. São eles, os atravessadores da responsabilidade e justiça social; eles, os usufrutuários da caridade e solidariedade entre homens, os monopolizadores dos dízimos, os donos do negócio milionários da industria da mendicância; eles, os ociosos semeadores e fazendeiros da cultura da corrupção, estupro e servidão aos todos poderosos; eles, os profetas da exploração e alienação e impotência dos povos como servos e empregados a sustentar, por um acaso eles sacerdotes e oligarcas; são eles as únicas classe mendicante que podem viver da caridade alheia ainda que podre de rica. São eles e não os filhos dos filhos dos sobreviventes da escravidão e holocaustos que eles não só apoiaram e abençoaram, mas ativamente participaram. E por partícipes desse crime contra a humanidade levaram a sua parte do butim; levaram e continuam levando o produto do seu roubo, na forma de lucros, dividendos e rendimentos sobre o butim dos

escravizados e exterminados. Butim, mas pode chamar de capital.

Não, meu amigo não há senhor nem pastor que nessa fazenda milenar orwelliana não seja a favor do trabalho, o trabalho dos outros e em favor deles é claro do qual literalmente vivem as custas, eles e seus tronos e riquezas. Porque não há pecado que se cometa na segunda e sexta que não se possa expiar no culto de domingo, basta confessar e pedir perdão. Quanto a restituir o que roubaram, aí já é outro evangelho. Porém...

Basta barcos cheio de refugiados não-brancos baterem a porta destes estados-burgos; basta uma crise diplomática-humanitária nos centros do mundo; basta um governo propondo uma renda básica (que nem renda básica de verdade) para as máscaras dos lobos em pele de pastor caírem, e seus discurso se alinharem rapidinho como seus verdadeiros credos mandamentos e práticas:

"Não reclamem, trabalhem!" eis o grito de ordem do santo-padre esquerdista ao presidente satanistas da direita. O grito em coro, frente ao desespero dos excluídos: "não reclamem, trabalhem!", o mantra milenar de todos que adoram o mesmo deus-diabo e demiurgo das mil faces, nomes e legiões, o deus do ócio dos todo-poderosos, e senhor do trabalho e servidão eterna dos fiéis. O deus totalitário, assassino e genocida de tudo que é verdadeiramente sagrado a vida e liberdade, vida de cada ser vivo, senciente, inteligente e consciente, cada ser nascido a imagem e semelhança da verdadeira criação e a criador: livre dotado de livre vontade pela força criadora e criativa, a liberdade.

> ***"Não reclamem trabalhem" ordena o déspota teocrata disfarçado com o nome de monge pedinte que veste as sandálias do pescador. Pescador que largou suas redes para seguir o carpinteiro que também abandonou seu ofício para seguir sua vocação e que não tinha onde recostar a cabeça. Tecnicamente dois vagabundos barbudos e cabeludos que andavam com putas, dormiam como mendigos que se ouvissem as palavras dos papas e déspotas, e conservadores da sua época talvez não tivessem sido assassinados por representantes de Estados e templos e seus fanáticos, ou talvez até tivessem se tornado um deles. Feito carreira eclesiástica ou até mesmo estatal. Jesus o fariseu, o serve fiel dos Césares e Papas, o messias cobrador de dízimos e impostos, profeta do escravagismo, colonialismo e imperialismo. E não o Senhor do Sábado.***

Naquela ocasião, Jesus passou pelas lavouras de cereal no sábado. Seus discípulos estavam com fome e começaram a colher espigas para comê-las.

Os fariseus, vendo aquilo, lhe disseram: "Olha, os teus discípulos estão fazendo o que não é permitido no sábado".

Ele respondeu: "Vocês não leram o que fez Davi quando ele e seus companheiros estavam com fome?

Ele entrou na casa de Deus e, junto com os seus companheiros, comeu os pães da Presença, o que não lhes era permitido fazer, mas apenas aos sacerdotes.

Ou vocês não leram na Lei que, no sábado, os sacerdotes no templo profanam esse dia e, contudo, ficam sem culpa?

Eu digo a vocês que aqui está o que é maior do que o templo.

Se vocês soubessem o que significam estas palavras: 'Desejo misericórdia, não sacrifícios', não teriam condenado inocentes.

Pois o Filho do homem é Senhor do sábado".

> ***A quem pertence, o ar, a água, a terra, a luz que gera vida, o mais ínfimo inseto que poliniza os campos sem cobrar nada? A quem pertence o ar senão quem respira, a água a quem tem sede, e a terra a quem tem fome. E o direito de viver e lutar por sua vida a tudo que é vivo. A quem pertence essas dádivas senão aquele que também tem por dádiva e não pena e condenação ou maldição de sua gene ou dos gêneses dos todo-poderosos ou simplesmente estar vivo?***
>
> ***Ai daquele que toma ou priva o igual direito de simplesmente ter como viver porque não é só um ladrão, mas um assassino.***
>
> ***Ai daquele que faz da privação do outro seu sustento, porque não é só um aproveitador, mas um escravagista.***
>
> ***Ai de quem vive de vender o pão e roubou a noite dos pais para os nascidos como se fossem órfãos toda vez que amanhece o dia em troca do trabalho servil, porque dos assassinos e escravagistas ele é o pior: é o pastor e tirano.***

E ai de quem faz da sua profissão de fé (e ganha-pão) a defesa dessa ética e ideologia do demônio um servo fiel dele que é o seu verdadeiro senhor. Se Cristo ou o cristianismo vivesse, esses pastores fariseus seriam expulsos do templo a chibatas e não pregaria culpa e sacrifícios, mas proclamaria novamente o que é maior que os templos e quem é o verdadeiro senhor dos sábados.

E isso no tempo em que pegar o que precisa para comer dos campos semeados. No tempo que ainda era trabalho e não roubo saciar a fome com o que é semeado nos campos ou dado aos templos e reis.

Pois é. Dai ao papa o que é dos papas e aos povo o que é dos povos. Se esses pregadores da servidão são cristãos, eu prefiro então ser um judeu. Não o racista e nacionalista que repete o que sofreu nas mãos dos outros Estados Nações quando era um sem-terra com os palestinos, mas o praticante do mitsvá de Tsedacá.

Muitas pessoas escrevem para nosso site perguntando sobre o "dízimo" ou o "maasser" e como nos comportamos em relação a nos tornarmos "sócios" de D'us durante o maior empreendimento econômico de nossa vida e na aplicação de nossas ações futuras como judeus neste mundo.

Só que antes de mais nada é preciso explicar um conceito judaico básico que faz parte da Torá, um dos preceitos primordiais de nosso dia-a-dia, o qual jamais perdemos de vista e o qual inspira

outras pessoas a seguir nosso exemplo: a tsedacá, ou ato de justiça.

(...)Ela difere da caridade pois esta é definida como "um ato de generosidade ou de auxílio a um pobre". A Tsedacá não é meramente um ato de caridade: toda vez que alguém proporciona satisfação a outros — mesmo aos ricos — com dinheiro, comida ou palavras reconfortantes ele cumpre esta mitsvá. Existem muitas mitsvót englobadas dentro da mitsvá de Tsedacá, que por sua vez está englobada dentro do mandamento mais amplo de imitarmos as características do Todo-Poderoso. Da mesma forma que D'us cuida de nós, devemos nos esforçar para ajudar o restante da humanidade.

(...)A idéia de dar o dízimo não apenas existe no judaísmo, como é uma prática genuinamente judaica, conforme estabelecido na Torá, que orienta que todo judeu separe um décimo, maasser, de seus lucros para a caridade e a fonte da lei que apóia a idéia de doar até um quinto de nossa renda é o Talmud, Tratado de Ketubot 50a.

Tudo o que possuímos é um empréstimo de D'us. Na realidade, tanto a colheita, como a renda monetária de cada indivíduo é um presente Divino. A Torá não quer que nos esqueçamos disto. Por isso, instituiu que um décimo da colheita, ou da renda, fosse doada. Este é um lembrete de que na realidade nenhum bem material é nossa propriedade eterna, e temos de usar o que temos agora para o bem. A Torá nos ordena dar um décimo de nossa renda líquida. É meritório dar 20% (Shulchán Aruch Yore Dea 249:1).

Muitas vezes é difícil para as pessoas se separarem de seu dinheiro. No primeiro parágrafo da oração 'Shemá Israel' está escrito: "Você deve amar seu D'us com todo seu coração, toda sua alma e todas suas posses". Os Sábios do Talmud perguntam: "Por que está escrito 'Todas suas posses'? A resposta: para algumas pessoas é mais difícil separar-se de seu dinheiro que se separar da própria vida".

(...)O judeu deve destinar no primeiro ano de seu prolabore 1/10 do valor bruto para tsedacá, descontando apenas os impostos. Nos demais anos (ou meses, como queira se programar) deverá dar 1/10 de seu lucro líquido, para cumprir o preceito.

A subsistência de uma pessoa deve preceder a subsistência de seu próximo. Ela só deverá doar aquilo que excede seus ganhos após ter usado o necessário para sua casa, seu próprio sustento. Se a pessoa desejar aprimorar esta ação, poderá destinar até 1/5 de seu ganho, se este valor estiver dentro de sua capacidade e não significar que terá que pedir ajuda a outras e depender de caridade, ela própria.

-Maasser

> ***Maasser***
>
> *Muitas pessoas escrevem para nosso site perguntando sobre o "dízimo" ou o "maasser" e como nos comportamos em relação a…*
>
> *pt.chabad.org*

Mas sabe quando isso vai acontecer se depender desses homens santos? No dia que vampiro doar sangue, e os senhores do ócio e donos das terras e do mundo ao invés de cobrar dizimo e tributo começarem a pagarem renda básica. No dia que a ovelha se sentar a mesa do lobo, sem ser o prato principal. Ou seja, no dia de São Nunca, no dia do julgamento final, porque paraíso é igual promessa de político e alegria de pobre, uma promessa feita para ser eternamente adiada só para depois que o mundo acabar, ou melhor depois que eles devorem ele completamente.

Por isso numa coisa o Papa tem razão: não esperem nada deles, trabalhem, mas não para eles. Trabalhem para se libertar deles. Porque deles só a esmola e a milenar maldição do gêneses do seu mundo: "vai trabalhar vagabundo..." "para me sustentar". Não. Eles jamais devolverão o que roubaram e pilharam. Que dirá doar então, doar qualquer coisa que por milagre lhe pertença por direito e justiça. Maior milagre nesse mundo só mesmo o da propriedade legitima, aquela que é igual enterro de anão, existir existe mas ninguém nunca viu, a propriedade constituída pela descoberta, ocupação pacífica, que se mantém e produz sem o subsídio do outro monopólio pseudo-legítimo o da violência, trabalho alienado e tributação do alheio.

Não. Eles não podem distribuir nada, senão as esmolas do que pilham e rapinam. Esmolas do produto do roubo para os próprios roubados! Porque Igreja e Estado não produzem nada, e sem o emprego e subsidio do monopólio jurídico da violência, do roubo, da fraude, da falsidade ideológica, sem o crime legalizado e não raro também o ilegal, máfias e crime

organizado, simplesmente iriam a falência. E faliriam ainda mais rápido do que conseguem quebrar as sociedades e povos que parasitam.

E ainda que estivessem dispostos a fazer o que não podem sem quebrar; se por um milagre do espirito santo resolvessem distribuir dízimos das riquezas acumuladas por séculos de roubo e fraude, ao invés de continuar a cobrar e tomar, ainda sim não estariam fazendo nenhum bem, caridade nem muito menos justiça. Porque distribuir o que se rouba dos outros não é benesse, não é assistência nem muito menos justiça social, é tirania bancada por monopólio da violência, privação e enganação; o cúmulo da hipocrisia: a esmola dada ao filho de quem ele roubou, matou e escravizou tirada das migalhas do rendimento das propriedades desse roubou assassinato e escravidão. Esses aí se dão bem fazendo negócio até no inferno. Podem vender consultoria de propaganda e administração até para o próprio Satanás.

Não. Eles não podem pagar uma renda básica nem admitir um outro mundo, uma outra ética, um outro sistema socioeconômico. O único sistema onde o parasita que vive da pobreza alheia pode prosperar é este: o mundo onde os que não tem como sobreviver precisam se vender ou alistar nos exércitos dos fanáticos de Estados e Igrejas para subsistir. O medo deles não é só perder o exercito de servos e empregados. O medo deles é ter que competir com gente que poderá trabalhar para construir sua própria riqueza, ao invés da deles.

Um sistema socioeconômico em que todos possuem o básico e precisam trabalhar se quiserem ganhar mais, mas não se quiserem sobreviver, quebra o grilhão do seu poder e riqueza: quebra a industria da pobreza material e espiritual que se alimenta e enriquece do trabalho servil dos exércitos de excluídos aliciados e alistados como soldados e peões nos frontes de guerras santas ou nacionais e fábricas em troca de pão e um mínimo de dignidade e respeito.

Assim, se por um milagre renunciassem as mentiras, hipocrisia e exploração dos servos e fieis, e fizessem como prega jesus e francisco e não os jesuitas e fariseus, ainda sim não estariam fazendo nada de bom, justo ou sequer legítimo. Porque não se pode fazer bondade nem justiça com o que não lhe pertence, e se toma dos outros, mas somente como o que de fato é seu. Não estariam distribuindo nem redistribuindo nada. Porque legitimamente não se pode distribuir nem redistribuir nada que não lhes pertença, nem como esmola nem benesse, nem caridade, nem muito menos justiça, porque nada do que lhes arrogam como seu por lei, jurisdição, poder, propriedade ou autoridade lhes pertence nem por direito nem por justiça, seja ela natural, divina ou social. Nada disso é deles de fato para dar como benesse ou caridade, quanto mais para negar ou renegar como ordem ou moral.

Não há absolutamente nada que lhes pertença que não seja produto de fraude, roubo e servidão criminosamente institucionalizada como lei, decreto, mandamento e doutrina. Minto, há. Eles são detentores exatamente dos mesmos direitos que todos os demais, tem o mesmo direito a vida, liberdade e e logo aos meios necessários para mantê-la e viver

em paz, a parte necessária do bem comum para preservar vida, liberdade e paz que roubaram dos demais.

A única coisa que eles com justiça podem fazer portanto é restituir o que pilharam aos filhos dos que roubaram. Porque sob o produto do roubo não se distribui dez por cento do foi roubado, se restitui na integralidade a propriedade a quem de direito pertence. E isso sem falar no pagamento pelos danos e prejuízos causados, até porque são impagáveis. Mas o fato de serem impagáveis não anula o crime nem a dívida.

Sequer podem negar esse direito de participação no bem comum quanto mais fazer benesse, caridade, nem assistência com o que não é seu para dar nem sequer renegar a restituição. Não se faz assistência social nem muito menos caridade com o produto roubo do bem comum, se faz justiça, se restitui como coisa pública. E é como coisa pública, como usufruto do rendimento de uma propriedade que é pública, que pertence a sociedade e ao cidadão e não ao tirano e burocracia laica ou eclesiástica que a renda básica se realiza. É como direito dos povos e não favor de criminosos e fraudadores entronados como reis e profetas.

Uma propriedade natural que não é deles nem de ninguém para pilhar nem muito menos consumir até sua completa destruição e extinção, não é direito de posse, mas de acesso e usufruto tanto desta quanto das próximas gerações e portanto não também um dever de preservação. Porque a arvore da vida não é dádiva que não foi dada para se derrubar o tronco, mas para se usar os frutos. Uma dádiva e

uma lei que inspira a renda básica e não foi criada nem por homens, nem seus deuses, mas pela natureza.

É impossível aos Estados e igrejas pagarem uma renda básica, porque somente o homem natural que produz pode pagar uma renda básica ao outro. Assim como é impossível pagá-la e impossível ao Estado e Igreja recebê-las em nome ou no lugar delas. Porque Estados e Igrejas, não tem alma, não tem vida, não tem necessidades vitais que legitimam o direito natural a propriedade e sua defesa, mas apenas corpo artificial que deveria servir as pessoas naturais e não servir do sacrifício para se sustentar suas fronteiras imaginárias e loucuras as custas da vida e sanidade e desnaturação da humanidade e do mundo.

Estados, Igrejas, governantes e empresas, organizações, nada disso é capaz de pagar nem tem direito de receber uma renda básica. Eles não respiram, não sofrem, não carecem. São aparelhos, máquinas, corporações corpos artificiais, feitos de gentes e que vivem e se alimentam de gente, do seu trabalho, da sua alma, das suas idéias, invenções e pensamentos. Não tem direitos, nem deveres. Só obrigações. São os verdadeiros servos e escravos dos seres vivos e não nós os deles e de quem toma as cabeças desses leviatãs.

Porém, para apoiar e praticar a renda básica não basta ter corpo e alma, carne e osso e sentimentos, não basta saber que tem direitos, há que se saber que se ter solidariedade, há que se ter consciência que para cada direito natural há um dever social, que não se institui por milagre da cagação de mandamentos e transferência de obrigações para os outros,

mas por outro milagre, milagre da assunção da responsabilidade social e humanitária como vocação humana e o dever de ser simplesmente gente, nem mais nem menos do que gente que não está disposta a assistir seu semelhante perecer estupidamente por falta do mínimo para sobreviver, sem fazer julgamento, sem exigir nada.

Uma tarefa que só pobres pecadores solidários com seus semelhantes e não de homens santos e sua infalibilidade papal.

Pois é, na senzala mundi onde "Guerra é Paz, Liberdade é Escravidão, Ignorância é Força" o guardião da chave do paraíso perdido só podia chamar mesmo Francisco e pregar a maldição do gêneses e a via crúcis do Tripalium.

Essa é impagável: FHC pagando de Bezerra da Silva

Uma aula da malandragem de quem nasceu em berço de ouro

Fala malandrão:

"O malandro, você sabe que ele é malandro, você não vai entrar na malandragem dele. Você tem que ver da malandragem dele o que ele quer. E ele não pode ser malandro o tempo todo, tem momentos em que não é. Ele não tem que ser discriminado."-FHC e a malandragem que não pode ser "discriminada" — O Antagonista

Folha de S.Paulo - Medida de FHC beneficia a Odebrecht - 26/5/1995

Edit description

www1.folha.uol.com.br

E aí, Mussum, explica pro véio...

Falador passa mal rapaz, Falador passa mal rapaz ! Falador passa mal rapaz, Falador passa mal rapaz ! Quem mandou você mentir ? Você vai se machucar ! Novamente aqui estou, você vai ter de me aturar ! Falador passa mal rapaz, Falador passa mal rapaz ! Quem mandou você mentir ? Você vai se machucar ! Novamente aqui estou, você vai ter de me aturar ! Que malandro é você ? Que não sabe o que diz, Cuidado que muita mentira, você pode perder o nariz ! Olha, eu vou te dar um alô, que é pra você se mancar, Olha, eu vou te dar um alô, que é pra você se mancar, Se você saiu por aí, e não conseguiu arranjar alguém, Deixe que alguém, saia por aí, e consiga arranjar você — Falador Passa Mal, Jorge Benjor

Reunião de Bacana Composição: Ari do Cavaco e Bebeto di São João

Haja moral de estimação e cegueira seletiva, hein, doutor juiz...

FHC, pode ficar tranquilo, e voltar para os seus sociologismos tardios:

Nenhuma revolução ocorreu no Brasil. No entanto, estamos testemunhando as condições revolucionárias em que os vingadores estão se preparando para cortar as cabeças do alto e do poderoso e são aplaudidos pela população. Se a história é um guia, o fim do jogo tende a ser a chegada de um líder providencial, o carismático salvador ou homem forte que vem para acabar com a anarquia na terra. -preocupado Fhc diz que condições revolucionárias estão se desenvolvendo no brasil

E bota tardio nisso...

Existe no samba uma dignidade difícil de exprimir. Uma elegância ou elevação peculiares, sensível por exemplo na figura dos velhos sambistas, na cadência do andar, em suas vestes, ou tudo isso combinado. Elegância nos mínimos gestos ou de gestos mínimos. Nada mais distante da euforia do que a alegria do samba que, cantando o agora, inclui a tristeza e a dor mas, antecipando o momento da saída, propicia o trabalho do luto condensando presente, passado e um futuro possível: "Amanhã vai ser outro dia" 1.

***Este registro do samba,* entre *a tristeza e a alegria em sua peculiar temporalidade, é evidenciado na canção de Caetano Veloso,* Desde

que o samba é samba, ***uma das que entoou na recente festa-ato pelas Diretas já no Rio de Janeiro:***

A tristeza é senhora
Desde que o samba é samba é assim (…)
Tudo demorando em ser tão ruim
Mas alguma coisa acontece
No quando agora em mim
Cantando eu mando a tristeza embora
Ou ainda:
O samba é o pai do prazer
O samba é o filho da dor
O grande poder transformador

Foi em meio aos últimos acontecimentos do país, os quais acompanhamos aos sobressaltos, ora estarrecidos, ora indignados — quase nunca esperançosos -, que fui surpreendida por este samba, **O dia em que o morro descer e não for carnaval.** ***Precisamente na semana em que denúncias de corrupção expunham finalmente o poder velho, aquilo que há de mais opressivo e perverso. No entanto, o que poderiam ser "boas novas" nos deixou em geral atônitos, confusos e desconfiados. Na versão em que Wilson da Neves, o veterano, contracena com o tão contemporâneo*** **rapper** ***Emicida, este samba me fez sorrir em meio ao caos, e a luta, que parecia tão desigual, se não ganhou um equilíbrio, ganhou ao menos um alento para prosseguir.***

A letra do samba projeta um momento de insurreição no qual "o morro", a imagem do povo empurrado para "fora", desceria — para tomar a cidade, já que não é carnaval. Um dia futuro, condicional: **se** ***o morro descer e não for carnaval, nos versos:***

o tema do enredo vai ser a cidade partida

no dia em que o couro comer na avenida

se o morro descer e não for carnaval

Trata-se portanto de uma* virtualidade *revolucionária, um devir — "a (r)evolução já vai ser de guerrilha". Não há qualquer indicação acerca do que seria ou deveria ser após o momento da insurreição, uma ordem ou regime prévio, imaginável, desejável, que o morro impusesse à cidade partida. O samba se limita a por em cena o momento do levante, usando, de maneira antropofágica, palavras e imagens de uma história/memória compartilhada de lutas políticas e revoluções do século XX, bem ao modo dos sambas enredos, nos quais de enredo narrativo há afinal muito pouco e o que predomina é a linguagem poética e seus processos primários.

O dia em que o morro descer e não for carnaval
ninguém vai ficar pra assistir o desfile final
na entrada rajada de fogos pra quem nunca viu
vai ser de escopeta, metralha, granada e fuzil
(é a guerra civil)

No samba, melodia e ritmo são inseparáveis da letra, modificando sensivelmente o significado desta última. Neste caso,* vai ser de escopeta, metralha, granada e fuzil*, o conteúdo de potencial violência vem mediado pela malemolência do ritmo, sem por isso renunciar ao seu caráter de provoca-ação e radicalidade. Os elementos sensíveis da música "carregam" as palavras e frases de uma ironia que ultrapassa o desejo de revanche, o ressentimento e outra paixões tristes tais como o medo, operando uma transformação sublimatória cujo potencial ético e político consiste em uma resistência em outro registro, a celebração da vida em que a alegria trabalha a dor e a impotência. Lembra o mecanismo do humor freudiano, "sempre rebelde e nunca resignado", o "processo social" que não prescinde da alteridade cúmplice da "terceira pessoa" cujo contágio é o que possibilita a liberação da tensão no

grupo e que se oferece como modelo geral dos processos sublimatórios.

Uso a palavra insurreição em lugar de revolução propositalmente, inspirada na leitura de* Crise e insurreição*, do Comitê Invisível, coletivo internacional que editou esse pequeno livro simultaneamente em 8 idiomas e nos 4 continentes em 2016 2.

As insurreições chegaram, mas não a revolução. Raramente veremos, como nos últimos anos, num lapso de tempo tão condensado, tantas sedes do poder oficial tomadas de assalto, desde a Grécia até a Islândia. Ocupar praças bem no centro das cidades e aí montar barracas, e aí erguer barricadas, refeitórios ou tendas, e aí reunir assembleias, tudo isso em breve se tornará um reflexo político básico, como ontem foi a greve. *(p.12)*

Trata-se de uma crítica à ideia da* revolução *que permeia a história e o imaginário das esquerdas, que empresta ao porvir uma forma mais ou menos delineada, um modelo de luta, de governo e de sociedade. Ao contrário, aqui a ênfase recai, afirmadamente, sobre um devir-revolucionário mais* destitutivo *do que instituinte.

As insurreições que explodem no planeta desde 2008 não seriam revoltas separadas em espaços nacionais herméticos, como nos levaria a crer a gestão calculada das percepções pela notícia em tempo real, mas comunicam-se entre si de forma imperceptível, em onda, e concernem ao insuportável das formas de vida atuais: "Por todo lado se vê a mesma inquietação, o mesmo pânico, ao qual respondem os mesmos sobressaltos de dignidade, e não de indignação." (p.15)

Dignidade, e não indignação. Há várias passagens de (auto)ironia ácida que deploram, no discurso das esquerdas, o tom de denúncia, ressentimento ou lamúria paralisantes e seu "efeito de repulsa quase generalizado". "A indignação é o máximo da intensidade política à qual pode chegar o indivíduo atomizado (...), ele pensa que tem direitos, o infeliz! Se já vimos multidões coléricas fazer revoluções, nunca vimos massas indignadas fazer outra coisa que não protestar de forma impotente." (pp. 67 e 73). A dignidade a ser conquistada passaria por outros afetos e um outro espírito: a convicção interna em cada um se dá no encontro sensível com outros, as insurreições são da ordem do acontecimento e movidas pela cólera e a alegria. "Quando se diz que "o povo" está nas ruas, não se trata de um povo que existia previamente, pelo contrário, trata-se do povo que previamente faltava. Não é "o povo" que produz o levante, é o levante que produz seu povo, suscitando a experiência e a inteligência comuns, o tecido humano e a linguagem da vida real, que havia desaparecido."(p. 51)

Assim, podemos ler nos versos

Não tem órgão oficial, nem governo, nem Liga

nem autoridade que compre essa briga

ninguém sabe a força desse pessoal

uma afirmação de autonomia não apenas quanto a governos e poderes opressores instalados, mas também às ambições de cooptar, doutrinar, domesticar enfim, aqueles cuja mera existência faz resistência enquanto subjetividades e modos de vida

que não se adaptam facilmente a qualquer ideologia imposta de fora. Imaginem a nova pobreza que seria um morro inteiro falando como militantes engessados ao invés de fazer samba e sonhar-fazer sua própria (r)evolução.

Festa e austeridade

Da roda de samba ao Carnaval, o samba é inscrito no registro da festa, esta suspensão do tempo sucessório que organiza o trabalho, bem como dos interditos e separações que o possibilitam. No tempo da festa as transgressões estão franqueadas por um período limitado e ritualizado, regido por uma economia de gasto e excesso; no entanto, está prevista no calendário e compõe a vida do mundo do trabalho. Na modernidade, com a Revolução Industrial e a imposição da equação **tempo é dinheiro***, o tempo da festa foi sendo cada vez mais restrito, e podemos dizer, ao lado de Freud em* **O mal-estar na civilização***, que o preço disto é um* **plus** *de recalque que terá como consequência um incremento da violência devido à não satisfação de exigências pulsionais.*

"Não pense na crise, trabalhe", disse Michel Temer em um de seus primeiros discursos como presidente, frase que tornou-se uma espécie de lema de governo. Nas políticas de austeridade que caracterizam o neoliberalismo, o trabalho — em condições cada vez piores de alienação e precarização — passa de virtude a ser cultivada ao estatuto de um imperativo em nome da sobrevivência de cada um e da sociedade: todo o registro do desejo é deslegitimizado em favor do campo da necessidade. É sintomático que entre nós as reações às manifestações de rua por parte das forças conservadoras abordem menos seu conteúdo, a causa do protesto, a legitimidade de suas reivindicações, e mais venham

colocadas em termos de gastos: pergunta-se se as pessoas ali não trabalham, se têm tempo para manifestar-se devem ser vagabundas, ou ainda: de onde vem o dinheiro?

No entanto, se podemos considerar a emergência de respostas de ultra-direita nos EUA, Europa e também na América Latina como um sinal de declínio da hegemonia neoliberal, isto significa também que não estamos conseguindo encontrar uma alternativa potente. "Ao adotar a gestão da crise como técnica de governo, o capital não se limitou a substituir o culto do progresso pela chantagem da catástrofe, ele quis reservar para si a inteligência estratégica do presente, a visão de conjunto sobre as operações em curso. É isso que é importante disputar com ele."(p.19).

Sem querer hierarquizar as duas formas de luta, podemos assinalar a sequência temporal e as diferenças entre o ato duramente reprimido em Brasília em 24/5 último e a festa-ato pelas Diretas do Rio de Janeiro, 28/5. O primeiro, mais preparado, organizado por entidades tradicionais como sindicatos e partidos, embora não exclusivamente, marchou diretamente em direção ao Congresso na forma de passeata e carros-palanques. O segundo se deu no Rio, o chamado não continha muito mais informações do que o lema* Diretas-já *e o anúncio da presença de músicos e artistas; em sua estratégia ética e estética funcionou como um convite de parte da sociedade civil para qualquer um dessa mesma sociedade e assim pôde reunir uma multidão que foi aderindo espontaneamente ao acontecimento. A forma show/festa do ato não deu margem ou justificativa para a presença policial e ao que a mídia tem chamado de "confrontos".

Para quem tem participado das manifestações dos últimos tempos, isto pode lembrar o contraste entre o tédio ou a histeria ao redor dos palanques comparado à experiência de acompanhar os vários e diferenciados grupos civis cujo ritmo dos tambores e cantos de guerra vibram em tom de potência afirmativa e lúdica, contagiando e elevando as subjetividades na marcha e na luta.

Seria demais afirmarmos que a austeridade só pode ser confrontada levando-se em conta formas e discursos que escapem à sua lógica? Que a via macropolítica não dá conta do problema, já que modos de subjetivação e seus valores estão imediatamente implicados? "Talvez aí esteja a razão do fracasso, sem isso incompreensível, de todos os "movimentos contra a austeridade" que, nas condições atuais, deveriam se propagar como fogo (...) É que a questão da austeridade não é colocada no terreno em que de fato se situa: aquele de um brutal desacordo ético, um desacordo sobre o que é viver, o que é viver bem. (...) É preciso assumir o verdadeiro desafio do conflito: certa ideia protestante de felicidade — ser trabalhador, parcimonioso, honesto, diligente, casto, modesto, discreto — que se pretende impor (...) O que é necessário opor aos planos de austeridade é uma* outra ideia de vida*, que consista, por exemplo, em partilhar em vez de economizar, em conversar em vez de calar, em lutar em vez de sofrer, em celebrar as vitórias em vez de invalidá-las, em se aproximar em vez de manter distância. "E neste ponto lembramos a disputa em torno de corações e mentes das populações mais periféricas pelos evangélicos e pelas esquerdas, com franca vantagem para os primeiros."(pp. 60–62)

Estas questões se impõem com urgência em nossa cidade, cuja gestão atual revela, nas dimensões supostamente estéticas da

"cidade linda", os contornos éticos das forças hegemônicas em jogo. Da campanha às ações precipitadas de um mandato que apenas começou, Dória encarna aquele que positivamente propõe uma política de fim de festa. *Do apagamento dos grafites pelo cinza, com a criminilização dos artistas de rua com direito a programa de delação — os* Guardiões da cidade *-, passando pela (mal sucedida) tentativa de restringir no espaço e no tempo os Blocos de Carnaval e a Virada Cultural, pelo desmanche geral na área da Cultura, dos quais destacaremos aqui, só pra dar samba, o fim do* Clube do Choro, *na Mooca, e a extinção da programação do* Samba na Escada *na Biblioteca Mario de Andrade, a mesma que passou a ser fechada durante a noite ("Já tem samba nos botecos", declarou seu secretário), o prefeito parece dizer: "Festa, somente por trás dos muros dos condomínios, a rua é este não-lugar que nada mais é que o percurso a ser vencido pelos automóveis até o verdadeiro* locus *aonde a vida pode e deve acontecer, para aqueles a quem ela é reservada de direito." Daí a obsessão pela ideia de "limpeza" e de ordem escandalosamente excludentes do "lixo humano" que insiste em co-habitar o mesmo espaço. A velocidade das medidas postas em ação, marca presente em seu* slogan *de campanha —* Acelera!, *a exemplo do mandato Temer, desempenha um papel crucial, senão estratégia calculada para gerar perplexidade e confusão, visando neutralizar qualquer esforço de organizar uma oposição.*

No entanto, a imagem cuidadosamente divulgada do cara boa praça, trabalhador incansável que doa seu precioso tempo-conhecimento de empresário-gestor em benefício da cidade é uma máscara que cai rapidamente, revelando sua face sinistra. O incremento de acidentes e mortes na Marginal seria o exemplo mais sombrio, não fosse a ação brutalmente violenta — em termos concretos e simbólicos — sobre a Cracolândia em plena Virada

Cultural, cuja mote principal era a ocupação e integração de várias populações em pontos centrais da cidade através da mediação da fruição artística e cultural. Uma única varrida fez o desastre de inúmeras vidas, de moradores de rua a profissionais de saúde e assistência e de todo um quarteirão de prédios de valor histórico. Tudo em nome dos prédios envidraçados, de mansões-mausoléus e de Romero Brito! Definitivamente, a estética não é um campo separado da ética.

Num vídeo que circulou bastante nas redes, um crackeiro de rua, verdadeiro Tirésias da Cracolândia, declarava mais ou menos o seguinte: "Sr. Prefeito, sr. Perfeito, o seu problema estético está muito aquém do problema ético, que é a gente ter uma estética dessas no meio de uma cidade rica como São Paulo (...) O senhor tem um poder muito grande na sua mão, quanto maior o seu poder, maior a sua responsabilidade, consigo e com os outros. Então eu peço a sua ajuda para nós podermos conseguir, não uma saída, mas um caminho digno" 3 .

Por fim, afirmemos com o Comitê Invisível: "Não há mais que um campo de batalha histórico e as forças que aí se movem. Nossa margem de ação é infinita, a vida histórica nos estende a mão. (...) Nesta Terra nunca haverá paz; abandonar a ideia de paz é a única paz verdadeira." (p.45)

Ao menos, enquanto o samba não chegar. Caetano Veloso:

O samba ainda vai nascer
O samba ainda não chegou
O samba não vai morrer
Veja o dia ainda não raiou (..)
O verdadeiro poder transformador — *"O Dia em que o Morro descer e não for Carnaval" Por Nayra Ganhito*

Acabar com a anarquia na terra

E para encerrar a Ópera deste Malandro um pouco de história que não doí nada para entender o que o douto de Sorbonne e malandro de Brasilia quer dizer quando fala na "na chegada de um líder providencial, o carismático salvador ou homem forte que vem para acabar com a anarquia na terra."

Um guia histórico de como social-democratas, fascistas, socialistas virar o jogo, ou melhor a mesa, para não pagar a conta e continuar dando as cartas. Porque a casa, malandro, a casa nesse jogo de azar , nunca perde... porque a história só se repete como farsa para os farsantes, para o povo ela termina e recomeça sempre da mesma forma: a dura e violenta realidade.